

LUIZ DO NASCIMENTO

HISTÓRIA

DA 
IMPRENSA
DE
PERNAMBUCO

VOLUME XI

Editora
Universitária  UFPE

202

LUIZ DO NASCIMENTO

HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO

(1821/1954)

Vol. XI

Municípios das Letras A, B, C.

1994

Este VOLUME, seriamente danificado durante a enchente de 75, foi, afinal, recuperado graças à colaboração do historiador GERALDO CAVALCANTI, a quem os Editores expressam seus agradecimentos.

Programação Visual da Capa: Fabiana Carvalho de Sá Leitão
Supervisão Geral: Manoel Cunha
Impressão: Editora Universitária

ISBN 85-7315-013-0

Nascimento, Luiz do
História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)
/ Luiz do Nascimento; reconstituição dos originais por
Geraldo Cavalcanti. - Recife: Ed. Universitária da UFPE,
1986-1994.
14 v.

Co-edição do Centro de Estudos de História Municipal
da FIAM, UFPE e Academia Pernambucana de Letras,
a partir do volume 9.

Conteúdo: V.1 Diário de Pernambuco - v.2 Diário
do Recife, 1829/1900 - v. 3 Diários do Recife, 1901/1954
- v. 4. Periódicos do Recife, 1821/1850 - v.5. Periódicos
do Recife, 1851/1875 - v.6. Periódicos do Recife, 1876/1900 -
v.7 Periódicos do Recife, 1901/1915 - v.8. Periódicos do Recife,
1916/1930 - v.9. Periódicos do Recife, 1931/1940 - v. 10. Pe-
riódicos do Recife, 1941/1954 - v.11. Municípios das letras A/D
- v.12. Municípios das letras E/J - v.13 Municípios das letras L/P
- v.14. Municípios das letras Q/V.

1. Imprensa - Pernambuco - História. I. Título.

655.11(813.4)
686.20908134

CDU(2.ed.)
CDD(19.ed)

UFPE
BC-94-65

HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO - Vol. XI *Luiz do Nascimento*

O presente volume (XI) abrange os municípios das letras A, B e C, totalizando 395 periódicos, sendo que o índice original indica 396 títulos, não tendo sido encontrado o PERIQUITO, da cidade do Cabo.

No índice agora organizado omitiu-se o nome daquele periódico.

Esses 395 títulos dizem respeito a 32 municípios e para facilitar, quando da leitura, a localização do município, optou-se por colocar no cimo de cada página o nome respectivo.

Geraldo Cavalcanti

GOVERNADOR DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Joaquim Francisco de Freitas Cavalcanti

SECRETÁRIO DO GOVERNO

Heraldo Borborema

**PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL
NO INTERIOR DE PERNAMBUCO - FIAM**

José de Anchieta dos Santos

GERENTE DO CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MUNICIPAL

Eleny Pinto da Silveira

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE

Éfrem de Aguiar Maranhão

DIRETOR DA EDITORA UNIVERSITÁRIA

Washington Luiz Martins da Silva

PRESIDENTE DA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS

Luiz Magalhães Melo

PRESIDENTE DO BANCO DO ESTADO DE PERNAMBUCO - BANDEPE

Marcos Magela Lopes Góis

HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO (1821/1954)

Vol. I - Diário de Pernambuco

Vol. II - Diários do Recife, 1829/1900

Vol. III - Diários do Recife, 1901/1954

Vol. IV - Periódicos do Recife, 1821/1850

Vol. V - Periódicos do Recife, 1851/1875

Vol. VI - Periódicos do Recife, 1876/1900

Vol. VII - Periódicos do Recife, 1901/1915

Vol. VIII - Periódicos do Recife, 1916/1930

Vol. IX - Periódicos do Recife, 1931/1940

Vol. X - Periódicos do Recife, 1941/1954

Vol. XI - Municípios das Letras A/C

Vol. XII - Municípios das Letras E/J

Vol. XIII - Municípios das Letras L/P

Vol. XIV - Municípios das Letras Q/V

PREFÁCIO

Por Causa da Imprensa do Interior

José Luiz Marques Delgado

Da obra não se precisa falar. Fala ela mesma. Falam suas dimensões, sua exatidão, suas minúcias, seu apuro, seu perfeccionismo. Pode-se imaginar o imenso labor que esteve por trás. A obra é monumental, é impressionante - quatorze volumes com a história completa da imprensa pernambucana, levantamento exaustivo distribuído em três séries - diários do Recife, periódicos do Recife, imprensa do interior. Cobre desde as origens, 1821, até 1954, data-limite que o autor se fixou. (Já são passados 40 anos, quase um terço do período que o gigantesco Luiz do Nascimento pesquisou; a obra já precisa, obviamente, de uma continuação, tão exigente quanto - mas onde outro Nascimento?).

Como o próprio autor permitiu-se destacar, no prefácio do primeiro volume, “é serviço laborioso, fruto da obstinação e paciência, mas sobretudo de desamor ao utilitarismo do cotidiano, de desinteresse pelo imediatismo da vida material. Realmente, a que pode visar quem, pelos anos a fora, se confunde com a poeira das bibliotecas e dos arquivos?” Pouco importa que ela não seja, como o autor mesmo confessava, “peça literária” e lhe faltem “o ajeitamento da frase, a fantasia, o rebuscado da linguagem”. É levantamento precioso, nada superficial, levantamento único, é outro pioneirismo pernambucano. Que Estado pode, além do nosso, orgulhar-se de possuir registro assim detalhado, assim exaustivo, da história de sua imprensa?

Pena que, sendo tão importante e tão significativa, até hoje sua publicação ainda não se tivesse concluído, paralizada que foi em pouco mais da metade: somente oito dos seus 14 volumes haviam sido editados - o último, o oitavo, vindo à luz em 1982, simplesmente há nada menos de 12 anos. Por isso, não precisando falar da obra, recordo somente sua trajetória, a “via crucis” de sua publicação.

De suas origens, de sua concepção, da maneira como Nascimento conduziu o seu trabalho de pesquisa, já tratou ele próprio no

prefácio do primeiro volume. Foi em 1952 que principiou a trabalhar na obra, pondo-se a manusear, pessoalmente, “uma a uma, coleção por coleção”, todas as publicações, não só aquelas apenas mencionadas pelos historiadores precedentes mas também quantas se lhes seguiram, e tudo isso sem nenhuma ajuda e sem nenhum ajudante, valendo-se tão só das horas excedentes do trabalho cotidiano, isto é, horas subtraídas ao lazer, ao repouso, à família.

Somente em 1962 conseguiu Luiz do Nascimento publicar o primeiro volume, contando a história do “Diário de Pernambuco”, jornal mais antigo em circulação na América Latina, assim destacado da primeira parte da obra, relativa aos diários da capital. Edição isolada, à qual, durante 4 anos, não se deu nenhum seguimento.

Até que Luiz Delgado, discreto amigo e admirador, interveio. Ocorreu-lhe propor ao então Magnífico Reitor, Dr. Murilo Guimarães, que a Universidade Federal de Pernambuco assumisse a publicação da obra integral. Com sua lúcida visão, Dr. Murilo foi mais além: resolveu adquirir os direitos autorais, pagando-os antecipadamente, o que havia de ser privilégio excepcional, ou pelo menos raríssimo, no Brasil de quase 30 anos atrás. Práticas editoriais arrojadas somente agora se estão introduzindo em nosso país, inclusive com editoras financiando escritores para que componham livros sobre assuntos pré-ajustados. Naquele tempo muito mal se pagavam direitos autorais, quanto mais de forma antecipada, e nunca sem que os respectivos livros tivessem sido editados e, portanto, sem terem produzido a receita da qual se extrairiam ditos direitos. Pois, para Luiz do Nascimento, considerando o vulto e a importância de sua obra, o Reitor Murilo Guimarães criou esse precedente. Foi ajuda financeira importante para o autor, cujos recursos habituais eram sempre modestos. Daí dedicar ele o segundo volume (primeiro a ser publicado pela editora da Universidade Federal de Pernambuco) a Luiz Delgado, registrando explicitamente: “a Luiz Delgado - toda a minha gratidão”. Na dedicatória manuscrita do volume que carinhosamente conservo, chamou Luiz Delgado não só de “magnífico amigo”, mas também de “ilustre Mecenaz”...

Saiu esse segundo volume em 1966. Seguiram-se, em 1967, o terceiro volume; em 1968, a segunda edição do volume inaugural; em 1969, o quarto; em 1970, o quinto; em 1972, o sexto. Em 1974, Luiz Delgado faleceu. Logo em seguida, em 1975, sai o sétimo volume, e,

em sua página de abertura, Nascimento registra de novo seu agradecimento: dá o volume como “homenagem à memória do insigne pensador Luiz Delgado, a quem tanto deve a História da Imprensa de Pernambuco”.

Já a Universidade andava sob outros Reitorados e agora, falecidos o patrono e o próprio autor, Luiz Delgado e Luiz do Nascimento (a morte deste se seguindo em apenas dois meses à do amigo), somente mais um único volume se editaria: o oitavo, em 1982, no reitorado Geraldo Lafayette, simplesmente 7 longos anos depois do anterior.

A partir daí, serão 12 anos de esquecimento, inédito o resto da obra. Na altura em que andava ela sendo publicada, já o escritor e acadêmico José Wamberto criticava (como consta de “orelha” do sétimo volume) o que lhe parecia a lentidão da publicação: “poucas obras haverá reclamando publicação tão urgente quanto essa. Não consigo entender o critério observado pela Universidade Federal de Pernambuco em soltar os volumes em conta-gotas, quando se sabe que, quanto mais cedo estiver publicada, mais depressa a história pernambucana, e mesmo a brasileira, poderão ser retificadas. Acredito que, normalmente, a Universidade poderia dar um volume por ano, concluindo-se a série até 1980. Do contrário, esgotar-se-á o século”...

Se o ritmo era lento, pior foi a interrupção. Esgotar-se-ia o século se outra intervenção providencial não se desse. Foi a de um pequeno organismo, no entanto mais do que meritório, e organismo singular, outro orgulho pernambucano, outro pioneirismo, (que Estado, além do nosso, mantém uma instituição oficial, assim dedicada a promover e a preservar a história dos seus municípios interioranos?): o Centro de Estudos de História Municipal da FIAM (Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco), fundação do governo estadual. Como as instituições são as pessoas que as fazem, a intervenção do chamado CEHM é, na verdade, a intervenção de sua coordenadora, Eleny Pinto da Silveira. Advertindo-se ela de que, dos seis volumes restantes, simplesmente quatro (aqueles de que se constitui a terceira parte da obra) são consagrados à história da imprensa do interior, tomou a si, e portanto ao CEHM, à FIAM, a iniciativa de retomar a publicação. Correu de um lado para outro, foi à Universidade Federal e à Academia Pernambucana de Letras, foi descobrir financiamentos e coordenar todo o trabalho de edição. Na Academia

estavam os originais, a ela confiados pelo zelo da viúva, D. Bibi, infelizmente hoje também já falecida - e a Academia os havia recuperado, na fecunda administração do presidente Waldemir Miranda: é que muitas de suas páginas datilografadas continham correções ou acréscimos feitos em recortes de papel colados com a velha goma arábica e, com o tempo, tais recortes se vieram despregando. Foi novo imenso trabalho, que requereu outras notáveis paciência e dedicação, agora as do escritor Geraldo Cavalcanti, para recompor os originais, e redatilografá-los correta, integral, fielmente.

São esses textos finais que agora vêm a público, para concluir a monumental pesquisa de Luiz do Nascimento, graças à iniciativa de Eleny Silveira, nessa honrosa coedição CEHM (FIAM) e Universidade Federal de Pernambuco, com o apoio da Academia Pernambucana de Letras.

Neste volume XI (e nos mais três que se seguem, constituindo a terceira parte da obra), Nascimento recenseia toda a imprensa interiorana, até àquela data-limite de 1954. Todos os municípios de Pernambuco então existentes comparecem aqui, examinados por ordem alfabética: todos os jornais do interior. Nada mais seria necessário para justificar o interesse e o empenho do Centro de Estudos de História Municipal em evitar que a obra de Nascimento, cuja pesquisa só é comparável à de Pereira da Costa, - permanecesse inconclusa, literalmente inédita. Para o CEHM, que já incluía em sua coleção "Tempo Municipal", um outro estudo específico sobre a imprensa de um município do interior, no caso, Jaboatão, de autoria de Elieser Figueiroa, contribuir para completar a publicação do colossal levantamento de Luiz do Nascimento era dever eminentíssimo, felizmente compreendido e ainda melhor executado pela coordenadora Eleny Silveira.

ÍNDICE

MUNICÍPIOS

	Pág.
Afogados da Ingazeira	41
Afrânio	44
Agrestina	45
Água Preta	50
Aliança	52
Altinho	57
Amaraji	60
Angelim	61
Araripina	62
Arcoverde	63
Barreiros	90
Belém de Maria	105
Belo Jardim	106
Bezerros	124
Bodocó	153

MUNICÍPIOS

Bom Conselho	153
Bom Jardim	171
Bonito	198
Brejo da Madre de Deus	205
Cabo	207
Camocim de São Félix	238
Canhotinho	240
Carpina	260
Caruaru	279
Catende	405
Chã Grande	431
Condado	432
Coripós(*)	439
Correntes	439
Cortês	445

(*) Atualmente Santa Maria da Boa Vista.

LISTAGEM DOS PERIÓDICOS POR ORDEM ALFABÉTICA DOS MUNICÍPIOS

AFOGADOS DA INGAZEIRA

Gazeta do Pajeu

Pátria (A)

AFRÂNIO

Voz da Escola (A)

AGRESTINA

Gazeta da Paróquia

Gazeta do Povo

Lyrrio

Verdade (A)

Vigia (O)

Voz do Bebedouro (A)

ÁGUA PRETA

Gazeta Rio Pretana

Ordem (A)

Vanguarda (A)

ALIANÇA

Clubista (O)

Dia (O)

Espelho (O)

Lapa-Chic

Repórter (O)

Distrito de UPATININGA:

Boa Semente (A)

Luz (A)

ALTINHO

Contemporâneo (O)

Voz Infantil do Altinho (A)

AMARAJI

Amaraji-Jornal

Voz de Amaraji (A)

ANGELIM

Cinco de Julho (O)

ARARIPINA

Voz do Ararape (A)

ARCOVERDE

Amigo do Matuto (O)

Arcoverde em Marcha

Arcoverde-Jornal

Babel

Bandeirante-Noticias

Combate (O)

Democrata (O)

Foguete (O)

Folha Batista

Guri (O)

Jornal de Arcoverde

Jornal do Rio Branco

Liberal (O)

Mural (O)

Reação

Sentinela

Sertão-Jornal

Tacape (O)

Triumpho (O)

Voz do Povo (A)

BARREIROS

Barreiros-Jornal

Caiador (O)

Celeiro (O)

Correio do Povo

Echo Jovenil

Folha da Cidade

Futuro (O)

Imparcial (O)

Imprensa (A)

Itapiribu (O)

Repórter (O)

Tanoeiro (O)

Terra (A) - 1921

Terra (A) - 1939

Voz do Estudante (A)

BELEM DE MARIA

Gleba

BELEM DO SAO FRANCISCO

Belemita (O)

BELO JARDIM

Agreste (O)

Avante

Centro (O)

Fogueira (A)

Garôa (A)

Gazeta da Central

Gazeta de Belo Jardim

Imparcial (O)

Interior (O)

Município (O)

Peba (O)

Riso (O)

Vê Tudo (O)

Vontade (A)

Voz da Cidade (A)

Voz da Festa (A)

Voz da Verdade (A)

Voz do Agreste (A)

BEZERROS

Álbum-Revista de Bezerras

Almanack O, Pernambuco

Alvorada (A)

Anônimo (O)

Cascata (A)

Correio da Tarde

Correio de Bezerras - 1923

Correio de Bezerras - 1934

Crença (A)

Democrata (O)

Época (A)

Evoluir (O)

Formiga (A)

Grilo (O)

Jornal da Noite (O)
Jornal de Bezerros - 1931
Jornal de Bezerros - 1949
Jornal de Bezerros - 1952
Lírio (O)
Mensageiro (O)
Momento (O)
Natal (O)
Oeste (O)
Palmeiras
Policial (O)
Porta-Voz (O)
Progresso Bezerrense (O)
Razão (A)
Revérbero (O)
Semanário Bezerrense (O)
Sindicato (O)
Social (O)
Trem (O)

Trincheira (A)

Verdade (A)

Voz do Povo (A)

BODOCÓ

Sol da Infância

BOM CONSELHO

Alfinete (O)

Bôlo (O)

Clarão (O)

Colmeia (A)

Cometa (O)

Estado Novo (O)

Estudante

Ipiranga (O)

Magistério

Pátria (A)

Pharol (O)

Pirilampo (O)

Pombal (O)

Progresso (O)

Revista do Centenário

Serrano (O)

Vitória (A)

Voz (A)

BOM JARDIM

Abelhinha (A)

Athleta (O)

Avião (O)

Bom Jardim Chic

Bom Jardim-Jornal

Campo (O)

Candieiro (O)

Cazuzinha (O)

Coisa (A)

Colibri (O)

Echo Bomjardinense

Estrela (A)

Faisca (O)

Farol (O)

Gazeta de Bom Jardim

Imprensa (A)

Lanterna (A)

Lanterninha

Literário (O)

Polyanthéa

15 de Novembro

Renovador (O)

Semana (A)

Varonil (O)

Vinte e Dois de Setembro

BONITO

Almanack do Bonito

Bonito-Jornal

Café (O)

Condão (O)

Época (A)

Evolução (A)

Imparcial (O)

Primavera (A)

Primor (O)

Progressista (O)

Tribuna do Bonito

Verdade (A)

Voz do Bonito (A)

BREJO DA MADRE DE DEUS

Imparcial (O)

Vale (O)

CABO

Alegria

Arara (O)

Boletim do Município

Bonequinho (O)

Buliçoso (O)

Comércio (O)

Correio do Cabo

Dia Escolar (O)

Espanador(O)
Esquina (A)
Garota (A)
Gazeta do Cabo
Grêmio (O)
Independente (O)
Jornalzinho (O)
Matuto (O)
Miragem
Município (O)
O.K
Rebelde (A)
Sachristão (O)
Semana (A)
Sete Dias (O)
Telephone (O)
Tempo (O)
Trocista (O)
Voz do Povo (A)

X

Povoação de GAIBU

Croque (O)

CABROBÓ

Assunção

CAMOCIM DE SÃO FÉLIX

Gazeta de Camocim

CANHOTINHO

Canhotinho (O)

Centenário da Independência em Canhotinho

Centenário em Canhotinho (O)

Correio da Cidade

Crauatá (O)

Encarnado (O)

Folha (A)

Gury (O)

High-Life

Infância

Jornal de Canhotinho

Juventude (A)

Luz (A)

Luzeiro (O)

Martelo (O)

Nosso Jornal

Ordem (A)

Pharol (O)

Polo (O)

Prensa (A)

Sol (O)

Verde (O)

Distrito de PAQUEVIRA (ex-Glicério)

Vontade (A)

CARPINA

Altiplano (O)

Ano Bom

Carpina-Jornal

Carpinteiro (O)

Floresta-Jornal

Laço (O)

Machadinha (A)

Melindrosa

Planalto (O)

Preito

Reacção (A)

Voz do Carpina (A)

CARUARU

Abé (O)

Aciano

Agreste

Agreste Esportivo

Akilo

Álbum de Caruaru

Álbum-Revista de Caruaru

Alfinete

Amigo da Onça (O)

Ano Novo

Aru

Avante
Aveloz
Birimbau (O)
Bloco (O)
Bohemio (O)
Boletim da A. C.
Boletim Semanal
Bombacha (O)
Braço Verde (O)
Braseiro (O)
Cabocla
Caruaruense (O)
Caruaru-Jornal
Catequista (O)
Chupeta (A)
Cinco de Novembro
Cine-Revista Santa Rosa
Circulista (O)
Clarim (O)

Colunas

Corypheu (O)

Defesa (A)

De Tudo Eu Sei

Dever (O)

Direito (O)

Disco Voador (O)

Ditador (O)

Elite

Ephmero (O)

Época (A)

Espinho (O)

Euterpe-Jornal

Farol (O)

Folha Acadêmica

Folha Avulsa

Folha do Sertão

Ganga

Gato (O)

Gazeta Acadêmica
Gazeta de Caruaru
Gazeta do Comércio
Gazeta dos Esportes
Gazeta Literária
Ginasial (O)
Gregório (O)
Grêmio (O)
Hércules Colegial
Ideal (O)
Imparcial (O)
Jornal de Caruaru
Jornal do Agreste
Jornal dos Novos
Libertário (O)
Lucta (A)
Mentor (O)
Mocidade (A)
Momento (O)

Município

Muriçoca (A)

Normalista (O)

Núcleo (O)

Parafuso (O)

Passo (O)

Pororoca (O)

Progresso (O) - 1903

Progresso (O) - 1910

Pulga (A)

15 de Abril

Rádio (O)

Radium (O)

Raposa (A)

Razão (A)

Reação (A)

Repórter (O)

Resistência

Revista do Agreste

Riso (O)

Roseiral

Rotary Club de Caruaru

Rubro-Negro

7 de Setembro (O)

Social (O)

Torpedo (O)

Tudo Sabe

União (A)

Vanguarda

Vigia (O)

Voz de Caruaru (A)

Voz de um Século (A)

Voz do Artista (A)

CATENDE

Alvorecer

Baluarte (O)

Canaviais

Caricato (O)

Catende (O)
Catende-Jornal
Catendense (O)
Colibri (O)
Correio de Catende
Cultivador (O)
Escol...ado (O)
Festa (A)
Folha de Catende (A)
Gazeta do Povo
Ideal (O)
Jornal de Catende
Justiça (A)
Luz (A)
Patriota (O)
Pirata (O)
Porvir (O)
Região (A)
Rival (O) .

Semeador (O)

Social (O)

Só Prá Você

Ump...ista

Volante (O)

Voz da Paróquia (A)

Voz de Catende (A)

CHÃ GRANDE

4 de Outubro (O)

CONDADO

Atalaia (O)

Beijo (O)

Boletim da S. C.

Bom Dia

Buliçoso (O)

Coisa (A)

Feitiço

Férias

Garoto (O) .

Natal

Repórter (O)

Ser ou Não Ser

Voz de Goianinha (A)

CORIPÓS (atual Santa Maria da Boa Vista)

Ipiranga (O)

CORRENTES

Arauto Correntino

Bloco das Flores (O)

Correntes (O)

Independente (O)

Jornal de Correntes

Rádio

Trabalho (O)

CORTÊS

Cidade (A)

AFOGADOS DA INGAZEIRA(*)

A PÁTRIA⁽¹⁾ - Periódico Quinzenal de Política e Literatura - Dirigido por Manuel Arão, publicou-se o nº 1, ano II⁽²⁾ no dia 01 de janeiro de 1891, manuscrito, ocupando uma folha de papel pautado.

Abriu a edição bem lançado editorial em torno do assalto feito à tipografia d'A Tribuna, órgão republicano do Rio de Janeiro, verberando a atitude dos responsáveis pela violência e solicitando providências a quem de direito.

O nº 3 foi dedicado ao falecimento do jornalista republicano e líder positivista Benjamin Constant, vendo-se ao centro da primeira página uma cruz e, abaixo, as palavras: "Tributo de gratidão e respeito ante a campa do patriota... A redação d'A Pátria curva-se respeitosa". Seguiram-se artigos sobre a personalidade do extinto.

Na sexta edição, toda a primeira página foi ocupada por um soneto, assinado pelo diretor, de saudação a Deodoro da Fonseca, enquanto o editorial, na segunda, se congratulava com o povo brasileiro pela ascensão do "general ditador" à Presidência da República.

(*) Quando saiu A Pátria, a localidade chamava-se, simplesmente, Afogados e era distrito policial do município de Ingazeira. Sua população não passava de 2.004 pessoas, das quais residiam na vila, propriamente, 570. Depois, em 1909, uma Lei Estadual concedeu Foros de cidade e sede município à vila, que passou a ser chamada Afogados da Ingazeira. Atualmente existe também um município de Ingazeira noutra área.

(1) Não consta da relação dos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908", de Alfredo de Carvalho.

(2) Não restam exemplares correspondentes ao ano I.

Circulando regularmente, nos dias 1 e 15 de cada mês, A Pátria, sempre manuscrita, caligrafia caprichada, divulgava editoriais a propósito da situação do país, ao passo que Coimbra Filho focalizava temas diversos. "Na tela" era o título de uma seção de crônicas fantasiosas, sem assinatura, aparecendo, também, poesias de Júlia de Oliveira, O Zéfiro, Dr. Chalaça e ++++. Raras notícias de caráter social.

O nº 6, último encontrado, foi dado à leitura no dia 15 de março (Biblioteca Pública do Estado).

Embora não restem mais comprovantes, a publicação manuscrita continuou. O Diário de Pernambuco, de 27 de setembro de 1925, deu notícia de que o publicitário Moraes de Oliveira oferecera ao Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano o nº 15, de 1891, do quinzenário A Pátria, "de que era diretor Manuel Arão e através do qual se pode reconhecer ainda hoje a característica e minúscula caligrafia do atual presidente da Academia Pernambucana de Letras". E acrescentou: "Esse número d'A Pátria, que circulou pelo Correio, conforme se vê pelo carimbo apostado no selo, traz a primeira página de luto pela morte de Silva Jardim. A Pátria ocupava toda uma folha de papel almaço com matéria editorial e sem anúncios. Esse exemplar pertencia ao Dr. José Correia de Araújo, juiz de direito de Belo Horizonte, que o presenteou ao Sr. Moraes de Oliveira".

GAZETA DO PAJEÚ - Órgão Independente e Noticioso- Entrou em circulação a 15 de novembro de 1953, no formato de 50 x 30, com quatro páginas a seis colunas de composição. Presidente da empresa - Hermes de Sousa Canto; diretor do Jornal - Luiz Cristóvão dos Santos; secretário - Hélio Vidal Campos; redatores - padre Antonio de Pádua Santos, Manuel Ribeiro, Vicente Jesus Lima, Aluizio Arruda, José Martins Lemos, Aristeu Bezerra Duda e Luís Amaral. Depois: repórter

fotográfico - Eutímio Laranjeiras. Trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã, no Recife, e redação à praça Padre Cottar, 3. Preço da assinatura anual - Cr\$ 35,00; do número avulso - Cr\$ 1,00⁽¹⁾.

O artigo de apresentação, colocado em manchete, com a assinatura do diretor, dizia tratar-se dum "jornal matuto, simples e desprezioso", acentuando: "O seu escopo é batalhar pela terra afogadense, até hoje muda e silenciosa, sem possuir a voz decidida e eloqüente de um jornal⁽²⁾. A sua finalidade é cooperar com a coletividade, ajudar o povo nas suas mais justas reivindicações, rasgar novos horizontes, incentivar os intelectuais da terra...".

Seu programa - que garantia cumprir - era "batalhar pela região e engrandecer a terra afogadense". Seria "uma tribuna livre", à disposição do povo. "Onde houver um problema local, onde surgir uma necessidade da comuna, aí estará, viva e palpitante, a presença da Gazeta, brava e decidida, a batalhar, a clamar, a cooperar".

Periódico bem feito, material e intelectualmente, de aspecto moderno e circulação mensal, em dias indeterminados, teve acentuada projeção, circulando ora com quatro ora com seis páginas, servindo de poucos anúncios. A partir do nº 7, a assinatura mensal subiu para Cr\$ 50,00, estabelecida em Cr\$ 30,00 a assinatura semestral. O preço do exemplar elevou-se a Cr\$ 1,50, para terminar em Cr\$ 2,00.

(1) O nº 2 noticiou haver a Assembléia Legislativa do Estado aprovado uma subvenção de Cr\$ 10.000,00 para a Gazeta do Pajeu.

(2) Na realidade, foi o primeiro jornal tipográfico que já existiu em Afogados da Ingazeira.

Afora os artigos e crônicas do diretor e demais redatores, a Gazeta do Pajeú contou com a colaboração de José Alves de Albuquerque, Celeste Vidal, Fernando Sobral Cruz, Francisco Pires Braga, Durval César, Emídio de Miranda e outros. Nas edições maiores, manteve uma "Página Literária". Da matéria geral constavam: "Cartaz político", "Notícias de toda parte", "Vida religiosa", "Legislativo municipal", "Respingos", "Comentando", "Sociais", seção de charadas e correspondência dos distritos e cidades vizinhas.

O corpo redacional sofreu variações, dele tendo também participado Odete Góis e Luiz Vera Cruz. Ocorreram, no fim, algumas dispersões. Foram tesoureiros: a princípio, Gastão Cerquinho da Fonseca e, depois, Antonio César Veras.

Circulou o mensário, menos em fevereiro, até o nº 10, de 27 de setembro de 1954, quando ficou suspenso⁽¹⁾ (Biblioteca Pública do Estado).

AFRÂNIO(*)

A VOZ DA ESCOLA - Jornalzinho estudantil, circulou o nº 1, ano I, em outubro de 1951, com quatro páginas de papel ofício, manuscrito e copiado em hectógrafo. Direção de Aderaldo Coelho; redator - Francisco Cavalcanti, funcionando a redação na praça Sebastião Coelho, sede do Grupo Escolar de que era órgão, localizado na vila de Afrânio. Sua matéria constituiu-se de literatura infantil, noticiário escolar e desenhos a lápis de cor (Departamento Cultural da SEEC).

(1) A Gazeta do Pajeú voltou em março de 1955, mas teve morte súbita.

(*) Ex-distrito do município de Petrolina.

AGRESTINA(*)

O VIGIA - Primeiro órgão de imprensa de Agrestina, surgiu no dia 27 de março de 1904, em formato de 32 x 22, com quatro páginas a três colunas de composição, impresso na tipografia d'O Caruaruense⁽¹⁾. Propriedade de Emídio Couto; redatores - "diversos". Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 5\$000; trimestre - 3\$000. Número avulso - 0\$200. Não havendo agência do Correio em Bebedouro, pedia a redação que sua correspondência fosse remetida para Altinho, à rua Onze de Abril, 3.

Ligeira nota de entrada, sob o título "Bom Dia", sem apresentar programa, saudou os leitores, ressaltando a "força de vontade inabalável" que resultara na publicação do jornal.

Divulgou colaboração literária de Senhorinha Marques Galvão, K. Neto e K. Dino; notas satírico-humorísticas, assinadas por André, Cocada e K. Peba; noticiário, variedade e charadas.

Apesar de dizer-se "folha semanal", não há notícia, de ter continuado (Biblioteca Pública do Estado e Arquivo Público do Estado).

GAZETA DO POVO - Propriedade de uma Associação O nº 1 circulou no dia 25 de junho de 1919, em formato de 31 x 22, com quatro páginas de três colunas, impresso na Tip. Liv. Primor, de Caruaru.

(*) Ex-Bebedouro, 3º distrito de Altinho. Tornou-se cidade e município mediante o decreto-lei estadual nº 1931, de 11 de setembro de 1928. Verificada a divisão territorial do Estado, de 1943, passou a denominar-se Agrestina.

(1) Feição material idêntica à d'O Vigia, de Caruaru, publicado três anos antes.

Sem indicar corpo redacional, destinava-se, consoante o artigo de abertura, a apoiar a orientação do Partido Republicano Democrata, chefiado pelo Governador Manuel Borba (cujo clichê figurou na primeira página), mas sem bater palmas à direção política municipal, que dizia estar "sugando as últimas energias do povo de Altinho".

A matéria da edição de estréia constituiu-se de propaganda das candidaturas José Rufino Bezerra Cavalcanti e Alberto Guilherme de Azevedo Lira, respectivamente, para Governador do Estado e Prefeito de Altinho, além de comentários de crítica à administração do Município, enchendo-se de anúncios a quarta página.

Seguiu-se a publicação, em datas indeterminadas. Obedeceu ao programa traçado, incluindo versos satírico-humorísticos de Tip-Top e Pulxerio.

Foi a Gazeta do Povo manuseada até o nº 4, de 13 de julho, provável fim de sua existência (Biblioteca Pública do Estado).

LYRIO - Seminário Noticioso e Literário - Publicou-se o nº 6, ano I (único comprovante encontrado), no dia 30 de novembro de 1919, em formato de 23 x16, com quatro páginas de três colunas estreitas. Nenhuma nota de expediente.

Apresentou colaboração de Halidéa Rios (como se ocultava a professora Arcelina Câmara), Suzana, José Leite, Belmiro Varejão, Verbena (pseudônimo da professora Heridea Pinheiro de Barros) e Crisântemo, autora de "Perfis"; noticiário miúdo e continuação dos concursos para a escolha da "moça mais bonita" e do "rapaz mais feio" (Biblioteca Pública do Estado).

A VOZ DE BEBEDOURO - Quinzenário Noticioso - Entrou em circulação a 22 de julho de 1934⁽¹⁾, obedecendo ao formato 32 x 24, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Direção de José Wamberto Pinheiro de Assunção; redator - José Queiroz (só na edição de estréia); gerente - Heretiano Couto, logo substituído por José Alves da Silva. Redação à rua João Guilherme, 23, sendo o trabalho material efetuado em Caruaru, na Tipografia São José. Preço do exemplar - 200 réis.

"...surge - declarou o editorial de apresentação - preenchendo um vazio imenso: é o único jornal do município, é um órgão de defesa coletiva, é um periódico moderno e movimentado", acrescentando: "Nas nossas páginas encontrarão os leitores matéria diversa e de interesses também diversos: sobre a nossa vida social, sobre o momento político pernambucano, registro de fatos locais, etc.". Programa, portanto, "largo, variado, interessante". Pedia, por fim, "o apoio e a simpatia de todos os bebedourenses de boa vontade".

Jornal bem feito e redigido com apuro, começou emprestando apoio ao Diretório Social-Democrático e, conseqüentemente, à candidatura Carlos de Lima Cavalcanti ao governo constitucional do Estado. Por outro lado, abriu concurso para a escolha da "Madrinha d'A Voz de Bebedouro", que viria a parar na sétima apuração, sem mais se falar no assunto.

Seguindo sua meta, com uma página de anúncios e a divulgação de atos oficiais da Prefeitura, cumpriu o programa traçado, servido de comentários gerais, noticiário, principalmente a "Vida Social", precedida de crônica mundana, a cargo de Don Juan (pseudônimo de Américo de Oliveira Costa);

(1) O aparecimento da folha foi solenizado com saráu dançante.

mais as notas de O.K., sob o título "Salve-se quem puder...", depois substituído por "Vitrine", cheias de chiste e malícia; uma "Coluna Feminina"; poesias, em que se alternavam José Wamberto, A. C. (ainda Américo de Oliveira Costa), José Luiz de Oliveira e Antonio Vieira, também autor de artigos; afora outras atrações para o leitor, a salientar as "Notas sobre Bebedouro".

Ao atingir o nº 13, edição de 17 de fevereiro de 1935, com seis páginas, o periódico admitiu um redator-chefe: o dentista Carlos Borges. Entretanto, findou aí a publicação (Biblioteca Pública do Estado).

A VERDADE - Órgão Independente - Saiu a lume no dia 12 de agosto de 1934, em formato de 40 x 28, com quatro páginas de cinco colunas, sendo impresso na tipografia da Vanguarda, em Caruaru. Diretor - José Queiroz; gerente - Heritiano Couto. Situava-se a redação na rua Siqueira Campos, 78. Preço do exemplar - 200 réis.

Segundo a "Apresentação", a folha tinha por lema "o pensamento traduzido em seu próprio nome, mantendo o seu ideal - o progresso". Seu aparecimento significava "mais um passo para o soberbo caminho da civilização". Pretendia, por fim, "relacionar-se com os acontecimentos de qualquer natureza, dentro e fora do município", e trabalhar "em prol do bem estar da coletividade".

Publicação ocasional, circularam quatro edições, tão somente, d'A Verdade, a terceira das quais com seis páginas. Bem distribuída matéria, a salientar comentários, noticiário, concurso dos feios, "Solicitadas" e uma página de anúncios. Foram seus colaboradores: Otacílio Pires, Afrânio de Assunção Barros, Hildebrando de Almeida, Jimes, Eliseu Galvão, A. Vieira, Mister X e alguns outros pseudônimos.

No nº 4, datado de 11 de novembro, um artigo redacional dava "incondicional e sincero acatamento" à idéia integralista. Foi, contudo, o derradeiro editado (Biblioteca Pública do Estado).

GAZETA DA PARÓQUIA - Apareceu "com aprovação eclesiástica", no dia 1 de outubro de 1937, em formato de 31 x 23, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Exibiu a divisa: É preciso que ele reine". Impressão da Tipografia Moderna, em Caruaru.

Motivou seu aparecimento a solenização do Jubileu de Prata da fundação do Apostolado da Oração, cujo histórico e o noticiário ocuparam algum espaço. Abriu a edição o artigo "A Imprensa", assinado pelo padre Adalberto Damasceno, diretor do Jornal. Outro, teve a assinatura do padre Públio Calado. Divulgou excertis duma Carta Pastoral do bispo Pereira Alves, mais notícias da Paróquia e Informações Comerciais (Biblioteca Pública do Estado).

Prosseguindo, o nº 4, de 15 de dezembro, saiu em edição especial, acompanhado de um Suplemento com outras quatro páginas. Inseriu relatório das atividades da Paróquia, assinado pelo padre Damasceno; noticiário do Jubileu do Apostolado da Oração; palavras do Arcebispo Miguel Valverde e do Bispo José Pereira Alves; excerto do escritor Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima) e o "Histórico da Paróquia de Santo Antonio do Bebedouro", da lavra de José Wamberto (Col. José Almeida).

Publicação indeterminada, sem mais notícias de sua existência por mais de dois anos, veio a dar outra edição a 13 de junho de 1940, sob a mesma direção, o formato majorado de alguns centímetros. Festejou o Dia de Santo Antonio, padroeiro da Paróquia de Bebedouro. Acondicionou bastante matéria

doutrinária da Igreja Católica e noticiário específico (Biblioteca Pública do Estado).

ÁGUA PRETA

GAZETA RIO PRETANA - Publicação quinzenal, iniciada, provavelmente, a 26 de abril de 1885, dela restam raros comprovantes. O nº 4 foi dado à luz no dia 15 de junho, em formato 37 x 26, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Propriedade da Associação Agrícola Rio Pretana, tinha escritório e tipografia situados na rua Paulino Câmara, 26. Cobrava 3\$000 por assinatura trimestral, pagos adiantadamente.

A edição manuseada abriu com extenso editorial a respeito do "martírio da Agricultura", sempre esquecida pela administração pública, seguindo-se-lhe outros artigos; noticiário; poesia assinada por F. e curiosidades, ficando a quarta página só com publicidade comercial.

Prosseguiu a publicação do primeiro jornal de Água Preta, sendo o aparecimento do nº 8 noticiado pelo diário recifense O Tempo, de 20 de agosto.

Do ano II - 1986 - existem dois exemplares: os nºs . 2 e 3, de 15 e 28 de fevereiro. Neles focalizou a redação a necessidade da criação de escolas práticas de agronomia e o desprezo a que era votada a agricultura brasileira, além de outros artigos sobre o magno tema; mais folhetim, poesia de Elmano Philoteo e matéria geral, sempre repleta de anúncios a página do fim (Biblioteca Pública do Estado).

A VANGUARDA - Propriedade de uma Sociedade Anônima - Circulou o nº 1 no dia 7 de setembro de 1918, em formato de 30 x 20, com quatro páginas de três colunas. Sem redatores mencionados, localizava-se a redação na rua Paulino

Câmara, 36, sendo impresso na capital do Estado, nas oficinas do Jornal do Recife. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000.

Publicação semanal, segundo o editorial de apresentação, tinha a tarefa de "pugnar pelo desenvolvimento moral e intelectual" do município, prometendo não deixar-se "embrenhar na selva espinescente da politicalha, que tudo avassala e deturpa".

Além de outros comentários, sobre temas gerais, a edição inseriu crônicas de L.L e Sonâmbulo; noticiário e reclamos comerciais (Biblioteca Pública do Estado).

Nenhum outro comprovante encontrado. Notícia única registrou-a o diário recifense O Intransigente, que acusou na sua edição de 11 de dezembro de 1918, o recebimento de um número d'A Vanguarda, "órgão literário, propagandista e noticioso" de Água Preta.

A ORDEM - Semanário Independente, Lítero-Noticioso - Surgiu a 12 de outubro de 1935, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Diretor-gerente - Paulo Santos; redator-chefe - Jorge Medeiros de Souza; secretário - Alcides Borges, funcionando a redação na praça Dr. Cornélio da Fonseca, 50⁽¹⁾. Assinatura anual - 10\$000; preço do exemplar - 200 réis.

Era, segundo o editorial "Apresentando", um "jornal modesto, de principiantes", acentuando: "A Ordem afastar-se-á de todo sectarismo político ou religioso, não deixando, por isso,

(1) Foram instaladas conjuntamente, com alguma pompa, a redação d'A Ordem e a Biblioteca Machado de Assis, ambas funcionando no mesmo local.

de traçar sobre os fatos os comentários que merecem. Lítero, procurará estimular o amor à literatura, dando guarida, em suas colunas, aos escritos daqueles que a cultivam. Noticioso, difundirá os acontecimentos do município, bem como dará aos seus leitores as notícias mais em foco de outros lugares".

Logo o semanário, que circulou... quinzenalmente, abriu concurso para a escolha da Madrinha d'A Ordem, o qual não chegaria ao fim.

Em sua existência efêmera, cumpriu o programa traçado, inserindo colaboração, em prosa, de Jorge Abrantes, Sales Costa, Malaquias Abrantes dos Santos, Hélio Santos e outros; poesias de José Abrantes dos Santos, Renato Cruz Gouveia, etc. Em meio ao noticiário, incluía raros anúncios. Os dois últimos números foram mandados imprimir na tipografia do Jornal do Recife.

Não ultrapassou a quinta edição, que saiu no dia 1 de dezembro (Biblioteca Pública do Estado).

ALIANÇA(*)

O ESPELHO - Mensário dedicado aos interesses de Aliança, na obra de engrandecimento da Pátria - Entrou em circulação a 19 de dezembro de 1926, em formato 33 x 22, com quatro páginas de três colunas. Direção e propriedade de Manuel Gomes Maranhão. Assinatura anual - 3\$000. Trazia o título em tinta encarnada e o restante em azul, sendo confeccionado em papel couchê, nas oficinas d'A Tribuna, no Recife. Ao lado do título, em pequeno quadro, vinha um pensamento célebre, substituído em cada edição.

(*) Antigo distrito de Nazaré da Mata.

"É do nosso intento - declarava o artigo de abertura - evitar, quanto possível, o baralhamento dos fatos, desvendando a bruma espessa da hipocrisia sempre pronta a envolver a balança da justiça, para que melhor se descortine a pesagem dos que, vergados sob fardos pouco honrosos, procuram apresentar-se tais quais os livres de consciência".

Noutro tópico: "O nosso reprodutor de imagens é de foco pequenino e de diminuta capacidade visual, mas fala, penetra n'alma e distingue o aparente do real". E mais: "A época é de política e também o somos. Desconhecemos, porém, os vínculos capazes de nos prender, in toto, ao governo ou à oposição, declarando, desde já, guerra ao indiferentismo, partido dos fracos".

Jornal variado, bastante noticioso, às vezes ilustrado, teve também a colaboração de Álvaro da Costa Lins, padre Félix Barreto, Elias Modesto, José de Meneses, Eugênio Mesquita, Mauro Mota, Aristides Costa, D. Lira, José Ellyson Rezende de Oliveira, o mesmo Jylson, e Zé Traquinas, que iniciou, já no nº 8, a seção satírico-humorística "Traquinadas...".

Viveu somente até o nº 10, de 22 de setembro de 1927 (Biblioteca Publicado Estado).

O DIA - Órgão Noticioso S/A - Saiu a lume no dia 15 de agosto de 1934, em formato de 38 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor-responsável - José Gomes de Oliveira; secretária - H. Almeida (Herundina Olívia de). Trabalho gráfico das oficinas do Jornal do Recife.

"Nosso programa" foi o título do longo artigo de abertura, elaborado com apuro, no qual o editorialista empregou bem urdidos conceitos sobre a palavra Dia, para depois entregar o jornal "ao recesso das famílias, ao escritório dos industriais, às

escolas, ao povo, enfim". Eram páginas "modestas e frágeis", mas que, através dos anos, seriam o porta voz das conquistas e da alma da cidade.

Divulgou noticiário das festividades do dia, quando se comemorava o 35º aniversário da Banda Musical 15 de agosto; comentários e crônicas assinados por Oliveira Pessoa (José de), também usando os pseudônimos (e anagrama) Pescador, Jorcapes e Arievilo; Pereira de Assunção, Um Mestre-Escola, Gelés e Felix Mino, além de atos oficiais da Prefeitura e variedades.

Ao que tudo indica, foi número único (Biblioteca Pública do Estado).

LAPA-CHIC - Jornal Humorístico - Entrou em circulação a 15 de agosto de 1934, obedecendo ao formato de 24 x 18, com quatro páginas de duas colunas a 12 cíceros. Direção de Valdemar Albuquerque; redator - Francisco Rabelo.

Segundo as "Duas palavras" de apresentação, tinha como objetivo "o desenvolvimento da mocidade lapense", combatendo os pasquineiros que, "por trás da máscara do anonimato", mais de uma vez tinham implantado a discórdia no meio social. "Graça sem ofensa" era a sua bandeira.

Publicação mensal, seguiu a meta traçada, inserindo incipiente literatura, crônicas sociais, carnets, epigramas e noticiário, tudo muito conciso, para não prejudicar a variedade.

O espaço principal ocupava-o o diretor, que escrevia prosa e verso, sendo outros colaboradores, que se revezavam, Lucílio (pseudônimo de Lourival Lima), Manuel de Albuquerque, Antonio de Sá, Otávio Marinho Trigueiros, Pedro Botelho, João Feliciano da Silva, Carmem Maria, Ludovico de Andrade e

Oliveira Pessoa, mais os pseudônimos: Tom, Solange, Neneco, Inocência, Violeta Odete, Flávio, Haroldo, Naive, etc.

No segundo número, Lapa-Chic fez-se acompanhar de um Suplemento de duas páginas. A circulação decorreu regularmente, mas em dias indeterminados de cada mês, terminando com o nº 13, datado de 15 de agosto de 1935, que reuniu oito páginas (só então admitiu anúncios), comemorativo do primeiro aniversário.

Foi a última "palestra humorística, social e literária" com os habitantes da Vila (Col. Evandro Rabelo e Biblioteca Pública do Estado).

O REPÓRTER - Circulou o nº 18, ano III, a 15 de agosto de 1947, em formato de três colunas, com seis páginas. Não mencionou corpo redacional. Matéria ligeira (Col. José Almeida).

O CLUBISTA - Órgão oficial dos sócios do Clube Agrícola Professora Joaquina Lira - Manuscrito e copiado em hectógrafo, saía com quatro páginas de papel pautado, inserindo literatura infantil, noticiário das atividades escolares e desenhos ligeiros. Avistados, unicamente, comprovantes das edições de setembro e de outubro de 1951 (Departamento Cultural da SEEC).

Distrito de UPATININGA(*)

A LUZ - Periódico Noticioso, Literário e Independente - Inexistentes outros comprovantes do órgão pioneiro da localidade, circulou o nº 7, ano I, no dia 28 de junho de 1914, em formato de 32 x 22, com quatro páginas a três colunas de

(*) Ex-Lagoa Seca.

composição. Não constava corpo redacional, mas apenas o nome do encarregado da cobrança: José Inácio da Silva. Tabela de assinaturas: ano - 4\$000; - semestre 2\$500. Publicação bimensal.

Abriu a edição o artigo "Necessidade do Cristianismo", assinado por W., fazendo a apologia da Religião Católica, ao que se seguiram artigo filosófico de X.; soneto transcrito; a seção "Variedade"; algumas notícias e a quarta página de reclames comerciais (Biblioteca Pública do Estado).

A BOA SEMENTE (Paróquia de Lagoa Seca - Diocese de Nazaré) - Fundado "aos 13 de janeiro de 1912", pelo padre, depois monsenhor, José Carlos Marinho⁽¹⁾, só restam comprovantes a partir do ano XXII - nº 1 - de 28 de janeiro de 1934.

Jornal de pequenas dimensões, com quatro páginas de 26 x 16, a duas colunas de composição, publicava-se "com aprovação eclesiástica", trazendo no cabeçalho os slogans: "... é a palavra de Deus" (São Lucas, VIII, 11...) e "Tudo por Jesus - Nada sem Maria". Mensário, de circulação ininterrupta, mas em dias indeterminados, sua matéria constava de artigo doutrinário, noticiário específico e informações úteis.

O nº12 do ano em apreço saiu a lume no dia 8 de dezembro, prosseguindo em 1935 e pelo tempo afora, numerando-se, regularmente, de 1 a 12. Ao atingir a 12ª edição de 1940, ano XXVIII, de 15 de dezembro, acrescentou ao cabeçalho o subtítulo "Boletim Paroquial". Assim chegou ao ano XXX (devia ser XXXI), 1943, tendo a última edição reunido os nºs 11 e 12, antecipada a data para 21 de novembro.

(1) Informação inicial do cônego Alfredo Xavier Pedrosa, à página 112 do seu livro "Letras Católicas em Pernambuco".

Termina aí a coleção manuseada do pequeno órgão religioso, cuja confecção tipográfica era custeada por donativos, exemplo de pertinácia e pugnacidade do seu fundador e redator único (Biblioteca Pública do Estado).

ALTINHO

O CONTEMPORÂNEO - Entrou em circulação a 15 de novembro de 1901, no formato de 40 x 30, com quatro páginas de quatro colunas e atraente aspecto material, impresso em tipografia própria. Propriedade e direção do padre Zacarias de Lira, achava-se o escritório instalado à rua Dr. Júlio de Melo, 1. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000, mediante pagamento adiantado.

No centro da primeira página apareceu vistoso retrato (desenho de E. Fonseca), com a seguinte legenda: "Tributo d'O Contemporâneo às virtudes preclaras do cidadão Florêncio Maurício de Alencar, no início de sua administração municipal".

Segundo o artigo de apresentação, "a glória de Deus e o engrandecimento de Altinho" constituíam o programa do periódico, "auxiliado pelos homens de boa vontade", acrescentando:

"Não é alheio à política; a nenhum brasileiro é permitido recusar sua inteligência e sua atividade à pátria; entretanto, respeitará sempre as individualidades, embora não comunguem as mesmas idéias. Levantar o nível moral do Município, onde surge, é uma obrigação, é uma dívida com a terra do nascimento".

"Na ordem religiosa, O Contemporâneo pertence à Igreja Católica: é filho obediente; e submisso recebe o Evangelho como clarão que ilumina todo homem que vem a este mundo".

A edição de estréia⁽¹⁾ deu ampla cobertura da posse do novo prefeito, incluindo uma "Notícia histórica"; teve a colaboração de Júlio Bezerra, Samuel Farias e B. Cabral, e principiou a "História abreviada da Igreja", de autoria do padre Didon e, em rodapé, o romance "O Sertanejo", de José de Alencar.

Seguiu-se a publicação, quinzenalmente, divulgando vasto noticiário, as "Noções do Apostolado da Oração"; atos oficiais da administração municipal, etc., e fazendo propaganda contra o Protestantismo. Por motivo de doença do diretor, houve um interregno entre os n^{os} 12, de 1^o de maio de 1902, e 13, de 16 de julho, indo daí até o n^o 20, publicado a 1^o de novembro.

Começou o ano II, novamente, pelo n^o 1, de 15 de novembro, comemorativo do primeiro aniversário da folha, cuja 1^a página, circulada de vinhetas, foi ocupada pelo retrato (outro desenho de Eduardo Fonseca) de Rodrigues Alves, numa "homenagem d'O Contemporâneo ao novo Presidente da República". Artigos de João Borba, Gerôncio Carvalho e Samuel Farias, sobre a data e sobre o jornal, constituíram o conteúdo da 2^a., ao passo que a 3^a inseriu um "quadro de honra" dos órgãos congêneres brasileiros (e até do exterior) com os quais permutava. Na 4^a., apenas, o prosseguimento da História da Igreja e do folhetim.

(1) Após a circulação do primeiro número, houve por bem a direção dirigir um prospecto, solicitando aos leitores "as datas mais notáveis de sua vida (nascimento, casamento, formatura, nomeações, etc.). Bem assim, aceita agradecida sua fotografia e exemplares de trabalhos literários de sua pena. Pede também o seu juízo sobre O Contemporâneo. Estimaria que V.Sa. particularizasse os artigos que mais lhe agradarão. Teria muita satisfação de receber pensamentos e máximas sobre a Imprensa". E concluiu: "À Glória de Deus e ao engrandecimento de Altinho".

Abriu o nº 3, de 1 de janeiro de 1903, o editorial "O Ano Novo", terminando por desejar "o desenvolvimento franco do Catolicismo e o restabelecimento do nosso crédito e das nossas finanças".

Desde então, O Contemporâneo passou a circular irregularmente, até com hiato de dois meses; de modo que só na "1ª quinzena" de novembro veio a publicar-se o nº 12, do ano II, meses antes transferido o escritório redacional para a rua 15 de Novembro, 7.

A partir daí, escasseiam mais os comprovantes da coleção manuseada, só se encontrando o nº 2, ano III, datado da 2ª quinzena de março de 1904, acrescentada, no cabeçalho, a indicação: "Órgão de orientação católica". Vinha divulgando, em partes, uma "Dissertação", do monsenhor Estanislau, e prosseguia a campanha contra o credo protestante (Biblioteca Pública do Estado).

Segundo Alfredo de Carvalho, autor dos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908", a existência da folha católica em tela terminara com o nº 3, de 1 de abril de 1904.

A VOZ INFANTIL DO ALTINHO - Órgão dos Alunos das Escolas - Circulou pela primeira vez a 10 de setembro de 1939, no formato de 33 x 22, com quatro páginas de três colunas. Diretora - Maria de Lourdes Rodrigues; vice-diretora - Maria Carmelita de Andrade Vasconcelos; redatora-chefe - Ednéa Meneses e Silva; redatora-secretária - Vanda Oliveira e Silva; gerente - Gumercindo Rodrigues de Oliveira. Impresso em Caruaru, na tipografia da Vanguarda.

Sucinta nota de apresentação, assinada por F. M., ressaltou "O jornal infantil é mais uma constelação que surge no

firmamento azulado do nosso querido Brasil. Ele trará para cada aluno, no futuro, uma formação espiritual mais sólida; encorajamento para cooperar na defesa do regime".

Ocupou-se a edição em divulgar literatura infantil e noticiário social, o mesmo ocorrendo quanto ao nº 2, publicado no dia 15 de outubro.

Ao que tudo indica, terminou aí a existência do mensário (Biblioteca Pública do Estado).

AMARAJI

AMARAJI-JORNAL - Teria circulado em 1934.

A VOZ DE AMARAJI - Mensário Noticioso e Apolítico - Apareceu em novembro de 1952, obedecendo ao formato de 33 x 22, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretores - José Mário de Andrade, Erasmo José Alves e Averaldo Sérgio de Melo. Redação à rua Rocha Pontual, 32 e trabalho gráfico das oficinas do Timbaúba-Jornal. Assinaturas: anual - Cr\$ 12,00; semestral - Cr\$ 6,00. Número avulso - Cr\$ 1,00.

Firmado pelo primeiro dos diretores, o editorial "Apresentação" focalizou a missão cultural da imprensa, de cuja falta se ressentia o município de Amaraji, assim concluindo: "...é nosso propósito nos tornarmos arautos de uma campanha de educação, esclarecimento e orientação da opinião pública, para que este jornal cumpra nobremente a missão confiada à imprensa".

A edição de estréia inseriu boa matéria, constituída de comentários e noticiário locais e soneto de E. Alves, iniciador da seção "Para o seu Álbum".

Prosseguiu a meta do periódico, meses afora, contando com a colaboração de José Roberto de Melo, Vanildo Barros, Miguel Sotero e Duga; poetas Severino Albuquerque, A. O. Figueiredo, Calazans Alves de Araújo, Bernardino Borba, etc. Inseria alguns anúncios.

Assinalou a passagem do primeiro aniversário d'A Voz de Amaraji, em novembro de 1953, uma edição especial de oito páginas. Nada obstante os obstáculos encontrados, a "indiferença de uns" e a "incompreensão de outros", estava vencida, consoante o editorial alusivo, a primeira etapa.

Continuando, dava apoio discreto à administração municipal, estendendo-se sua existência até, pelo menos, o número conjugado 21/22, de julho/agosto de 1954 (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

ANGELIM

O CINCO DE JULHO - Órgão Independente, de Livre Opinião - O nº 1 circulou na data que lhe serviu de título, em 1931, tendo como diretor-redator-chefe João de Sousa. Formato de 26 x 16, com quatro páginas a duas colunas de 16 cíceros. Redação à rua Dr. Manuel Borba, 5.

O artigo de abertura focalizou o feito dos "18 de Copacabana", numa homenagem a Newton Prado, Siqueira Campos e demais participantes da jornada de 1922, "espetáculo de bravura" nunca antes "presenciado pelo mundo".

Divulgou noticiário das atividades da filial do Colégio Francês Chateaubriand e discursos dos alunos Luiz Mendonça e

(1) Coleção desfalcada.

Adalgisa Umbelino ⁽¹⁾ ; crônica de Elora Possolo e as piadas do "Molho de Pimentas", a cargo de Joaquina.

Ao que parece, ficou no primeiro número (Biblioteca Pública do Estado).

ARARIPINA

A VOZ DO ARARIPE - Órgão oficial dos alunos do Grupo Escolar Padre Luiz Gonzaga - Inexistentes comprovantes das edições anteriores, circulou o nº 3, ano II, no dia 30 de abril de 1952, constituído de uma folha de papel pautado, dividida em quatro páginas, manuscrito e copiado em hectógrafo. Diretora - Valdeir Batista; redatora - Filomena Arrais. Saiu o nº 6 datado de julho/agosto e o nº 7 publicou-se em setembro, acompanhado de um Suplemento de duas páginas. Constava a sua matéria de literatura infantil, desenhos escolares e noticiário da vida social dos pequenos estudantes.

Prosseguiu em 1953, sob nova responsabilidade, a saber: diretor - Wilson Granja Arrais; redatora - Gilvete Modesto. Obedecendo ao ritmo anterior, circulou, pelo menos, até o nº 8 do ano III, correspondente ao mês de outubro (Departamento Cultural da SEEC).

(1) A oradora, que falou sobre o 13 de maio, conclui exaltando os nomes de "Emílio de Meneses, Manuel Borba e Joaquim Nabuco, que trabalharam na campanha abolicionista..".

ARCOVERDE(*)

O TRIUMPHO - Órgão da Liga Riobranquense Contra o Analfabetismo de Rio Branco - Primeiro jornal da localidade, circulou o nº 4 (único comprovante encontrado) no dia 7 de setembro de 1921, formato de 48 x 31, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Trazia, sob o título, o slogan: "Combater o analfabetismo é dever de honra de todo brasileiro". Direção do farmacêutico Agostinho de Holanda; redator-chefe - J. Januário; secretário - professor Edgar Mendonça; gerente - Eutrópio Freire. Redação na Escola Dom Vital, rua Velha. Imprimiu-se em Vitória de Santo Antão, na oficina d'O Lidador. Preço do exemplar - 500 réis.

A par de comentários e noticiário, a edição inseriu colaboração literária de Noêmia Holanda, Delmiro Freire, Elvira Viana, Florismundo de Oliveira e Tranquilino Viana (Biblioteca Pública do Estado).

JORNAL DO RIO BRANCO - Órgão de Informações. Literário e Noticioso - O primeiro número foi publicado a 7 de setembro de 1929, em formato de 38 x 28, com quatro colunas normais de composição. Impresso na Tipografia Prima, com redação à rua Cardeal Arcoverde, 112, assinava-se a 10\$000

(*) Antigo povoado de Olho d'Água dos Bredos, passou a denominar-se Vila de Rio Branco, encravada no município de Pesqueira, mediante a Lei Estadual nº 991, de 1 de julho de 1909. Tornou-se distrito através da Lei Municipal nº 18, de 12 de novembro de 1912. Foi município consoante a Lei nº 1931, de 11 de setembro de 1928, sancionada pelo Governador Estácio Coimbra, instalado, solenemente, a 10 de janeiro de 1929. Mudou, finalmente, o topônimo para Arcoverde em "homenagem a d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, primeiro cardeal da América Latina", segundo Luiz Wilson, in "Minha Cidade - Minha Saudade" (Editora Universitária, Recife(PE), pela Lei Estadual nº 952, de 31 de dezembro de 1943, sob o governo de Agamenon Magalhães.

anuais e 6\$000 semestrais, custando o número avulso 0\$300. Direção do padre Luiz de Góis; Secretário-gerente - Demócrito Japiassu.

Ocupada toda a primeira página com uma fotogravura de D. Pedro I, instalou-se o artigo de apresentação, em quadro, nas colunas centrais da segunda. Dizia que a fundação do semanário se deveu ao desejo de que não permanecesse oculto o desenvolvimento do município, desde que se tornou independente, decorrido quase um ano.

"Modesta embora - acentuava - impõe-se esta folha, defendendo os direitos de Rio Branco e divulgando o que vai sendo realizado pelo seu progresso, o ônus honrosíssimo de trabalhar pela sua grandeza".

Abraçava "as boas idéias, defendendo os bons princípios"; desenvolveria com serenidade as sua campanhas. E, já concluindo: "Do Jornal do Rio Branco desejamos fazer uma tribuna onde a palavra sai pura e imaculada, doutrinando o povo, educando-o, instruindo-o. Nesta casa não hão de encontrar nem pedras nem turibulos. Detestamos os ídolos e reprovamos os algozes. É virtude evitar os extremos que são odiosos e, como tal, têm efeito negativo".

A edição de estréia, com quatro páginas, apresentou um Suplemento de oito, em homenagem à data da Independência, mais de metade de anúncios. Além dos redatores, escreveram: E. de Maceió, Said Aoun, padre João Pires, Mário Di Belofonte, Maurício R. Moura e Zé do Norte, os dois últimos na página "Versejando".

Seguiu-se a publicação, normalmente, com oito páginas, circulando aos sábados. Noticiário variado, veio também a publicar serviço telegráfico procedente do Recife. Inseria as

seções: "Comentários", por Demócrito Japiassu; "Sabatinas", por P. G.; "Vida Social", às vezes precedida de crônicas mundanas; "Cartas de Lúcio Queiroz", por pouco tempo, assim como os "Perfis Belzebus" (uma quadra para cada perfilado), por Tangerino. A colaboração local de Said Aoun transformou-se em "Notas de Viagem" e "Das margens do Mediterrâneo". Outros colaboradores, de caráter esporádico: padre Urbano Carvalho; Getúlio César; E. Ferraz; Lauro Rosas; Borboleta Verde; E.F., com as "Notas"; V. Asque-Aro; Antonio Nobre Lisboa, com as "Cartas Simples", e outros.

Logo a partir do nº 2, o periódico instituiu um concurso para a escolha de Miss rio Branco, terminado na edição de 4 de janeiro de 1930, com a divulgação de clichês das três primeiras colocadas, à frente Delu Japiassu.

Ocorreu apenas uma alteração no corpo redacional; a 22 de fevereiro o diretor foi substituído por Antonio Japiassu, prefeito do município.

Sem adotar proselitismo político, o Jornal do Rio Branco fez cobertura, no mês de março, do resultado das eleições presidenciais. Publicou atos da Prefeitura e jamais deixou de ter boa parte de anúncios. Algumas edições foram impressas em tinta de cor. Chegando, porém, ao nº 32, de 26 de abril, terminou sua existência de jornal conceituado (Biblioteca DPHAN, Recife).

O AMIGO DO MATUTO - Entrou em circulação no mês de junho de 1930, obedecendo ao formato de 35 x 22, com quatro páginas de três colunas. Direção e propriedade de Antonio Napoleão Arcoverde. Confecção material da Tipografia Prima, de Sálvio Napoleão, instalada na rua Cardeal Arcoverde, 31. Assinatura anual - 1\$000. Preço do exemplar - 0\$100.

Não lhe interessava, consoante o editorial de abertura, a política, nem o momento religioso, nem "as regras de filologia e a literatura das igrejinhas", acentuando: "Vamos fazer um jornal de matutos e para matutos. Trataremos, no entanto, de assuntos de literatura ligeira, muito embora aqui estejamos para tratar mais dos assuntos da nossa economia regional. Da nossa agricultura. E da nossa pecuária".

Na edição subsequente, Nestor Diógenes saudava, em artigo, o novo jornal, por dedicar-se, "principalmente, a assuntos de natureza prática, desprezadas as agitações partidárias com as conseqüentes incontinências de atitudes".

Circulando mensalmente, seguiu sua meta, constituída a matéria de artigos redacionais, a seção "Espírito Alheio", transcrições, "Informações Úteis" e reclames comerciais. Incluiu, a partir do nº 7, os atos oficiais da Prefeitura. No nº 9, já em fevereiro de 1931, começava um "Concurso de... beleza, pelo método confuso", no qual só podiam votar "os barbados". Junto aos resultados da apuração mensal, apareciam "votos a descoberto", em quadras humorísticas.

O primeiro colaborador surgiu em setembro do ano em referência: foi Lívio Vieira da Cunha, seguido de D.V., Paulo de Oliveira, Emídio de Miranda, Regina Rizieri, nenhum deles constante e, em maio de 1932, Adolfo Lira Rego. Nesse mês o periódico solenizava, reunindo seis páginas, seu segundo aniversário, esperando haver "correspondido à expectativa" dos "complacentes e estimados leitores".

Ao começar o ano III, em junho, aumentou o formato d'Amigo do Matuto para 36 x 27, a quatro colunas de composição. Melhorou de aspecto, pois adquirira tipagem nova e novo clichê do título, distribuindo com mais apuro a matéria,

mais variada. E ao atingir o mês de novembro, passou a sair feito quinzenário.

Ocorreram inovações em 1933. As primeira edições, até o Carnaval, tinham seis páginas, nelas compreendido, em tinta de cor, o suplemento O Gamela, sob a direção de Saecin (anagrama de Nicéas Filho), todo de assuntos carnavalescos, obedecendo ao regime da sátira e da boa verve.

Transferiu-se, em fevereiro, a propriedade da folha à Tipografia Prima, a qual, por sua vez, passou a pertencer a Antonio Napoleão, o diretor e redator principal. Redatores admitidos: Adolfo Lira Rego e Nicéas Filho, este logo mais substituído por Getúlio César, que também não durou no cargo. Subiu o custo da anualidade para 4\$000, vendendo-se a 0\$200 o número avulso. Criou-se uma tabela de anúncios, desde 40\$000, por página inteira, aos pequenos anúncios, a 0\$800 por centímetro de coluna. A 25 de março tinha início a publicação, em rodapés da 3ª e 4ª páginas, das "Aventuras de Sherlock Holmes", de Conan Doyle. Filiara-se à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco.

No mencionado 1933, a redação abriu campanha contra a pretendida alienação do patrimônio local de N. Sª do Livramento, polemizando, a propósito, com O Centro, de Belo Jardim. Adolfo Lira Rego, que vinha focalizando, em artigos assinados, temas de Ensino e Instrução, divulgou a série "A Igreja e o Analfabetismo", motivo, igualmente, de polêmica com o padre Jefferson Diniz, redator daquele periódico. Divulgavam-se produções de Nicéas Filho, Getúlio César, também este usando o pseudônimo Trevo do Vale ou assinando-se G. de Albuquerque, etc., e algum noticiário, sem faltarem os atos oficiais da Municipalidade.

Evoluiu mais o jornal da então cidade do Rio Branco, tornando-se semanário desde o nº 69, ano V, de 21 de julho de 1934. Mas subiu o preço da anualidade para 8\$000. Vinha publicando um "Curso de Esperanto". Por motivo de ausência do redator Adolfo Lira, substituiu-o, em setembro, Élfego Jorge de Sousa, que viria a usar o travesti Peitica. Já no fim do ano, começou Belzebuth (pseudônimo de Antonio Napoleão) a divulgar "Cartas ao Diabo". Novos colaboradores, sempre bissextos: J. Napoleão Arcoverde, Valdemar Cordeiro, Dr. Fernandes Viana, Azucrim (como se escondia Elpidio Bezerra), com os "Bilhetes Postais"; Dr. Orlando Parahym, Manuel Ribeiro, João Vêtodo, autor da "Crônica Leve"; A. Ferraz Filho, Eurípedes de Oliveira, etc.

Atingido o nº 115, de 8 de junho de 1935, O Amigo do Matuto admitiu novo redator: Álvaro Soares e, durante alguns meses, embrenhou-se, com ardor, na campanha eleitoral do Partido Social Democrático, para a escolha, no pleito de outubro, de novos prefeito e vereadores, uma vez que tinha voltado ao país o regime constitucional. Divulgou, em série, a "História de Salgueiro", e abriu espaço à correspondência noticiosa da Vila de Mimoso.

Voltou, no fim do ano, mas sem alterar-se o regime de quatro páginas, ocupando algumas colunas O Gamela (uma miniatura de jornal inserido no jornal), o qual, após o Carnaval, foi substituído, a 29 de fevereiro de 1936, por O Côxo, que não tinha outro objetivo "senão fazer humorismo inofensivo", um "jornal de graças...", que viveu até a edição de 6 de junho.

Mais algumas semanas e ficou suspensa a circulação do semanário após o nº 172, ano VII, datado de 11 de julho⁽¹⁾.

Ressurgiu O Amigo do Matuto, decorrido mais de um ano, a 18 de dezembro de 1937, nº 174⁽²⁾ ano VIII, 2ª fase, "registrado de acordo com a Lei sob o nº 1", continuando a mesma diretriz. Num quadro da primeira página, lia-se: "Extinguindo hoje O Tacape, faz a direção do mesmo a volta do seu antigo título O Amigo do Matuto, não sofrendo, com a transformação, os nossos prezados assinantes, nem o público, qualquer prejuízo. A vida do jornal continua normalmente, prestando o mesmo serviço de sempre - informar-se e bater-se pelo soerguimento da região a que serve".

Elevou-se para 10\$000 o custo da assinatura anual e foi adotada a semestral, a 5\$000 (depois, 6\$000), mediante pagamento adiantado. No primeiro caso, o subscritor ganhava "uma carteirinha com 25 cartões de visita". Também sofreu alteração inflacionária a tabela de anúncios. A tipografia mudara-se para o nº 46 da mesma rua e, meses após, para o nº 27.

Com menos de dois meses a nova fase, no fim de janeiro de 1938, ficou novamente suspenso, para retornar, já no seu nº 180, a 19 de março, tendo "as mesmas disposições de trabalho construtor, de afirmação de nacionalismo sadio e destemido contra o internacionalismo parasitário ou a negação infamante do credo exótico e desumanizante de Stalin e seus mestres: Engels, Marx, Sorel, Lenine". Adiantou o editorial: "As crises passageiras que por duas vezes impediram a sua

(1) Transformou-se em O Tacape (ver pág. ???), destinado a fazer a propaganda do Integralismo.

(2) Ou existiu o nº 173, e não consta da coleção manuscada, ou houve engano na colocação do número com que começou a 2ª fase.

circulação por brevíssimo espaço de tempo, em vez de trazerem-nos o desânimo, retemperaram-nos para a luta".

Comemorando o oitavo aniversário d'O Amigo do Matuto, a 21 de maio, ligeira nota aludiu à sua "vida atribulada, cheia de dificuldades", ao "sacrifício de quem o dirige e custeia, sem curvaturas e sem incentivos", frisando: "O único incentivo que tem é o do dever cumprido. Incompreendido de todos e por todos, ele teima em servir à região onde circula e teimará até vencer. Até ser compreendido".

Prosseguiu, em bom ritmo, servido de comentários de interesse local ou regional, nacional ou internacional; criando seções como "Pequenas lições às crianças", "Humorismo dos outros", "Vida Forense" e "Sociedade"; inserindo prosa e verso de Adeth Leite e Luiz Gonzaga (Cristovão) dos Santos, comunicados da Agência Nacional e copy rights da U.B.I. Instituiu, a 16 de julho, o "Concurso de pêtas", para escolher a "melhor pêta pregada no Bilhar do Sebastião".

A direção prometeu, no último trimestre de 1938, "valioso prêmio" a quem renovasse a assinatura e aos novos assinantes, a saber: "um aparador para lápis e charutos, aproveitando lâminas Gillete usadas ou novas", e uma "boa caneta automática, de fabricação alemã", a quem conseguisse seis assinaturas". No ano seguinte, o prêmio passou a ser constituído, só no primeiro item, de livros.

Ocorreu, em 1939, certa interrupção na saída da folha, cujo período não foi possível determinar devido à lacuna existente nas coleções pesquisadas, pois, do nº 226, ano IX, de 11 de fevereiro, passa-se para o nº 230, ano X, de 17 de junho. Nessa data iniciou Antonio Napoleão uma série de artigos sob o título "Crer! Por que?", nos quais focalizou, longa e francamente, a razão de sua crença e suas observações a respeito

do dogmatismo religioso. O último do ano - nº 258 - saiu a 30 de dezembro, abrindo a edição expressivo editorial sobre o Ano Novo.

Iniciou 1940 o nº 259, de 5 de janeiro, mantendo o bem redigido órgão o irrecusável padrão de desassombro de atitudes do seu diretor. Raros colaboradores apareciam, a salientar as poesias de A.F. Filho, de Typheu (pseudônimo de Tancredo de Sousa) e João Rogério e um ou outro artigo de Fernandes Viana, de Jates ou de Belmiro Mota.

Estendeu-se a publicação, saindo regularmente, cada semana, até o nº 301, de 1º de novembro do referido ano de 1940. Antonio Napoleão lançou artigo de despedida, segundo o qual ele fazia o jornal quase sozinho. Eram de sua responsabilidade "desde a escolha de assuntos de outros jornais e revistas até os artigos doutrinários e as notícias mais interessantes, exceto as de futebol", frisando, depois de outras considerações: "...para não ferir suscetibilidades, resolve mais uma vez suspender a publicação da folha, até que o compreendam". Não dava prejuízo a ninguém com tal atitude.

Além disso, o diretor-redator-proprietário assinou uma "Carta íntima", na quarta página, declarando a certa altura: "...eu sempre fiz jornal idealista. Jamais visei lucros, sendo-me mesmo o jornal uma fonte de despesa mensal obrigatória. Mas tudo isso era nada se não surgissem aborrecimentos constantes, e é para evitá-los que eu suspendi de vez a circulação do jornal" (Biblioteca Pública do Estado).

A suspensão d'O Amigo do Matuto foi revogada quatro anos e meio depois. Voltou a liça com o nº 302, no dia 23 de junho de 1945, 4ª fase (devia ser 3ª), ano XV. Responsável, ainda, Antonio Napoleão Arcoverde. Quatro páginas, sem alteração do formato, constando do expediente: "Publica-se

sempre que se julgar oportuno". Não adotava, por isso mesmo, regime de assinaturas, cobrando o exemplar a 500 réis. Redação e oficina no Edifício Prima.

Lia-se no editorial de abertura dessa nova fase: "Mais uma vez, meu caro Zé povo, o seu Amigo está na rua. Da última vez que ele suspendeu a circulação o fez por motivos imperiosos que, cremos, todos conhecem. Não valia a pena brigar com a justiça. Como sempre, o seu velho Amigo está à sua disposição. É a válvula de escape que você tem para fazer escapar o excesso de vapor. Você e nós também".

Não ataria "os pés do Amigo às peias políticas". Orientava-se "em sentido elevado e educativo". Não seria nenhuma "lavandaria de roupas". Não daria espaço ao "combate sistemático dos entrecuchos políticos". Seria um jornal de síntese, devido às dimensões. Esperava que Zé Povo, os intelectuais, as autoridades o compreendessem.

Noutro tópico, dizia pôr-se à disposição do professorado e dos estudantes.

Seguiu-se a publicação, divulgando comentários do Professor X, que era o próprio Napoleão Arcoverde; as seções "Sociedade"; "O Amigo responde"; "Livros novos"; "Bilhetes Postais", por Azucrim-Mirim; "Lôando", epigramas, de Tarury; "Fatos e Coisas"; "Caras e Caretas", em versos, a cargo de Casanova; colaboração de La Fronteme, Cleto Padilha e de Afrânio Góis, que iniciou os "Traços vivos de nossa terra", mas ficou no primeiro artigo.

Apoiou o Partido de Representação Popular nas eleições de 2 de dezembro, para deputados, delas resultando Napoleão vitorioso, tendo ele agradecido, numa nota ligeira, "a honra de

ver sufragado o seu nome sem cabala, sem pedido de votos, sem troca de chapas", pois "os votos que recebeu foram voluntários".

Terminou a temporada com o nº 318, datado de 8 de dezembro de 1945.

Decorreram mais de cinco anos e reapareceu O Amigo do Matuto na 5ª fase, ano XXI, nº 1, a 2 de junho de 1951, mais esbelto nas suas quatro colunas, sem aumentar a quantidade de páginas, impresso em papel verde-claro. Proprietário e diretor - Antonio Napoleão Arcoverde, o inveterado homem de jornal, que não conseguia deixar o contato da letra de forma.

Constou da introdução: "Eis-me novamente na liça. Não sei se por pouco ou se por muito tempo. Estou aqui para servir, como sempre foi do meu hábito, à terra do Cardeal. Com a mesma coragem, com o mesmo desassombro de sempre. Sem olhar interesses imediatos ou futuros para mim ou para o meu diretor. Para levar a palavra do Partido Trabalhista Brasileiro aos homens simples e livres de Arcoverde. Para mostrar ao povo onde anda a verdade, que se escondeu temporariamente".

"Quem é Napoleão Arcoverde ?" foi título de uma apreciação dos serviços prestados por ele a Arcoverde, ao ensejo de sua candidatura ao cargo de prefeito do município pelo partido a que acima mencionou. Noutra nota, o jornal indicava os candidatos a sub-prefeito (Luiz Cristovão dos Santos) e a vereadores.

Completo-se a matéria da edição com artigo de Diógenes Coelho, as seções "Nos bastidores da política", por Farrapos, e "Dente de Coelho", assinada por Zum-Zum, e anúncio da Livraria Primo.

Nesse diapasão, publicou-se O Amigo do Matuto semanalmente, só existindo comprovantes até o nº 4, do dia 23 de junho, sem deixarem conhecido o resultado da campanha política encetada (Col. Dr. Luiz Coelho e Napoleão Arcoverde).

SERTÃO-JORNAL - Órgão inteiramente desinteressado de partidarismo político e dedicado aos interesses regionais da região sertaneja - Apareceu no dia 25 de setembro de 1932, em formato de 47 x 30, com quatro páginas de cinco colunas, trabalho gráfico da oficina do Jornal do Recife. Diretor e proprietário - Paulo de Oliveira; redator-chefe- Diocleciano Pereira Lima; secretário - Napoleão Evaristo da Cunha, funcionando a redação na rua Leonardo Couto, 105. Assinatura anual - 8\$000. Publicar-se-ia no segundo e no último domingo de cada mês.

Constava do artigo "A nossa missão", firmado pelo diretor: "Estimulados pela orientação que traçamos com o programa de nossas atividades, com absoluto escopo de honestidade informativa e de ética jornalística, auscultando os problemas que interessam à grandeza social e material da zona sertaneja, enfrentaremos com indiferentismo as investidas dos que ignoram o valor da imprensa que norteia um programa de utilidade coletiva no meio em que atua".

A edição inicial divulgou artigos do redator-chefe e do professor Adolfo Lira Rego; soneto de Esdras Farias; bom noticiário e reclames comerciais.

Em seguimento, o nº 2 dedicou sua primeira página à cobertura da solenidade que assinalou a entrega do jornal ao público. Outra grande cobertura, ilustrada de fotogravuras, mereceu, no nº 5, a realização, em Garanhuns, do I Congresso de Jornalistas do Interior de Pernambuco. De modo geral, todos os fatos e acontecimentos importantes da região interiorana

tinham, no bem qualificado órgão, um porta-voz da melhor expressão.

Terminou o ano o nº 7, continuando a numeração em 1933. Mas a periodicidade não pode ser mantida, vindo a folha a sair ora uma, ora duas vezes por mês. No nº 17, de 12 de julho, o redator-secretário era substituído por Demócrito Japiassu.

Edição recorde, de 32 páginas, proporcionou-a o Sertão-Jornal a 25 de setembro, comemorando a data aniversária de sua fundação, em cujo editorial Paulo de Oliveira, após historiar a existência do periódico, a sua receptividade, o trabalho intenso para mantê-lo e as vicissitudes do ofício jornalístico, frisou: "Clamem ou conclamem os sátrapas deste idealismo, a nossa peregrinação na estrada tortuosa do jornalismo será continuada com perseverança, com fé e abnegação".

Dividida em quatro cadernos, a excelente edição, a despeito da significativa quantidade de publicidade paga, estampou abundante matéria redacional e artigos especiais de Oscar Brandão da Rocha, Alcides de Siqueira, Manuel Martins, Antonio Apolinário Tenório de Cerqueira, Públio Dias, Álvaro Soares, João Barreto de Meneses, monsenhor Urbano de Carvalho, Aloísio Bandeira, Dr. Fernandes Viana e outros; poesias de L.C. Cardoso Aires, Tancredo de Souza, Valdemar Cordeiro, Oscar Borges e Catulo Moxotoense (pseudônimo de Ulisses Lins de Albuquerque); uma página foi dedicada à memória do poeta Emídio de Miranda; outra ocupou-se de assuntos "Do Direito e da Justiça".

O nº 23 encerrou o ano, prosseguindo a numeração em 1934, a 18 de janeiro. Dedicou-se a edição de 29 de junho à emancipação judiciária de Rio Branco. Marcou o segundo aniversário o nº 33, de 23 de setembro, sem alteração, a não ser o editorial comemorativo. Anunciava, todavia, em manchete,

achar-se em preparo a "grande edição anual". Mas o nº 34, só aparecido a 16 de novembro de 1934 e que foi o último dado à luz, obedeceu ao ritmo normal de quatro páginas.

Sertão-Jornal contou, entre seus colaboradores rotineiros, Peixoto Sobrinho, Adolfo Lira Rego, Dorgival Galindo, Ulisses Lins de Albuquerque, Cordeiro Lima, Manuel Ribeiro, Getúlio César, Dr. Fernandes Viana e Manuel Cândido, admitindo, ainda, originais das agências F.B.I e U.J.B.

Paulo de Oliveira e Diocleciano Pereira Lima mantiveram à altura o programa de imparcialidade enunciado (Biblioteca Pública Estadual).

REAÇÃO - Semanário Político e Noticioso - Surgiu a 6 de outubro de 1934, formato de 38 x 28, com quatro páginas a quatro colunas de composição, instaladas a redação e oficina na praça João Pessoa, 22. Diretor - Augusto Fernandes Viana; redatores - Diocleciano Pereira Lima e Paulo de Oliveira.

Junto a uma fotogravura do capitão João Alberto, viu-se estampada na primeira página da edição de estréia, a manchete: "A Ação Libertadora em caravana pelos sertões pernambucanos". O editorial de apresentação focalizou os objetivos da publicação, que visava a apoiar a ala oposicionista de Rio Branco nas eleições em perspectiva.

A par da parte política, o quinzenário divulgava comentários e noticiário gerais e alguma colaboração, não faltando boa parte de reclames comerciais.

De vida efêmera, uma vez efetivado o pleito eleitoral, encerrou-se a existência da Reação com o nº 6, de janeiro de 1935 (Arquivo Luiz Coelho, apud "Minha Cidade, Minha Saudade", Livro de Luiz Wilson, Recife, 1972).

O TACAPE - Publicação semanal, estreou, substituindo o O Amigo do Matuto, que ficara suspenso, a 8 de agosto de 1936, em formato de 40 x 28, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor-proprietário - Antonio Napoleão Arcoverde, em cuja Empresa Tipográfica Prima se imprimiu, à rua Cardeal Arcoverde, 46. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 5\$000, pagas adiantadamente, no primeiro caso dando "direito a uma carteirinha com 25 cartões de visita". Tabela de anúncios: página - 50\$000; 1/2 página - 30\$000; 1/4 - 20\$000. Agentes nas cidades mais próximas.

Seu programa de ação foi expresso num quadro de pequenas dimensões, colocado à esquerda do título, em que se lia: "Este jornal é do povo. Suas colunas estão abertas para veicular conceitos e opiniões, através de artigos assinados, com responsabilidade individual de seus autores".

Circulou com regularidade, cada sábado, contendo matéria variada, a começar pelas seções "Manejando o tacape - Coluna sertaneja", por Manuel Ribeiro, mandada de Flores; "Coluna do Centro", de comentários redacionais; "Crônica alegre", de Zénoso, e "Pêtas rimadas", de Zé Vaqueiro; artigos de Renato Campelo e Élfego Jorge de Sousa; poesias de Valdemar Cordeiro e produções de autores escolhidos, do sul do país, enviadas pela União de Jornalistas Brasileiros.

A redação abordava, em editoriais de boa marca, os temas mais palpitantes do momento, defendendo as reivindicações do município e participando de campanhas sociais.

Terminado o ano, continuou a jornada em janeiro de 1937, sem deter a numeração. A partir do nº 36, atingindo o mês de abril, ingressou o periódico na propaganda do credo integralista, do qual Antonio Napoleão se tornara líder na área sertaneja.

Novos colaboradores substituíram os primitivos, contando-se, entre eles, Alfredo Pessoa de Lima, Jorge Abrantes (eventuais), padre Faustino, Cleodon Fonseca e Professor X (Antonio Napoleão Arcoverde), autor da crônica semanal "Prá você, Zé povo". Até o fim, a propaganda do chamado partido Camisa Verde e o ataque ao Comunismo constituíram a meta principal d'O Tacape, cujo último número publicado foi o 70º, a 11 de dezembro do referido ano, após haver deixado de existir, oficialmente, o Partido Integralista Brasileiro (Biblioteca Pública do Estado).

O COMBATE - Orgão Hebdomadário, Noticioso e Independente - Entrou em ação no dia 30 de maio de 1937, obedecendo ao formato de 37 x 26, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor-responsável - Wilson Porto, funcionando a redação na rua Cleto Campelo, 35. Confecção da Tipografia Neves, à av. Gonçalves Maia, 198. Assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000. Número avulso - 0\$200.

Sem "feição partidária incompatível com os interesses coletivos", nasceu - consoante o editorial "O nosso aparecimento"- "de um imperativo de ordem normal, ante a necessidade de um órgão noticioso independente que estivesse de acordo com os anseios do povo riobranquense, dando guarida a gregos e troianos, orientando, instruindo e estimulando o progresso, batalhando em prol da liberdade, do direito e da justiça, propugnando pelo engrandecimento desta terra, que se acentua dia-a-dia".

Seu programa fundamental: "Ordem e progresso dentro do regime liberal democrata".

Na edição imediata, comentando a receptividade que teve o lançamento do jornal, frisou a redação: "O Combate, se bem que não tenha preferência religiosa, combaterá, no terreno

elevado das idéias, a onda materialista contrária à espiritualidade", defendendo "as religiões que têm por base a moral cristã".

Fez-se arauto da candidatura José Américo de Almeida à Presidência da República, dedicando-lhe sucessivos e substanciosos editoriais. Combateu o Comunismo e, do mesmo modo, o Integralismo, inclusive através da seção "De tudo um pouco", de comentários em defesa da liberal-democracia, firmada por El Kadur (pseudônimo de Demócrito Japiassu, que era também o Justo Pontes das "Cartas Indiscretas").

A par de algum noticiário, apareciam trabalhos de colaboração, raros, de Alceu Colaço, procedentes de Flores, e Diógenes de Siqueira. Mais de uma página de anúncios.

Circulou O Combate, regularmente, até o nº 24, de 7 de novembro, fiel ao programa traçado (Biblioteca Pública do Estado).

O DEMOCRATA - Quinzenário Político, Noticioso e Independente - "Órgão de propaganda da candidatura Armando de Sales à Presidência da República", publicou-se o nº 3 no dia 18 de julho de 1937. Obedeceu ao formato de 27 x 17, a quatro colunas de composição, com quatro páginas, sendo impresso na Tipografia Prima, de Antonio Napoleão Arcoverde. Direção do médico Augusto Fernandes Viana. Assinava-se 10\$000 por ano, custando 500 réis o exemplar.

Outra edição compulsada foi o nº 5, de 22 de agosto. Não obstante a diretriz político-partidária, O Democrata dedicava razoável espaço ao noticiário da cidade, com boa parte de anúncios.

O último número "deve ter circulado em novembro ou dezembro de 1937 (Arquivo Luiz Coelho, apud "Minha Cidade, Minha Saudade", de Luiz Wilson, Recife, 1972).

O LIBERAL - Jornal Noticioso, Literário e Independente - Não avistados outros comprovantes, o nº 10, ano I, foi dado à publicidade no dia 9 de outubro de 1937, formato 23 x 16, com quatro páginas a duas colunas de 16 cêrcos. Direção de Diógenes Siqueira. Número avulso - 100 réis; atrasado - 200 réis.

Consistiu a matéria do pequeno, mas venenoso órgão, em artigos de defesa da liberal-democracia; outros de ataque às idéias integralistas do Professor X, como se assinava o jornalista Napoleão Arcoverde nos artigos d'O Tacape, e a crônica "Perfilando". Pseudônimos usados": Ex-Vítima, Nilo e Dan Ziz (Gentileza do Dr. Luiz Wilson).

ARCOVERDE-JORNAL - Órgão Independente e Noticioso - Começou a circular no dia 3 de agosto de 1947, formato de 38 x 27, com quatro páginas de cinco colunas a dez cêrcos. Diretor - Rafael Barbosa de Sousa; diretor-secretário - Afrânio de Góis Andrade; diretor-gerente - James Pacheco. Redação à rua Cleto Campelo e trabalho da Tipografia Prima. Assinatura anual - Cr\$ 20,00; preço do exemplar - Cr\$ 1,00. Publicações pagas a Cr\$ 2,00 por centímetro de coluna.

Precedido de expressiva manchete de saudação, o conciso editorial de apresentação salientou, entre outros tópicos: "Este quinzenário, que desconhecerá matizes políticos, surgiu para combater, na linha de frente, em defesa dos magnos interesses desta estremecida Arcoverde, berço eterno do primeiro cardeal sulamericano".

"Servir e trabalhar", em prol do soerguimento da "rainha sertaneja", era seu lema.

Provida de noticiário e anúncios, a edição divulgou produções de variado estilo, da lavra de Carlos Rios, T. de Espíndola, João Lima, Marilu, Agnes Maria, Wilson Porto, Diógenes de Siqueira, Maurício R. Moura e Ignotus, autor de Mote/Glosa, enquanto Afrânio de Góis iniciava as "Coisas da Cidade"⁽¹⁾.

Seguiu-se a publicação, logo no nº 2 substituído o subtítulo pela linha a seguir: "Quinzenário Independente - Lítero-Noticioso", contando com a colaboração, além dos primeiros, de Antonio Napoleão Arcoverde, Norton Melo, Gil Berto, Castelo Pardo (pseudônimo de Valdemar Arcoverde), ora em prosa, ora em verso, etc., comentários redacionais, noticiário, "Coluna Rotária" e alguns anúncios.

No nº 26 - 18 de julho de 1948 - via-se fora do corpo redacional, mas continuando a colaborar, Afrânio de Andrade. Outros colaboradores: padre Olímpio Torres e o repórter A. Zêdo. O nº 38, ano II, circulou no dia 1 de janeiro de 1949. E o nº 39? Parou aí.

Depois "de uma regular ausência", o Arcoverde-Jornal voltou ao "batente" com o nº 40, ano III, 2ª fase, datado de 6 de julho de 1952, impresso na Tipografia Moderna, mesmo local da redação, à rua Leonardo Pacheco Duque, 24. Diretor-proprietário - Rafael Barbosa; redatores - Francisco Lins, Murilo de Oliveira Lira e Moacir Magalhães; gerente - Francisco Moraes; publicidade - Luiz Massena.

(1) A entrega da edição de estréia do Arcoverde-Jornal teve cunho festivo havendo sessão solene no Departamento de Cultura do Clube Democrático, com discursos, coquetel e danças.

Prosseguindo a publicação, com certa regularidade, inseria uma "Seção Literária", a cargo de Teófanés C. Ribeiro; "Exercícios de Linguagem", pelo professor Napoleão Cunha; "Informador da Cidade"; "Coluna Católica"; colaboração de Airon Rios e outros, sendo raros os reclames comerciais.

Dessa fase foi último número avistado o 58, ano IV, de 19 de abril de 1953 (Biblioteca Pública do Estado e Col. Dr. Luiz Wilson, somente exemplares esparsos)(²).

O FOGUETE - Órgão dos interesses públicos e velados da Sociedade Secreta Amigos da Onça - Número único, circulou no dia 23 de junho de 1949, formato de 32 x 24, com quatro páginas a quatro colunas de composição, impresso na Tipografia Prima, à Av. João Pessoa, 409. Direção de Luiz Cristovão dos Santos e secretaria a cargo de Rivaldo Carneiro; tesouraria: Otávio Seridó e José Neves.

Abriu a edição o editorial "A Fogueira e a Cinza", assinado pelo diretor, que focalizou a tradição dos festejos sanjoanescos, ainda latente na terra arcoverdense. Seguiram-se as trovas "Elas" e "Eles", assinadas por Xavier, Cancão, Zé Braúna, Zé Matuto, Dunga e Chica Fulô; outros versos humorísticos; notas críticas, por Zeca Pão; noticiário Social; troças e uma parte de anúncios (Arq. de L.C. dos Santos).

JORNAL DE ARCOVERDE - Semanário Noticioso e Independente - Iniciou-se a publicação em meados de 1950, formato de 31 x 23, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Trabalho material da Tipografia Moderna, propriedade de Wanderlei & Sousa, situada à rua Augusto Cavalcanti, Cidade Alta. Diretor - Rafael Barbosa; redator-secretário -

(²) Voltou em 1957 e ainda está circulando.

Murilo de Oliveira. Tabela de assinaturas: ano - Cr\$ 40,00; semestre - Cr\$ 25,00. Número avulso Cr\$ 1,00.

De matéria variada, o periódico divulgava colaboração de Silvino Lopes, Castelo Pardo (pseudônimo de Valdemar Arcoverde), Tertulianus, etc.; as seções "Política", "Fatos da Semana", "Esportes", noticiário geral e pequenos anúncios.

Só encontrados comprovantes dos nºs 7, 8, 14, 16 e 17, este último datado de 1 de outubro do mesmo ano (Biblioteca Pública do Estado e Col. Dr. Luiz Coelho).

SENTINELA - Órgão Matuto, a serviço dos interesses sertanejos, de publicação quinzenal - Saiu a lume no dia 13 de agosto de 1950, com quatro páginas, formato de quatro colunas. Propriedade de Áureo Howard Bradley; diretor-responsável - James Pacheco - Luiz Cristovão dos Santos, Valdemar Arcoverde e Antonio Moreno.

Dizia, no editorial de abertura, ser "um jornal modesto, simples e despretensioso", mas com a necessária vocação para "combater o bom combate", lutando "pelas boas causas, pelos direitos da terra comum". Acentuou: "O aplauso será para quem o mereça. A crítica, serena e construtiva, para o que for daninho". Ainda mais: "Denunciaremos, com a coragem precisa, os cavaleiros-andantes da mistificação, os demagogos baratos, os caixeiros-viajantes de idéias que envenenam e matam".

Inseriu noticiário social e uma página desportiva, além da colaboração de M.U.C. (monsieur Urbano de Carvalho), João Lima, João Pinheiro Lira e Castelo Pardo (Arquivo de Dinamérico Crespo).

Impresso na Tipografia Prima, com redação na Av. João Pessoa, Sentinela assinava-se (ou pretendia fazer vigorar esta

tabela) a Cr\$ 20,00 por ano e a Cr\$ 12,00 por semestre, vendendo o número avulso a Cr\$ 0,50. Com tais acréscimos ao expediente, circulou a 27 de agosto o nº 2, tendo, ao que se sabe, encerrado aí sua existência. A par da matéria comum, acolheu produções em prosa assinadas por Joel de Holanda Cavalcanti, Aderbal Mendonça e Petrônio (Arq. do Dr. Luiz Coelho).

O MURAL - Independente e Noticioso - Semanário datilografado, existiu entre os anos de 1950 e 1951. Era colocado nos sábados, à noite, numa das paredes do Cine-Bandeirante, tendo como diretores Rossine Moura e Givaldo Rodrigues. Colaboração de Macena, Valdemar Arcoverde, Antonio Pacheco e outros (Inf. de Luiz Wilson, in "Minha Cidade, Minha Saudade").

A VOZ DO POVO - Órgão quinzenal, apareceu a 18 de março de 1951, em formato de 38 x 27, com seis páginas, a quatro colunas de composição, tendo como diretores James Pacheco e Cleto Padilha. Impresso na oficina gráfica Prima, tinha redação à Av. João Pessoa, 356. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Apresentou-se aos leitores com o editorial intitulado "Luz! Mais!", em que, a propósito da realização do "Sonho de muitos, de quase todos", dizia: "Não vamos apelidá-la de apolítica, de irreligiosa. Não. A folha foi pensada e será executada para servir, como seu título o indica, de voz do povo. Para registrar os acontecimentos e para comentá-los à luz do pensamento dos seus diretores, editorialmente, ou à luz do pensamento dos seus colaboradores, quando estes assinem os seus artigos, comentários, crônicas ou simples notícias".

Jornal bem feito, seguiu seu destino, inserindo matéria variada, inclusive as seções "Coisas da Cidade", "Veneno lento",

"Vida forense", "Salpicos", por James Pacheco, "Sociedade" e "Desportivas". Cerca de duas páginas eram de anúncios. Teve a colaboração de Airon Rios, com os "Instantâneos"; Luiz Cristovão dos Santos, Antonio Napoleão Arcoverde, Maria Lucinéa, Teófanés Chaves Ribeiro, Dinamérico. A. Crespo, Diógenes de Siqueira, Maurício R. Moura, Sousa Leão Neto, autor da seção "A Voz do Povo na vida literária", e outros.

Como viesse divulgando propaganda eleitoral de candatos aos cargos de prefeito e vereador, estampou, em sua edição de 9 de junho, a "Nota" a seguir: "Queremos esclarecer, mais uma vez, aos nossos leitores que este quinzenário não tem outra orientação que não seja a de bem servir à coletividade. Toda matéria que verse sobre assunto de ordem política é paga e de inteira responsabilidade dos seus autores".

Encerrou o ano o nº 22, de 24 de dezembro (12 páginas), continuando a numeração em 1952. E prosseguiu, ora com seis, ora com oito páginas, até atingir o nº 42, ano II, que foi o último, datado de 11 de outubro (Biblioteca Pública do Estado).

ARCOVERDE EM MARCHA - O nº 1, ano I, provavelmente único, foi dado à estampa no dia 8 de março de 1953, com seis páginas, declarando-se "Suplemento escrito do programa radiofônico de informações da Prefeitura Municipal". A matéria, constou, simplesmente, de uma Mensagem do prefeito Otacílio Morais, dando conta das realizações de sua gestão à frente do município, acrescida de balanço da Tesouraria, tudo ilustrado com fotogravuras do mesmo prefeito, do sub-prefeito e, em grupo, da Guarda Noturna da cidade (Arq. do Dr. Luiz Coelho).

BANDEIRANTE-NOTÍCIAS - O nº 5, ano II (inexistentes outros comprovantes), circulou no dia 1 de maio de 1953, formato de 32 x 24, a quatro colunas de composição, com

quatro páginas. Órgão de propriedade da Organização Bandeirante Ltda, imprimiu-se na Tipografia Moderna.

A par dos anúncios de propaganda da empresa e dos filmes que fazia exhibir, acolhia alguma literatura, incluindo poesia de Dinamérico Apolinário Crespo e o "Comentário Cinematográfico", de Castelo Pardo, ou seja, Valdemar Arcoverde. Toda uma página, sob o título "Microgramas", era dedicada ao noticiário social (Biblioteca Pública do Estado).

O GURI - Órgão de Interesse Infantil (Grupo Escolar Cardeal Arcoverde) - Encontrados comprovantes do nº 2, ano II, de junho de 1953, e do nº 4, ano III, de junho de 1954. Folha manuscrita, copiada em hectógrafo, com quatro páginas de papel pautado, sua matéria constava de literatura da turma de alunos, noticiário específico e desenhos escolares (Departamento Cultural da SEEC).

BABEL - Semanário Noticioso, Informativo e Faccioso⁽¹⁾ - Apareceu no dia 25 de julho de 1953, edição da Tipografia Prima, situada a redação no Largo 13 de Maio, 101. Proprietário, responsável e redator principal - Antonio Napoleão Arcoverde; diretor - M.A. de Sousa Leão. Assinatura anual - Cr\$ 25,00; número avulso - Cr\$ 0,50, distribuindo-se gratuitamente aos agricultores da região que o procurassem diretamente. Publicaria anúncios à razão de Cr\$ 2,00 por centímetro de coluna. Página inteira - Cr\$ 50,00. Constava ainda do Expediente: "Aceitamos quaisquer colaborações, contanto que não se destinem a incensar os poderosos nem a atacá-los

(1) Por que "faccioso"? Babel foi um jornal de idéias, imparcial, que jamais "perturbou a ordem"... "Faccioso" é igual, segundo Jaime de Seguíer, a "sectário apaixonado de uma facção", ou, por extensão, "dominado pela paixão partidária". A concluir que a competente redação do periódico atribuiu ao termo definição inversa, para deixar bem claro o seu antipartidarismo.

pessoalmente. Não aceitamos subvenções. Qualquer matéria de natureza pessoal ou solicitada será paga".

Jornal de agradável feição gráfica, formato de 36 x 26, a cinco colunas de composição, trazia, abaixo do título, a frase de Machado de Assis: "A confusão era geral...", e à direita um pensamento de homem célebre, substituído em cada edição.

Segundo o artigo de apresentação, o jornalismo matuto vive, quase sempre, em função de um grupo político-partidário. Quanto a Babel, registrava-se um fato novo, pois surgira do idealismo de um punhado de pessoas das mais diversas orientações políticas, sem o propósito de levar quaisquer dos seus redatores a postos no Poder Executivo ou Legislativo, Estadual ou Municipal, acrescentando o articulista:

"O título não poderia expressar tão bem como o faz a diversidade das doutrinas políticas, filosóficas, religiosas e estéticas dos seus redatores. Diversidades enormes e que não queremos ver consolidadas, mas que estão unidas por um vínculo forte e poderoso, qual seja o desejo firme e inabalável de, por todos os meios, trabalhar por um Brasil melhor.

Partindo este trabalho da célula básica da nossa organização administrativa, Babel se propõe a encetar uma campanha de esclarecimento das populações rurais, em todos os setores da vida nacional, quer sob o ponto de vista econômico como cultural. Temos certeza de que o nosso esforço não será em vão, de que encontraremos eco e que outros virão reunir-se a nós, informando, orientando e esclarecendo. Babel será uma trincheira intransigente na defesa dos postulados do Direito e da Ciência".

Em suas quatro páginas, o hebdomadário, que circulou com regularidade, inseria bem elaborados artigos redacionais,

focalizando os problemas da época, e seções como "Matraca", por James Pacheco; "Vida Judiciária"; "Esquina Literária", de Sousa Leão Neto; "Sociedade", "Religiosas", "Desportivas" e demais noticiários. Colaboração de Régis Velho, José Cabral de Sousa, Vilberto Pires, Jubileu Rodrigues Brandão, Hilton Freire, João do Poço e outros.

Com a edição de 7 de novembro - nº 16 - o periódico aumentou de formato, passando a ter seis colunas a página, um pouco estreitas. Houve, também, alteração no cabeçalho, com novo clichê do título, então colocado no centro, ladeado por quadrinhos com a data e o corpo redacional. Logo mais, a empresa viu-se forçada a elevar para Cr\$ 40,00 e Cr\$ 25,00, respectivamente, o preço das assinaturas anual e semestral, subindo o número avulso para Cr\$ 1,00 a começar o ano seguinte, medida tomada em consequência da "alta sensível de papel, tinta, tipos e tudo mais que se relaciona com a vida da imprensa". Outro motivo importante: era muito escassa a matéria paga. Teve, ainda, a colaboração de Antonio Francisco Moreno, Airon Rios, Dinamérico Crespo e Cleto Padilha.

Foi último número do ano 23º, que saiu a 26 de dezembro, prosseguindo a numeração no dia 9 de janeiro de 1954. Dai por diante publicava-se com irregularidade, às vezes quinzenalmente, sem mais alterações no tocante à matéria inserta.

Na edição comemorativa do primeiro aniversário, publicada a 31 de julho, Babel inseriu o editorial "Olhando para trás", em que declarou, entre outros tópicos: "...estamos de coração ligeiro e mente tranqüila, porque até o momento não transigimos na solução dos problemas da comunidade, ficando sempre presos ao nosso lema de que esta folha será preconcebidamente facciosa ante os sagrados interesses do povo, ficando contra todos os poderosos e todos aqueles que desejam tirar partido de situações em benefício próprio".

Estendeu-se a existência do bem feito jornal até o nº 68, de 18 de dezembro de 1954. Dois artigos justificaram a suspensão de Babel: o primeiro, "Batalhas perdidas", sem assinatura; e o segundo "Morre mais uma voz", assinado por Antonio Napoleão. Aludindo à incompreensão do povo e à falta de estímulo financeiro, escreveu ele: "Durante um ano e meio mantivemos a folha às custas das oficinas, qual novo Quixote a sonhar com uma Dulcinéia, que era nada mais nada menos do que o bem público". Essa atitude transformou-se na de "legítimo Sancho Pança, para só enxergar a realidade nua e crua".

Outras considerações expendeu o articulista, para concluir: "Fraco é o destino dos jornais do interior. Fraco, não; melancólico, triste, desafortunado. Da imprensa do interior e do homem do interior" (Biblioteca Pública do Estado).

FOLHA BATISTA - Órgão informativo da União de Treinamento da Igreja Batista de Arcoverde - Circulou o nº 1, ano I, datado de setembro de 1954, formato de 24 x 16 ½, com quatro páginas a três colunas de composição. Abaixo do cabeçalho, a epígrafe: "Clama a mim e responder-te-ei" (Jer, 33:3). Redator - Jovita A. Meneses; secretária - Giovana Assis Cavalcanti; tesoureira - Edite Nunes. Confecção da Tipografia Prima e redação na Av. João Pessoa, 700.

Abriu a edição (sem editorial de apresentação) uma nota indicativa da primeira diretoria permanente da Folha, tendo à frente o pastor Israel Dourado Guerra e, como redator, João Gonçalves Lima. Inseriu artigos assinados por C.F.C. e W.C. Taylor; versos de Jovita e de Mário Barreto França; discurso de

Jovelina Silva e ligeiro noticiário social (Gentileza do Dr. Luiz Wilson)⁽¹⁾

BARREIROS

O FUTURO - Revista Literária Quinzenal - Apareceu o nº 1, ano I, no dia 4 de outubro de 1896, formato de 37 x 27, com quatro páginas de duas colunas largas e excessivas margens em branco. Tabela de assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 3\$000; ou 6\$000 e 4\$000, respectivamente, para fora do município.

Primeiro fruto da imprensa barreirense, apresentou péssima feição gráfica, sem indicar corpo redacional. Bater-se-ia, conforme o artigo-programa, "pela luz, pela idéia nova, que é o progresso", jamais aderindo "a qualquer política, a qualquer idéia retrógrada".

Sua matéria constituiu-se de artigo e poesia de Manuel Caetano de Almeida de Andrade; crônica de Eugênio de Sá Pereira e poesia de Edwiges de Sá Pereira; raras notícias e página e meia de anúncios.

Não há notícia de outras edições (Biblioteca Pública do Estado).

(1) A publicação continuou, ainda circulando na década de 61.

Ultrapassando o ano limite dos órgãos estudados nesta bibliografia, publicaram-se em Arco-verde: O Passageiro - 1958; A Voz da Verdade - 1959; Tribuna do Povo - 1959; Rotary Club de Arcoverde - a começar de 1962, todos registrados pelo Dr. Luiz Wilson no livro "Minha Cidade, Minha Saudade", Recife, 1972.

ECHO JUVENIL - Jornalzinho manuscrito, de um único exemplar, confeccionou-se "antes de 1901", em data não mencionada. Foi exclusivamente redigido pela poetisa Edwiges de Sá Pereira, segundo suas próprias declarações e distribuído entre seus irmãos, "com a condição expressa de não o mostrarem a ninguém" (Cf. Almanach de Pernambuco, de 1905).

O CAIADOR - Órgão da Sociedade Carnavalesca Caiadores de Barreiros - Inexistentes comprovantes das edições anteriores, publicou-se o nº 4, ano IV, no dia 8 de fevereiro de 1921, formato de 33 x 23, com quatro páginas de três colunas. Imprimiu-o, utilizando tintas verde e vermelha, a Tipografia e Papelaria Brasil, de Olímpio Brederodes & Cia., no Recife. Distribuição gratuita.

Inseriu matéria interessante, literatura e humorismo, em prosa e verso, tendo como colaboradores Pedro Calado, Edmundo e Hersílio Celso, este com o pseudônimo Pierrot; Boaventura Tavares, feito Zig-Zag; Jovino Silva, que se assinava Josil e Joilva; Severino Alves Leite, o Conselheiro XX dos epigramas intitulados "Caretas Carnavalescas", etc.

No ano seguinte, circulou o nº 5, ano V, datado de 26 de fevereiro, obedecendo ao mesmo ritmo, de matéria chistosa, bem redigida, como os "Pensamentos... cor de rosa", "Columbinas", "K... ri... K... turas", "Telegramas", etc., a destacar a colaboração especial de Célio Meira (promotor da Comarca) e Euclides Celso, que dividiu em três pseudônimos a frase latina "Ridendo... Castigat... Mores".

Apenas ligeiros anúncios completavam as edições (Arq. Ed. Celso).

A TERRA - Órgão Noticioso e Imparcial - O nº 3, único manuseado, circulou a 17 de julho de 1921, manuscrito,

utilizando uma folha de papel pautado de quatro páginas, estas divididas em três colunas. Direção de Ruy de Aires Belo; redator - Guilherme Jorge Paes Barreto; secretário - Dário Celso; gerente - Marcílio Dias Beltrão. Publicação aos domingos. Redação à rua General Dantas Barreto (atual rua Aires Belo).

Inseriu crônicas literárias da turma, tendo Ruy e Marcílio adotado os pseudônimos de Raby e Alfinete, respectivamente; soneto de X.X.; noticiários e até anúncios. Os escritores juvenis eram os próprios calígrafos (Arq. Ruy Belo).

O IMPARCIAL - Dedicado "aos interesses gerais do município", saiu a lume, pela primeira vez, no dia 27 de janeiro de 1927, na qualidade de semanário. Diretor e proprietário - Francisco Leocádio Nogueira; redator-chefe - Renato Faelante; gerente - Napoleão Evaristo da Cunha. A edição, a par da matéria redacional, inseriu colaboração de "conhecidos jornalistas da capital" (Cf. Jornal do Comércio, do Recife).

Seguiu-se a publicação, só existindo comprovantes dos nºs 8 e 9, datados, respectivamente, de 19 e 26 de março. Tinha o formato de 38 x 26, com quatro páginas de quatro colunas, sendo impresso em oficinas próprias, situadas, junto à redação, na rua Dantas Barreto, 64. Tabela de assinaturas: ano - 15\$000; semestre - 8\$000; trimestre - 5\$000. Preço do número atrasado - 500 réis. Verificou-se, no nº 8, o afastamento do gerente.

As duas edições manuseadas apresentaram lisonjeiro aspecto material, intelectualmente bem redigidas, com editoriais de combate ao péssimo serviço da Great Western (atual Rede Ferroviária do Nordeste); comentários ligeiros; noticiário; correspondência de Tamandaré; charadas; concurso para a escolha da paraninfa d'O Imparcial e colaboração de Arnaldo Lopes, Célio, J.W. Pozzoli, Alderico Silva e Heloisa Bezerra.

Anúncios ocupavam a quarta página (Biblioteca Pública do Estado).

BARREIROS-JORNAL - Fundado em 1928, a 13 de maio, por Olímpio Afonso de Melo e outros, o nº 139, ano III, de 5 de janeiro de 1930, apresentou-se com três páginas de anúncios, estes, pouco a pouco diminuindo. Tinha como diretor-proprietário Manoel Nogueira Mendes, sendo colaboradores Urbano de Sena Filho, J. Apolinário, S. Cordeiro, Manuel Aleixo, Teles da Silva e Ruy Belo, este rebatendo a propaganda teosófica empreendida em artigos de Romualdo Costa.

Lia-se, na edição de 8 de junho, em editorial, haver sido suspensa a subvenção anual de 500\$000 que a Prefeitura concedera ao semanário, consignada no Orçamento municipal de 1929.

Na mesma data, iniciava Osmário Teles uma série de artigos filosóficos, sob o título "Minhas idéias" e o sub-título "Deus", depois "O homem", o que ocorreu "sem o apoio ou responsabilidade da redação", ocasionando árdua polêmica com o líder católico Ruy Belo, que o refutava, em cartas procedentes do Recife, usando, às vezes, frases veementes, publicadas com o título "Suas idéias".

O Barreiros-Jornal saía, então, com seis páginas, cobrando 10\$000 pela assinatura anual, 6\$000 pela semestral e 3\$000 pela trimestral. Número avulso - 0\$200. Publicações "a pedido" eram pagas à razão de 0\$400 por linha. Redação e oficina, em prédio próprio, à Av. Dantas Barreto, 361.

Em data de 27 de julho de 1930, nº 168, foi Osmário Teles admitido como redator-chefe, escrevendo a respeito: "Com a mesma pena que escrevermos o elogio escreveremos a censura e o que for homenageado hoje poderá ser o réprobo de amanhã,

no nosso modo desapassionado de ver as coisas. Onde estiverem os nobres empreendimentos, as idéias louváveis, aí estaremos nós com os nossos aplausos. Mas onde quer que se oculte a baixeza, a injustiça e o canalhismo, nós saberemos desencová-los, trazendo-os à luz da sociedade, pondo ao sol a repugnância de suas chagas hediondas:."

Publicada a edição subsequente, ficou o jornal suspenso, em consequência de injunções políticas. Entretanto, decorridas duas semanas, circulou, novamente (17 de agosto), trazendo, em duas colunas, tipo 12, o artigo "Porque desaparecemos", em que dizia a redação: "A época que atravessamos, de dificuldades indizíveis, de crise formidável, esgotou-nos, afinal".

"Infelizmente - frisou - é-nos impossível lutar por mais tempo, pois que nada mais conseguiríamos que o esgotamento completo, absoluto". E concluiu enviando "o seu adeus ao povo barreirense".

Durou, apenas, dois meses o ocaso da arrujada folha de Manuel Nogueira Mendes e Osmário Teles. Emergiu a 26 de outubro, exibindo fotografuras de João Pessoa (o presidente paraibano assassinado), do general Juarez Távora e do governador revolucionário Carlos de Lima Cavalcanti, que ilustravam o artigo "De frente erguida" e o editorial "Porque reaparecemos", do qual vale ressaltar o tópico a seguir:

"O nosso jornalzinho, como quase tudo o que a opressão havia abafado, ressurgiu, ao lado do Ideal Sagrado que empolga toda a nacionalidade. Deixáramos de circular em virtude da tirania estaticista, que perseguira, injustificavelmente, o redator e o tipógrafo desta folha, fazendo de dois jovens idealistas e inofensivos, foragidos, como se se tratasse de perigosos criminosos, nocivos à sociedade".

Ainda forçaram o diretor - acentuou o articulista - "a dar uma última edição alegando uma precariedade financeira que nunca existiu, como único motivo do desaparecimento do Barreiros-Jornal, alegação essa que, coagido, em virtude da intimação mascarada, escrevemos chorando, suplicando aos céus misericórdia para os desgraçados brasileiros escravizados".

"O nosso último artigo - arrematou - o maldito "Porque desaparecemos", foi a suprema humilhação que nos infligiu o estacismo funesto, por intermédio de mercenários, de lampiões engravatados".

Passou a ser "órgão dos interesses do município". Sem mais alterações, atingiu 1931, ora com quatro, ora com seis páginas, divulgando artigos filosóficos de Osmário; prosa e verso de Neo-Fonseca, F. Noranha, João Costa e outros intelectuais; comentários e noticiário.

Em editorial de duas colunas, a 15 de fevereiro, manifestou-se contra a idéia da implantação do ensino religioso nas escolas, taxando-a de esquisita, absurda, retrógrada.

Festejou a 13 de maio, edição de oito páginas, impressa em tinta azul, o quarto aniversário de fundação. No editorial comemorativo, focalizou os últimos acontecimentos de sua existência, em que se viu "contemplado com o olímpico ódio dos poderosos", que o fizeram interromper a circulação por haver "lamentado" o assassinio do Presidente João Pessoa, só tendo voltado à liça devido à vitória da revolução de 4 de outubro.

Osmário Teles terminou sua atuação direta no Barreiros-Jornal, após a edição de 26 de julho, continuando a publicação, que encerrou o ano com o nº 232, de 27 de dezembro.

Seguiu-se a numeração - ano V - a 3 de janeiro de 1932, sendo ainda diretor-proprietário Manuel Nogueira Mendes. As páginas centrais acomodavam, invariavelmente, anúncios, destinadas as externas à matéria editorial e às "Solicitadas". Eram colaboradores: Luiz Gonzaga Sousa, Rubem Bemvindo, Osmário Teles, Judeu Errante, Zé da Rua, que firmava a crônica "Na rua"; Laércio Sousa; Alcides Ferraz, também usando os pseudônimos Claside Razerf, O.B. Servador e Lacerda Frezis; Cavalheiro das Sombras, como se ocultava João Teles de Carvalho; Sá Pinho, Elmano, Douglas, etc. Ocorriam, de vez em quando, a inserção de produções mandadas pela "Lux-Jornal", do Rio de Janeiro.

A edição de 13 de maio - nº 252 - contendo seis páginas assinalou a passagem do quinto aniversário da folha, cujo editorial se ocupou das dificuldades de sua existência, aduzindo: "Felizmente, por um prodígio de força de vontade, temos conseguido manter nossas posições, ameaçadas, por diversas vezes, pelas arremetidas ferozes de pigmeus sem ideal".

Tendo ingressado no sexto ano, o Barreiros-Jornal prolongou sua existência até o nº 284, de 25 de dezembro de 1932. Ficou suspenso, "por tempo indeterminado", o que se verificou devido à situação financeira a que chegara, "para a qual muito concorreu a indiferença do público desta terra". Assim concluiu o artigo de despedida:

"A data de hoje, que o Barreiros-Jornal sempre viu passar cheio de fé e de esperança, vê hoje passar cheio de desilusões, como o seu último Natal".

Por sua vez, sob o título "Decadência", lamentou Um Colaborador: "É triste e, pode-se mesmo dizer, vergonhoso, deixar de circular o Barreiros-Jornal porque lhe faltam os meios

pecuniários, em virtude do retraimento de alguns e menosprezo de quase todos".

Não conseguiu jamais voltar à circulação (Col. Osmário Teles e Biblioteca Pública do Estado).

CORREIO DO POVO - Em artigo de 18 de setembro de 1932, no Barreiros-Jornal, de que era diretor, aludiu Manoel Nogueira Mendes ao aparecimento, no dia 15, de um pasquim denominado Correio do Povo, "datilografado, porém anti-higiênico, dirigido pelo Sr. José P. de Melo, sob a tecnologia do Sr. João Teles de Carvalho", feito para ofendê-lo, atacando-lhe a família.

Acrescentou que outros pasquins, já no total de quatro, circularam antes, distribuídos por baixo das portas de casas de residência das pessoas de bem. Seus redatores foram chamados à polícia.

O ITAPIRIBU - Jornal Refratário a Idéias Políticas - Exibindo os lemas "Trabalho e Verdade" e "Confiança e Otimismo", apareceu no dia 4 de novembro de 1933, formato de 38 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Redator-chefe - Osmário Teles; secretário - Alfredo Belo. Impressão da Tipografia Nogueira, à rua Dantas Barreto, e publicação aos sábados, obedecendo à seguinte tabela de assinaturas: anual - 12\$000; semestral - 6\$000; trimestral - 3\$000. Preço dos anúncios de ¼ de página: por ano - 70\$000; semestre - 35\$000; trimestre - 20\$000; uma vez - 5\$000; coluna paga - linha a 300 réis.

Escreveu o redator-chefe, apresentando o jornal: "Surge, sob a modéstia enérgica de minha direção, O Itapiribu. Ele não veste sedas caras, não usa finíssimos tecidos nem borzeguins de

camurça. É pobre e calça alpercatas - as alpercatas do matuto - mas tem uma volumosa bagagem de esperanças...".

Por sua vez, explicando a origem do título do periódico, salientou o redator-secretário: "Itapiribu é um regato de águas claras, com dois ou três quilômetros de curso"; normalmente, "é claro, é harmonioso, é dócil, é alegre e sossegado", mas, "quando se estouva, no inverno, arranca as touceiras de cana" e "vai causando estragos". Assim seria o novo órgão da imprensa barreirense: "bom, manso e delicado"; mas que os leitores receassem suas investidas quando tivesse "motivos de zanga".

A par de artigos assinados e noticiário local, O Itapiribu, em sua curta existência, inseria incipiente literatura em prosa, versos humorísticos ou não, ligeiras seções chistosas, questionários e charadas, assinados com os pseudônimos Padre Morel, Marc Biliro (Valdemar Belo), Revenga, Tapuia (pseudônimo de Otávio Ferreira da Silva), etc.

Publicado o terceiro número, viu-se Osmário Teles obrigado a abandonar sua função de redator-chefe, a fim de, segundo a lei, não desviar a atenção "para outra coisa" que não fosse o cargo que ocupava como funcionário público.

Ocorreram, por outro lado, malentendidos com o redator-secretário, causados por leves arranhões da parte satírico-humorística da folha, de modo que não pode prosseguir sua trajetória, finando-se com o nº 5, de 16 de dezembro (Col. Osmário Teles).

A TERRA - Pelo município e pelo Povo - Bem feito semanário, entrou em circulação a 4 de fevereiro de 1939, sob a direção e propriedade de Valdemar Belo. Formato de 47 x 33, a cinco colunas, com quatro páginas, imprimiu-se no Recife, na tipografia do Diário da Manhã, em bom papel acetinado. Ao

lado do título, em quadro, um pensamento célebre, a ser substituído em cada edição. Redação e administração à rua 24 de outubro, 103. Assinaturas: ano - 20\$000; semestre - 10\$000. Número avulso - 0\$300.

Segundo o artigo de apresentação, A Terra preenchia "uma lacuna sensível no município", acrescentando: "A Terra surge num momento em que Barreiros retoma a trajetória antiga, de progresso e de iniciativas corajosas, arrancado de uma estagnação que durou sete anos. É, portanto, o nosso jornal mais uma alavanca em benefício dos objetivos da nossa terra. Estamos à disposição de todas as classes, sem distinção".

Órgão independente, "alheio a competições partidárias, não pretende ter vida transitória de fim de estação... Surge para lutar pelo progresso do nosso município e colaborar junto aos que propugnam por um Brasil melhor".

Circulando regularmente, ao atingir o nº 39 alterou-se-lhe o cabeçalho, retirando o "slogan" e admitindo aos lados do título artísticos desenhos, representando um engenho banguê e uma usina de açúcar, clichês às vezes utilizados, às vezes suspensos.

A par de comentários sobre os interesses municipais e noticiário - aqui e acolá uma fotogravura - o periódico adotou seções como "O que vai pelo mundo"; "Irreverências", por Múcio; Concurso de beleza feminina; artigos assinados por Caminha Filho, Décio França, Índio da Rocha, Alberto Sachamer, E.S. Pereira, Seve-Leite (juiz Severino Leite), Caeté de Medeiros, Rui Belo, Renato Faelante, padre Antonio Teles, Dr. Frederico Rossister, Irineu Cavalcanti, R.P., Noronha Filho, etc.

Sem nenhuma interrupção, o bem redigido semanário atingiu o primeiro aniversário com o nº 51, de 4 de fevereiro de

1940, seis páginas, impresso em papel de cor, sendo a primeira ocupada por expressivo desenho representando um trabalhador de campo, de enxada à mão, em meio a um canavial. Dizia a legenda: "Cumprimos, integralmente, o programa, que nos traçamos, fazendo tudo, dentro das nossas possibilidades, por todas as classes, pelo município, pelo nosso Estado, pro brasiliana fiant eximia...", concluindo: "A Terra tem objetivos já definidos, e busca-os sem tibiesas". Nas páginas internas, um poema de Júlio Belo e trabalhos em prosa de Gilberto Guaraná e outros, afora a parte de anúncios, que jamais faltou desde a primeira edição.

Prosseguiu sua meta o periódico, inclusive com as seções "Verdades e Conselhos", por Sherlock (pseudônimo de Valdemar Belo); "Vida Religiosa"; "Charadas"; "Espírito dos outros"; "Sociais"; "Para as donas de casa"; e novos colaboradores, a saber: Ceci Alves Coelho, Severino Bezerra, Heronides Coelho Filho, Rafles, Mário Sette e Oliviary (como se ocultava Evarith Fonseca); mantidos Renato Faelante e Décio França. Saía um conto cada semana, por transcrição. Não muitos reclames comerciais.

Prolongou-se a existência normal d'A Terra até o nº 100, ano II, datado de 25 de janeiro de 1941 (Biblioteca Pública do Estado).

O CELEIRO - Órgão do Grupo Escolar Estácio Coimbra - Manuscrito e copiado em hectógrafo, com quatro páginas, papel pautado, restam comprovantes, unicamente, do ano VI, nº 32 a 38, de fevereiro a novembro de 1944. Tinha como diretora Maria Nilza Sousa e gerente José Ferreira. Constituiu-se sua matéria de literatura infantil e noticiário escolar, com entremeio de desenhos a lápis (Departamento Cultural da SEEC).

FOLHA DA CIDADE - Órgão Independente, Literário e Noticioso - O primeiro número circulou no dia 10 de abril de 1947, em formato regular, quatro páginas de quatro colunas. Diretores - Edison Régis e José Alípio; chefe de publicidade - Ivavel Ferreira. Trabalho gráfico não muito lisonjeiro.

Pretendia, consoante o artigo-programa, abrigar "colaboração comum e sadia, não servindo, porém, para propaganda política desse ou daquele partido". Nada de ataques pessoais, salvo quando se tratasse de matéria paga. Visava ao engrandecimento do município.

Divulgou comentários ligeiros, noticiário, curiosidades e poemas de Mallarmé (tradução de Edison Régis) e de Castro Alves, sendo duas páginas repletas de anúncios.

Nada obstante o lema "Para a frente", inscrito no editorial, não veio a lume jamais o segundo número (Col. Ed. Régis).

A IMPRENSA - Órgão Noticioso, Literário e Independente - Apareceu no dia 22 de outubro de 1949, em formato de 50 x 30, com seis páginas a seis colunas de composição, trazendo num dos lados do título o conceito de Rivarol: "A imprensa é a artilharia do pensamento". Direção do professor Antonino Macedo; redatores - Décio França, Noly Carvalho e José Alípio. Propriedade de Moacir Correia da Silva, funcionando a redação e oficina - a Tipografia Americana - na rua Aires Belo, 125. Tabela de assinaturas: ano - Cr\$ 20,00; semestre - Cr\$ 12,00. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

O surgimento d'A Imprensa tinha o objetivo, ao que expôs longo artigo de apresentação, de "contribuir, de algum modo, para o progresso de Barreiros", oferecendo-lhe um órgão "de natureza informativa e cultural", que atendesse, igualmente, aos

"problemas da comunidade rural" e, mais do que tudo, "ao interesse coletivo".

Divulgou produções especiais de Leonino Correia de Oliveira, Epaminondas de Albuquerque, Otávio Ferreira da Silva, Hilton Costa, Zeza Rocha, Newton Braga, José Canuto, Petrônio Câmara e Joaquim Noronha Filho; seções de humorismo, charadas e palavras cruzadas; noticiário e mais de uma página de reclames comerciais.

O nº 2 circulou a 5 de novembro, dedicado ao centenário do nascimento de Ruy Barbosa, cujo retrato, a bico-de-pena, figurou na primeira página, em tinta vermelha, servindo de fundo. Além do editorial alusivo, da lavra anônima de Décio França, inseriu vários excertos do grande brasileiro. Teve mais a colaboração de Ruy de Aires Belo e Sílvia Pereira. Um conto, com a assinatura de Muslavá Salomão, continuaria na edição seguinte (Biblioteca Pública do Estado).

A VOZ DO ESTUDANTE - Literário, Independente e Noticioso - Órgão do Diretório Municipal da U.E.S.P., surgiu no dia 2 de setembro de 1950, em formato grande, de seis colunas, com seis páginas. Equipe responsável: instituidor - José Ferreira Franco; diretora-tesoureira - Maria Livramento de Melo; diretora-secretária - Maria Judite de Sousa; redator-chefe - Amauri Ferreira Franco; redator - Ferreira Franco. Redação à rua Aires Belo, 135 e confecção das oficinas gráficas da Livraria Americana. Assinaturas: anual - Cr\$ 12,00; semestral - Cr\$ 6,00. Pagamento adiantado, "inclusive das publicações em geral". Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Abriu o texto o editorial intitulado "Apresentação e agradecimento". Dizia ter constituído o aparecimento da folha "mais uma obra comprobatória do interesse, pelo ensino, da União dos Estudantes Secundários de Pernambuco". Pretendia

levar "aos píncaros da glória o nome do Ginásio Municipal dos Barreiros".

Por sua vez, na crônica "Tribuna da Imprensa", o professor Samuel Gonçalves salientava: "É um jornal feito por estudantes, mas servirá ao povo de nossa terra. Vai comentar todos os fatos da cidade, sem quaisquer paixões político-partidárias".

A edição de estréia inseriu artigos de Epaminondas de Albuquerque, Tavares Honorato (promotor público), estudantes Milton Lima de Albuquerque, Maria José Rocha e outros; discursos de Irineu Lessa e Bernadete de Oliveira; poesias de Newton Braga e Noronha Filho; noticiário e boa colheita de anúncios.

Embora a indicação de... mensário, só apareceu o nº 2 no dia 24 de março de 1951, substituídos a diretora-tesoureira por Iracema Correia e o redator-chefe por José Alfredo da Silva. Mais redatores: Ivon Buarque da Costa, Jarbas Vieira da Costa e Hélio Pereira da Silva. Divulgou produções de José Antonio de Vasconcelos, Teresinha Carvalho, Gerusa Bezerra Torres, professor Antonino Macedo, Zezé Rocha, professora Teresinha de Jesus Silva e Noronha Filho, além de outros nomes já mencionados. No mais, noticiário e reclames comerciais (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

O REPÓRTER - Circulou a direção de Alfredo Belo e Décio França, conforme noticiou o Diário de Pernambuco a 28 de setembro de 1952, sem adiantar pormenores.

(1) Reapareceu em 1955.

Após 1954, o ano/limite desta bibliografia, raríssimos periódicos apareceram em Barreiros, não mais, talvez, do que o carnavalesco A Onda, de 1967 e O Mensageiro, de 1970.

Não foi possível avistar nenhum exemplar d'O Repórter, do qual circularam seis a oito números, segundo declaração do jornalista Décio França que, apesar de ter sido um dos diretores, não guardou nenhum comprovante.

O TANOEIRO - Jornal Carnavalesco - Foi dado à estampa no dia 15 de fevereiro de 1953, formato de 33 x 24, com quatro páginas de composição em toda a largura e em três colunas, impresso em papel verde-claro, com redação e oficina no Recanto do Itapiribu, 1252.

Órgão do Clube dos Tanoeiros, abriu a primeira página com o programa carnavalesco a ser cumprido nos dias de Momo, seguindo-se uma Saudação assinada por Odracir Naveçal (Ricardo Valença); as "Notas de um Repórter"; versos de Otávio Ferreira da Silva e outros; troças e alguns anúncios (Gentileza de Décio França).

BELÉM DE MARIA

GLEBA - Revista manuscrita, surgiu no dia 1 de agosto de 1951, trabalhada pelo seguinte corpo redacional: diretor - Giovani-Celini; redator-secretário - Bolívar-Juarez; gerente - Grijalva-Hermes; diretor artístico - J. Calazans Alves de Araújo, interessante equipe de jornalistas, da qual os três primeiros, todos então meninos, são filhos do último.

O curioso magazine, em formato de papel ofício, reuniu 24 páginas de texto, fartamente ilustradas a bico-de-pena e lápis azul-encarnado, tendo capa de orelha em cartolina branca, com retrato do Governador Agamenon Magalhães.

Do artigo-programa - "Bom dia" - constava o tópico a seguir: "...o seu aparecimento, sem trombeteamento e estardalhaço, apenas vem mostrar ao público leitor desta terra que há, entre nós, quem se lembre e procure disseminar a semente das idéias, num desejo incontido de ver realizado o que lhe dita o pensamento, sempre fadado a não estiolar-se nem morrer no anonimato, preferindo, destarte, o ambiente propício a uma evolução constante".

Terminou recomendando ao leitor que não esquecesse de passar a revista ao vizinho...

Realmente, cada edição dada à luz era constituída de um único exemplar, que passava de mão em mão, ficando o derradeiro leitor como depositário.

Inseria matéria variada: contos, crônicas, notas locais, humorismo, poesias transcritas, ou inéditas de Calazans de Araújo; as seções "Gleba Social", "O que Belém tem", "Ping-pong distrital", "Carta da roça", "Carta enigmática" e "Charadamania"; efigies traçadas de Getúlio Vargas, Olegário

Mariano, José Lins do Rego, Cantinflas, Procópio Ferreira e Aristóteles Soares e charges, tudo de autoria do diretor artístico.

A publicação pretendia ser mensal. Ocorria, no entanto, em datas bem mais espaçadas, achando-se, ao fim de 1954, em seu nº 9, o último divulgado, cujo derradeiro leitor foi justamente o autor desta bibliografia que, por sua vez, o ofertou à Biblioteca Pública do Estado, para deleite da posteridade.

O BELEMITA - Órgão do Grupo Escolar Professor Alfredo Reis - Inexistentes outros comprovantes, existe o da edição de maio de 1954, com quatro páginas de papel almaço, manuscrito e copiado em hectógrafo. Diretora - Maria de Lourdes Barbosa; secretária - Maria de Lourdes Sousa; redator - Luiz Lustosa Roriz. Matéria constante de literatura infantil, notícias sociais e desenhos escolares (Departamento Cultural da SEEC).

BELO JARDIM

GAZETA DE BELO JARDIM - Órgão Oficial do Município - Entrou em circulação a 24 de outubro de 1920, obedecendo ao formato de 40 x 27, com seis páginas de quatro colunas, impresso em oficinas próprias, situadas junto à redação, na rua da Boa Vista. Diretor - Adjar Maciel; redator-chefe - José Fulco; secretário - Carlos Lopes; redator-gerente - Cícero Barbosa. Assinava-se a 10\$000 por ano, custando 200 réis cada exemplar. "Solicitadas" a 200 réis a linha, com 50% de abatimento para os assinantes.

Constava do artigo de apresentação: "A Gazeta de Bello Jardim será uma sentinela vigilante e aguerrida, será uma

defensora efetiva e intransigente do município do Brejo⁽¹⁾, onde surge como seu primeiro órgão de publicidade. As principais necessidades morais ou materiais deste município nós apontaremos sempre, para que não soframos sem ter um interessado mais desassombrado que as proclame". Frisou o editorialista: "Não seremos, absolutamente, apaixonados e maníacos pela política".

A edição de estréia exibiu, na primeira página, clichês do corpo redacional, exceção do redator-chefe.

Contando com duas páginas de anúncios, que foram pouco a pouco aumentando, seguiu-se a publicação regularmente, servida de matéria variada, incluindo a "Gazeta Social", às vezes precedida duma crônica de Saul Gremy; "Caixa da Gazeta", comentários, noticiário geral e, naturalmente, os atos emanados da Prefeitura. Logo no primeiro número iniciava-se, em rodapé, a divulgação do romance "Odisséia humana", de costumes pernambucanos, escrito por Carlos Lopes, autor, igualmente (com o pseudônimo de Crisalvo Lafaiete), da crônica "Gazeta Elegante", de curta vivência, substituída pelos "Toques & Berloques". José Fulco assinava-se Joful em artigos sobre "Agricultura" ou Flório Palmarense em crônicas diversas.

Cícero Barbosa e Carlos Lopes deixaram seus cargos, respectivamente, em fevereiro e março do ano seguinte, sendo o último substituído pelo auxiliar de redação José Arruda. Mas este cedeu o lugar, no fim de maio, a Antonio Rodrigues Vilela, que permaneceu até novembro, quando Adjar Maciel ficou sozinho no cabeçalho, lendo-se abaixo: "Redatores e Colaboradores - Diversos". Em janeiro de 1922, transferiam-se a redação e oficinas para a rua Dantas Barreto, 39.

(1) Brejo da Madre de Deus era, então, a sede do município, sendo Belo Jardim o seu distrito principal.

A Gazeta de Bello Jardim vinha circulando, no entanto, com apenas quatro páginas, menos servida de anúncios. E, ao atingir o nº 65, de 2 de abril, ficou, inexplicavelmente, suspensa.

Reapareceu um ano depois, precisamente, a 4 de março de 1923, nº 1, ainda "órgão oficial do Município", tendo como diretor-redator-chefe o advogado Henrique de Figueiredo. Escreveu, então, a redação: "Como órgão da imprensa, saberemos apenas pugnar pela defesa das classes conservadores do município, fazendo a propaganda das idéias novas sobre a agricultura, a lavoura, o comércio, as indústrias, as artes liberais, defendendo o povo dos maus governos, do despotismo senhorial da política, da intolerância das autoridades policiais, do arrocho eleitoral, do desprestígio da lei, da alienação dos direitos dos cidadãos e das prerrogativas das nossas liberdades asseguradas pelo mais liberal dos pactos constitucionais do mundo".

O semanário saiu com oito páginas uma única vez, no dia 20 de maio, por motivo do aniversário natalício do prefeito Adjar Maciel, inserindo extensa narrativa das realizações da sua administração.

Na primeira fase, o periódico contou com a colaboração de Alfredo Sotero, Luiz Coimbra, R.L., Aldo Campos, Cícero Barbosa; Fausto, de Pesqueira; Cincinatus (pseudônimo do juiz de direito João Paes), que abordava temas relevantes, sobretudo a educação popular; Epaminondas Leite, o gerente; Zique Maciel (Geminiano do Rego Maciel); Pierrot, nas fases carnavalescas; Rutilio de Oliveira; Alcino Guanabara; Asdrúbal Vilarim, Hernani; Lise Fleuron (como se ocultava Maria Iraci de Oliveira), Plutarcho, Palmerston, Bancel, etc. quando não dois, figurava, sempre, na primeira página, um soneto de poeta classificado, mediante transcrição.

Já na segunda fase eram outros os colaboradores, a saber: Zé da Prata, com as "Cartas de um desconhecido"; Juan Knox, que assinava a crônica intitulada "Domingais"; Mário D. Nice (pseudônimo de Dinamérico Crespo); Justus, correspondente em São Bento do Una, etc. Não faltavam bons editoriais, sueltos, notícias e variedades.

Prolongou-se a existência da Gazeta de Bello Jardim até o nº 26, ano III, de 9 de setembro de 1923, quando noticiou, em poucas linhas, a posse do novo prefeito do município (Biblioteca Pública do Estado).

O MUNICÍPIO - Órgão Oficial, Noticioso e Informativo - "Criado em virtude da Lei nº 104", iniciou sua circulação a 31 de agosto de 1924, formato de 38 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Impressão em oficina própria, instalada, com a redação, na Av. Coronel João Leite, 6. Assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; preço do exemplar - 200 réis.

Nada obstante ser órgão oficial do município, segundo o artigo de apresentação, nem por isso deixava "de ser também órgão oficial do povo".

Redigido, quase exclusivamente, por Sotero de Sousa, inseria matéria variada, servindo-se de transcrições e raros colaboradores. Publicaram-se, até dezembro, 16 edições, continuando a numeração no dia 1 de janeiro de 1925. Só no nº 19 aparecia no cabeçalho: Diretor - Coronel Abílio de Barros Correia. Mais alguns meses, a partir do nº 31, acrescentava-se: gerente - Amauri B. Correia; diretor técnico - Josafá Rosas.

Tudo mudou, entretanto, no nº 41, de 19 de julho: tornou-se O Município "órgão de livre opinião", figurando como redator (então vindo à superfície) o farmacêutico José Sotero de Sousa, e como gerente, Albérico F. Silva. Um editorial,

enunciando a nova diretoria, salientou que, com a saída do "coronel" Abílio, perdia a folha o "aspecto político-partidário e faccioso, para ser o órgão independente".

Em papel especial, impresso a cores, com clichês dos responsáveis na primeira página, solenizou o semanário seu primeiro aniversário com a edição de 31 de agosto, lendo-se no editorial comemorativo: "Passando à sua segunda fase, nem por isso fez modificação radical no programa a que se traçara no seu início; e se hoje não tem a enriquecer-lhe o patriotismo os louros de extraordinárias conquistas, todavia embala-se na doce consolação de se haver conduzido dentro das normas salutaras do verdadeiro jornalismo, sadio, fecundo e nobilitante. E será sempre assim, porque, antes do bem-estar social, da satisfação dos nossos interesses particulares, discutimos, defendemos, amparamos e nos debatemos pelo bem-estar da coletividade, pelos interesses sagrados do povo".

Terminado o ano com o nº 62, de 27 de dezembro, iniciou nova numeração a 3 de janeiro de 1926, prosseguindo a circulação por mais alguns meses, para terminar sob a gerência de Expedito Bezerra.

O Município teve a colaboração literária de Jaime Griz, H.R. de Carvalho, Durval César, Rosa Anil, Emílio d'Alva, Arco-Íris, o da "Berlinda"; Célia, com as "Cartas íntimas", etc., enquanto Sempronius (pseudônimo do juiz Benjamin Caraciolo) fazia comentários "Ao correr da pena"; Astrólogo assinava a "Coluna Científica"; Aníbal Bruno mantinha uma Coluna Médica, e Tiago (Sotero de Sousa) distraía a sua verve nas quadras "A nota da semana". Mais noticiário, variedades e poucos anúncios. Cabeçalho repetido na quarta página.

Findou a existência do periódico com o nº 20, de 1 de junho, quando o redator único transferiu sua residência para o Recife (Col. Sotero de Sousa e Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾

O IMPARCIAL - Órgão Independente, Noticioso e sem Ligações Partidárias - Apresentando-se como "a maior tiragem no sertão", circulou o nº 1, ano I, no dia 26 de setembro de 1926, sob a direção de Rótílio Marinho. Formato de 38 x 26, com quatro páginas de quatro colunas. Redação e oficinas à rua Coronel Capitulino, 32. Assinatura anual - 10\$000; preço do exemplar - 0\$200.

"Vazado nos moldes do jornal moderno - lia-se no artigo-programa - esta folha tem no seu programa, antes e acima de tudo, os interesses da coletividade belojardinense".

Desempenharia função política, "se por política se tem a altruística vontade de bem servir ao município, pugnando pela suas garantias e pelo seu progresso".

Foi, realmente, um jornal interessante, servido de diferentes comentários ligeiros, sobre a vida do município, com um único artigo assinado, de S. Fernandes Maia; fotografuras e poucos anúncios.

Avistado, apenas, o primeiro e, possivelmente, último número. (Biblioteca Pública do Estado).

GAZETA DA CENTRAL - Órgão Independente, Noticioso e Informativo - Fundado a 2 de janeiro de 1927, circulou o nº 3 no dia 16, em formato de 38 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Propriedade de João Pereira Tejo; diretor - Paulo André Dias da Silva; redatores - Fernandes Maia

⁽¹⁾ É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

e Sebastião Cavalcanti, funcionando a redação na rua Dantas Barreto, 136. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000. Preço do exemplar - 200 réis; atrasado - 400 réis.

A edição (exemplar só encontrado em poder do colecionador particular Albertino Santos, de João Pessoa, Paraíba) inseriu matéria redacional variada e artigos de colaboração.

Publicação semanal, aos domingos, prosseguiu com regularidade, só existindo comprovantes, na Biblioteca Pública do Estado, do nº 33, de 14 de agosto, ao nº 42, de 30 de outubro. Obedecia ao mesmo ritmo do nº 3, divulgando substanciais artigos de Plutarco e colaboração, em prosa ou verso, de Ricardo Valença, José Carlos Dias, Ângelo Cibela, Manuel Cirilo Wanderley e outros plumitivos. Reclames comerciais ocupavam as páginas internas.

O VÊ TUDO - Órgão Noticioso, Humorístico e Crítico - Publicou-se o primeiro número a 15 de maio de 1927, formato regular, três colunas de composição, impresso com tinta encarnada. Diretor-gerente - Manuel Tejo; redator-chefe - Tancredo de Sousa; secretário - Ricardo Valença; colaboradores - Diversos. Assinaturas: anual - 5\$000; semestre - 3\$000. Preço do exemplar - 0\$200; atrasado - 0\$300.

Lia-se no editorial de apresentação: "O Vê Tudo é uma espécie de Kodak - que o comércio não vende - e cuja indiscreta e irreverente objetiva, maliciosa e solerte, apanhará num flagrante, às vezes caricatural, os fatos, as coisas e os homens - e por que não as mulheres? - que lhes passem em sua frente.

É o noticiário ligeiro, fácil, dos fatos da semana. É o suelto incisivo do acontecimento político. É o flagrante da vida chic da cidade. Criticará as modas, os usos, os costumes e os

preconceitos. Sem objetivos pessoais de censurar, as suas páginas são de crítica e humorismo. Crítica sem paixões e inofensiva; humorismo sadio, jovial e educado".

A edição inseriu matéria ligeira, com títulos assim: "Tipos", "Quebra-Cabeça", "Eu vi tudo...", "Telegráficas", "Frutos e Flores", "Leilão d'O Vê Tudo" e "Última Hora". No mais, noticiário e bases para um concurso de beleza.

Seguiu-se a publicação quinzenalmente, só avistado outro comprovante do nº 19, de 12 de fevereiro de 1928, impresso em papel verde e obedecendo às mesmas características, apenas desaparecido do cabeçalho o nome do redator-chefe (Col. Albertino Santos).

O INTERIOR - Publicação semanal, iniciou-se a 28 de junho de 1931, formato de 44 x 27, com quatro páginas de cinco colunas. Direção de A. Tejo (Aurélio Limeira Tejo), custando 10\$000 a assinatura anual e 0\$200 o exemplar. Trabalho gráfico de primeira ordem, a cargo da Tipografia Martins, de Milton Porto, situada em Caruaru.

"Jornal feito - dizia o editorial de apresentação - para todo o "hinterland" pernambucano, sem nenhuma preferência, sem nenhum exclusivismo nas suas informações e na sua preocupação de interessar-se sempre pelas questões da região, o nosso jornal será sobretudo e antes de tudo um órgão de doutrina.

"O Interior pretende formar uma consciência regional. Não uma consciência política ou eleitoral. Mas uma consciência econômica. Uma consciência que integre o homem dos nossos sertões no ritmo do trabalho nacional, na ânsia do progresso nacional, na preocupação da grandeza nacional".

Começou tendo a colaboração de Diocleciano Pereira Lima, Tancredo de Sousa, Miguel Herculado e Danton, além da crônica de A.T., intitulada "Toda semana". Dois comentários, "Vida Social" e mais de uma página de anúncios complementaram a edição (Biblioteca Pública do Estado).

O CENTRO⁽¹⁾ - Órgão dos Interesses Sertanejos - Saiu a lume no dia 19 de março de 1933, formato de 40 x 30, com seis páginas de quatro colunas. Diretor - padre Jefferson Valgueiro Diniz; gerente - J. Valois Diniz. Redação e oficina à rua Tenente Siqueira Campos; depois na rua 4 de Outubro, 29. Assinatura anual - 10\$000; número avulso - 0\$200.

Lia-se no artigo de abertura, intitulado "Duas Palavras": "Este município, pelo seu desenvolvimento, pelas suas possibilidades e, por todos os motivos, está a exigir uma voz de imprensa, livre e eloqüente, para dizer o que pensa". Concluiu o editorialista, depois de outras palavras: "O programa d'O Centro é uma história simples. Indica-o bem seu nome. É mesmo um centro. Centro de atividade social, centro de interesses públicos, centro de defesa coletiva, centro de atividade moral por Deus e pela Pátria".

Logo na primeira edição, abriu um concurso de composição literária para escolares, instituindo prêmio para o primeiro classificado.

Seguiu-se a publicação regularmente, cada domingo, com quatro páginas, obedecendo à orientação do Catolicismo. De início, bateu-se em prol da escolha dos candidatos pela Igreja à Constituinte, vindo a dar um edição de oito páginas a 3 de maio, dia das eleições federais.

(1) Não relacionado no livro "Letras Católicas em Pernambuco", do Cônego Alfredo Xavier Pedrosa.

Jornal noticioso, divulgador dos atos oficiais da Prefeitura, teve principalmente a colaboração, abordando assuntos religiosos ou não - de U.C., ou seja, padre Urbano de Carvalho; de Isaac de Sousa, Políbio, João Pobre, Levino de Barros Neto e, além de outros, Tipheu, que abria as "Sociais" com ligeira crônica, o mesmo T.S. ou Tancreto de Sousa, poeta e prosador, o qual, atingido o nº 25, assumiu a gerência, em substituição ao anterior ocupante do cargo.

Em defesa de teses religiosas, o padre Jefferson Diniz escreveu longos artigos, no segundo semestre do ano, até princípio do seguinte, em polêmica com o pastor protestante Adolfo Lira, este último através das colunas do Sertão-Jornal, de Arcoverde. Outra polêmica manteve, usando o pseudônimo Tircis, como o jornalista Antonio Napoleão, diretor d'O Amigo do Matuto, da mesma cidade de Arcoverde. Depois de dar o "Bilhete Azul" ao seu contendor, o padre-jornalista passou a redigir a seção "Bilhete sem Cor".

Terminado o ano, O Centro não deteve a numeração, prosseguindo-a, com o nº 43, no dia 7 de janeiro de 1934. Continuou aí a inserção, iniciada no nº 30, da matéria sob o título "Instrução Pastoral sobre a Maçonaria" - considerada sob o aspecto Moral, Religioso e Social", da lavra do antigo bispo do Grão-Pará, D. Antonio de Macedo Costa, que a escrevera cerca de 70 anos atrás, quando da Questão Religiosa.

Mantendo tiragem inicial de 700 exemplares, meses depois aumentada para 1.000, o semanário atingiu o nº 50 a 15 de março, quando saiu com 12 páginas (a primeira contendo alegoria em homenagem à Boa imprensa), comemorando o primeiro aniversário de sua fundação, repleto de boa matéria, clichês, dos redatores e colaboradores e muitos anúncios. Assim concluiu o editorial sobre a data: "...ele (O Centro) continua a

viver como a tribuna fixa, a cátedra permanente de defesa dos direitos do povo".

Em continuação, surgiram novos colaboradores, a saber: José de Arimatéia, Leandro Marques, Marcílio, Jose de Sousa, Manuel Cândido, João Monteiro, Valdemar Cordeiro e raros outros. Ocorreu nova mudança da tipografia, que terminou na travessa da Conceição, 6.

A 23 de dezembro circulava o nº 88, seguindo-se o 89 a 1167 de janeiro de 1935, para ir até o nº 98, datado de 31 de março, findando então a existência do bem feito órgão (Biblioteca Pública do Estado).

A VONTADE - Órgão Independente, Literário, Informativo, de publicação semanal - O primeiro número publicou-se no dia 1 de janeiro de 1939, formato de 33 x 24, com seis páginas de três colunas, mais uma folha de Suplemento. Diretores - Wilson Tejo, José Justino Filho, Arnaldo B. Maciel e Fernando Carneiro, funcionando a redação na Praça da Conceição, 12 e a oficina gráfica (Tipografia Minerva) na rua Coronel Pedro Firmino, 12/38. Num quadro minúsculo, à esquerda do título, lia-se: "Aquele que duvida de si próprio jamais alcançará coisa alguma". Assinatura trimestral - 3\$000. Número avulso - 200 réis.

O editorial "Apresentando-se" teceu palavras de exaltação à Vontade. Invocando o Sol, frisou que A Vontade era outro Sol. E exclamou: "Eu trago os raios da Inteligência, da Verdade e do Amor. Eu venho com estes raios, emitidos de uma consciência moça, iluminar no seio da Família os recantos sombreados pela ignorância. Eu defendo a Família. Eu quero construir contigo alguns passos em direção à Beleza de nossa Terra. Eu amo o Brasil. Eu sou A Vontade".

Seguiram-se um resumo da história de Belo Jardim e outro da história do jornalismo; comentários, artigos assinados e noticiário ligeiro.

Logo no segundo número acrescentou-se ao expediente um redator: Luiz Ramalho Pedrosa. Mas, a partir do nº 4, ocorreram reduções e substituições no corpo redacional, que terminou assim constituído: diretor - J. Justino Filho; redator-chefe - Djalma M. Lins; redator-secretário e representante social - Jáder S. Barbosa.

Circulou regularmente, contando com a colaboração de M. Oliveira, Lício Neves, Tifeu (pseudônimo de Tancredo de Souza), padre João Costa, Alfredo Pessoa de Lima; Filósofo, autor do "Tonel de Diógenes"; Cupido, o das trovas, na seção "Sociais"; Tucano, Já-merece e outros. Abriu concurso de beleza e uma página era dedicada a desportos. Uma vez que outra, reduzia-se a quatro a quantidade de páginas de edição.

Atingindo o nº 13, datado de 26 de março, parou a publicação. Declarou, a propósito, uma nota redacional que A Vontade não continuaria a circular por falta de apoio dos assinantes, mais de setenta por cento dos quais recusaram contribuir com os 3\$000 correspondentes ao novo trimestre (Col. Albertino dos Santos (de João Pessoa) e Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

O RISO - "Ótimo jornalzinho", circulou em princípios de 1939, "sob a direção das moças da terra do Bituri"(Inf. da revista Cultura, de Pesqueira).

(1) A coleção da Biblioteca Pública do Estado só atinge o nº 6, de 5 de fevereiro de 1939.

AVANTE - Órgão Independente, Literário e Social - Publicação semanal, só foi possível manusear as duas últimas edições (n^{os}???), datadas de 3 e 10 de março de 1940, a seis páginas, formato pequeno, três colunas de composição. Diretor - José Justino Filho; representante social - Djalma de Melo Lins. Lia-se, num quadrinho, à esquerda do título: "Mocidade sem a virtude do sacrificio e do amor é mocidade amarela sem expressão social". Assinatura mensal - 1\$000. Preço do exemplar - 0\$200.

Sua matéria, bastante variada, incluía produções assinadas por Potiguar Matos, Pedro de Barros Correia, P.M.J., Al Smith, F. Leão e outros (Col. Albertino Santos, João Pessoa, Paraíba).

A VOZ DA CIDADE - Hebdomadário Independente e Noticioso - Surgiu no dia 24 de março de 1940, formato de três colunas, com quatro páginas. Propriedade da Tipografia Minerva; diretor-gerente - Antonio Valentim; redator-chefe - Tancredo de Sousa. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 5\$000; trimestre - 3\$000. Número avulso - 0\$200. Publicações Solicitadas - a 0\$300 por linha de coluna.

Destinava-se, consoante o editorial de apresentação, a enfrentar todos os obstáculos, a quebrar "todas as correntes dos indiferentes pela boa causa, - a imprensa", esperando ter vida longa, porque o seu programa era "trabalhar pelo desenvolvimento de Belo Jardim", um "programa de ordem, fé e respeito".

Seguindo-se a circulação regularmente, inseria matéria variada, sobretudo informativa. Colaboração principal de C.M. de Sousa, Moura Júnior, Florentino Campos Couto e Maria Valgueiros Diniz.

Atingiu o nº 7 a 19 de maio (sem ter saído nos dias 5 e 12), ficando suspenso. Decorrido o espaço de mais de um ano, reapareceu, em segunda fase, não restando comprovantes das cinco primeiras edições. O nº 6 publicou-se no dia 20 de janeiro de 1942, ostentando maior formato e lisonjeiro aspecto material. Direção de Antenor Vieira, ficando Antonio Valentim na gerência. Prestou homenagem a São Sebastião, estampando-lhe o clichê na primeira página.

Faltam indicações quanto ao prosseguimento (Col. Albertino Santos).

A GARÔA - Órgão Oficial da Pamonha e da Canjica - Em comemoração aos festejos de São João, saiu a lume no dia 23 de junho de 1940, em formato de bolso, com quatro páginas e um Suplemento de duas, este impresso em papel verde. Direção de estudantes, sendo responsável P.B. Correia e José Justino Filho.

A interessante edição inseriu crônicas assinadas por Arnaldo Maciel e Djalma Lins; versos humorísticos, sortes e notas sociais, encerrando com a quadra abaixo:

"A Garôa se despede

Sem fazer embromação:

Prá todos um "pé de moleque"

Servido na redação".

Não voltou a publicar-se o pretense anuário junino (Col. Albertino Santos).

O PEBA - Órgão Independente, Literário, Social, Humorístico e de Publicação Semanal - Circulou o nº 2 (único comprovante encontrado) a 27 de fevereiro de 1944, com quatro

páginas, formato de três colunas estreitas. Tiragem declarada de 500 exemplares. Diretores - João Justino e José Matias; redator-chefe - Rubem B. Correia; secretário - Radjalma B. Correia; representante social - J. Paes; tesoureiro - José Maciel.

Divulgou artigos de Ernesto Macambira e Sabe-Tudo; notas humorísticas, crônica social e alguns pequenos anúncios (Col. Albertino Santos).

A FOGUEIRA - Órgão Independente, Crítico e Noticioso - Publicou-se, talvez, em 1943. Direção de Tipheu (pseudônimo de Tancredo de Sousa), conforme artigo de Jaime, n° A Voz da Festa.

O AGRESTE - Apareceu a 7 de junho de 1945, formato de três colunas, com quatro páginas, destinado a fazer propaganda eleitoral pró-candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República, sob "orientação da mocidade estudantil".

Lia-se no editorial de apresentação: "Seu programa é de ação incisiva sobre os restos já mortais, porém ainda malignos, de uma ditadura que ainda infecta nosso ambiente, com remanescentes adeptos dos processos gestapianos".

Frisou, mais adiante: "O Agreste é portador da voz de uma mocidade. De uma mocidade que em todos os tempos está alerta contra as velhas raposas da politicagem, contra velhos ou moços de coleira que não crêem nos grandes destinos do Brasil".

Reproduziu, na primeira página, o poema "Cântico da libertação nacional", de Hercílio Celso, sendo a parte restante da edição ocupada com artigos redacionais, doutrinários, um deles assinado por E. Macambira.

Teria ficado no primeiro número (Col. Albertino Santos).

A VOZ DA FESTA - Circulou o nº 1 (e único) no dia 20 de janeiro de 1953, em bom formato de 50 x 31, com seis páginas de seis colunas. Diretores - Jaime Bezerra Lima e Artur Maciel. Teve por objetivo homenagear o dia da tradicional festa de São Sebastião, cuja imagem, clichê de duas colunas, ocupou o centro da página de frente, cercado o noticiário competente.

Ao ensejo, o jornal saudou o primeiro aniversário da gestão do prefeito Arnaldo Maciel, dedicando duas páginas ao relato das respectivas realizações.

Completaram a edição artigo e reportagem dos diretores; notas de Abaeté; "Crônica Social", por Bel Ami (pseudônimo de Jaime B. Lima); transcrições e alguns anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

A VOZ DO AGRESTE - Órgão Independente, Noticioso e Lútero-Social - Publicou-se o nº 1, ano I, a 12 de abril de 1953, formato de 40 x 30, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Diretor - Artur Maciel. Destinado a circular quinzenalmente, estabeleceu redação na Praça da Conceição, 45, 1º andar, sendo impresso na Tipografia A Elétrica, em Pesqueira. Assinatura anual - Cr\$ 40,00; número avulso - Cr\$ 1,00; atrasado - Cr\$ 1,50.

Em artigo assinado, sob o título "Definindo a nossa posição", escreveu o diretor, depois de uma série de observações sobre a utilidade do periódico: "Problemas econômicos, sociais, literários, políticos aqui serão debatidos sempre com honestidade, construindo um trabalho mais orientador do que mesmo impregnando as idéias do tom polêmico, que às vezes divide, prejudica e cria ambiente de mal

estar". Noutra tópic: "Jornal do povo, jornal da terra, não se envolverá jamais com as tricas ridículas da política prejudicial e nem nunca servirá de veículo para desopilação do fígado dos mais alvoroçados". Solicitava, por fim, compreensão, estímulo e encorajamento.

Apresentando excelente feição material, divulgou boas seções redacionais, como "Fatos em foco", por O Repórter de plantão; "Esquina da Morte"; "Notícias da Cidade"; "Os problemas da Cidade"; "Notícias sociais"; "Queixas e reclamações" e alguns anúncios. Mais a "Crônica do Recife", por Antonio Albino; as "Coisas do meu diário...", de Murilo de Sousa; "A administração por dentro e por fora", a cargo do prefeito Arnaldo Maciel, enquanto Artur Maciel adotava, nos seus artigos, o título geral "Tribuna do povo". Teve, ainda, a colaboração literária de Tancredo de Sousa, José Bezerra Filho, Lício Neves, Maria José de Oliveira Nascimento e Sizenando Pereira Lima. Outros, como I.L.O. e Costa Pereira, abordavam, esporadicamente, temas gerais. E o redator-secretário Rubem Cintra Leite assinava-se Ruleci na seção "Você sabia?".

Aparecendo em dias indeterminados, A Voz do Agreste seguiu o seu rumo e, já no seu nº 24, de 20 de janeiro de 1954, numa edição de oito páginas, dedicava a primeira aos festejos do dia, em homenagem ao padroeiro São Sebastião.

Em efervescência a política, o periódico bateu-se pelas candidaturas João Cleofas para governador e Arnaldo Maciel para deputado estadual, entrando a trocar doestos com o órgão oposicionista A Voz da Verdade.

Publicou-se A Voz do Agreste pelo menos até 29 de agosto, quando saiu o nº 28 (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

A VOZ DA VERDADE - Órgão Independente e Noticioso a Serviço do Povo e da Verdade - O nº 1, ano I, circulou no dia 8 de dezembro de 1953, formato de 48 x 26, com quatro páginas de seis colunas. Diretor - Júlio Alves Lira; redator - Antonio Alves da Silva⁽²⁾; secretário - Aluizio Pimentel, funcionando a redação na rua Siqueira Campos, 85. Confecção da Livraria e Tipografia Caruaru. Publicação quinzenal, assinava-se a Cr\$ 40,00 por ano, custando o número avulso Cr\$ 1,00.

Lia-se no artigo de apresentação, em rodapé, que a folha lançada à publicidade era a bigorna com a qual se pretendia "forjar uma melhor estrutura" na vida intelectual belo Jardimense, "colaborando, igualmente, com os homens sinceros e de boa vontade". Frisou o editorialista: "Procuraremos fazer d'A Voz da Verdade o porta-voz e intérprete das pretensões do povo do Belo Jardim".

Periódico essencialmente político, entrou em campanha contra a administração municipal, através de artigos, manchetes e notas picarescas, estas sob os títulos "A bola do dia" e "A brasa viva", por Saraiva, em luta acesa com o órgão situacionista A Voz do Agreste. Abriu também a seção noticiosa "Sociedade", precedida de versinhos de Serrana. Defendeu os candidatos do Partido Social Progressista a cargos eletivos. Além dos artigos assinados pelos redatores, teve a colaboração de Antonio Albino, Costa Pereira, Murilo de Sousa e Zeca Poti. Também não faltaram anúncios.

(1) Coleção com lacunas.

(2) A. Alves da Silva adquiriu popularidade com o apelido de Vereador das Arábias.

A publicação estendeu-se, não quinzenalmente, como anunciara, até o nº 5, que se apresentou datado de 23 de maio de 1954 (Biblioteca Pública do Estado).

BEZERROS

O SOCIAL - Órgão Semanal, Literário e Noticioso - Pioneiro da imprensa local, saiu a lume no dia 15 de maio de 1909, em formato de 33 x 22, com quatro páginas a três colunas de composição. Redatores - "Diversos", na realidade, José Sotero e Nilo Amorim. Escritório da redação na rua Coronel Bezerra, 6. Tabela de assinaturas: ano 6\$000; semestre - 3\$500; mensal - 0\$500. A partir do segundo número figurou, unicamente, uma parcela: trimestre - 1\$000, mais 0\$200 para fora da cidade. Custo do número avulso - 0\$200. Impresso em Caruaru, na Tipografia Freitas.

Seu programa, expresso no editorial de apresentação, tinha como lema o "engrandecimento das letras, a mais nobre aspiração de um povo", e o combate ao analfabetismo.

Seguiu-se a publicação, de vida efêmera, inserindo comentários ligeiros; crônicas de Jadoc Lessa, Flima, Smart, Josetero e Joretos (dois anagramas de José Sotero); Plinius e Pensivani; a seção "Parnaso" de soneto transcrito, e algumas notícias, sendo a quarta página dedicada a reclames comerciais.

Circularam, apenas, quatro números, o último dos quais datado de 20 de junho (Arquivo Público Estadual).

O PORTA-VOZ - Órgão Independente Surgiu no dia 7 de setembro de 1914, em formato de 36 x 24, com quatro páginas de três colunas, com redação e oficinas - Atelier Caldas - na rua da Matriz, 51. Diretor-proprietário - José Caldas Sobrinho; redator-chefe - Alfredo Sotero; secretário - Olavo Falcão.

Publicação semanal, assinava-se a 10\$000 por ano ou 6\$000 por semestre, mediante pagamento adiantado. Número avulso - 0\$200.

Do editorial "Desfraldando a nossa bandeira", constou o tópico a seguir:

"Sem os liames das convenções partidárias e por conseguinte como verdadeiro espírito de imparcialidade, o nosso escopo é difundir a instrução pelas camadas sociais, incitar o gosto pela Arte, encaminhar os espíritos tíbios à concepção do Belo, trabalhando igualmente o quanto nos permitirem as forças para o engrandecimento deste município, para o que perscrutaremos todos os recônditos de sua vida agrícola, comercial, artística e industrial, a fim de que, trilhando a larga senda do progresso, ele possa meritoriamente tomar o lugar que lhe compete no concerto dos núcleos adiantados".

A edição de estréia inseriu alguns sueltos, noticiário, produções assinadas pelos redatores, mais José Hipólito, Diobar e Forster (pseudônimos do então prefeito Salviano Machado Filho), e iniciou um concurso de beleza feminina. Também alguns anúncios.

Seguiu-se a publicação ininterruptamente, apresentando matéria variada. Ainda nos primeiros números, foi o bem feito semanário ameaçado de empastelamento, por motivo pueril, o que levou à publicação de uma nota redacional assinada (4-10-914), em que se dizia, entre outras fortes considerações:

"O Porta-Voz é absolutamente independente de qualquer facção política. Não temos que ver com partidarismo de ninguém. Outrossim, avisamos que jamais temeremos bravatas insólitas e malcriadas, atiradas contra nós pelo simples fato de

não servirmos de manequins, uma vez que somos homens livres e nunca humilhados".

Entusiasmado com o aparecimento do periódico, o maestro Trajano de Vasconcelos compôs, em fins de outubro, um dobrado intitulado "O Porta-Voz".

Retirando-se da cidade, Olavo Falcão deixou o cargo de redator-secretário em janeiro de 1915 e, pelo mesmo motivo, Alfredo Sotero o de redator-chefe, em maio. No cabeçalho desde então, só o nome do diretor.

Ao completar o primeiro aniversário, O Porta-Voz baixou o preço da assinatura anual para 5\$000 (6\$000 fora do município), e da semestral para 3\$000. Número avulso - 100 réis. O preço elevado, durante o primeiro ano, valera como estímulo à empresa, em sua arrancada para dotar a cidade de um órgão de publicidade.

Logo mais na edição de 3 de outubro de 1915, foi aumentado o formato para quatro colunas, tendo José Caldas Júnior assumido a gerência. Outras modificações ocorreram, colocando-se aos lados do título quadrinhos com pensamentos de Montesquieu e Victor Hugo, o primeiro dos quais só perdurou algumas semanas, permanecendo colocado em linha, sobre a data, o segundo, assim concebido: "A imprensa é o motor gigantesco da civilização dos povos, a atalaia das liberdades públicas". Redatores - "Diversos". Do Expediente constava, entre outros itens: "Aceita-se colaboração, desde que esteja nos moldes do nosso programa que, baseado nos ensinamentos da moral, tem por lema - amparar o direito, instruir e deleitar".

Ao solenizar o segundo aniversário de fundação, O Porta-Voz saiu com oito páginas. Começou, então a colocar abaixo do título: "Literatura, Ciências e Artes".

De novembro a dezembro de 1916, a folha alimentou polêmica com A Evolução, de Bonito, motivada por questões de bairrismo. Tudo parecia haver terminado bem, mas, em janeiro do ano seguinte, reacendeu-se a luta, passando para o campo da gramática, e no mês de fevereiro mais cresceu de vulto, com doestos e diatribes, tendo Olavo Falcão, que voltara ao cargo de redator, visado nominalmente, assumido a responsabilidade da discussão, dizendo: "Querem a luta. Muito bem. Estou de arma em punho". Casos pessoais vieram à baila, tornando-se perigosa a exaltação de ânimos. Houve finalmente, intervenção de amigos comuns dos contendores e a polêmica findou na edição de 11 de março, com violento artigo de Olavo.

O Porta-Voz, que circulava aos domingos, passou, a 28 de julho de 1917, a sair aos sábados. Na edição comemorativa do terceiro aniversário, com oito páginas, divulgou, na primeira, clichês dos redatores, que eram, à época, J. Caldas Sobrinho, Olavo Falcão, Manuel Alves e J. Caldas Júnior.

Mais um número, o de 15 de setembro do mesmo ano, e extinguiu-se a vida do bem feito jornal, que saiu a lume 158 vezes, ao todo.

Foram seus principais colaboradores: Judite Costa (que era a mesma Cláudia Fernanda), Cícero Barbosa, Augusto Tabosa, Baltazar de Oliveira, Hildebrando de Menezes (crônicas "Do Alto Sertão") José Miranda, Guedes Alcoforado, Esdras Farias, Austro Costa, Manuel Barbosa, Trajano Barbosa (novela "O segredo de Cláudia", em folhetim), Alfredo Sotero, Júlio Figueiredo e Manuel Pio. Uma das seções mais constantes foi "Amálgama", (estudos e opiniões), assinada por Um

imprevidente⁽¹⁾. Com o pseudônimo de Cavaleiro d'Além (Trajano Barbosa), liam-se boas crônicas intituladas "Coisas do Rio". A parte poética era chamada "Página Azul"; as crônicas "A esmo" tinha a assinatura de C.S. (José Caldas Sobrinho) e ainda nas primeiras edições saiu a série "Apontamentos do município de Bezerros", por Forster (Col. J. Caldas Jr.).

A FORMIGA - Órgão dedicado à petizada - Começou a publicar-se no dia 3 de outubro de 1915, em formato de 18 x 11, com quatro páginas de duas colunas, impresso nas oficinas d'O Porta-Voz. Direção de Durval Caldas (12 anos de idade). Preço do exemplar 60 réis, custando 0\$300 a mensalidade.

Além da nota de apresentação, Tancredo escreveu "duas palavras", assim concluindo: "A fim de não se perder, A Formiga - esse pequeno inseto himenotero - jamais criará asas, nunca chegará à posição quixotesca de tanajura. O seu lema é ferroar os petizes gazeadores e de mau comportamento; não deixando, porém, de encomiar aqueles que fizerem jus aos seus elogios".

O bem feito semanário, de gracioso aspecto gráfico, seguiu sua jornada com toda regularidade, inserindo incipiente literatura, postais, perfis, anedotas, noticiário e os seguintes concursos, um atrás do outro, devidamente apurados e festivamente encerrados: 1º - a menina mais bonita; 2º - a menina mais simpática; 3º - os olhos mais belos, do sexo feminino.

Com produções concisas, em prosa ou verso, colaboraram n'A Formiga os intelectuais juvenis José Lourenço, João Torres

(1) Pseudônimo de Inácio Machado da Costa Neto - professor Machado, como era conhecido em Bezerros, onde residiu por muitos anos, exercendo a função de tabelião público. Paraibano de Patos, para lá regressou e lá findou seus dias.

Quixaba, Abel, Bartolo, Januário, Oinolopa, Heriberto Coelho, Zisina, Diavolo, Juca Amaral, Figueiredo, Oto, Juvenal, etc., junto aos quais também aparecia o advogado Olavo Falcão. Para ligeiras transcrições, Guerra Junqueiro era o preferido.

O "pequeno inseto literário" circulou, ininterruptamente, às terças-feiras, até 28 de março de 1916, com um total de 26 edições (Col. J. Caldas Jr.)⁽¹⁾.

A TRINCHEIRA - Litero-Crítico e Noticioso - Entrou em circulação a 3 de junho de 1917, no formato de 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Corpo redacional: José Hipólito, José Caldas Júnior e Euclides Xavier. Trabalho gráfico do Atelier Caldas, vendia-se o exemplar a 100 réis.

Assim concluiu o artiguinho de apresentação: "Salve! o nosso riso! e salve! a momice dos nossos ancestrais!" Um comentário assinado por Sá-Satélite dizia: "Os que fazem A Trincheira fizeram-se tipógrafos, impressores, revisores e, por fim, tornaram-se jornalistas". A terceira página foi quase toda ocupada com o formoso soneto "Psit!!! Psit!!! Psit!!!", de Rafael Bordalo Pinheiro.

O interessante periódico publicava-se regularmente, inserindo matéria ligeira, de fundo literário e humorístico, como "Esboços grosseiros", por Cabo de Guarda (como se ocultava José Caldas Júnior); "Ruas e Praças", instantâneos de Lumière, que era José Hipólito; "Poste Telegráfico", "Notas e Tons", "Coisas e Casos", questionários; noticiário; um soneto célebre (transcrição), e concursos entre moças e rapazes, a salientar: "Qual o rapaz mais feio da cidade?" e "Qual a jovem mais

(1) Na Biblioteca Pública do Estado existe um único comprovante d'A Formiga: o nº 2.

atrativa de Bezerras?", que teve como vencedora Marieta Holanda.

Com o nº 14 de 2 de setembro, A Trincheira foi suspensa, só reaparecendo a 21 de outubro, "não com o espírito assombante aos míseros aleivosos pequeninos, que só desprezo merecem, mas possuída, sim, de bastante vigor moral para enfrentar qualquer outro infame atentado⁽¹⁾ que porventura um Gregório ou um Samba, de gravata ou sem ela, queira por em prática, para sua boa fama..."

A nova fase obedeceu à direção de José Hipólito, redatores "diversos", passando J. Caldas Júnior a escrever com o pseudônimo Carlos Jácome. Continuou o mesmo programa, sofrendo, após, algumas modificações, até excluir, por fim, quase totalmente, a parte satírico-humorística. A última edição foi datada de 10 de fevereiro de 1928, tendo circulado, ao todo, 26 números.

A Trincheira serviu de título a um tango do maestro Trajano Vasconcelos (Col. J. Hipólito)⁽²⁾.

O GRILLO - Pasquim manuscrito, circulou no dia 3 de outubro de 1917 (referência d'A Trincheira).

O POLICIAL - Órgão da Petizada - Começou a publicar-se no dia 2 de dezembro de 1917, em formato de 13½ x 10½, com quatro páginas de duas colunas, impresso no Atelier Caldas. Corpo redacional: Durval Caldas, diretor; João Queiroz, redator-chefe, e João Caldas, este último só até o terceiro número. Logo mais, Abel Coelho da Silva substituiu o redator-

(1) Alusão a um princípio de empastelamento da tipografia onde A Trincheira era impressa.

(2) Na Biblioteca Pública do Estado só existe comprovante do nº 1.

chefe, mas também pouco demorou no cargo, e os redatores ficaram sendo "diversos". Vendia-se o exemplar a 80 réis, custando 0\$300 a assinatura mensal.

O editorial da edição de estréia, ao contrário da apresentação de praxe, constituiu uma catilinária contra o jornaleco O Correio da Tarde, continuando a campanha de ataques nas edições seguintes, através de artigos de quatro centímetros de altura e de "telegramas" picantes.

Também partiu do primeiro número um concurso para apurar qual "a menina mais bonita" da cidade. A matéria geral constava de incipiente literatura, a seção "Catucadas", leve noticiário, ligeiras transcrições e "Solicitadas".

Publicou-se regularmente, mas "motivos imperiosos" levaram O Policial a suspender sua atividade com a edição de 10 de fevereiro de 1918. Voltou um mês depois, com o formato acrescido de quatro centímetros, estendendo-se-lhe a existência até o nº 25, de 11 de maio (Col. J. Caldas Jr.)⁽¹⁾.

O SEMANÁRIO BEZERRENSE - Fins de 1917 (?).

O ANÔNIMO - Fins de 1917 (?).

O CORREIO DA TARDE - Órgão Crítico e Noticioso - Manuscrito, de pequeno formato, foi fundado em fins de 1917, saindo semanalmente. Dirigido por Djalma Aguiar, depois substituído por Severino Ferreira e Silva, tinha como redator-chefe Pedro Alcides de Figueiredo Lima e redator-secretário José Amorim. Sua matéria constava de incipiente literatura, humorismo e variedades, afora o expresso no sub-título.

(1) D'O Policial só existe comprovante, na Biblioteca Pública do Estado, do nº 12, de 17 de março de 1918.

Foi possível avistar comprovante do nº XXXVI, de 4 de agosto de 1918, pertencente ao colecionador José Caldas Júnior.

O JORNAL DA NOITE - Jornalzinho manuscrito, dirigido por uma "plêiade de jovens inteligentes e hábeis", teve o seu nº 4 publicado em fins de janeiro ou princípio de fevereiro de 1918. "Impresso a imitação de imprensa", trazia "desenhos regularmente acabados, algumas transcrições, notícias e outras coisas diversas"(ref. d'A Trincheira).

O TREM - Folha manuscrita, de pequeno porte, teve sua edição única posta em circulação, passando de leitor a leitor, no dia 7 de abril de 1918. Direção de Oton Peixoto. Só humorismo e sátiras (ref. d'O Policial).

O EVOLUIR - Teria aparecido a 7 de abril de 1918.

O REVÉRBERO - Órgão do Centro Sportivo Bezerrense - O nº 1, ano I, publicou-se no dia 7 de setembro de 1919, em formato de 28 x 20, com quatro páginas de três colunas, impresso no Atelier Caldas. Diretor - Júlio Figueiredo; redatores - "diversos"; gerente - Durval Caldas. O número avulso custava 0\$500, "com direito a entrada no teatro".

Lia-se no ligeiro editorial de abertura: "Atiramos, nesta risonha manhã, como o primeiro beijo eletrizante do sol que se derrama pelos jasmineiros em flor, O Revérbero, expoente do nosso inconfundível sentir de moços que sabem amar a terra paradisíaca do cruzeiro".

Boa edição, divulgou produções, em prosa ou verso, de Judite Costa (póstumos), Olavo Falcão, Alípio Cavalcanti, J. Figueiredo, Ermírio Lima, Fortunato Lira, Nilo Amorim e Horácio Leitão, tudo muito conciso. Completou-se com alguns anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

A ÉPOCA - Órgão Independente, Lítero-Noticioso - Fundado por Salviano Machado Filho, a 11 de março de 1921, o nº 25, ano III, 2ª fase, circulou no dia 26 de julho de 1924⁽¹⁾. Formato de 38 x 27, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Diretor-proprietário - Antonio Bertino de Vasconcelos; redator-chefe - Nestor César; secretário - Alípio Cavalcanti; gerente - Austriclínio Paulo Bezerra, funcionando a redação e oficina na Travessa Dr. Estelita, 6, 1º andar. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 3\$000; mês - 1\$000; número avulso - 0\$200. "Anúncios e publicações, mediante prévio ajuste".

A par de comentários, noticiário e quase duas páginas de anúncios, vinha o semanário divulgando os resultados parciais do concurso "Os mais lindos olhos de Bezerras". Continuavam, igualmente, já no nº XIII, as "Citações clássicas", do professor Guedes Alcoforado⁽²⁾, assim como a "Crônica ligeira", de Moura Araújo, e a "Gazetilha", que apareceu precedida de soneto de Pedro de Holanda, de Bezerra da Cunha, etc. Outros colaboradores vieram à tona, no seguimento regular da vida do jornal, a saber: José Tiago de Miranda, o mesmo Téo Ridaman; Ermiro Lima, José Bertino de Araújo, além das produções assinadas pelos dois hábeis redatores; mais poesias de Guedes Alcoforado (que também assinava crônica feito Antenor Gomes), ou transcritas de outros jornais.

Ao fim do mês de novembro era o gerente substituído por José Amorim Filho, assumindo a chefia da oficina Paulino Acioli.

(1) Não existe coleção arquivada, nem mesmo nenhum comprovante esparsos, dos primeiros quarenta meses de existência d'A Época.

(2) O filólogo Guedes Alcoforado editara, em 1923, em Vitória de Santo Antão, o opúsculo de bolso "Lições de Sintaxe e Texeonomia - Novo método intuitivo", que o semanário bezerrense vinha anunciando achar-se à venda na Redação.

Ilustrada com clichês da equipe responsável, a edição de 11 de março de 1925, de seis páginas, comemorou "Mais um ano" d'A Época, cujo editorial dizia haver-se batido, "sem tréguas, sem recuos, pelo restabelecimento do nosso nome, do progresso de Bezerros, que é, hoje, infelizmente, letra morta na história dos municípios de Pernambuco. E assim continuaremos, até que a aurora da Redenção ilumine, qual novo sol de glórias, de liberdade, os horizontes plúmbeos de nossa estremecida terra".

Desencadeara, então, o periódico forte campanha contra a administração e a chefia política locais, exercidas por José Pessoa Souto Maior, divulgando, inclusive, artigos de Salviano Machado Filho, que se defendia de ataques do primeiro pelas colunas pagas do Diário de Pernambuco. Travou polêmica, ao mesmo tempo, com o Correio de Bezerros e fez a propaganda da candidatura Salviano ao cargo de Prefeito.

A política absorvera as atenções do jornal, que passou, desde 18 de abril, nº 60, a sair com seis páginas, delas excluída a parte literária. As últimas edições de maio focalizaram, com expressões de indignado protesto, um "simulacro de tentativa de assassinio" contra o prefeito José Pessoa, forjado na redação do órgão situacionista, o qual, por sua vez, atribuía a responsabilidade do atentado ao diretor d'A Época.

Em meio à campanha contra o pessoismo, noticiou-se (edição de 13 de junho) a fuga de João Café Filho, diretor do Correio de Bezerros. A eleição para prefeito efetivou-se a 12 de julho, havendo conflito e tiroteio - de grande repercussão - assegurada a vitória do candidato oposicionista Salviano Machado Filho.

Reapareciam os colaboradores, principalmente Guedes Alcoforado, que iniciou a série de artigos "Concepção da

linguagem" e, com o pseudônimo A. Caheté, as notas filosóficas "Fosfóreas".

Abriu a edição de 29 de agosto o editorial "Prenúncios alvissareiros", em que a redação se congratulava com a queda de José Pessoa, desde 1911 dono "das rédeas do poder municipal", acontecimento que proporcionava aos bezerrenses "um prenúncio de radiosas esperanças, garantidoras dum futuro melhor, dum governo mais produtivo".

Continuou a velha rotina, inclusive divulgando artigos políticos de Salisbury; as "Idéias soltas", de Anísio Aldo; versos de Almira Neto; nova série de Guedes Alcoforado: "Retas e curvas", etc.

A partir de 9 de janeiro de 1926 o semanário adotou a repetição do cabeçalho na página de fundo, acrescentando-lhe a indicação: "Sem ligações partidárias". Subiu para o corpo redacional o colaborador A. Nogueira de Sousa, e a redação e escritório, separados da tipografia, passaram a funcionar na rua Vigário Trajano, 7 depois 48. Em fevereiro começava o regime de edições de oito páginas, metade, porém, de anúncios.

A par da matéria comum, constituída de editoriais e notícias, outros colaboradores entraram a ocupar as colunas d'A Época, sucessivamente, tais como: Van Dick, com as "Silhuetas", em sonetos; José Moura; Censor, o dos "Cortes e recortes"; K. Listo, que escrevia "Mademoisele X", José Galhofa, com a seção "Lira Humorística" e, às vezes, "Prosa humorística"; Heloísa Chagas; Sílvio Caju; Eny, que assinava "Notas Semanais"; Jerônimo Filho; Salys, Geny Teves, Sydney e outros.

Nova modificação ocorreu a 23 de outubro, com o afastamento coletivo dos redatores, subindo José Amorim Filho

para função de redator-secretário e ocupando a gerência José Queiroz.

Com a indicação única - "Órgão Independente", a edição de 7 de setembro de 1927 dizia apresentar-se com dois objetivos: homenagear a data e exibir "feição material modificada, o que quer dizer, com roupas novas". Mas a diretriz era a mesma: "independência de idéias, nenhuma ligação, nem compromisso partidário.

A melhoria do aspecto material, entretanto, cingiu-se à substituição do título, aparecido com caracteres de maior vulto. Enquanto isto, extinguiu-se a parte literária, aumentando a dose de anúncios nas edições comuns de oito páginas, raramente reduzidas para seis. A matéria ficou restrita a editoriais, notícias e transcrições.

Atingindo o nº 235, de 29 de setembro de 1928, viu-se uma transformação geral. Longa nota, intitulada "Aos amigos d'A Época", comunicava a transferência dos "direitos de posse e consecutiva responsabilidade do jornal ao Dr. Herotides Xavier". Por sua vez, escreveu Antonio Bertino que se afastava da liça por não poder "apoiar com sinceridade" a situação política implantada no município.

Entrou como redator-secretário Euclides Xavier e redator-chefe o Dr. Jorge de Sá, permanecendo José Queiroz na gerência. Assim começou a 3ª fase do semanário a 13 de outubro, com o nº 1, ano VII, a redação e oficina reunidas novamente na Travessa Dr. Estelita, para logo mais instalar-se, definitivamente, na rua Coronel Bezerra, 14, 1º andar.

Sem aumentar de formato, as páginas do jornal passaram a ter cinco colunas estreitas, ao invés das quatro normais. Herotides (assim assinado) colocou-se, com artigo semanal, no

centro da terceira página, em tipo corpo 12, cercado de sueltos em corpo 7, num arranjo moderno. Mas, em sentido geral, era pouco lisonjeiro o trabalho gráfico, por deficiência da mão de obra.

Provida de novo alento, admitiu A Época algumas seções fixas, a saber: "Bilhetes do Rio", por Pedro Tasso; "Rascunhos", por Astrágalo; "Tiro ao alvo...", versos humorísticos de Atirador; "Cartas de Mulher", a cargo de Celina, depois Pérola Silvestre; mais a colaboração de Nestor César, professor Ermiro Lima, Alípio Cavalcanti, Penélope, Cêcê, Isaura Cavalcanti, Antonio Bertino Filho, Mauro, Pallus, Arlequim, etc.

Com o nº 21 da 3ª fase, ano VIII, de 11 de março de 1929, edição de 12 páginas, comemorou o periódico mais um aniversário, ostentando clichês dos directores das diferentes fases. O editorial alusivo intitulou-se "O nosso dia de festa", declarando, entre outras considerações: "Órgão católico, A Época não tem se desviado de sua rota". Uma página especial de Literatura divulgou versos de Jorge de Sá e prosa de Godofredo de Medeiros, afora outros nomes.

Entretanto, a partir do mês de julho, a terceira página, que continha o pensamento da redação, transformou-se, inteiramente, em anúncio da Casa de Saúde Dr. Herotides Xavier. Mas Nestor César, com o costumeiro comentário "Notas Semanais", manteve o prestígio da folha, que ainda veio a inserir produções de Luys Pery (Luiz Periquito), Pereira de Assunção, Plácido Ângelo, Salústio, Zé do Recife, com as "Pieguices"; José Aristides e Ernestino Lucena. Este último assumiu a gerência a 15 de dezembro de 1929, quando circulou o nº 60, que foi o

último avistado na coleção manuseada (Biblioteca Pública do Estado)(¹).

O MENSAGEIRO - Independente, Literário e Noticioso - Surgiu no dia 4 de março de 1923, em formato de 31 x 22, com seis páginas de três colunas, impresso no Atelier Caldas, à rua da Matriz, 18, onde se localizou também a redação. Diretores - Nestor César e José Caldas Júnior; gerente - Clementino Pontes. Custava 700 réis a assinatura mensal (mais um tostão para fora da cidade), vendendo-se o exemplar a 200 réis.

No artigo de apresentação, intitulado "Credenciais", dizia não ter cor política, aspirando tão somente o progresso do município. Vinha "plantar o germe do estímulo, levantando o organismo depauperado e agônico da mocidade bezerrense". E acrescentou: "Sem retórica, sem elegância de frase, porque, para isso, nos falecem os requisitos rituais, procuraremos cumprir o programa que temos tomado por escopo".

Ao publicar-se o nº 4, de 24 do mês referido, o semanário lançou bem elaborado editorial, criticando o governo municipal, que se alheara a manifestações de pesar pela morte de Ruy Barbosa, unânimes no mundo inteiro. Sugeria o penitenciamento da falta mediante a perpetuação, embora modestamente, numa rua da cidade, do "nome aureolado e bendito do vulto mundial que encheu de glórias a nossa vida de povo civilizado e culto".

Passados os primeiros números, melhorou o formato para 35 x 25, a quatro colunas de composição, aumentando o preço da assinatura mensal para 0\$800 e 1\$00, respectivamente.

(¹) Bastante lacunosos os dois volumes existentes na Biblioteca Pública do Estado.

Jornal de bom aspecto, impressão nítida, inseria comentários de interesse coletivo, amplo e bem distribuído noticiário, alguns anúncios; a seção "Quebra-quengo", a cargo de Aprígio da Fonseca; concurso de beleza feminina; "Bisbilhotices", pelo Conselheiro Sem X; folhetim, com a novela "Fascinação", de J. Brederodes (pseudônimo de João Vasconcelos); a "Coluna Jurídica", por João Café Filho, que ficou na resposta da primeira consulta; contando, ainda com a colaboração de Alfredo Sotero, Heloísa Chagas, Juventino Pinto, Manuel Pio, Ermiro Lima, Vieira de Mendonça, Judite Costa, Moura de Araújo, Conde D'Alba, Almira Neto, Plínio, com as "Cartas do Recife"; João do Lago, contista, de Gravatá; Gentil, Eli, etc., afora as produções dos diretores Nestor César, inclusive com os pseudônimos de Leão Júnior e Kriptonio, e José Caldas Júnior, que só atuou na função até 11 de agosto, por se haver transferido para o Recife, de onde continuou a colaborar como cronista correspondente. Não faltava, igualmente, um soneto em cada edição, de autor famoso, mediante transcrição.

Circulando regularmente, O Mensageiro transpôs o ano, para comemorar, a 4 de março de 1924, a passagem do seu aniversário, com uma edição de oito páginas, estampando, na primeira, clichês do corpo dirigente e redacional, aliás reduzido. Transcorria, segundo o editorial alusivo, "o primeiro marco de sua eficiente atuação pelo progresso de Bezerros".

Não pode, entretanto, viver mais longamente, encerando-se-lhe a existência duas semanas depois, com o nº 51, do dia 16 (Biblioteca Pública do Estado e Col. J. Caldas Jr.)⁽¹⁾.

CORREIO DE BEZERROS - Órgão Político e Noticioso
- Em formato de 48 x 31, com quatro páginas de cinco colunas,

⁽¹⁾ Coleção desfalcada, a da Biblioteca Pública do Estado.

apareceu no dia 27 de outubro de 1923. Direção de José Pessoa Souto Maior, tendo como redator-chefe João Café Filho. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 3\$000. Número avulso - 1\$000. "Solicitadas" a 0\$300 por linha, e anúncios mediante contrato.

No artigo de apresentação, dizia ser "um lutador destemido, forte e ardoroso, pela grandeza e prosperidade de Bezerros", acrescentando que seus atos deviam "ser moldados nos princípios da Justiça".

Publicava-se aos sábados, inserindo matéria variada, inclusive "Curiosidades filológicas", por Armando Cardoso; "Seção Chic", a cargo de elementos femininos; um soneto por semana; publicações oficiais; crônicas de João da Mata (pseudônimo de José Pessoa de Souto Maior), etc.

No ano seguinte a folha encontrava-se sob propriedade e direção exclusivas de Café Filho, tendo como gerente Walfrido Augusto Cavalcanti, o qual foi substituído, em junho, por Teotônio Rodrigues Ferreira, e este, imediatamente após, por Samuel de Figueiredo Lima. Colaboração de Armando Cardoso, Vicente Alves Neto, Miriél, com os "Bilhetes", Clemente Tino (como aparecia o chefe da tipografia Clementino Pontes), etc. Do Expediente constava o aumento da assinatura trimestral para 4\$000. Custo das publicações ineditoriais; 1ª página - 800\$000 a linha; 2ª - 700\$000; 3ª - 600\$000⁽¹⁾ (Arquivo de Alfredo Mendonça).

Em 1925 o Correio de Bezerros, ainda dirigido por Café Filho, tinha como redator-secretário Drocóvio Lima; redator,

(1) Trata-se, indubitavelmente, de erro tipográfico. Não era possível fossem aqueles preços reais. O fato, porém, é que a inatingível tabela figurou, pelo menos, de 26 de abril a 26 de julho de 1924.

Severino Borba; gerente, Austriclínio Bezerra, figurando o professor Guedes Alcoforado e José Tiago de Miranda entre os colaboradores. Edições únicas encontradas desse derradeiro ano: nº 43, de 25 de abril e nº 46 de 16 de maio. Redação e oficina: rua da Matriz, 51. Saía com seis páginas, sendo duas de anúncios. Bom noticiário; telegramas do país; "Pelo Comércio" e a seção, assinada por Pery, "Pilheriando e rindo" (Biblioteca Pública do Estado).

O acima mencionado deve ter sido o último número, senão um dos últimos, pois Café Filho no mês de junho já se havia transferido para o Recife, onde assumiu, no dia 28, a direção do diário A Noite.

Escreveu Café Filho, muitos anos depois, em livro de memórias. Reapareceu (o Correio de Bezerros) em uma edição isolada, na qual, mais ou menos nestes termos, se comunicava aos leitores: "Tendo o nosso diretor assumido a Presidência da República, afasta-se temporariamente da direção deste jornal...".

Não foi possível avistar essa edição, datada, segundo a nota acima, de setembro de 1954.

O NATAL - Edição de 1923, apareceu no mês de dezembro, na qualidade de anuário-reclame da Casa Oliveira (Ref. d'O Mensageiro).

PALMEIRAS - Número 1º e único, entrou em circulação a 26 de dezembro de 1924, obedecendo ao formato de 27 x 18, com 36 páginas, exibindo na capa, em bicolor, artística fotografia. Constituiu uma homenagem ao Palmeiras Futebol Clube, sendo o trabalho gráfico do Atelier Caldas.

Lia-se no editorial, intitulado "Explicação", afora outras considerações em torno do motivo da publicação: "Nas suas 20

e poucas páginas (as restantes eram de anúncios) está gravada a sociedade de cujo seio ela surge, como uma flor que brota, à brisa matinal do jardim da nossa imaginação ainda moça".

Apresentou-se o texto do magazine repleto de clichês: do presidente do Clube, João Café Filho, de outros diretores, sócios e admiradores: noticiário social, página infantil e produções, em prosa e verso, de Nestor Diógenes, Eustórgio Wanderley, Valdemar de Amorim, Bezerra da Cunha, Alípio Cavalcanti, C. Giovanino, Corina de Holanda, Maria do C. Gameiro, Esdras Farias, Aldo Silveira (pseudônimo de Alfredo Afonso Ferreira Chaves), Osvaldo Santiago, Severino Borba, Henrique Figueiredo, Jacira e Vulcano (Col. Caldas Jr.).

JORNAL DE BEZERROS - Inexistentes comprovantes das seis primeiras edições, circulou o nº 7, ano I, no dia 14 de março de 1931, em formato de 38 x 27, com seis páginas a quatro colunas de composição. Diretores - Edgar C. Cardoso Aires de Holanda e José Aristides de Figueiredo Lima, funcionando a redação e oficina na rua Coronel Bezerra, 12, 1º andar. Tabela de Assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 7\$000; para fora da cidade - 12\$000 e 7\$000, respectivamente.

A edição em apreço estampou, no centro de sua primeira página, uma nota de duas colunas, com a assinatura dos diretores, sob o título "O nosso jornal", em que aludiu ao lema, que se traçara, "de combater injustiças e salvaguardar o direito", mediante o "pedestal férreo" de uma "vontade independente". Adiantou: "Combatendo sempre em prol do progresso de Bezerras e do seu povo, as suas idéias tiveram e terão o cunho verdadeiro da sinceridade das nossas convicções".

Assim concluiu: "A nossa pena, destituída de tendências hipócritas ou viciadas, jamais servirá de instrumento às investidas capciosas e lamacentas dos eternos destruidores da

concordia. Estaremos firmes, prontos. Expurgaremos do nosso meio a rotina funesta".

Publicação semanal, seguiu sua meta, inserindo editoriais de interesse local, noticiário, atos oficiais da Prefeitura; a crônica "Coisas da língua", a cargo de Ernestino Lucena; a seção de epigramas "Martelando", por Falador; crônica mundana, assinada por Hélio; artigos, em rodapé, de Aurélio Limeira Tejo; poesia de Alípio Cavalcanti e raros outros colaboradores. No nº 10, abriu o texto uma resposta do historiador-jornalista Mário Melo à consulta da redação sobre "A origem do nome de Bezerras".

A folha manteve o regime de seis páginas, metade das quais de anúncios, muito deixando a desejar o trabalho gráfico.

Foi último avistado o nº 11, de 18 de abril (Biblioteca Pública do Estado).

A VERDADE - Órgão da União dos Moços Católicos - Sem notícia das duas edições primitivas, entrou em circulação o nº 3 a 17 de fevereiro de 1934, em formato de 38 x 27, com quatro páginas de cinco colunas estreitas. Exibia, ainda no cabeçalho, os lemas: "Deus e Pátria" e "Oportet illum regnare" e, no Expediente: "órgão defensor dos sãos princípios". Propriedade da U. dos M.C. de Bezerras; assistente eclesiástico - padre José de Albuquerque; diretores - Luiz Medeiros, Antonio Azevedo e Antonio Silva; diretor-gerente - José Salvador Sobrinho. Tabela de assinaturas: de proteção - 20\$000; anuidade - 5\$000; semestre - 3\$000.

Publicação quinzenal, passou a imprimir-se, desde o nº 5, na tipografia do Jornal do Recife, tendo, porém, vida efêmera. Constituiu-se a sua matéria de artigos e crônicas, nem sempre de doutrina religiosa, porém de temas variados, contando-se, entre

os colaboradores, José Carlos Dias, Heloísa L. Machado, Pedro Solano, Telêmaco, Amaro Rocças, Antão Queiroz, Carlos Meira, Irene Wanderley, de Gravatá; J. Faro e Drotovio Lima; mais "Carnet Social", noticiário, variedades e alguns anúncios.

O nº 7, último encontrado, teve a data de 14 de abril (Biblioteca Pública do Estado).

O SINDICATO-JORNAL - Órgão dos Auxiliares do Comércio de Bezerros - Publicação ocasional, saiu o nº 1 a 3 de abril de 1934, em formato de 38 x 27, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor - José de Queiroz; redator-chefe - José Salvador Sobrinho; redator-secretário - Manuel Pereira de Lucena; gerente - José Cavalcanti de Melo. Administração: rua Sigismundo Gonçalves, 24, trabalho gráfico das oficinas da Vanguarda, em Caruaru.

"Sem afeições nem finalidades políticas ou modalidades de ordem partidária, inspirado no bem coletivo - lia-se no editorial, intitulado "Credenciais" - surge este jornal no campo das realizações e do trabalho, defensor integrado da classe caixeiral de Bezerros".

Completo a página da frente um clichê da diretoria efetiva do Sindicato. A edição, que acolheu alguns anúncios, bordou comentários e noticiou os festejos do dia do primeiro aniversário da instituição, transcrevendo impressões de visitantes, além de artigo de Alípio Cavalcanti.

O nº 2 circulou no dia 3 de abril de 1935, impresso na Tip. São José, igualmente de Caruaru, anunciando custar 200 réis o exemplar. Dizia, então, a "Crônica" de abertura: "O Sindicato-Jornal, é, inquestionavelmente, o produto fecundo de um esforço titânico e encorajado". Omitindo o corpo redacional, inseriu produções de José Ferreira, juiz Paulo André, A. Sales e

Alexandre Mota; inexpressivo noticiário e anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

O CORREIO DE BEZERROS - Órgão Independente, Noticioso e Literário- o primeiro número circulou a 30 de junho de 1934, em formato de 38 x 27, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Diretor - José Aristides (de Figueiredo Lima); redatores - Alderico Valois, Drotóvio Lima e Adriano Sales. Impressão da Tip. São José, em Caruaru. Preço do exemplar - 200 réis.

Folha "eminentemente popular" consoante o artigo de abertura, dispunha-se a batalhar, com afinco, pelo soerguimento da terra, afastado "das conveniências bastardas dos falsos profetas", acentuando: "O jornal que ora surge terá, pelo menos, o mérito de reproduzir com fidelidade o pensamento da maioria bezerrense, auscultando-lhe as necessidades e despertando-lhe os anseios latentes".

Jornal noticioso e variado de comentários e crônicas locais, sobretudo firmadas por Ari, teve mais a colaboração de Eduardo B. Lima, Dr. Possidônio Bem, José Luiz de Souza, Amadeu Aguiar e Povina Cavalcanti⁽¹⁾. Alguns anúncios.

Atingido o nº 4, só havia, no Expediente, o nome do diretor. Estava no fim a vida do periódico, cujo último número publicado foi o 5º, datado de 11 de agosto (Biblioteca Pública do Estado).

O MOMENTO - Órgão Defensor dos Interesses Coletivos. Independente, Político e Noticioso - Apareceu no dia

(1) Publicando-lhe um poemeto, precedido de palavras encomiásticas. O Correio de Bezerros afirmou que Povina Cavalcanti era "uma poetisa inspirada".

21 de julho de 1934, em formato de 50 x 31, com quatro páginas a seis colunas estreitas de composição. Diretor - Antonio Bertino de Vasconcelos. Redação à rua Coronel Bezerra, nºs 110/114. Serviço gráfico da Tipografia São José, em Caruaru.

Ocupou metade da primeira página o artigo "Avante", de apresentação, em que dizia, a certa altura: "As nossas colunas ficam abertas para quantos, desejando o engrandecimento de Bezerros, se constituam porta vozes desse povo sempre diminuído pelos que deviam exaltá-lo". Já no fim, proclamou prezar, "com zelo, a majestade da Santa Igreja Católica, respeitando, igualmente, todos os credos e todas as consciências incorrutíveis".

Inseriu matéria variada, a salientar comentários, noticiário social e artigo de Derval Denizar. Iniciou campanha eleitoral de propaganda da chapa oposicionista à Câmara Federal e à Constituinte Estadual, insurgindo-se, enquanto isto, contra a administração municipal. Mas divulgou artigos diferentes, de André Fonseca e de J.A.; abria a "Gazetilha" um soneto famoso (através de transcrição), além do noticiário e de anúncios. Deu cobertura à defesa do líder João Cleofas, contra acusações partidas do interventor Carlos de Lima Cavalcanti.

Encerrada a fase eleitoral, findou a atuação d'O Momento, que se publicava quinzenalmente, sendo seu último número o 7º, datado de 13 de outubro (Biblioteca Pública do Estado).

O DEMOCRATA - Jornal ligeiro, circulou o nº 1 (e único) a 16 de junho de 1935, no formato de 30 x 22, com quatro páginas de três colunas. Direção de J. Xavier e Nilo Amorim, funcionando o escritório redacional na rua Dantas Barreto, 110. Trabalho gráfico das oficinas do Jornal do Recife.

Constava da nota de abertura: "O Democrata será um semanário literário, noticioso e independente, tendo por lema as últimas palavras do saudoso Afonso Pena: - Deus, Pátria e Liberdade".

Em crônica logo abaixo, alusiva, acentuou Kadec, entre outras definições: "Será um jornal de informações, sempre pronto a fornecer indicações precisas, necessárias à resolução de vários problemas que se nos apresentem na vida cotidiana".

A demais matéria constituiu-se de curtas transcrições, algumas notícias e anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

O OESTE - Órgão do Centro Cultural do Ginásio de Bezerros - Surgiu a 31 de dezembro de 1938, em avantajado formato de 48 x 32, com oito páginas a seis colunas de composição. Imprimiu-se na tipografia do Jornal do Comércio, no Recife.

Declarou o editorial de apresentação: "É o jornal dos moços, o clarim da juventude estudiosa", adiantando, depois de outras considerações: "O Oeste segue a trilha das bandeiras, impondo o recuo dos horizontes, rasgando perspectivas mais vastas. Daí o seu nome. Tem um programa: prestigiar a instrução, colaborando neste particular com as autoridades públicas. Um método de ação: trabalhar mais e melhorar sempre. Este, o retrato da fisionomia moral do Oeste".

A bem organizada edição, publicada em regozijo pela passagem do primeiro ano de trabalhos escolares do educandário, inseriu a reportagem "Bezerros histórico e atual"; produções especiais de Alexandre Mota e Gilberto Dário; página literária, com poesias de Cacilda Santos, Alípio Cavalcanti e Possidônio Bem; "Vida Escolar"; "O Oeste na Sociedade"; algumas fotogravuras e quatro páginas de anúncios.

Ao que tudo indica, ficou no primeiro número (Col. Alfredo Mendonça).

O PROGRESSO BEZERRENSE - Órgão do Grêmio Literário José Anchieta - "Pequeno e bem feito jornal. Diretoras: Maria das Dores Salvador, Socorro Figueiredo e Maria de Lourdes Soares". Estava em circulação, segundo noticiou o Caruaru-Jornal a 3 de agosto de 1935.

A CRENÇA - Órgão Ocasional em Homenagem a Santa Luzia - O nº 1, ano I, foi publicado no dia 13 de dezembro de 1939, formato de 33 x 24, com quatro páginas a três colunas de composição. Imprimiu-se em papel especial, na tipografia do Diário da Manhã, no Recife. Direção de Pedro Marques Cavalcanti; redator - Alípio B. Cavalcanti; gerente - Adolfo José da Silva.

Abriu a edição sucinto editorial, sob o título "As razões de nossa atitude", segundo o qual a iniciativa se deveu a "um sagrado e imperativo dever de veneração e gratidão": o de homenagear "a gloriosa Santa, advogada dos nossos olhos".

Seguiu-se a matéria geral, constituída de "Dados sobre Santa Luzia"; colaboração, em prosa e verso, inclusive de Vespasiano Ramos e Edeltrudes Moraes; noticiário; diversas fotografias e boa quantidade de pequenos anúncios (Gentileza de Caldas Jr.).

A VOZ DO POVO - "Novo semanário de Bezerras", tinha como redator-chefe Félix Paiva e redator Antonio Sales. A informação é d'O Vitoriense, de Vitória de Santo Antão, de 13 de julho de 1940, que acrescentou have-lo recebido regularmente.

ALMANACK O, PERNAMBUCO - Para o ano de 1941 -
Publicação popular, modesta, não restam comprovantes das primeiras edições. A de 1941, ano V, apresentou-se em formato de 17 x 12, com 20 páginas, inclusive a capa, esta impressa em papel de cor. Editado "pelo amador de astrologia e ciências ocultas" João Ferreira Lima, funcionava a redação na rua Frei Caneca, 656. Confecção material da Tipografia J. de Deus, em Vitória de Santo Antão. Preço do exemplar - 1\$000.

Tratava-se, consoante nota expressa na capa, de um "guia para os agricultores e criadores, viajantes; consultar médicos; fazer plantações; especular e realizar casamentos, com elementos científicos, tratados de astrologia e numerologia, profecias astrológicas para o ano de 1941 e mais anos futuros". Com pequenas alterações, o sumário acima figurou, igualmente, nas edições anuais seguintes. Ainda na capa vinha um acróstico, em versos, da palavra Pernambuco.

A partir da edição de 1948, passou a imprimir-se mesmo em Bezerros, na Tipografia Lima, sendo transferida a redação, em 1950, para Caruaru, rua do Cafundó, 8, depois rua Sergipe, 51. E o preço do exemplar, de subida em subida, atingiu Cr\$ 3,50 em 1954. Por sua vez, o título mudara para Almanack D'Pernambuco, só em 1954⁽¹⁾ alterado para Almanaque de Pernambuco (Biblioteca Pública do Estado).

A ALVORADA - Órgão das Escolas Reunidas Estaduais, começou a publicar-se - nº 1, ano I - no dia 1 de março de 1943. Manuscrito e hectografado, sua matéria constava de exercícios escolares, noticiário e desenhos a cargo dos redatores mirins (Departamento Cultural da SEEC).

(1) A publicação prosseguiu em 1955.

A CASCATA - Órgão Oficial das Escolas Reunidas Municipais, o nº 1, ano I, circulou em março de 1943, com quatro páginas igualmente ao precedente, matéria do mesmo feitio (Departamento Cultural da SEEC).

JORNAL DE BEZERROS - Órgão de publicação ocasional, sem cor política - Entrou em circulação a 7 de setembro de 1949, formato de 34 x 27, com quatro páginas de quatro colunas, utilizando papel tipo Ilustração. Diretor-proprietário - Eurico Alves de Queiroz. Confecção da Tipografia e Livraria São Francisco, situada à rua Coronel Bezerra, 29.

O editorial "Apresentação" focalizou a árdua tarefa "de fazer circular um jornal", embora "um número só, para festejar a data da nossa independência". Rememorou os periódicos já publicados e o descaso dos bezerrenses, que não contribuíram para a permanência da imprensa na sua terra. E concluiu, num anseio de esperança: "Entregamos nas vossas mãos o nosso jornal, bezerrense. Ele será grande se lhe estenderdes a mão amiga. A sua vida dependerá de vossa cooperação e do vosso entusiasmo. Se ele ficar à margem do caminho por onde todos passam e vão adiante, a culpa será vossa, do vosso alheamento, do vosso desprezo às causas justas e nobres. Ele aí está. Erguemos hoje, com as reminiscências dos jornais que aqui tombaram, outra trincheira para vossa alegria. Fazei dela o que ditar vosso entendimento".

A bem cuidada edição, servida de comentários e noticiário, incluiu colaboração de Alípio Cavalcanti, Azael Leitão, Wilson de Santa Cruz, Mário Batista, Nilo Cordeiro Galvão, Narciso Lima, Carlos Guerra, Inês Lemos, Stela Maris e Gracinha. Não faltou a parte de reclames comerciais, embora em reduzida quantidade (Col. Oswaldo Araújo, Fortaleza, CE.).

ÁLBUM-REVISTA DE BEZERROS - Edição de 1951 - Apresentou-se com 70 páginas de texto, tendo na capa uma vista da cidade, formato oblongo de 20 x 30. Organizadores: Carlos Magno de Oliveira, Fausto Wanderley e Carlos Guerra, com os respectivos retratos estampados. Trabalho gráfico, impresso em diferentes cores, nas oficinas da "Boa Imprensa de Caruaru S/A". Preço do exemplar - Cr\$ 30,00.

Dedicatória: "Ao povo de Bezerros; aos seus filhos que estão ausentes; aos que tombaram na luta por um ideal; aos que morreram mas deixaram os seus nomes inolvidáveis, dedicamos este Álbum".

Do artigo de abertura constou o tópico a seguir: "Procuramos, sem reservas, demonstrar que, em Bezerros, há uma mocidade esperançosa e radiante, que floresce, que frutifica, que lê, estuda e analisa...".

Depois de um resumo histórico da vida política, econômica e social do Município, entrou a parte literária da Revista, bastante ilustrada, com anúncios entremeados. Foram os seguintes os colaboradores: Wilson Santa Cruz, Adeth Leite, Maria das Graças Santos Leite, Eliete Néri, Murilo Marinho, Irineu Claudino de Oliveira, Alípio Cavalcanti, Mário Limeira Alves, padre José de Sales Tiné, Nestor César, Mariinha Taumaturgo Cruz, Lourdes Souto Maior, Fonseca Barbosa (com ilustração de Fausto), Josué Pedrosa, João de Azevedo, Edvaldo Barros, Luiz Pessoa de Albuquerque Melo, Azael Leitão, Nelson Barbalho, Jeová França, L. Queiroga, Inês Lemos, Romeu de Góis, e outros. Fausto Wanderley forneceu uma "Página Recreativa" (Arquivo de Orlando Wanderley, Garanhuns, PE.).

O LÍRIO - Jornal Ocasional em Homenagem ao Padre José Florentino de Oliveira - Circulou o nº 1, ano I, a 8 de

dezembro de 1951, em formato de 39 x 28, a duas colunas largas, impresso em tinta de cor, trabalho gráfico da Livraria S. Francisco, de Eurico Alves de Queiroz.

Abrindo a edição o editorial em torno da personalidade do sacerdote distinguido, seguiram-se trabalhos assinados por Pedro Marques Cavalcanti, Wilson de Santa Cruz, Carlos Magno de Oliveira e Jerônimo Pessoa; notas ligeiras e vários clichês (Col. Alfredo Mendonça).

A RAZÃO - Publicação declarada ocasional, saiu a lume o nº 1, ano I, no dia 31 de dezembro de 1951, em homenagem ao senador João Café Filho, vice-presidente da República, por motivo de sua visita à cidade. Direção de "um grupo de admiradores".

Formato acima do médio, com quatro páginas e atraente aspecto material, inseriu fotografias documentais e artigos da lavra de Alípio Cavalcanti, Pedro Marques, Euclides Câmara, Wilson de Santa Cruz, Lia Pascoal e Nelson Félix, além de noticiário (Col. Alfredo Mendonça).

JORNAL DE BEZERROS - Apareceu a 31 de dezembro de 1952, em formato de 38 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Redatores - Carlos Guerra, Wilson de Santa Cruz e Severino Torres de Lima.

Feito, consoante a "Apresentação", para os que tinham "sede de escrever, espontaneamente, os seus anseios e as suas deliberações", circulava "como experiência do momento". A cidade não podia continuar sem um porta-voz; tinha necessidade de que alguém a despertasse do marasmo. Surgia, pois, o Jornal, "sem distinção de cores ou partidos"; era de todos aqueles que tivessem um artigo, uma crônica ou um poema para divulgar.

A par de artigos dos redatores, estampou outros de Narciso Lima, tenente Toscano de Brito, Alípio Cavalcanti, Irineu Claudino de Oliveira e Antonio Barbosa Filho; crônica sentimental de Marlene Santos Dias; soneto de Augusto Tabosa; ligeiro noticiário e raros anúncios.

A publicação não foi, ao que tudo indica, além do nº 4, de 31 de março de 1953, reduzido o formato, desde o anterior, para 32 x 23, afastando-se o terceiro dos redatores. Impressão na tipografia do Jornal do Agreste, em Caruaru. Novos colaboradores: Hermenérico Siqueira de Moraes, Fernando Souto Maior, Francisco Miranda Soares, Moacir Sá Leitão (poesia, Margarida Galindo de Oliveira e Eliaquim Artur de Lima (Col. Alfredo Mendonça)).

BODOCÓ

SOL DA INFÂNCIA - Órgão do Grupo Escolar Professor Peixoto e Silva - Começou a publicar-se - nº 1, ano I - com a edição de maio de 1952, ocupando uma folha de papel pautado, dividida em quatro páginas, manuscrito e copiado em hectógrafo. Diretor - João F. Nunes; redator-secretário - Jailson F. de Sá; tesoureira - Deana Parente Ribeiro.

Constou sua matéria de crônicas, noticiário social e desenhos escolares (Departamento Cultural da SEEC).

BOM CONSELHO

O SERRANO - Órgão do Grêmio Literário de Bom Conselho - Fundado a 15 de dezembro de 1903, sem que reste comprovante da edição de estréia, publicou-se o nº 2 no dia 1 de janeiro de 1904, em formato de 38 x 27, com quatro páginas a três colunas de 15 cíceros. Impresso em tipografia própria, para

circular quinzenalmente, adotou a seguinte tabela de assinaturas: ano - 6\$000; semestre - 3\$500. Preço do exemplar - 300 réis.

A par de editorial, sueltos e noticiário, a edição, assim como os n^{os} 5 e 6, manuseados, contou com a colaboração do vigário Xavier Pedrosa, Olímpio Bonald, Nogueira Lima, Antonio Apolinário Tenório de Cerqueira, José do Amaral, João Alves, Audálio Costa, etc.

Teria sido último número dado à circulação o n^o 7, de 15 de março.

Com idêntico título, surgiu outro órgão, de caráter imparcial, a 15 de novembro de 1906⁽¹⁾, dizendo-se "publicação hemimensial". Redatores - A. Sílvio Barreto, Dr. João Luciano e professor Severino Marques de Sousa; gerente - monsenhor João Marques de Sousa. Impresso na mesma oficina gráfica, obedeceu ao formato anterior, cobrando 5\$000 por assinatura anual e 3\$000 pela semestral.

Ao atingir O Serrano o n^o 15, só restava no cabeçalho um redator: A. Sílvio Barreto. Servido de matéria variada, salientavam-se as seções "Hemimensais", de Asylreto (A. Sílvio Barreto) e "Tipos", de Til, esta última em versos. A colaboração assinada estava a cargo de Genésio Vilela, D'Araújo, Rocha Melo, Lívio Vieira da Cunha, Dr. Luiz de Góis (temas médicos), Paula Vieira, Uílio de Oliveira, o mesmo Til, e outros. Quase toda a quarta página era ocupada por anúncios.

Comemorativo do segundo aniversário, saiu a 15 de novembro de 1908 o n^o 25, ano III, cujo editorial focalizou as

(1) Alfredo de Carvalho, autor dos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908", registrou a primeira fase d'O Serrano, mas não tomou conhecimento da segunda.

dificuldades da imprensa interiorana. E, numa nota à parte, declarou a redação que, tendo de proceder a reformas no periódico e "aguardando mesmo resposta às circulares dirigidas a diversos cavalheiros", suspendia a publicação, para voltar, dentro em breve, a "arena das letras".

Considerada a parte acima como segunda fase, houve ainda uma terceira, cuja data inicial não foi possível averiguar, em virtude da deficiência de comprovantes, nem até quando se estendeu a publicação⁽¹⁾. Avistado, porém, foi o nº 2, ano II, que circulou no dia 23 de dezembro de 1917, mantida, ainda, a forma apresentada nas duas primeiras fases. Diretor - Armando Goulart Wucherer; - gerente - Genésio Vilela. Afora a matéria de rotina, inseriu colaboração literária de Tenório de Cerqueira, Filinto Pessoa e José Cupertino (Biblioteca Pública do Estado).

O ALFINETE - Fundado em outubro de 1908, tinha como diretor Genésio Vilela e redatores Antonio Apolinário Tenório de Cerqueira e Rutilio de Oliveira. Dele não restam comprovantes; chegou, entretanto, a completar um ano de existência, como o noticiou, em sua edição de 10 de novembro de 1909, A Pátria, de Garanhuns:

"Apareceu-nos, simpático e agradável, impresso em papel de cor, devido à passagem do seu primeiro aniversário natalício, sucedido a 25 de outubro, O Alfinete, de Bom Conselho". E acrescentou: "...com este número terminou a sua circulação na arena jornalística, devido à falta de recursos pecuniários ou por outra a população daquela terra, que não compreende bem os

(1) No seu livro "Letras Católicas em Pernambuco", edição de 1939, o cônego Alfredo Xavier Pedrosa afirma que O Serrano "foi fundado em 1912, pelo monsenhor Marques"(?) e "era o órgão dos interesses da paróquia de Bom Conselho, onde circulou de 1912 a 1915...".

inumeráveis benefícios que trazem a cada localidade os jornais, não contribuiu com o seu auxílio para a sua manutenção".

O CLARÃO - Jornal Independente - Saiu a lume no dia 15 de outubro de 1925, em bom formato de 42 x 30, com quatro páginas de quatro colunas. Impresso em oficinas próprias, instaladas à rua da Matriz, 15, tinha redação à rua 15 de novembro, 1. Direção do padre Alfredo Dâmaso; redatores: Severino Leite e Batista de Almeida. Destinava-se a ser distribuído gratuitamente, mas logo no segundo número anunciou o preço de 10\$000 por assinatura anual e o de 0\$200 por exemplar (atrasado - 0\$500).

Pretendia, segundo o artigo de apresentação, "alumiar a arena em que os ódios se entrechocam, as paixões eclodem, as raivas rugem", desejando "ver a ordem, a harmonia, a grandeza servirem de alicerce do edificio que amanhã, para a família de Bom Conselho, se levantará".

Seguiu-se a publicação semanalmente, inserindo, ao lado do título, em cada edição, um pensamento de homem célebre. Servido de bem elaborados editoriais, comentários ligeiros e variado noticiário, teve também a colaboração de Tenório de Cerqueira, J. Wanderley, Sálvio e José do Amaral, ambos com poesias; Túlio, com as "Alfinetadas", Klaixiua-lha, que assinava a seção "Pela Paróquia", etc. A quarta página era só de anúncios.

A 16 de janeiro de 1926, deixava a redação Batista de Almeida, que se vira obrigado a transferir-se para o Recife, ameaçado no exercício de suas funções de juiz municipal, só regressando a Bom Conselho e ao seu posto, no periódico, em abril.

Com a edição de 7 de agosto, O Clarão foi suspenso, reaparecendo a 17 de novembro do mencionado ano - nº 27 - edição, entretanto, que foi o seu "canto de cisne", assim celebrado, encerrando o artigo de despedida: "Que formoso crepúsculo, o do nosso jornal!"(Col. Seve-Leite e Biblioteca Pública do Estado)(¹)

A PÁTRIA - Semanário Independente e Noticioso - Foi fundado a 2 de junho de 1926, destinado a publicar-se semanalmente. Propriedade de Amorim & Miranda; orientação de Otávio Miranda; redator - Gervásio Vieira Pires; redator substituto - professor J. Noronha.

Saindo com quatro páginas, passou a dar edições de seis a partir de 12 de novembro, quando admitiu novo redator - J. Rodrigues Filho e um diretor-gerente - Nicéas Filho, Logo mais, o primeiro foi substituído por Duda Rodrigues, enquanto Seve-Leite assumia a função de redator-chefe, que exerceu por alguns meses, e retirava-se J. Noronha. Foram primeiros colaboradores, entre outros, Cláudio Cunha e Gilvan de Abreu.

Após grandes lacunas nas coleções manuseadas, encontra-se o nº 142, ano IV, de 26 de abril de 1930(²), obedecendo ao formato inicial de 37 x 25, com quatro páginas de quatro colunas. Além do subtítulo, constava do cabeçalho: "Tudo por Bom Conselho". Direção de Otávio Miranda; redator-secretário - Abílio Dias de Melo.

(¹) Guardam-se, apenas, na Biblioteca Pública do Estado, os seis primeiros números d'O Clarão.

(²) Primeiro da coleção da Biblioteca Pública do Estado.

Na edição de 19 de julho, apresentou o diretor suas despedidas, através de uma nota "Ao público"⁽³⁾, sendo substituído por Luiz Gracindo Palmeira.

Depois de nova lacuna, entre os nºs 163 e 174, este de 21 de fevereiro de 1931, apareceu Otávio Miranda outra vez na direção, servindo como redator-secretário Agostinho Ferreira Leão, o qual, no mês de agosto, foi substituído por Teodomiro Miranda, proprietário da Tipografia Moderna, localizada na rua Padre Alfredo Dâmaso, onde se imprimia a folha. Assim continuou em 1932, ano VI, começado com a edição de 1 de janeiro. Em março de 1933, filiava-se à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco.

Desde 1930, A Pátria, mesmo com quase duas páginas de reclames comerciais, mantinha regular noticiário, comentários ligeiros, a seção "Foguetes...", firmada por Foguetório; estabeleceu um concurso de beleza feminina e outro para apurar qual o melhor orador da cidade; estampava sonetos de vez em quando, ora transcritos, ora originais de José do Amaral, crônicas de O.M. e artigos de Gil Teles. Prosseguiu, anos afora, seu programa de independência, atacando a política municipal, quando necessário; divulgando atos oficiais da Prefeitura; abrindo mais concursos: de beleza infantil e desportivo; proporcionando boa cobertura aos congressos jornalísticos do interior; encetando campanhas de alfabetização e de moralidade de costumes, sobretudo políticos; apoiando a Interventoria

⁽³⁾ Na edição precedente, de 12 de julho, uma nota redacional informou que motivos especiais fizeram com que Otávio Miranda (advogado e alagoano) sofresse sério aborrecimento, deliberando acabar com o jornal. Não o fez devido à intervenção de Gracindo Palmeira, que se protificou a assumir a direção. Acentuou o comentário: "Ninguém julgue que o nosso ex-diretor se atemorizou com caretas, pois há cinco anos que aqui reside e ainda não recuou diante de nenhuma investida. O que o fez deixar A Pátria foi o espírito subserviente de alguém que se diz independente".

federal no Estado. Em defesa da administração municipal, travou polêmica, em 1932 com o Diário de Garanhuns.

Otávio Miranda, nomeado, em princípio de 1933, delegado de polícia do município, afastou-se, novamente, da direção d'A Pátria, substituindo-o Teodomiro Miranda, cumulativamente.

Ao atingir 1934, a redação e a oficina, que vinham funcionando na rua Siqueira Campos, 52, foram transferidas para a Praça Pedro II, 120. Iniciava-se, então, "uma nova fase - consta do editorial de 13 de janeiro - de reorganização, de reajustamento de trabalho", conservando a divisa: "Tudo por Bom Conselho". Assumiu a direção o médico-poeta Alcides de Siqueira, passando Teodorico Miranda para a gerência. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000. Número avulso - 0\$200. Pagava-se 0\$200 por linha, nas Publicações socilitadas. A partir de 10 de março veio a constar do cabeçalho, na qualidade de redator-chefe, o nome de José Vieira de Carvalho.

Encerrou o ano o nº 310 (exemplar não encontrado), sendo o precedente datado de 6 de outubro de 1934. Vinha sendo publicado irregularmente e ficou suspenso.

Decorrido alguns meses, encentou A Pátria sua última fase, seguindo ainda a numeração: saiu o nº 311 no dia 15 de junho de 1935, ano X, voltando ao cabeçalho de Otávio Miranda, diretor, ao passo que, na edição subsequente, aparecia o do redator-chefe - João Urquiza Valença. Baixou o custo da anualidade para 5\$000 e a redação funcionava na Praça Frei Caetano, 175, imprimindo-se em tipografia diferente.

Segundo editorial, sob o título "Para a frente!", o silêncio de vários meses não foi "um retrocesso; foi um estágio de

energias intelectuais, no setor de entusiasmo, para as lutas futuras."

Pretendendo circular feito quinzenário, não pode fazê-lo, pois o terceiro número da nova arremetida foi o 313, de 3 de agosto de 1935. Findou aí a existência da insistente gazeta bom-conselhense.

Entre os colaboradores d'A Pátria, nos últimos anos, destacavam-se Oscar Siqueira, Hermilo Costa, Procópio, com os "Pingos de malícia"; Mário Terra, autor do comentário "Ferro em brasa"; Otávio Gomes, Jerusa Tenório, J. Costa, J. Cordeiro, Condessa de Marialva, padre Nelson Barros Carvalho, Alcides Siqueira, Lindolfo Tenório, J.V.C., Cornélio Valença Leal e R. Agá (Coleções Caeté de Medeiros, Seve-Leite e Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

O COMETA - Órgão de Combate - Recebido comprovante desse periódico, publicado sob a direção do acadêmico Arnóbio Tenório Wanderley, pela revista recifense O Tacape, edição da 2ª quinzena de janeiro de 1929. Sem pormenores. Nem foi possível avistar nenhum exemplar.

O PIRILAMPO - Órgão Imparcial, Humorístico e Noticioso - Fundado a 9 de agosto de 1930, não restam comprovantes das dez primeiras edições. O nº 11, ano I, circulou no dia 7 de fevereiro de 1931, em formato de 26 x 16, com quatro páginas de três colunas. Diretor - Teodomiro Miranda; substituto - José Miranda; gerente - Agostinho Ferreira Leão. Propriedade da Tipografia Moderna. Assinatura mensal - 0\$600. Número avulso - 0\$200.

(1) Incompletas todas as coleções manuseadas.

Seguiu-se a publicação semanalmente. Matéria variada, abordava temas de interesse local, às vezes criticando erros administrativos; inseria regular noticiário, crônicas, contos ligeiros e as seções humorísticas "Perfil", em sonetos de Pirolito; "Faiscas", por Percy; "Martelada...", versinhos de Marcelo; "O que eles dizem"; "Telegramas" e "Conseqüências...", por Vah-Dick; mais a correspondência matuta de Chico Pita e caricaturas, em madeira, trabalhadas por Teodomiro Miranda.

O nº 31, de 9 de agosto, reuniu, excepcionalmente, seis páginas, em comemoração ao primeiro aniversário. O Pirlampo, todavia, circulando irregularmente, veio a despedir-se dos leitores no nº 33, de 22 de setembro. É que a empresa editora, a mesma que imprimia A Pátria, vinha "arcando com grandes prejuízos", dada a "falta de gosto pelas letras", o que envolvia dois terços da população.

Reapareceu a 7 de outubro e encerrou sua atuação, em definitivo, ao publicar-se a edição subsequente, que foi o nº 35, de 25 de outubro de 1931 (Biblioteca Pública do Estado).

O PROGRESSO - Órgão Social e Independente - Surgiu a 1º de abril de 1933, em formato de 48 x 30, com quatro páginas e quantidade irregular de colunas. Diretor - Odilon Tenório Cordeiro; redatores - "diversos". Impresso em oficina própria, funcionava esta, junto à redação, na travessa Henrique Dias.

Lia-se no longo editorial de apresentação: "Jornal que obedecerá um princípio verdadeiramente independente, sem ligação política ou partidária, formulamos um sistema programático coerente às nossas aspirações, condenando todos os processos que ataquem ou degradem o bom equilíbrio da ordem social.

De feição combativa e evangelizadora, pugna em quebrar os grilhões onde se acorrenta o mal, pela idéia iluminada e criadora. O bom jornal é obreiro admirável que constrói, rápida e solidamente, o grande edifício do progresso humano".

Composto, ordinariamente, em tipo corpo 12, seguiu trajetória normal, tratando de temas que diziam respeito à vida econômica e social do município. Inseria noticiário variado, atos oficiais da Prefeitura e os "Reparos", firmados por Jota. Poucos anúncios.

Manteve, meses afora, uma parte literária, em que apereciam produções, em prosa e verso, de Tenório de Cerqueira, Alcides L. de Siqueira, Jules Tenio, José Joaquim Cordeiro, professora Dolores Crespo, G.V., ou seja, Gervásio Vieira Pires, Liane d'Altavile, Ulisses Lins de Albuquerque, Marline Castelo, José Cupertino, Tiago A. Lins, padre Nelson B. de Carvalho, Caeté de Medeiros, padre Alfredo Pinto Dâmaso, D. Miguel, etc., e copy writes da União de Jornalistas Brasileiros.

Estampou, a partir do nº 18: "Filiado à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco". No nº 25, 1º de abril de 1934, edição de oito páginas, comemorou o primeiro aniversário, homenageando, na primeira, o Presidente Getúlio Vargas. Nas do centro figuraram clichês individuais dos irmãos Antonio Apolinário Tenório de Cerqueira, Francisco Tenório e José Cupertino Tenório de Cerqueira. Divulgou colaboração especial.

Outras edições de aniversário foram dadas à estampa a 1º de abril de 1935, 4 de abril de 1936 e 1º de abril de 1937, esta última num recorde de 14 páginas, já antes reduzidas ao formato de 30 x 22. Além do nome do diretor, constou do cabeçalho, por

algum tempo, o de Gervásio Vieira Pires, redator, que divulgava poesias usando o pseudônimo Phidias.

Nada obstante a raridade de comprovantes à vista, a publicação d'O Progresso estendeu-se, pelo menos, até o ano IV, nº 62, de 20 de fevereiro de 1938, contando-se, entre seus últimos colaboradores, Tibúrcio Rocha, Diegues Passo, Rodolfo Gomes Neto, Urquiza Valença, Gumercindo de Abreu e J. Valença Jr. (Biblioteca Pública do Estado e Col. Caeté de Medeiros)⁽¹⁾.

O PHAROL - Jornal estudantil, circulou o nº 3 (não existem comprovantes dos dois primeiros) em agosto de 1933, obedecendo ao formato de 32 x 24, com quatro páginas de três colunas. Propriedade da Escola Estadual nº 16, imprimiu-se na Tipografia Moderna, de Otávio Miranda, situada à rua Siqueira Campos, 52 Diretora - Leonor Vilela; secretária - Bernadete Costa; redatora-chefe Berenice Barbosa. Preço do exemplar - 200 réis.

Constituído de literatura incipiente, noticiário e alguns anúncios, continuou inserindo produções da equipe redacional e de outras alunas, tais como Gilda Tenório, Alzira Torres, Aline de Almeida Lins, Iraci Machado, Nedi Vieira Belo e outros.

O nº 4 saiu em outubro e o 5º em novembro, quando uma nota, assinada por Geraldo Cordeiro, declarou que a folha de escolares só voltaria a publicar-se em fevereiro de 1934.

Não há indícios de ter voltado (Biblioteca Pública do Estado).

(1) Coleções bastante desfalcadas. O último número estudado d'O Progresso, só o possui o médico e escritor J.V. Valença Jr.

A VOZ - Órgão Noticioso e Independente - Sem que reste comprovante da edição de estréia, saiu a lume o nº 2 no dia 5 de setembro de 1937, em formato de 38 x 26, com seis páginas a quatro colunas de composição. Diretor - José Vieira de Carvalho; redator-chefe - João Urquiza Valença; gerente - Agostinho Francisco dos Santos. Confeccionado em Garanhuns, PE, na Tipografia da Livraria Escolar. Assinaturas: ano- 10\$000; semestre - 5\$000. Preço do exemplar - 0\$200.

Outro encontrado foi o nº 4, de 3 de outubro, com apenas quatro páginas, faltando indícios do prosseguimento da publicação.

Constava a matéria d'A Voz de comentários gerais, noticiário amplo, as seções "Telefonemas", "Questionário", "Crônica Semanal", de Urquiza, "Registro Social" e "Comentários matutos"; poesias de Anísia Monteiro, Príncipe da Noite, etc. (Biblioteca Pública do Estado).

O IPIRANGA - Jornal de estudantes, publicou-se o nº 1, ano I, a 6 de fevereiro de 1938, em formato de 30 x 23, com quatro páginas de três colunas. Diretor - José Maria Tenório; redator-chefe - Urquiza Valença; gerente - Lindolfo Tenório.

Seu aparecimento, consoante as "Duas palavras" de abertura, constituia uma contribuição para o progresso do município, a "marca inconfundível dos espíritos novos e sadios". Era, finalmente, "pequeno, sincero e útil".

Divulgou prosa e verso da equipe redacional e de Tibúrcio Rocha, Enoméia e Edna Tenório; "Alfinetadas", a cargo de Pé de Serra; "Sociais" e o início dum concurso de beleza feminina.

Teria continuado? (Biblioteca Pública do Estado).

ESTUDANTE - "É com a epígrafe acima que circulou nesta cidade, no seu terceiro número, o jornal quinzenal sob a direção dos Srs. João Campos e Gilvan de Abreu" (Inf. d'O Progresso, 20/02/1938).

O ESTADO NOVO - Quinzenário Educativo, Crítico, Noticioso - O nº 1, ano I, circulou no dia 19 de abril de 1941, em formato de 32 x 23, com seis páginas, a três colunas de composição. Diretores - Odilon T. Cordeiro e Joaquim Silveira; redator - Gervásio Vieira Pires.

Lia-se no artigo de apresentação, ladeando clichê de Getúlio Vargas: "O Estado Novo apresenta-se, não para endeusar partidos, grupos ou pessoas, sim para servir ao bem comum, ao povo da Papacaça, que se considera feliz com o regime de 10 de novembro, que mobilizou homens de boa vontade, sábios, artistas e inventores para a reconstrução da pátria".

A edição foi dedicada ao aniversário natalício do Presidente da República, divulgando, ao lado e sob o título, conceitos assinados por S. Exa. e pelo Interventor Agamenon Magalhães; artigo e soneto encomiásticos de J. Silveira; página sobre a "Administração municipal"; noticiário ligeiro e uma página de anúncios.

Faltam notícias da continuação (Biblioteca Pública do Estado).

A VITÓRIA - Semanário Noticioso e Independente - Entrou em circulação a 20 de dezembro de 1942, no formato de 32 x 23, com seis páginas de três colunas. Diretor-responsável - João Urquiza Valença; secretário - Álvaro Gilvan de Abreu; redator - E. Pessoa; diretor de publicidade - Valdemar Gomes de Santana. Confecção da Tipografia Papacaça, de Lúcio Duarte,

situada na rua Barão do Rio Branco, 48. Tabela de assinaturas: ano - Cr\$ 20,00; semestre - Cr\$ 12,00; trimestre - Cr\$ 8,00. Número avulso - Cr\$ 0,30.

Segundo o artigo de apresentação, o surgimento d'A Vitória constituía "outra tentativa para acordar a cultura de Bom Conselho", acentuando: "O caminho vai ser árduo; o nosso denodo precisa ser gigantesco para os sacrifícios que nos esperam".

Lutaria "pelas boas atitudes, pela moralidade, pela justiça e pela inteligência", frisando ainda: "A Vitória, antes de ser uma tribuna de coragem pública contra os incrédulos, é uma resposta clara ao apelo da grande preocupação universal, em prol do trabalho patriótico". Em conclusão: "Trabalho útil, eis o nosso elan exclusivo e pelo qual todo sacrifício feito será uma alegria".

Além do que escreveram os redatores e diretores; além do noticiário, o primeiro número teve a colaboração de E. Maia; e Forasteiro assinou crônica ligeira, abrindo as "Sociais".

Seguiu-se a publicação, ora com quatro, ora com seis páginas, iniciando o ano de 1943 o nº 3, datado de 3 de janeiro. Na quinta edição escrevia o diretor o artigo "Jornal - posto de sacrifícios", enquanto uma nota da terceira página declarava encerrado, por motivo de incompreensões, o concurso de beleza feminina instituído no nº 2. Mas o Forasteiro começou um questionário, também feminino, que obteve duas respostas... A princípio sem reclames comerciais, veio o jornal a inseri-los, em maior quantidade nas edições de seis páginas.

A partir de fevereiro, foi A Vitória alterando sua periodicidade, com interregnos de quinze dias e até três semanas. Passou a ostentar manchetes na primeira página. Urquiza Valença continuava a invectivar os inimigos do

progresso de Bom Conselho e da cultura. Foram outros colaboradores: Efrem Tenório, Elias Sabino, Luiz de Oliveira Crespo, Gervásio Vieira e Pedro Crescêncio Pereira. Os clichês, em madeira, dos cabeçalhos da primeira e da última página foram confeccionados pelo técnico José Paiva.

Atingido o nº 15, de 2 de maio de 1943, findou a existência da interessante gazeta (Col. J. Urquiza)⁽¹⁾.

O BÔLO - Folha humorística, de autores incógnitos, inseria "gaiatas produções", numa "crítica fria e cortante" (Inf. d'A Vitória, 07/02/1943).

A COLMEIA - Órgão Oficial do Grupo Escolar Mestre Laurindo Seabra - O nº 2, ano III, circulou em março de 1944, com quatro páginas de papel almaço, manuscrito e copiado em hectógrafo. Diretora - Eronísia Azevedo Araújo; secretária - Amália Bezerra Monteiro; redatoras - Terezinha Gomes Farias, Diva Albuquerque, Maria do Carmo Pereira, Edite Barros e Maria Barbosa da Silva; gerente - José Maria Belo.

Publicou-se o jornalzinho até, pelo menos, o nº 10, do mês de outubro, constando sua matéria de literatura infantil, noticiário social e desenhos escolares (Departamento Cultura da SEEC).

O POMBAL - Do Orfanato Nossa Senhora do Bom Conselho - O nº 1, ano I, entrou em circulação em maio de 1944, com quatro páginas de papel almaço, manuscrito e copiado em hectógrafo. Diretora - Ione Melo; redatora-secretária - Ivete Tenório.

(1) Existe comprovantes, na Biblioteca Pública do Estado, das cinco primeiras edições.

Matéria constituída de ligeiras produções infantis, notícias do movimento social e desenhos escolares. Assim prosseguiu, mensalmente, pelo menos, até o nº 5, datado de maio (Departamento Cultura da SEEC).

REVISTA DO CENTENÁRIO - Circulou a 26 de abril de 1953, em formato de 32 x 24, ao completar cem anos de atividades a Congregação das Religiosas de Nossa Senhora do Bom Conselho, contendo 40 páginas de papel couchê, inclusa a capa, ilustrada com motivos da comemoração. Trabalho gráfico da oficina da Folha da Manhã, no Recife.

A página de rosto homenageou o Papa Pio XII, estampando-lhe a efigie, seguindo-se o panegírico no anverso. Da matéria geral constaram artigos de Costa Porto, Raquel Campos, Regina Lúcia, padre Ascânio Brandão, Ivan Cankar e Pedro Afonso; poesias de José Américo da Costa, M. Arriaga e Domingos Albuquerque; reprodução do "Cântico do Sol", de São Francisco de Assis; noticiário da grande efeméride e da atuação das Casas da Congregação; palavras de fé e estímulo.

Farta messe de clichês, nitidamente impressos, ilustrou a poliantéia. (Biblioteca Pública do Estado).

MAGISTÉRIO - Um Jornal de Professoras - Surgiu no dia 8 de dezembro de 1953, em formato de 54 x 32, com seis páginas a seis colunas de composição. Direção: frei Urbano de Sertânia; colaboração: professoras Ex-alunas da Escola Normal Regional Nossa Senhora do Bom Conselho. Assinaturas: Anual - Cr\$ 30,00; benemérita - Cr\$ 100,00; de honra - Cr\$ 200,00.

Lia-se no artigo de apresentação, assinado pelo Diretor: "Não é um jornal político que pretenda ensaiar e espargir ideologias partidárias ou arregimentar prosélitos. Não! Nem tão pouco ele aparece como ator no palco da vida, com a vaidade de

ser visto por curiosos expectadores. Também não! Magistério é filho da liberdade e da sã democracia dos filhos de Deus! Ele deseja lutar pelo ideal da ciência e do saber, que soerguem as inteligências e alevantam a ordem e o progresso da Pátria".

Concluiu conclamando o professorado para, erguendo "o archote do magistério, expulsar as trevas da ignorância".

A primeira edição foi dedicada "ao Ano Jubilar do Colégio de Nossa Senhora de Bom Conselho (1853/1953) e à memória do imortal apóstolo Frei Caetano de Messina". Teve a colaboração de Itamar Pancrácio Fontes, Nadir Ricardo, padre Nicolau Rossetti, Magdala, Maria Vitória Franco, Maria José Cabral de Barros e Terezinha Falcão, havendo também uma Página da Professora Ex-Aluna.

O nº 2, publicado a 31 de dezembro, acrescentou ao Expediente "Órgão Mensal, Independente, Neutro, Apolítico, de caráter cultural e educativo e de âmbito regional". Prosseguiu em 1954, circulando cada mês, inserindo editoriais, comentários ligeiros, humorismo, curiosidades, notas litúrgicas, produções assinadas, noticiário e alguns anúncios.

Bem redigido, considerava-se Magistério o periódico gramaticalmente perfeito⁽¹⁾. Além dos nomes mencionados, foram outros colaboradores: Joaquim Rodrigues de Barros, J. Dias, Rubens Falcão, Lúcia Veras, que manteve um consultório de perguntas e respostas sobre religião; Miguel Crescêncio Pereira, Alúcio Barbosa, Luiz Gonzaga Arcoverde, etc.

(1) A propósito da sua boa revisão, de que se orgulhava, Magistério divulgou o seguinte Aviso ao Leitor: "Se você achar dois erros apenas em nosso jornal, envie-os pelo Correio que lhe enviaremos, em troca, vinte cruzeiros (Cr\$ 20,00), por cada erro de redação, não de tipógrafo... Mãos à obra...".

Contendo, normalmente, quatro páginas, o nº 10, de 3 de outubro, saiu com seis, em papel especial, dedicado aos alunos do Seminário D. Vital, comemorativo da festa de São Francisco de Assis, apresentando ampla literatura dos futuros padres.

A 8 de dezembro publicava-se o nº 12, numa edição extraordinária de doze páginas, ilustradas com fotogravuras, inclusive do capuchinho fundador do jornal e do seu então substituto na direção, professor Álvaro Gilvan de Abreu, assinando, cada um dos dois, artigo sobre as tarefas terminada e iniciada. Intensa, a colaboração das professoras. Uma nota redacional avisava que a redação entraria em férias, só voltando a fazer o jornal em fevereiro.

Era o seguinte o Secretariado de Magistério: professoras Glorinha Tenório Luna, Giselda Nunes Belo, Valderez Barros Pinto e Maria Josemir Torres Meira, funcionando a administração da empresa na Praça Frei Caetano. Consoante balancete divulgado, da receita e despesa, havia um saldo, na Tesouraria, para 1955, de Cr\$ 5.358,00⁽¹⁾ (Biblioteca Pública do Estado)⁽²⁾.

(1) A publicação continuou em 1955.

(2) Coleção desfalcada.

BOM JARDIM

15 DE NOVEMBRO - Edição comemorativa do quarto aniversário da fundação da União Dramática Bomjardinense, circulou, na qualidade de primeiro jornal do município, a 15 de novembro de 1900, em formato de 27 x 17, com quatro páginas, impresso em papel superior. Exibia, acima do título, as palavras: "Arte - Progresso - Ciência - Liberdade".

Sua matéria constituiu-se de artigos, em torno do evento, da lavra de Alfredo Gonçalves, B. Paixão, João Gelásio de Andrade Lima, Antonio Novais, Joaquim Gonçalves, Leovigildo Souto Maior, Manuel Vicente, Enéas G. de Vasconcelos, Manuel Martins e Um Bomjardinense. Findou com a inserção da lista dos fundadores da União Dramática (Biblioteca Pública do Estado).

O CAZUZINHA - Órgão Oficial da Banda de Música 22 de Setembro - Numa edição de dois exemplares, manuscritos, saiu a lume no Verão de 1916, "crítico, humorístico, a cores, cheio de caricaturas". Redator - José Aureliano Sobrinho, aparecido como Matuto da Serra.

Trazia, no cabeçalho, "desenhado com esmero, o terrível vespídio, de antenas erguidas, asas esvoaçantes, transparentes". Da matéria geral, leve, inofensiva, chistosa, constaram os versos a seguir, que constituíam um sátira à nova banda de música em organização na cidade, denominada Vinte de Janeiro e logo cognominada Jagunça, enquanto a outra tinha o apelido de Cazuzinha:

*"Quando a Jagunça, formou-se
O tempo mudou de repente.
As chuvas desapareceram,
O Sol ficou mais ardente,*

*As fontes todas secaram,
Os arvoredos murcharam,
Os passarinhos não cantaram
Com medo daquela gente...
Quem é que pode afirmar
Que a Jagunça está formada?
Tem músicos, tem sede nova...
Isso não adianta nada!
O instrumental? Nem fumaça!
Nisso o tempo se passa
E o Cazuzinha esvoaça
E dá esta ferroada".*

A turma da "20 de Janeiro" ficou "por conta" e o subdelegado de polícia, que era um dos jagunços, rasgou o jornalzinho e mandou trancafiar no xadrez o seu distribuidor: Arquimedes irmão do redator, assim se justificando perante o delegado, no dia seguinte: "...a prisão fora motivada porque apreendera, nas mãos do rapaz, um pasquim contendo infâmias assacadas à família bomjardinense".

A autoridade maior estudou o caso "com simpatia" e disse, sorridente, a J. Aureliano Sobrinho: "Pode fazer o jornalzinho nessa linguagem. Não vi nenhuma ofensa à moral. Achei-o até muito interessante".

Continuou, portanto, a publicar-se O Cazuzinha, utilizando boa verve, mas sem deixar de espinafrar a equipe da Jagunça. Sempre manuscrito, passando de leitor a leitor. Atingindo o nº 4, terminou aí sua existência (Notas colhidas no artigo "O alferes Flávio", de J. Sobrinho, in Jornal do Comércio, Recife, 11/10/1962).

VINTE E DOIS DE SETEMBRO - Outro jornalzinho manuscrito, substituiu o precedente. Redigiam-no Américo

Sedícias e José Aureliano Sobrinho. Um único exemplar, ia passando de mão em mão, ou melhor, de leitor a leitor, que nada pagava pela leitura. Publicados cerca de 18 números, o último foi distribuído em dezembro de 1916 (Informação de A. Sedícias).

O CANDIEIRO - Foi mais um da série de manuscritos, tendo-o redigido José Wilson Ferreira dos Santos. Número e exemplar único, segundo o "Roteiro de Bom Jardim", circulou em data indeterminada de 1917.

Adiantou um informe de Américo Sedícias que o jornalzinho, partidário da banda de música "Vinte de Janeiro", apelidada Jagunça, apresentava, no alto da primeira página, o desenho de um candieiro com chaminé de vidro e , nela, prestes a cair, um cazuzinha (espécie de maribondo), a ser tragado pela chama.

O COLIBRI - Pequeno jornal datilografado, publicou-se em 1917, sob a direção de Pedro de Holanda Cavalcanti, Pedro Eustáquio Vieira, J. Aureliano Sobrinho e João Soares da Fonseca ("Roteiro de Bom Jardim").

ECHO BOMJARDINENSE - Hebdomadário Independente e Noticioso - Manuscrito, constava de uma folha de papel pautado: quatro páginas. Propriedade de Américo Sedícias e José Wilson.

Único comprovante encontrado, o nº 3, ano I, distribuiu-se no dia 6 de maio 1917, inserindo um Aviso, no qual se pedia aos leitores a fineza de não amarrotarem o jornalzinho, visto só ser publicado um exemplar de cada vez. Seu artigo principal defendeu a criação de uma biblioteca na cidade. Dispôs de literatura ligeira, estampando na quarta página a música, em

original, de uma valsa, assinada por João G. P. Santos (Biblioteca Pública do Estado).

GAZETA DE BOM JARDIM - Órgão Independente e Noticioso - Surgiu no dia 19 de abril de 1919, em formato de 24 x 16½, com quatro páginas de duas colunas a 14 cíceros. Propriedade de "uma Associação Anônima", indicou como colaboradores os Drs. Vieira da Cunha e Manuel Martins, sendo Amaro Abdon correspondente no Recife. Redação na praça Barão de Lucena e confecção material do "Recife Gráfico", na capital do Estado. Assinaturas: anual - 6\$000; por seis meses - 3\$000. Número do dia - 0\$100; atrasado - 0\$200.

Seu programa foi expresso em nota ligeira, na quarta página, assim redigida: "O nosso jornalzinho tem por fim defender as classes conservadoras, discutir as questões de interesse coletivo e concorrer para o desenvolvimento das letras em nosso meio, pois devemos acabar a idiosincrasia pelas mesmas existentes. A nossa independência, contudo, não nos priva de externarmos a nossa opinião, favorável ou contra, nos casos públicos e políticos que surgirem, sem o apaixonamento partidário e sim pautada nos bons termos da justiça e equidade".

A primeira página homenageou, com clichê, sob o título "Preito de justa homenagem", o "coronel" Joaquim Gonçalves da Costa Lima, pela passagem do seu aniversário natalício. Inseriu, a seguir, retratos do presidente eleito Epiácio Pessoa e do candidato a prefeito de Bom Jardim, "coronel" Manuel Gonçalves Souto Maior, com os respectivos panegíricos; artigo de encômios ao governador Manuel Borba, de Amaro Abdon, e raras notícias (Col. Américo Sedícias).

O nº 1, ano II, só foi publicado no dia 30 de janeiro de 1921, acrescido o formato para 48 x 33, quatro páginas de cinco colunas. Propriedade de "diversos amadores", tinha como

redator-secretário Amaro Abdon. Imprimiu-se na oficina gráfica do Jornal do Recife.

Estampou, no frontispício, fotografia do Presidente Epitácio, com editorial encomiástico. As páginas restantes inseriram outros clichês, sendo de caráter político toda a matéria, mas a maioria do espaço dedicada ao "coronel" Joaquim Gonçalves (Biblioteca Pública do Estado).

BOM JARDIM CHIC - Em homenagem à nossa excelsa padroeira Santana - Número único, circulou a 19 de fevereiro de 1922, em formato de 31 x 23, com seis páginas de três colunas. Trabalho gráfico das oficinas do Jornal do Recife.

Ligeira nota de apresentação - "O nosso aparecimento"- aludiu ao jornalzinho como "página brilhante de fé, atestando essa força de vontade que elabora, nos prélios do trabalho, a grandeza das nossas crenças e o progresso desta terra", para acentuar: "O jornal é o arauto das nossas grandezas trombeteando, futuro a dentro, a glória imperecível dos povos".

A par de artigo sobre a Padroeira e do noticiário dos festejos da data, a folha inseriu literatura, incluindo versos de Oliveira Neto, Ivio e Ignotus; crônicas de Gilberto, Santos Júnior, Pierrot e Carmem; mais perfis, fantasias e troças, assinados com pseudônimos; noticiário social, rápido concurso de beleza e alguns anúncios (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

POLYANTHÉA - Publicou-se no dia 18 de outubro de 1923, em homenagem ao Governador Sérgio Loreto, "pela

(1) Bom Jardim Chic e alguns outros exemplares de pequenos jornais bomjardinenses aqui estudados foram obsequiosamente ofertados ao pesquisador pelos jornalistas Américo Sedícias e José Aureliano Sobrinho, como cooperação ao trabalho nestas páginas desenvolvido. Encontram-se, hoje, arquivados na Biblioteca Pública do Estado, para uma vida perpétua.

passagem do primeiro aniversário da Administração patriótica do governo de S. Exa.", cuja fotogravura ilustrou a primeira página. Em formato de 31 x 24, foi impressa nas oficinas do Jornal do Recife, em papel couchê. À que servia de capa, com o reverso em branco, seguiram-se quatro páginas de texto. A matéria constituiu-se de noticiário a respeito das festas programadas para solenizar a data e artigos encomiásticos, assinados por José Claudino de Paiva, Amaro Abdon e Adalberto Mações. Outras fotogravuras.

A comissão foi a seguinte: Sá Fonseca, Severino do Patrocínio e José Claudino (Biblioteca Pública do Estado).

A IMPRENSA - Literário, Noticioso e Independente - Entrou em circulação no dia 11 de novembro de 1923, em formato de 33 x 24, com quatro páginas a três colunas de 14 cíceros. Propriedade de José Aureliano da Cunha Sobrinho e Agérico Vaz da Silva; redator-chefe - Israel Fonseca; redator-secretário - Levino Ferreira. Redação na rua Dr. André Cavalcanti, 5. Trabalho gráfico das oficinas do Limoeiro-Jornal. Tabela de assinaturas: um ano - 12\$000; seis meses - 6\$000; um mês - 1\$000. Número do dia- 0\$200; atrasado - 0\$300. Anúncios e Solicitadas a 0\$200 por linha.

Colocado o título à direita, ostentou, ao lado, o pensamento de Ruy Barbosa: "A pátria não é ninguém; são todos", envolvido em pequeno quadro de vinhetas, cujo conteúdo se substituía cada semana.

Lia-se no editorial de apresentação: "É um pequeno periódico criado por quatro almas amigas, por quatro corações que comungam a mesma hóstia e professam o mesmo credo. É um jornalzinho humilde, porque humildes são seus redatores; é um jornalzinho obscuro, porque obscuros são os proprietários".

Aludiu aos obstáculos, aos empecilhos que ia enfrentar. Não recuaria um passo, acentuando: "Trabalharemos, sempre e sempre, com a certeza de que a fundação deste jornalzinho não é somente precisa para nós, como também para nossa terra e nossa gente". Terminou solicitando apoio e benevolência dos leitores.

Publicou-se normalmente, aos domingos, inserindo editorial; noticiário, sobretudo o denominado "Ecos da Sociedade", este precedido de "Perfis femininos", a cargo de Flor de Lis, o mesmo Israel Fonseca dos Sonetos da "Musa em férias"; crônicas de Levino Ferreira; contos de Zara de Sandoval; às vezes, versinhos satírico-humorísticos de Alguém e de Rosinha, intitulados, respectivamente, "Tesouradas" e "Espinhos"; outras vezes, "Páginas íntimas", por Plauto; colaboração esporádica de Pedro de Holanda e de Amesedycias ou Américo Sedícias; editais e uma página de reclames comerciais.

Ao atingir o nº 11, de 20 de janeiro de 1924, criou-se a seção de quadras-epigramas "Piparotes", por Nico Lau (outro pseudônimo de Israel Fonseca). Ocupou toda a primeira página da mesma edição o editorial intitulado "Abrolhos em nossa frente", que denunciou perseguições à turma da redação, por motivo de censuras ao policiamento da cidade, então à mercê dos "amigos do alheio". Ameaçados de prisão, caso fossem os redatores encontrados na rua em horas mortas da noite, admoestou o articulista: "Não é com a clausura que se intimidam os arautos da liberdade", para concluir, depois de enérgicas considerações: "Que é feito do direito dos cidadãos?".

Os beleguins policiais aquietaram-se e o periódico seguiu sua meta pacífica. Dois meses decorridos, ou seja, a partir da edição de 16 de março, passou a constar do cabeçalho: "Propriedade de I. Fonseca, L. Ferreira e J. Sobrinho", também

únicos redatores. A par das produções de praxe, contou mais com a colaboração de José Wilson Ferreira dos Santos, acadêmico Abdísio Militão Prazeres dos Santos, Pedro Eustáquio Vieira, etc.

Tendo em vista uma série de dificuldades, viu-se A Imprensa na contingência de suspender sua circulação, o que se verificou uma vez publicado o nº 23, de 31 de maio de 1924.

Transcorrido mais de um ano, voltou, feito "órgão independente e noticioso", no domingo, 29 de novembro de 1925, impresso em oficinas próprias. Propriedade de Levino, Fonseca & Sobrinho, foi entregue a direção a Levino Ferreira e a chefia da redação a Israel Fonseca, tudo instalado na rua Joaquim Nabuco, 25. Cresceu um pouco o formato, ficando com quatro colunas normais em página. Escreveu o editorialista:

"Eis A Imprensa. É verdade (e incontestável) que já não é a mesma de outrora, a que fora impressa na vizinha cidade de Limoeiro, em tipografia alheia; a que circulara sem que tivesse proprietários legais, sem que fosse registrada na forma da lei; hebdomadário que fora uma esperança e que hoje, mercê de nossos esforços, é nada mais nada menos que uma realidade. Mas, não obstante tudo isso, conserva-se incólume o seu título, como incólume se conserva o sentimento de autonomia que nos guiava e que nos guia de contínuo. Não é mister esclarecer que se imuniza de partidarismo político e de interesses que não sejam os desta terra. Aos olhos do leitor, sempre atentos no direito da coletividade, não há de se lhes deparar uma palavra que não traduza um sentimento de ilibado patriotismo".

Circulando o nº 2 no dia 6 de dezembro, especializou-se a nova fase do semanário em mais notícias e menos anúncios. Incluía a inserção de atos oficiais da Prefeitura Municipal.

Colaboração variada, aparecia Israel Fonseca usando novo pseudônimo - Amaryles (Col. Fausto Souto Maior).

Comprovantes manuseados noutras fontes: nº 3, e nº 4, datados, respectivamente, de 13 e 25 de dezembro de 1925, no último dos quais juntava-se aos três diretores o nome de Pedro de Holanda. Fora o que eles escreviam, constavam produções de Irene Borges Souto Maior, Príncipe Negro, José Wilson e Pedro Eustáquio Vieira (Biblioteca Pública do Estado e exemplares de Mário Souto Maior).

Foi possível avistar, finalmente, o nº 18, ano II, de 23 de março de 1926. Voltara a ser, igualmente, folha literária, excluindo Pedro de Holanda da direção. Apresentou, ao lado do título, palavras de Israel Fonseca, mais um soneto dele e as "Páginas Íntimas". Ainda: "Perfil", comentários, noticiário, editais e anúncios (Exemplar de José Almeida).

BOM JARDIM-JORNAL - Órgão de Livre Opinião. Mensário Defensor dos Interesses Locais - Surgiu no dia 15 de novembro de 1925, em formato de 30 x 21, reunindo seis páginas a três colunas de composição. Diretor - Manuel Lucena; redatores - "diversos". Imprimiu-se no Recife, na oficina gráfica do Diário de Pernambuco.

Visava, consoante o artigo "Um alvitre interessante", a ser "o veículo do progresso bomjardinense", auscultando "as necessidades de sua densa população, incutindo-lhe os meios de defesa e soerguimento ao nível de seus altos destinos".

Ocupou a primeira página o editorial intitulado "Um governo de iniciativas", de encômios ao Governador Sérgio Loreto, sendo a demais matéria constituída de artigos redacionais e um assinado por Manuel Nascimento, todos fazendo o panegírico do "coronel" Dídimo Vieira Carneiro da

Cunha, novo prefeito de Bom Jardim, que "assumia as rédeas do governo" naquela data, e cujo clichê, de uma coluna, figurou na terceira página (Col. Manuel G. Guerra).

Publicou-se o nº 2, ano II, a 15 de janeiro de 1926, em formato de 43 x 30, com quatro páginas de quatro colunas. "Órgão Independente e Noticioso", além de "mensário, defensor dos interesses locais". Propriedade de "uma Sociedade Anônima"; redatores - "diversos". Sua matéria constou de editorial, comentários ligeiros, noticiário e artigos de Miguel Braz e M. L. (Manuel Lucena) (Exemplar de Mário Souto Maior).

O nº 3 foi registrado pelo Jornal do Comércio, do Recife, edição de 7 de março do mesmo ano, que assim se manifestou:

"Bom Jardim-Jornal é um órgão de agradável feitio, de impressão nítida e tem como desiderato defender os interesses daquela localidade. Insere um editorial sobre a sucessão pernambucana, trazendo também outros assuntos de interesse coletivo".

A SEMANA - "Órgão Independente e Noticioso" - começou a circular no dia 13 de junho de 1926, em formato de 48 x 33, com seis páginas de cinco colunas. Propriedade da firma Lima & Bezerra: diretores - Osvaldo Cavalcanti da Costa Lima e José Pontual Pereira Lima; redator-chefe - Pedro de Holanda Cavalcanti (só até o nº 6); secretário - José Aureliano da Cunha Sobrinho; gerente - Austriclínio Bezerra da Silva. Redação, administração e oficina na rua da Saudade, 2. Assinatura anual - 10\$000. Número avulso - 0\$200; atrasado - 0\$400. Tabela de publicações: 1ª página, linha - 10\$000; 4ª página - 5\$000; 2ª página - 3\$000. Solicitadas, linha - 0\$500. Anúncios, mediante prévio ajuste. Pagamentos adiantados.

Lia-se no editorial de apresentação: "Um jornal sem conveniências interesseiras, sem ligações de ordem pecuniária, cujos diretores não dobram a cerviz ao gosto dos que julgam imperar até no caráter dos homens de brio, é o maior veículo do desenvolvimento e da educação de um povo, pois que incita-o, mostrando-lhe os caminhos a seguir para vencer. Foi esta idéia que nos impeliu a dotarmos Bom Jardim de um jornal moldado nas formas da imprensa moderna, livre, defensora dos interesses do povo e batalhadores pelo progresso da terra".

"O nosso ideal está em parte realizado com a publicação d'A Semana. Leva-la para a frente será a inteira conclusão do nosso desideratum. Para isto teremos os serviços dos nossos esforços desinteressados e cheios de boa vontade".

"...não nos obrigamos a um programa definitivo, nem nos encerramos dentro do estreito círculo de uma convenção que venha cortar os surtos da nossa independência e da nossa liberdade de agir. A necessidade da ocasião e as contingências do tempo indicar-nos-ão o modo de agir e o caminho a trilhar".

Como matéria principal, a edição de estréia estampou, nas três colunas centrais da página de frente, artigo redacional, ilustrado com fotografias de Rosa e Silva, Manuel Borba e Estácio Coimbra, comentando o "patriótico" acordo efetivado para a escolha do terceiro deles como candidato ao governo do Estado.

Seguiu-se a publicação, aos domingos, com quatro páginas, inserindo matéria variada, a saber: editorial sobre temas diversos, de interesse da comunidade; a crônica "No canto da página", a cargo de Salgueiros Júnior (pseudônimo de Pedro de Holanda); a seção satírico-humorística "Cortando...", em versos de sete sílabas, por Seu Dedé (como se ocultava J. Aureliano Sobrinho); "Mundanismo", abrindo com um soneto, por

transcrição; "pelo Fôro"; "Fatos Policiais"; "Mundo Esportivo"; "Irreverências", de Celso (Pseudônimo de Osvaldo Lima); "Galeria Elegante" e fotos de personalidades. Iniciou, ainda no nº 2, o concurso: "Qual a moça mais linda de Bom Jardim?". Foram primeiros colaboradores: Pedro Eustáquio Vieira, Manuel Maria Correia de Castro, Gomes de Moura, Luiz de França Costa Lima, Aldo Campos, José Wilson Ferreira dos Santos, Aníbal Rego e A. Camargo, todos atuando esporadicamente. No mês de setembro criavam-se os "Retalhos", de Abdelkrim. Não faltavam anúncios.

Desde o princípio, abriu campanha contra a administração municipal, exercida por Dídimo Vieira Carneiro da Cunha, e contra a liderança política do Dr. Mota Silveira, o que fez A Semana viver num círculo de ameaças e constrangimento, por parte da polícia obediente ao situacionismo dominante⁽¹⁾.

O fim do mandato do Governador Sérgio Loreto deu lugar a tremendos artigos de Osvaldo Lima e José Wilson, que fizeram amplo relato das "arbitrariedades" cometidas, no território pernambucano, em tal gestão.

Entrado 1927, deu o periódico boa cobertura dos festejos carnavalescos, o que continuou acontecendo anos afora.

O nº 49, ano II, de 13 de junho, reunindo oito páginas, impressas em verde, lilás e preto, comemorou o transcurso do primeiro aniversário, exibindo uma charge, em xilogravura, com

⁽¹⁾ Alvo da sanha policial, escreveu o tipógrafo Alfredo de Barros a nota "Aos meus agressores", ao pé de um editorial candente, na edição de 26 de setembro de 1926, assim começando: "Fui esbofeteado, no dia 20 do corrente, à noite, pelo tenente José Joaquim, ao mando do Sr. David de Souza". Assim terminou, depois de algumas palavras de censura: "Eu me confesso, publicamente, aos olhos dos homens e aos olhos de Deus, o mais infeliz dos homens".

os cumprimentos de Zé a Semana, representada por mulher ativa. A par da matéria original, figurou uma "Página Feminina", constituída de colaboração e retratos femininos.

Dizia o editorial de abertura da edição em apreço: "As lutas, as ameaças, os obstáculos que superamos afiguravam-se-nos, por vezes, fulminantes. Nos últimos dias do governo Sérgio Loreto, esperávamos, a cada momento, o empastelamento. Sem embargo, logramos chegar até aqui, conservando a verticalidade de atitudes com que nos apresentamos de público em junho do ano passado".

Sem alterar o modelo itálico do título, reduziu-se-lhe o clichê de largura integral para três colunas, colocado entre dois quadrinhos com o Expediente, isto a partir de 6 de novembro de 1927. Adotou serviço telegráfico. Aqui e acolá, divulgava produções de Luiz Cavalcanti Lima; Prazeres, ou seja, Dr. Abdísio Militão Prazeres dos Santos; padre Batista Cabral, Amaro Benício de Medeiros (do Cenáculo Pernambucano de Letras do Recife), clérigo Pio Guerra, "De Roma", etc., aparecendo a 1º de janeiro de 1928 a primeira crônica "Da Cidade...", de Franco Leal, que é Francisco Floro de Albuquerque Leal (também cenaculista), continuando-a, sobre assuntos os mais diversos, até de natureza política, sem faltar uma semana, até 11 de novembro quando saiu a última, de nº XXXV. Passou o autor a figurar no cabeçalho, na qualidade de redator-correspondente na capital do Estado.

No decorrer do ano referido nasciam duas novas seções esporádicas: "Um conto por semana"(transcrições) e "Tiras de Papel", por Oliveira Pessoa, enquanto a redação recebia com entusiasmo a colaboração, às vezes prosa, às vezes poesia, de Mauro Mota; e Irene Borges Souto Maior firmava interessantes comentários. Mudara-se o título da seção de desportos para "Ao

ar livre", passando a ter a assinatura de Edu Chaves (travesti de Fortunato Chaves Martins).

Enquanto isto, não tinha termo a campanha redacional contra a política situacionista. De outubro para novembro de 1928 intensificava-se a perseguição aos companheiros de jornal do líder da oposição Osvaldo Lima, ele próprio ameaçado de pancadaria e prisão. J. Sobrinho, chamado à delegacia, fora advertido: ou deixava a redação ou se arrependeria de ter nascido⁽¹⁾. Austricínio sofreu revistamento e, a 23 de outubro, foi bater com os costados na cadeia, onde não chegou a demorar. Em meio de tanto terror, não foi possível fazer circular a edição d'A Semana do dia 25. Eram as chamadas violências do estacismo, que tiveram forte repercussão na imprensa diária do Recife e até no Rio de Janeiro, de onde o deputado Agamemon Magalhães, telegraficamente, encareceu providências ao governo do Estado, o que fez amainar a fúria político-policia.

A edição de 25 de novembro divulgou, na íntegra, sob o título "No regime da peia e do trabuco", o despacho do juiz municipal de Limoeiro, Adolfo Pereira Simões, que concedera Habeas-corpus preventivo em favor de Osvaldo Lima, requerido pelo advogado Dirceu Borges.

Terminava, então, o período de administração municipal do "coronel" Dídimo, que foi substituído por Severino do Patrocínio, elemento igualmente ligado à política dos Mota Silveira. Escreveu, a propósito, A Semana, a 2 de dezembro, sob o título "O novo prefeito", fazendo votos para que ele pudesse "transformar a atmosfera de prevenções", que o cercava, "num

(1) Seu Dedé (edição de 4 de novembro) mandou brasa:

"Porque dirijo o "Cortando..."

Com a tesoura empunhada,

Quase ia p'ra Fernando

Com a cabeça rapada..."

ambiente de aplausos e elogios merecidos, capazes de fazer esquecer, por um instante, a intolerância, de uma rusticidade e de uma barbaria inaturais", que eram "os característicos da política local".

Refrearam-se as hostilidades em 1929, e o semanário continuou seu caminho, divulgando, inclusive, correspondências de localidades próximas. Apareceram, em abril, os "Retratos a lápis", por Afra de Alcacequebir (pseudônimo de José Olivar Ferreira Borges). Depois, Chic Chic (como se ocultava Pedro Silvano Duarte) entrou a redigir a seção "Aqui p'ra nós..." e ocorreu novo concurso para a escolha da "senhorinha mais bela da Comarca de Bom Jardim". Já no fim do ano, deu franco apoio à campanha da Aliança Liberal, noticiando, com destaque de página inteira, a visita da Caravana de Luiz Carlos Prestes a Bom Jardim, Queimadas (atual Orobó) e Surubim.

Abraçou, em 1930, as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa à Presidência da República, de Agamenon Magalhães à deputação federal, e de José Maria Belo ao governo de Pernambuco. No primeiro quartel do ano, atacava o prefeito Patrocínio, acusado de perseguir os adeptos da Aliança Liberal. Recrudesciam as hostilidades. Criava-se a seção "Coluna de Satan", assinada por Cruz Santa, de sátiras políticas, e Eça de Queiroz assumiu o rodapé da segunda página, com a publicação do folhetim "Singularidade de uma rapariga loura".

No mês de abril passaram a ocupar o cabeçalho mais dois nomes: Fortunato Chaves Martins e Antonio Chaves Martins, feitos redator-chefe e correspondente no Recife, mas só por alguns meses. Luiz Pery (Periquito) e Pedro Silvano Duarte eram colaboradores. No dia 6 de julho foram inauguradas, solenemente, em prédio próprio, na rua André Cavalcanti, 15, as novas instalações da empresa, constantes de redação,

administração e oficinas gráficas. E, em setembro, José Wilson substituiu J. Aureliano Sobrinho na função de redator-secretário.

A revolução de outubro de 1930 encontrou franca receptividade por parte d'A Semana, que proporcionou ampla cobertura dos atos do governo de exceção, achando, porém, decorridos os primeiros meses, que o município de Bom Jardim estava sendo governado por elementos vinculados aos erros, aos vícios da república decaída. Assim acontecera com o primeiro prefeito nomeado; com o segundo, Dr. Abdísio Prazeres, e com o terceiro, major Alfredo Agostini, que lhe mereceu uma de suas campanhas mais violentas, o mesmo acontecendo no tocante às autoridades judiciárias, através de editoriais, sueltos e as "Petecas...", uma quadra de sete sílabas, a cargo de Bodoque.

No auge dos ataques, abriu a edição de 17 de maio de 1931 o artigo intitulado "Os amantes da ditadura", em que salientava o editorialista "Na verdade, para os que vêm dispendo, sem peias nem restrições, da liberdade e do direito de viver dos seus concidadãos, nada mais cômodo do que o estado de exceção atual, mercê do qual não conhecem outros direitos mais que a sua vontade e suas paixões, nem sempre justas e sociais". Noutro tópico: "Com efeito, o nosso interventor alienou, no curto prazo de seis meses, a larga simpatia que conquistou numa memorável campanha entre os pernambucanos". O que havia - acentuou - era "ambição, egolatria e o estadeamento de qualidades morais inferiores. Não fica bem aos ardorosos propugnadores do respeito aos imperativos delineados pelas maiorias a pregação em causa própria da continuidade de uma situação que a todos já não satisfaz. O receio da ascensão de alguns vultos da situação vencida não justifica a permanência desse regime discricionário".

Em Conseqüência desse comentário, o interventor Lima Cavalcanti mandou fechar a redação do bravo periódico, e os

mandatários da execução da ordem, indo além, retiraram "peças da máquina impressora, impossibilitando até trabalhos avulsos".

Decorridos quase sete meses, ressurgiu A Semana, numa edição de seis páginas, a 20 de dezembro de 1931, obedecendo - a indicação de "Órgão Independente", assim constituído o seu corpo redacional: diretor - Osvaldo Lima; diretor substituto - Franco Leal; redator-secretário - José Wilson; gerente - Austriclínio Bezerra.

Historiando a suspensão a que fora obrigada, escreveu a redação que "todo seu serviço à causa liberal, todo seu esforço na última eleição presidencial, todo seu sacrificio nas arrancandadas de outubro" valeram, apenas, a "poeira do esquecimento" daqueles que tinham a obrigação de representar "o espírito de justiça da corrente renovadora", adiantando:

"O que pedimos, o que exigimos é apenas o que nunca tivemos e continuamos a não ter: dirigentes capazes, trabalhadores justiceiros, autônomos. Prefeitos menos preguiçosos e passeadores que o Sr. Agostini e sua grei. Magistratura na altura da sua missão, sem raízes políticas e sem transigências pessoais".

Depois de tudo, inventaram "os laços capciosos de um inquérito", apontando a equipe d'A Semana "com o bastão de lídimos representantes dos rebeldes do 21º B.C." no município. Entretanto, "os autos de inquérito foram mandados a repouso, talvez pelo próprio Sr. Carlos de Lima".

Enquanto isto, uma vez afastado o titular anterior, assumia o cargo de prefeito do município, a 16 de dezembro, o bacharel Manuel Gomes Maranhão.

Atingido 1932, a folha encetou campanha contra "as misérias do governo do Sr. Carlos de Lima". Aplaudiu o movimento esboçado em prol da Constituinte. Denunciou (edição de 21 de fevereiro e seguintes) que Abdísio e Abílio Prazeres haviam contratado quatro cangaceiros para assassinar Osvaldo Lima, fato comprovado, o que não se efetivou por motivo de denúncia de um dos comparsas.

Logo mais, saía com oito páginas o nº 237, de 13 de junho, comemorativo do sexto aniversário d'A Semana, no qual foi prestada homenagem, com o respectivo clichê, ao chefe do Executivo Municipal, tendo em vista a eficiência de sua administração. Começou a transcrição do famoso "Discurso Dinamite", do tenente Gwyer de Azevedo, pouco antes divulgado pelo semanário A Esquerda, do Recife, à base de sensacionalismo. E foi admitido como redator-chefe o colaborador Severino Borba.

Impugnou a revolução constitucionalista de São Paulo, sobretudo através de artigos de Franco Leal. Deu início, em outubro, à inserção de trabalhos do professor Miguel de Azevedo Oliveira, sobre temas pedagógicos. A terceira edição de oito páginas ocorreu a 20 de novembro, ainda de 1932, toda impressa em tinta azul, contendo fotografias do interventor Lima Cavalcanti, do prefeito Gomes Maranhão e de outras personalidades, tendo como motivo a inauguração de melhoramentos municipais e a presença, para presidi-la, do governante estadual e do deputado Agamenon Magalhães.

Menos de um mês após, era Gomes Maranhão nomeado para a Prefeitura de Limoeiro, sendo substituído, na de Bom Jardim, por Antenor Alves Pedrosa.

Dada a primeira edição de 1933, foi retirado do cabeçalho o nome de Franco Leal, que continuou a fornecer colaboração

esporádica, do Recife. Ainda no mês de janeiro faleceu o redator José Wilson, cujo nome só deixou de figurar a partir de 6 de agosto, ao mesmo tempo que deixava o cargo o redator-chefe Severino Borba. Desde 3 de setembro, constava: "Filiado à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco". Depois, já no fim de dezembro, reaparecia a seção de versos irônicos "Cortando...", com a assinatura Seu Dedé, pseudônimo usurpado a J. Sobrinho, que não voltara ao corpo redacional d'A Semana. No mais, a colaboração, rara, de Oliveira Ribeiro Neto, Mário Barros, Ângelo André da Silva, Dinamérico Sedícias, Árgus, Jacinto de Brito, ou de escritores nacionais vinculados à UBI, ao Círculo de Amigos de Marden, à FBI ou ao Círculo Brasileiro de Educação Sexual. Vinha publicando os atos oficiais da Prefeitura. Permanecia em campanha contra os Mota Silveira e os Prazeres. Cerca de duas páginas eram de anúncios. Convocava, nas épocas convenientes, os assinantes a saldarem suas dívidas, sempre relapsos que se mostravam no cumprimento do dever. Dava, certas vezes, seis páginas, sendo quatro as habituais.

Apoiou, em 1934, a candidatura Carlos de Lima Cavalcanti ao governo constitucional de Pernambuco e fez, inclusive, a propaganda do nome de Osvaldo Lima para deputado federal.

Iniciado em 1935, aparecia no cargo de redator-chefe Francisco Pereira da Nóbrega Sobrinho, autor da série de artigos redacionais sob o título "Necessidades regionais". Efetuou a propaganda da candidatura Manuel Gonçalves Souto Maior à administração municipal.

Constaram do cabeçalho, a partir de 1936, os nomes de Mário Souto Maior e Franco Leal, na qualidade de redatores correspondentes, respectivamente, no Recife e no Rio de Janeiro, o primeiro deles assinando-se Guma em crônicas de

Mundanismo. E entrou Navarro Brainer de Mendonça como redator-secretário, logo mais afastando-se Pereira da Nóbrega.

Somente a 25 de dezembro de 1936 sofreu modificação a tabela de assinaturas, passando a ser a seguinte: ano - 15\$000; semestre - 10\$000, mantido o preço do exemplar a 200 réis. Transferidas, por fim, a redação e a oficina para rua Coronel Joaquim Gonçalves, 51.

Firmes nos seus postos, até o fim, o diretor Osvaldo Lima e o gerente Austriclínio Bezerra.

Prosseguindo a publicação em 1937, ano XI, restam, guardados, apenas, desse período, o nº 20, de 17 de janeiro, e o nº 24, de 28 de fevereiro (Col. Fausto Souto Major)⁽¹⁾.

A LANTERNA - Orgão da Festa, da Pândega e da Literatura - O nº 1, ano I, apareceu datado de "Avenida J. Bezerra", 31 de janeiro de 1930, em formato de 33 x 24, com quatro páginas de quatro colunas. Direção e propriedade de J. Sobrinho, sendo o trabalho gráfico efetuado na tipografia do Jornal do Recife. Preço do exemplar - 200 réis.

Destinava-se, segundo a nota de apresentação, a dar realce à festa de São Sebastião, já no sétimo dia do respectivo novenário. "Assim, a sua vida será efêmera, igualmente à vida daqueles insetos que, seduzidos pela luz, se vão queimar no bojo das lâmpadas, ébrias talvez da fulgência de um mistério que a Ciência não explica". Lia-se em rodapé: "Este número é dedicado ao belo sexo da cidade alta".

(1) A coleção particular d'A Semana, que serviu, obsequiosamente, ao estudo acima, é completa até o ano de 1935, só lhe restando, daí por diante, números esparsos. Na Biblioteca Pública do Estado é quase total a ausência de exemplares.

Publicado o nº 2 (e último) no dia 2 de fevereiro, divulgaram as duas edições matéria leve, atraente, troçando a satirizando, noticiando e bisbilhotando. Trazia "Um conto para os festeiros de hoje", o primeiro de I. De renagy e o segundo de Raul Cavalcanti; crônicas de Manuel Cavalcanti; soneto de Luiz Leitão "Flagrantes" de M. da Serra e "Epitáfios" assinados por Coveiro (ambos, pseudônimos de José Aureliano Sobrinho). Também alguns anúncios (Col. Fausto Souto Maior).

LANTERNINHA - Órgão da Festa, da Pândega e de Literatura - publicou-se o nº 1 (e único) a 2 de fevereiro de 1930, em formato de 24 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Direção e propriedade de Bezerra & Wilson. Número avulso - 200 réis. Impressão da oficinas gráficas d'A Semana.

Aparecido no último dia dos tradicionais festejos de São Sebastião, para dar-lhes "maior relevo", seu artiguete de abertura constituiu uma sátira a A Lanterna, acentuando, satiricamente, que não era "um repositório para guardar ódios e rixas "de pessoas reles, mas, de passagem, satirizaria "a alma negra" dos "traidores".

Sua matéria, a par de ligeira notícia da festa, constou de "O footing da Avenida", por Lírio Roxo; crônica romântica de Sadique; "Epitáfios", por Pamparra, em represália a igual seção de outro jornal; "Telegramas", etc. (Col. Fausto Souto Maior).

O FAÍSCA - Órgão do Riso e da Pândega - Surgiu a 2 de fevereiro de 1932, em formato de 24 x 17, com seis páginas de três colunas estreitas. Diretor - Zé da Rua; redator - Zé da Casa. Impressão da tipografia d'A Semana. Preço do exemplar - 200 réis.

Dizia-se, no artigo de abertura, "olho direito da pilhéria e alma da graça insossa; de corpo e alma às ordens de João

Babão, o símbolo dos rapazes bonitos da terra e patrono das apaixonadas sem juízo fiadas no 'te perdô, filha' dos padres confessores".

Publicado em homenagem ao dia da tradicional festa de São Sebastião, inseriu matéria alusiva, crônicas leves, perfis, epitáfios, "Futilidades", a cargo de Seu Praxedes; "Faiscadas"; "Salada Festiva"; colaboração de Lírio Roxo e vinhetas ilustrativas (Col. Fausto Souto Maior).

O ATHLETA - Órgão da Associação Bomjardinense de Atletismo - Entrou em circulação a 16 de abril de 1933, no formato de 32 x 24, com 24 páginas a três colunas estreitas de composição. Trabalho gráfico da oficina d'A Semana.

Seria - consoante o editorial, intitulado "Nascendo", - "a voz incentivadora dos esportes bomjardinenses". Não visava, "propriamente, formar atletas, mas animar os jogos esportivos e, conseqüentemente, desenvolver o físico da nossa mocidade".

A par de ligeira matéria específica, a edição de estréia apresentou produções literárias de Nicanor Souto Maior e Miguel Azevedo Oliveira; bilhetes íntimos; perfis, noticiário, uma parte de humorismo e pequenos anúncios.

No segundo número, de 26 de julho, o jornal anunciou-se como "crítico e literário", indicando o corpo redacional: diretores - Severino F. dos Santos e Ângelo André da Silva; redatores - Carvalho Santos, Nicanor, Custódio Cabral e Navarro Brainer. Só no nº 3, saído a 26 de novembro, declarou o preço do exemplar - 200 réis, avisando: "Circulação indeterminada" (Biblioteca Pública do Estado).

Em sua edição de 26 de novembro de 1933, A Semana noticiou a publicação de mais um número d'O Atleta, "gracioso

periódico que de quando em vez circula nesta cidade". Tornara-se quase órgão oficial da Festa de Santana.

O LITERÁRIO - Ciências, Artes e Letras - Surgiu no dia 19 de janeiro de 1936, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Direção de Mário Souto Maior e Américo Sedícias; redator-chefe - Dinamérico Sedícias Pessoa; secretário - Nicanor Souto Maior, no nº 6 substituído por Mozart P. da Nóbrega. Confecção da tipografia d'A Semana e redação na rua José Bezerra, 64. Assinatura anual - 3\$000.

Declarou-se - no editorial "O nosso aparecimento" - jornal de feição puramente literária e humorística", além de ser "uma sentinela avançada de idéias nobres e puras, norteadas pelos princípios de honradez e justiça". Pugnaria "pela socialização das letras", não alimentando "sentimentos de ordem política".

Publicação quinzenal, filiada ao Círculo Brasileiro de Educação Social, do Rio de Janeiro, seguiu sua trajetória, divulgando matéria variada, incluindo noticiário e concurso de beleza feminino. Divulgava, afora as produções da equipe redacional, colaboração de Santos Júnior, Bezinho Gonçalves, Hilda Tavares ou Adhil, Manuel Mota, Mauro Dantas, que não era outro senão Mário Souto Maior; Eliezer Fonseca, Abaeté de Medeiros, Lourdinha Maranhão e Del Maia (pseudônimo de José Maia Figueiredo, tendo adotado, a partir do nº 2, uma "Seção das Moças".

Atingindo o nº 5, de 15 de março, O Literário despediu-se dos leitores, por motivo da terminação das férias ginasiais do diretor Mário Souto Maior. Entretanto, voltou a publicar-se a 12

de abril e divulgou o nº 7 (e último) datado do mês de junho (Col. Mário Souto Maior e Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

O AVIÃO - Órgão da Festa, da Pândega e de Literatura - O nº 1 saiu a lume no dia 2 de fevereiro de 1937, em formato de 31 x 21, com quatro páginas de três colunas. Direção de S. Ferreira, M. da Serra (pseudônimo de José Aureliano Sobrinho) e J. Ravilo (anagrama de José Olivar). Preço do exemplar: 200 réis e trabalho gráfico da Gazeta de Limoeiro.

Seu único objetivo, consoante o editorial de abertura, intitulado "singrando o espaço...", era proporcionar à mocidade "riso, graça e alegria, que em conjunto constituem a parte material e essencial da legendária festa do Mártir São Sebastião". Vinha carregado de flores, que atirava "por sobre a nossa querida Bom Jardim".

Divulgou noticiário dos festejos do dia; crônicas; "Reportagem aérea" e poucos anúncios. Colaboração de José Dácio, Lages Souto e Costa Jardim.

O nº 2 circulou a 2 de fevereiro de 1938, sem alteração material nem no corpo redacional, obedecendo ao mesmo critério a matéria divulgada, incluindo trabalhos assinados por Eliezer Fonseca, F. de Paula, A. Teixeira e Mário Souto Maior (Biblioteca Pública do Estado).

A COISA - Órgão dependente dos 200 réis de cada um - Circulou o nº 1 a 2 de fevereiro de 1937, obedecendo ao formato de 30 x 23, com quatro páginas de quatro colunas estreitas, impresso em papel de cor, na tipografia d'A Semana. Diretor - O Gavião. Expediente... em tom humorístico.

(1) É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

Lia-se, no artigo de abertura, que o "travesso e buliçoso jornalzinho" tinha a finalidade de "cooperar pelo engrandecimento social e moral" do município. Vinha substituir O Avião, que quebrara uma das asas, e declarava-se "o jornal da mocidade".

A par de uma crônica fantasista de Mário Souto Maior, que era o diretor, a edição inseriu matéria ligeira, dosada de verve; charges e noticiário da Festa de São Sebastião.

Ficou no primeiro número (Biblioteca Pública do Estado).

O VARONIL - Anuário de propaganda do Varonil Esporte Clube - Circulou em junho de 1942, data do aniversário da agremiação, em formato de 32 x 23, com quatro páginas, a quatro colunas de composição. Responsabilidade e direção da Diretoria; redator-chefe - José Aureliano Sobrinho. Trabalho gráfico da oficina da Gazeta de Limoeiro.

"Mais uma concretização da nossa tenacidade", lia-se no artigo de apresentação - "este jornalzinho é sonho acariciado, é fruto suculento, mas também é esforço, é abnegação, é sacrifício".

A par de noticiário em torno das atividades do Clube, seções humorísticas e fotogravuras, a edição inseriu versos de Israel Fonseca e Carmelita Barros e crônica de Ademário de Castro Filho.

O segundo (e último) número só apareceu em junho de 1945, em formato maior, de 41 x 29, dedicado "à vitória dos povos aliados, simbolizada na pessoa dos heróicos filhos de Bom Jardim que se cobriram de glória nos campos da Europa", contendo matéria alusiva. Acrescentava-se ao cabeçalho o nome de L. Wilson, na qualidade de redator-secretário. Quase duas

páginas foram ocupadas com uma enquete, entre senhorinhas da localidade, sobre o Clube Varonil, ilustrada com desenho de Sarinho. Jandira Oliveira assinou a seção "Você sabia...", terminando com extensa carta de Paulo Souto (Biblioteca Pública do Estado).

O CAMPO - Órgão dos Alunos do Grupo Escolar Raimundo Honório - Publicou-se o nº 1, ano I, a 30 de julho de 1942, manuscrito a lápis preto, caprichada, com quatro páginas de papel almaço, tamanho ofício. Diretora - Lourdes Sousa; redatora-chefe - Creusa Barros; secretária - Odete Cabral; redatores - Severino Leandro Barbosa, Creusa Moura, Margarida de Lima, Paulo Moreira, Jaci Souto Maior e Diva Gonçalves Guerra; gerente - José Gomes. Redação no Alto do Carmo.

Abriu a edição o editorial "Mais uma Vitória", de apresentação do jornalzinho, em que salientou: "Será o portavoiz das nossas esperanças e dos nossos trabalhos. Nele mostraremos ao público tudo o que fazemos dentro do nosso Grupo Escolar, sob a orientação das nossas dedicadas mestras". Concluiu declarando que a diretora era a "linotipista" e a maior animadora das atividades jornalísticas da turma do Grupo.

Sua matéria, bem distribuída, constituiu-se de produções de literatura incipiente, assinadas pelos redatores, e desenhos escolares.

Teria prosseguido? Em caso afirmativo, não foi possível avistar outros exemplares d"O Campo (Col. Manoel G. Guerra).

O RENOVADOR - Edição especial em homenagem à passagem do sexto aniversário da administração Souto Maior - Circulou a 15 de agosto de 1942, no formato de 48 x 32, com quatro páginas a cinco colunas de composição, sendo impresso

na Tipografia Lobo, de Catende. Num quadrinho, à direita do título, lia-se: "A renovação de qualquer coisa é o renascimento, é a ressurreição. Bom Jardim ressurgiu do passado com novas energias para vencer no seio da coletividade brasileira".

A primeira página, impressa em vermelho, estampou clichês dos chefes do Executivo federal, estadual e municipal, sendo o restante espaço ocupado por um manifesto dos funcionários da Prefeitura, em que se exaltava a atuação do prefeito Manuel Gonçalves Souto Maior.

Incluíram-se nas outras páginas, a par de notícias e informações úteis, trabalhos de colaboração de Dinamérico Sedícias, José Martins, Isaac Schachnik, Manuel Alexandre Barbosa e Herculano Vieira (Col. Mário Souto Maior).

A ABELHINHA - Órgão do Grupo Escolar Raimundo Honório - Encontrado, unicamente, o nº 3, ano I, de outubro de 1943, manuscrito e copiado em hectógrafo, numa folha de papel almaço de quatro páginas. Diretor - Severino Sobrinho (Leandro); redatora-secretária - Maria Jose de Oliveira. Divulgou incipiente literatura infantil, a cargo de Helena Dalva, Jaci Souto Maior, Clodomir Gomes Guerra, Isabel Leandro Barbosa; desenhos escolares e uma "Página Recreativa" (Col. Manoel G. Guerra).

O FAROL - Jornalzinho Escolar do Colégio Santana - Órgão trimestral, datilografado em quatro páginas de papel almaço, tamanho ofício, apresentava, sob o título, vistoso desenho de farol, a tinta preta. Redatores- "colegiais". Exemplares manuseados: ano I, nº 2, de dezembro de 1939; ano II, nºs 1 e 4, de abril e dezembro de 1940, respectivamente.

Matéria constituída de literatura, desenhos infantis e seção de charadas. Produções de Maria das Graças F. Barbosa da

Silva, Neva Cabral Henriques, Carmencita Brainer, Melquíades Arcoverde Cavalcanti, Maria Perpétua Pedrosa, José Everaldo Queiroz Andrade, Josimar Augusto de Melo, Stela Dalva dos Santos, Hilse Souto Maior, Ana Barbosa Lima, Idalina Gonçalves Guerra, Laura Gomes, Terezinha Barbosa Lima, Edval Pessoa Moura, etc. (Col. Manuel G. Guerra).

A ESTRELA - Órgão do Instituto Santana - Inexistentes outros comprovantes, circulou o nº 3, ano I, em setembro de 1941, impresso tipograficamente, usando papel azul. Formato de 32 x 24, com quatro páginas de quatro colunas. Título num desenho simbólico. Nenhuma palavra de expediente.

Inseriu colaboração de Iracema Souto Maior, Neva Cabral Henriques, Helena Henrique de Oliveira, Umberto da Silva Farias, Terezinha Mendes, M. Helena Távora, Miriam Souto Maior e Maria José da Mota; transcrições e a seção "Advinhações e Charadas" (Col. Américo Sedícias).

BONITO

A VERDADE - Órgão do Comércio de Bonito - "Publicação incerta", para distribuição gratuita, saiu a lume - primeira manifestação da imprensa no município - sem data, provavelmente em 1905, tendo como proprietário Osvaldo Orlando de Almeida. Formato de 31 x 22, com quatro páginas a duas colunas largas de composição.

"...confiado no apoio da população (sic) desta bela cidade, é que A Verdade aparece, como que o sol quando, pela manhã, apresenta seus primeiros raios na ponta da serra" - declarava a nota inicial.

Com menos de três quartos da primeira página constituídos de matéria ligeira, todo o restante da edição constituiu-se de anúncios de casas comerciais.

Não há notícia de ter voltado a circular (Arquivo Público do Estado).

A PRIMAVERA - Quinzenário manuscrito, surgiu entre os anos de 1908 e 1909, tendo como diretor Euclides Vilar de Azevedo e revisor Filomeno de Carvalho (Cf. João Pereira)⁽¹⁾.

O PRIMOR - Jornalzinho literário e noticioso, manuscrito, foi fundado em 1915, tendo a redação situada na fazenda Alto Veloso. Direção de Juventino Pinto. Circularam alguns números, inclusive uma edição especial em homenagem à memória do Barão do Rio Branco, então falecido, com a respectiva fotografia colada, a goma arábica, na primeira página (Cf. Juventino Pinto)⁽²⁾.

O CONDÃO - Circulou em junho de 1916. Foi um "livrinho de sortes para a época sanjuanescas, escrito pelos Srs. Bezerra Leite e Hermínio Arocha, editado pela Tipografia Portela, de Bonito" (Inf. do Jornal de Goyanna, 2/7).

A EVOLUÇÃO - Semanário Independente - Foi fundado em 17 de outubro de 1915. Diretor-proprietário - João Portela de Matos, que faleceu a 7 de dezembro, sendo substituído pelo redator-secretário Hermínio Aroucha; redatores - João Bartolomeu Bezerra Leite e Pitágoras de Freitas.

(1) In: "Jornais e Jornalistas do Bonito", inserto na Tribuna do Bonito, edição de fevereiro de 1954.

(2) No artigo intitulado "Jornalista...", divulgado n' O Mensageiro, de Bezerros, a 4 de março de 1924.

Raros comprovantes encontrados. O nº 43, ano II, circulou no dia 26 de agosto de 1916, em formato de três colunas, com quatro páginas. Assinava-se a 5\$000 por ano e a 3\$000 por semestre, custando 0\$100 o número avulso. Matéria variada, incluindo colaboração de Luiz Passos e Francisca de Albuquerque Pinheiro de Meneses (poesia).

Ao completar dois anos de existência, saiu com seis páginas a edição de 17 de outubro de 1917, inserindo retrato e panegírico do fundador João Portela de Matos. Lia-se no artigo comemorativo: "...do seu primeiro número até hoje tem sabido manter o seu programa: tratar dos interesses desta terra". Ocorreram comentários alusivos, de Bezerra Leite e Teixeira de Albuquerque, e crônicas diferentes, de Aldo e Sabe-Tudo, pseudônimo, respectivamente, de Carlos Teixeira Lopes e Pitágoras de Freitas.

De acordo com as edições avistadas, Euclides Vilar de Azevedo era o redator-secretário d'A Evolução em 1919 e João Aroucha em 1921, permanecendo Hermínio Aroucha na direção. Colaboradores: Artur Bezerra de Cerqueira, Franklin Gameiro, Manuel Florentino, Célio Meira, João Florentino, Antenor Portela, Antonio Cordeiro da Cruz e José Nemésio de Vasconcelos.

O nº 28, ano IX, datado de 14 de julho de 1923, foi o derradeiro exemplar encontrado. Entretanto, o periódico prolongou sua existência até 1925 (Biblioteca Pública Estadual).

ALMANACK DO BONITO - Ano de 1920 - Saiu com 226 páginas, em volume de bolso, tendo como diretor literário Euclides Vilar de Azevedo e diretor charadístico José Nemésio de Vasconcelos. Confeccionado na tipografia d'A Evolução.

No artigo de abertura, intitulado "Aos leitores", igualmente assinado por Salustiano Bezerra de Andrade, Benício Camilo da Silva e Firmino Cabral Filho, dizia a direção do Almanack achar-se predisposta a empregar todos os esforços para torná-lo "uma publicação capaz de formar entre as melhores do gênero". Os organizadores do anuário "tiveram necessidade de ser também os seus tipógrafos e os seus impressores".

Como primeira matéria figurou um artigo de Bezerra Leite, que fez o necrológio do poeta nacional Olavo Bilac. Seguiu-se a seção de Calendário, sendo a parte restante ocupada com charadas e literatura, em prosa e verso. Colaboradores: Hermínio Aroucha, J. Carneiro Filho, José Miranda, Joaquim Lima, Manuel Ferreira Diu, Evangelino Meireles, Ascenso Ferreira, Ranulfo Brederodes, Antonio Cordeiro da Cruz, Manuel Florentino, Abigail Diva, Arlindo Moreira, Esdras Farias, Artur Maia, Célio Meira, Nestor Varejão, Américo Maia, Enéas Alves, Augusto Tabosa, Filomeno de Carvalho, Carlos Lopes, Luiz Loureiro, Liberalino de Almeida, Seve-Leite, Jaime Magalhães, Hercílio Celso, Anésia Alves de Santana e vários outros. Raros clichês ilustraram o volume. Boa messe de anúncios.

Prometia o Almanack do Bonito continuar circulando cada ano. Não passou, todavia, da edição de estréia (Arquivo de Nicanor Dantas).

A ÉPOCA - Órgão Literário e Noticioso - Entrou em circulação no dia 19 de junho de 1920, em formato de 47 x30, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - Eduardo Coriolano; pouco depois, figurava também o nome de Sebastião Bezerra, na qualidade de redator-secretário. Trabalho gráfico mais ou menos deplorável, em oficina própria, situada, com a redação, na rua Dr. Alexandrino da Rocha.

"Nosso rumo é o do povo, sempre na defesa de seus direitos e de suas liberdades" - lia-se no artigo de abertura, que acrescentou: "Tudo que disser a respeito da grandeza, da paz e, em suma, da felicidade da terra bonitense merecerá nosso apoio incondicional, nosso manifesto carinho, nosso acrisolado amor". Concluiu com um apelo "a todos os homens, para que, esquecendo os ódios de ontem, façam da sociedade em que vivemos uma só família bonitense".

A edição inseriu os "Alinhados" de Garrido; crônicas de Ajez e Aldo (como se ocultava Carlos Teixeira Lopes), noticiário e anúncios.

Nenhuma outra edição foi avistada⁽¹⁾ (Biblioteca Pública Estadual).

BONITO-JORNAL - Seminário Noticioso e de Interesse Coletivo - Apareceu em abril de 1930 e circulou até abril de 1931. Direção de Álvaro Matos, tendo como secretário Gualberto Fonseca (Cf. João Pereira).

A VOZ DO BONITO - Fundado, provavelmente, em meados de 1931, não foi além do mês de dezembro. Órgão de feição política, tinha como diretores Otacílio Vilar e Belmiro Varejão. "Manteve desassombrada campanha contra a administração de um preposto do então governo revolucionário" (Cf. João Pereira).

O IMPARCIAL - Órgão Noticioso e Independente - Publicação quinzenal, saiu a lume no dia 20 de janeiro de 1935, formato regular de quatro colunas. Direção de Alfredo Alves

(1) A Época - escreveria, tempos depois, João Pereira - contava "com selecionado corpo de colaboradores; entretanto, não foi possível sua permanência, encerrando seu ciclo de atividades naquele mesmo ano" (artigo citado).

Pereira; redator-chefe - Caeté de Medeiros; secretário - Antonio César; gerente - João L'Amour.

Lia-se no editorial de apresentação: "É um jornal neutro em matéria política, e por isto, carinhosamente a todos aceita com a melhor boa vontade possível, quer pertença a um ou a outro partido. Apenas exige que não se trate disto ou daquilo que se torne ofensivo a indivíduo ou coletividade, ou que manifeste parti-pris a um dos lados opostos".

Acrescentou: "Vem defender, com todas as forças que puder empregar, a sua agricultura, o seu comércio e a sua indústria (do Município). Tratará do que concerne à higienização da cidade, da água e luz necessária, do seu embelezamento e modernização. Defenderá os interesses do povo e com especialidade os da família em geral. Estará sempre ao lado do proletariado e dos que precisam de representação para conseguir a defesa dos seus direitos perante os poderes competentes".

Concluiu "O Imparcial, que é pequeno, porém só fita os Andes, como disse Castro Alves, espera ter uma vida constante e prolongada para um dia poder somar os anos de existência, em Bonito, como soma o Diário de Pernambuco na cidade do Recife".

O periódico seguiu sua trajetória, inserindo matéria variada, entre noticiário e variedades; comentários de interesse local e seções leves de humorismo. Contou com a colaboração, entre outros, de Firmino (Cabral) Filho e Plácido de Souza.

Circulou até, pelo menos, o nº 11, datado de 8 de junho (Col. Caeté Medeiros).

O PROGRESSISTA - Órgão Mensal do Externato Santa Terezinha - Publicou-se o primeiro número (provavelmente único) a 3 de maio de 1939, formato de 32 x 24, com quatro páginas a três colunas de composição. Diretora - Lourdes Souto Maior; secretária - Iracema Cabral; redator-chefe - Heleno Alves Lira; tesoureiro - João Barbosa. Confecção da Tipografia Leite & Silva, em Caruaru. Preço do exemplar - 200 réis.

Segundo o editorial de abertura, o aparecimento de pequena gazeta visava, em vez do interesse financeiro, a instrução das alunas do educandário.

A par de liteiro noticiário social e alguns "Conceitos", divulgou produções ligeiras, assinadas pela turma do corpo redacional, pelas alunas Maria Cabral, Judite Pessoa e Melinda Sousa e pelo visitante Carlos Guerra (Arquivo de Osvaldo Araújo, Fortaleza, CE.).

O CAFÉ - Escolas Reunidas. Propriedade do Grêmio Machado de Assis - O nº 1, ano I, foi posto em circulação no mês de julho de 1944, com quatro páginas de papel almaço, manuscrito e copiado em hectógrafo. Diretora - Laureci Gomes; presidente - Tereza de Jesus; redator-chefe - Dimas César. Sua matéria dividia-se entre literatura infantil e noticiário, ilustrando-a alguns desenhos escolares.

Seguiram-se as edições de agosto e setembro, obedecendo ao ritmo precedente (Departamento Cultural da SEEC).

TRIBUNA DO BONITO - Entrou em circulação, como mensário, em dezembro de 1953, formato de 50 x 31, com quatro páginas a seis colunas de composição. Diretor - Paulo Viana de Queiroz, funcionando a redação na rua da Matriz, 147. Impresso no Recife, na oficina gráfica d'A Tribuna. Assinatura anual - Cr\$ 25,00 ou Cr\$ 30,00 para fora do município.

Foram as seguintes as suas palavras de apresentação: "Eis mais uma tentativa: um jornal para Bonito. Seu êxito ou fracasso é coisa que depende apenas do apoio que lhe venha a dar o povo bonitense. Da utilidade de um jornal, registrando os fatos, apresentando sugestões e críticas, divulgando os acontecimentos, ninguém pode negar. E Tribuna do Bonito propõe-se a ser um órgão do Bonito para o Bonito, registrando o que se fez e o que se faz, perpetuando a nossa evolução histórica, ser, enfim, um veículo de cultura e de progresso. Vejamos, portanto, se é possível levar avante esta incipiente estréia".

Saudando o aparecimento do jornal, escreveram M. Melo, Sara Maria e José Abdonal Jordão. A edição dedicou espaço a interessantes reportagens locais, sobretudo à Festa Estudantil. O diretor, em seu primeiro artigo assinado, focalizou "Bonito e seus problemas".

Circularam os nºs 2 e 3, respectivamente, em janeiro e fevereiro de 1954, ficando aí a tentativa, infelizmente malograda.

A par da matéria de rotina, mas dispondo de poucos anúncios, contou com a colaboração de Lucionéa de Oliveira, João Pereira, Higino Barbosa Lima, Pedro Marques Cavalcanti, Miro Pereira, Dimas de Albuquerque César, Ettedlaw Somel, Lúcio José, Filomeno de Carvalho e Ivo Pereira (Biblioteca Pública do Estado).

BREJO DA MADRE DE DEUS

O IMPARCIAL - Mensário Litero-Humorístico e Noticioso - O primeiro número circulou em setembro de 1935, no formato de 36 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - Tavares de Campos; secretário - Campos Neto; redatores - Queiroz e Campos. Redação à rua João Pessoa, 9,

1º andar, mas o trabalho gráfico foi confeccionado na oficina do Jornal do Recife. Assinatura anual - 3\$000; número avulso - 0\$300.

Destinava-se a "pugnar pelo desenvolvimento cívico-cultural" da cidade, acrescentando o editorial de apresentação: "O Imparcial irá mostrar aos nossos conterrâneos que o Brejo despertou para caminhar, com mais rapidez, para alcançar o lugar que lhe compete entre os demais municípios do interior do Estado. O brejo foi grande no passado e será maior no futuro; pois conta com o apoio desta geração moça, que promete dar o melhor do seu trabalho pela sua geração e sua prosperidade".

Publicado regularmente, a par de comentários de interesse local, noticiário e anúncios, manteve as seções "Salve-se quem puder", de sátiras, por Linguarudo; "Perfil", por KCT; "Musa Vadia", com versos de Jotaquecê (pseudônimo de José Queiroz Campos); "Demantela Juízo", charadas; "Só...rindo", anedotas; "Brejo de ontem" e "Álbum Social". Colaboração de Figueiredo Pinto, A. Ferreira, Rodrigues de Miranda, etc.

Atingindo, porém, o nº 4, do mês de dezembro, ficou O Imparcial suspenso (Biblioteca Pública do Estado).

Reapareceu quase um ano depois, com o nº 1, ano II, datado de outubro de 1936. Alterou-se o corpo redacional, ficando o diretor ao lado de José Queiroz Campos, secretário, e de Hisbelo Campos, gerente. Aumentou a anuidade para 5\$000 e o número avulso para 0\$500, adotado a epígrafe: "O Imparcial é o único jornal que defende os interesses de nossa terra". Mais um colaborador: Eduardo Monteiro. (?)

O nº 4, ano III, dessa nova fase só veio a lume em fevereiro de 1937. Afastado o diretor, ficaram os dois campos

na chefia e na secretaria, respectivamente (Col. Zé do Patrocínio).

Há notícia de que ainda saiu em 1938, setembro.

O VALE - Órgão das Escolas Reunidas Cônego Rochael - Comprovante único: nº 2, ano II, datado de setembro de 1944, contendo quatro páginas de papel almaço, manuscrito e copiado em hectógrafo. Diretora - Edna Tavares; gerente - José Carlos Falcão. Sua matéria constituiu-se de crônicas infantis, noticiário e desenhos escolares (Departamento Cultural da SEEC).

CABO

O TELEPHONE - Periódico humorístico e noticioso, tendo como proprietário e diretor Querlabulinques (pseudônimo de Manuel Vicente de Albuquerque Lins), deu à Luz o primeiro número, como semanário, no dia 4 de abril de 1903, em formato de 37 x 26, com quatro páginas a três colunas de 12 cêrcos.

Abrindo a edição de estreia, lia-se: "Convém saber - Que as assinaturas devem ser pagas adiantadamente, custando apenas um trimestre 2\$000 e que toda e qualquer correspondência deve ser dirigida ao Sr. Albuquerque Lins, exclusivamente, na rua d'Água, 3".

Começou o editorial "O fim d'O Telephone é fazer rir". Citando Voltaire, Rabelais, Shakespeare e Mefistófeles, frisou que adotava o "riso bom e simples, iguaria oferecida pelo espírito a si mesmo, para manter vivaz o apetite pela graça e os gozos honestos", o "riso de toda a gente, desprezioso e singelo". E mais: "Destinado à leitura de todos, quero-lo (e nos comprometemos a mantê-lo) digno de penetrar no seio das famílias, por mais inquisitorial que seja o olho experimentado e

hábil do chefe". Concluiu declarando abominar "a pasquinada e as chufas à Aretino".

Na edição seguinte acrescentou-se ao Expediente: "Cada número avulso custa 100 réis, do dia; atrasados, 200 réis, na Agência Jornalística do Sr. Agostinho Bezerra, rua 15 de Novembro, antiga do Imperador, 31. Na rua da Conceição, 19, depósito de gêneros alimentícios, na Boa Vista, também recebe-se assinaturas". Ambos os endereços são do Recife, onde era impresso o jornal, no Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias, 37.

Seguiu-se a publicação normalmente, inserindo ligeiros comentários, noticiário, telegramas humorísticos, a seção "No telefone", do mesmo espírito, charadas, etc.

No nº 6, a primeira página homenageou famoso humorista pernambucano, deitando "uma lágrima sobre o túmulo do inditoso poeta Artur Benício de Araújo Lima (Pio Piparote), com emblema fúnebre e tarja.

Na mesma edição reclamava-se que os assinantes estavam em atraso, urgindo que mandassem o arame d'O Telephone, acrescentando a nota a respeito; "A linha assim obstruída, o aparelho não pode transmitir, com facilidade, os inúmeros e constantes legumes que diariamente nos remetem. Temos despesas imprescindíveis, tipograficamente falando, e também usamos o panem nostra quotidianun em represália ao trabalho lícito e aliás útil que ora empreendemos".

Pouco a pouco, foi-se tornando a folha mais literária do que humorística e passou a divulgar produções, em prosa e verso, de J.R.S. Duarte, Joaquim Alves, João de Oliveira, Laurindo Luna, Carlos Porto Carreiro, Ulisses de Melo, Leodegário Varejão, Ludgero de Scisma Júnior, Fenelon

Ferreira, Pedro Buarque, Adalberto Marroquim, H. de Siqueira Figueiredo, M. Magalhães, Demétrio Martinho, os dois últimos autores de interessantes crônicas procedentes do Recife, etc. Desde o nº 9 transcreveu-se a novela de Franklin Távora "Um casamento no arrabalde (crônica do tempo)". A partir do nº 15 rezava o cabeçalho: "Periódico literário, humorístico e noticioso". E logo substituiu o "humorístico" por "crítico".

Encerrando o ano com o nº 38, de 19 de dezembro, voltou O Telephone à liça, com o nº 1, ano II, a 16⁽¹⁾ de janeiro de 1904, quando o pseudônimo do diretor-proprietário foi substituído, no cabeçalho, pelo nome - Albuquerque Lins. Após o artigo de saudação ao ano novo, uma nota - "Aos leitores" - dizia: "tencionávamos aumentar o formato deste jornal e fazer outras reformas; porém, devido à falta de recurso, esse essencial elemento que se chama dinheiro, não o fazemos. Muitos dos nossos assinantes não nos pagaram, dando-nos um prejuízo de quase duzentos mil réis!!!". Em conclusão: "De trezentos e tantos assinantes que tínhamos, reduzimos a duzentos e poucos e esperamos que esse último número corresponda à nossa expectativa".

Prosseguindo sua jornada, teve a folha outros colaboradores, que se alternavam, a saber: Mateus d'Oliveira, Rocha Melo, Ribeiro da Silva, José Plech Fernandes, etc.

Com edição em papel verde, solenizou a redação um ano de atividades, a 4 de abril, registrando, em editorial, as dificuldades encontradas para manter-se, diante da reconhecida indiferença pela imprensa. Apesar disso, havia de multiplicar-se em esforços, trabalhando, "com afinco, pela prosperidade" do município. Os colaboradores assinaram diferentes notas de saudação.

(1) Não no dia 16, como registrou, nos "Anais", Alfredo de Carvalho.

Às vezes com uma página de anúncios, mas sempre noticioso, sem faltar a matéria literária, atingiu o nº 24 a 25 de junho, quando foi suspenso. Seu editorial clamou, então, contra os pasquins que infestavam a cidade, em avulsos, chamando a atenção do delegado de polícia contra aqueles "papeis detratores e criminosos", nos quais era difamados, entre outras personalidades, o prefeito Leopoldo de Gusmão e o jornalista Albuquerque Lins.

Reapareceu, após mais de quatro meses de ausência, precisamente no dia 3 de dezembro, com a primeira página ilustrada, numa "homenagem d'O Telephone à excelsa virgem das virgens, pelo 50º aniversário da definição do dogma da Imaculada Conceição", passando a ser impresso, ainda no Recife, na tipografia de Afonso Regueira, à rua de São Francisco, 2-F. Lia-se no artigo de reapresentação:

"Proteger-se O Telephone não é simplesmente proteger-se um jornal, mas sim ajudar um pai de grande família, pobre e que se esforça para evitar que a hedionda necessidade atire os seus filhos ao caos de extrema e desoladora miséria. Não é político, nem pornográfico este jornal, pelo que é digno da proteção pública".

Nada obstante a obstinação do honesto jornalista, que tinha parado, naquele mês de junho, "sem ficar a dever a nenhum assinante", o periódico editou o nº 28 no dia 24 de dezembro, esperando voltar a lume em janeiro, "belo e garboso, como belo e garboso" seria o assinante que mandasse o arame; mas não conseguiu fazê-lo. Finou-se mesmo em 1904 (Arquivo Público Estadual).

O SACHISTÃO - Edição única (sem data), circulou a 24 de dezembro de 1903, em formato de 27 x 18, com quatro páginas, na primeira figurando conciso editorial, circulado de

vinhetas. Apareceu para "dar badaladas" a 100 réis o exemplar. Impresso nas oficinas do Atelier Miranda, no Recife, o trabalho gráfico e o trabalho intelectual estiveram, ao mesmo tempo, a cargo de Manuel Vicente de Albuquerque Lins. Inseriu, nas páginas restantes, matéria ligeira, criticando e fazendo chiste. Terminou com uma charge zincográfica (Biblioteca Pública do Estado).

O ESPANADOR⁽¹⁾ - Órgão do Clube Carnavalesco Misto Espanadores do Cabo - Circulou datado de 14, 15, 16 de fevereiro de 1904, em formato de 21 x 15, com quatro páginas, a primeira das quais apresentando excelente alegoria, tendo abaixo o artigo "de fundo" sobre as comemorações de Momo.

Impresso em papel de cor e tinta também de cor, divulgou matéria ligeira, especializada, inclusive um poeminha de Joaquim Alves. Anunciou que voltaria a publicar-se no ano seguinte, mas ficou no primeiro número (Biblioteca Pública do Estado e Arquivo Público Estadual).

O COMMERCIO - Surgiu, como "orgão dos interesses das classes conservadoras", no dia 10 de julho de 1904, em formato de 38 x 28, com quatro páginas de três colunas largas, tendo como proprietários e diretores Aniceto Varejão e Alfredo de Freitas. Publicação quinzenal, assinava-se a 9\$000 por ano e a 5\$000 por semestre, tendo escritório e redação instalados à rua Visconde de Pelotas, 25, logo mais transferido para a rua Barão de Nazaré, 9, ao passo que a confecção gráfica se fazia no Recife, no Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias, 37.

Segundo o editorial "Nosso programa", estava faltando, no Cabo, o estímulo de um jornal, "mas do jornal que evangelize e lance a semente boa da doutrina democrática moderna: a

(1) Não consta da relação da "História do Cabo".

doutrina do trabalho, da união solidária visando ao alto escopo de todo progresso bem entendido".

Alheio "ao espírito de partido", fazia "a crítica sensata e imparcial dos atos públicos", acentuando: "E porque do povo nascemos, nele e para ele vivemos, claro está que as liberdades públicas terão em nós um de seus humildes e estremosos defensores".

À "crônica", de Clóvis, seguiu-se o comentário "Anotando", de João Cláudio (pseudônimo de João Rodrigues Carneiro Campelo), destinado a "anotar os fatos mais importantes ocorridos nas cinco partes do mundo". Variado noticiário, poucos versos e uma página de anúncios completaram a edição de estréia.

Logo no terceiro número retirava-se do cabeçalho o nome do segundo dos diretores, seguindo-se normalmente a existência do conceituado órgão que, a par de judiciosos comentários sobre temas diferentes, divulgava colaboração, em prosa ou verso, de Pedro Gonçalves, J. Pacífico dos Santos, Raul de Noronha, pseudônimo de José Sete, com as "Cousas e lousas"; Leodegário Varejão, José Duarte Gonçalves da Rocha, João Moura e outros.

O nº 12, de 15 de dezembro, encerrou o ano, começando numeração nova a 15 de janeiro de 1905, para publicar-se, desde então, nos dias 5, 15 e 25 de cada mês. Explicava uma nota que a direção pretendia melhorar o jornal, dando-lhe maior formato, mas não pode fazê-lo porque os assinantes não tinham pago o primeiro semestre, dirigindo-lhes um apelo nesse sentido.

A partir da edição seguinte figurou o seguinte corpo redacional: acadêmicos José Sete, João Demétrio, João Cláudio e José Duarte, permanecendo Aniceto Varejão como diretor. No

nº 6 iniciava Egas de Campos (pseudônimo de José Duarte) as suas "Notas e Opiniões", e o nº 8 saiu, excepcionalmente, com oito páginas, dedicadas à Conferência Açucareira, realizada no Recife, numa homenagem especial ao respectivo presidente, Paulo de Amorim Salgado.

Sem mais alteração, prosseguiu O Comércio até 15 de maio, quando divulgou o seu nº 13, ano II, que foi o último. (Arquivo Público Estadual).

O INDEPENDENTE - Jornal Imparcial, Noticioso, de Interesses Gerais - Tendo como diretor-proprietário Artur Godofredo Pinto, iniciou sua circulação a 25 de fevereiro de 1905, para publicar-se aos sábados. Assinava-se a 4\$000 por semestre, custando cada exemplar 100 réis, e tinha a redação instalada à rua Visconde de Campo Alegre, 3. Impressão da Tipografia Comercial, à rua Duque de Caxias, 25, no Recife, em formato de 36 x 25, de três colunas, com quatro páginas. A partir do nº 8 foi impresso no Atelier Miranda, à mesma rua, nº 37.

"O nosso escopo culminante é a defesa dos interesses das classes em geral" - lia-se no artigo "A que vimos", no qual o redator, depois de conceituar o sentido da expressão defender, pôs à disposição dos interessados aos colunas do jornal, "para todo o escrito útil, em linguagem decente e relativo ao mecanismo da administração pública e especialmente pr'aqueles que tendam a reivindicar seus direitos e melhorar suas condições". Findou prometendo prestar "os melhores serviços à causa pública, especialmente à numerosa classe dos proletários, até hoje órfã de toda a proteção direta, para não dizer vítima de prevenções e perseguições injustificáveis".

Periódico bem orientado, servido de comentários sobre assuntos gerais e de noticiário, divulgou também artigos

assinados por Primo Júnior, J. Alves, X.X.X., Cazério, com a crônica "Setas"; S. Santos, Ulisses de Melo e Crispiniano Buarque, e versos de Leodegário Varejão, sendo a quarta página de anúncios.

Publicou-se normalmente, mas teve curta existência, dando à luz o 11º (e último) número a 20 de maio (Arquivo Público Estadual).

O MATUTO - Entrou em circulação a 7 de outubro⁽¹⁾ de 1905, no formato de 32 x 23, com quatro páginas de duas colunas largas, constando do cabeçalho: "Publica-se nas semanas". Propriedade de Manuel Vicente de Albuquerque Lins, o trabalho gráfico estava a cargo do Atelier Miranda, no Recife⁽²⁾.

Só depois de publicados alguns números, apareceu o Expediente: "O Matuto vende-se avulso a 100 réis (relação dos diversos pontos de vendagem). Sua publicação é nos sábados e

(1) Na sua "História do Cabo", o escritor Israel Felipe atribuiu, por engano, ao nº 1 d'O Matuto, a data 2 de outubro.

(2) Albuquerque Lins era o próprio "fabricante" do jornal, segundo escreveu na edição de 14 de janeiro de 1906: "Não tenho quem me coadjuve. Sou o factotum: escrevo, componho, tiro provas, corrijo-as, emendo-as, pagino, levo à máquina, distribuo toda a letra. Depois de impresso o jornal, faço as respectivas malas para este Estado e outros, em permuta ao grande número de jornais que recebo; distribuo aos jornais desta cidade, e tenho até glória em declarar mais: também os vendo, eu próprio, na importante cidade de Escada, nos sábados; e na Ponte dos Carvalhos e Pontezinha nos domingos, não tendo um só dia de descanso durante a semana, pois de segunda à sexta-feira vou para a tipografia do Sr. Miranda, no Recife, rua Duque de Caxias, 38, onde preparo e se imprime este jornal; vou diariamente, no que gasto de passagens, nos dias referidos, 9\$500, afora os sábados e domingos que perfaz um total diminuto, de 11\$500 por semana, além de 7\$500 que pago da impressão e papel. Esta despesa é infalível. Também sou o cobrador e o único responsável deste jornal: a ninguém deleguei poderes para receber importâncias de assinaturas".

o seu programa é o engrandecimento local, de acordo com a verdadeira Religião do Calvário, a moral pública e a defesa das classes pobres e oprimidas, sem ofender suscetibilidades. Não pertence a nenhuma fração política. A sua assinatura é de 1\$000 por um trimestre, nesta cidade, e de 1\$500, idem, para qualquer outro lugar - pagos adiantadamente. A residência d'O Matuto é nesta cidade, à rua do Vapor, 19, à margem da estrada de ferro, casa em cuja esquina tem em exposição o pior holofote do feliz contratante da iluminação municipal".

Publicou-se o semanário normalmente, ocupando a primeira página charges de crítica aos costumes municipais (aproveitados velhos clichês de órgãos caricatos do Recife); inserindo, nas demais, matéria variada e noticiosa, causticando, inclusive, em notas satíricas, os abusos sociais ou administrativos, sem esquecer alguma literatura; e João Cláudio (pseudônimo de João Rodrigues Carneiro Campelo) assinava artigos sobre o jornalismo no Cabo. Havia, também, a seção "Ora, aí está com que O Matuto embirra!...".

Terminou o ano uma vez publicado o nº 12, de 30 de dezembro, para começar 1906 com o nº 1, a 14 de janeiro, seguindo sua meta sem alteração. A edição de 7 de outubro (º 37) apareceu impressa em fino papel de cor, com as quatro páginas habituais e capa, esta apresentando magnífica alegoria trabalhada em vinhetas, tendo ao centro o soneto "Primeiro aniversário". No texto, a par do editorial comemorativo, liam-se artigos e notas, a respeito do eventos, assinadas por Aniceto Varejão, Manuel do Sacramento, Leodegário Varejão (soneto), João Cláudio, Manuel Ferreira Diu (soneto), Isac Cerquinho e outros⁽¹⁾.

(1) Um dia inteiro de festas, no Cabo, assinalou a data do primeiro aniversário d'O Matuto.

Circularam, no decorrer do ano, 48 edições, a última das quais datada de 22 de dezembro.

Novo nº 1 (ano III) surgiu a 12 de janeiro de 1907. Mantendo sempre o programa enunciado, a salientar amplo noticiário dos fatos e acontecimentos locais, veio a folha a ter também colaboração normal, poética de Manuel Ferreira Diu, Antonio Barreto, Manuel do Sacramento, etc., e divulgou a série de perfis "Gente daqui", por Dalmau 3; crônicas de Dalmau 4 e os versinhos da "Musa vadia...", por Mané Gostoso.

Circularam 47 edições até 31 de dezembro; e O Matuto deu à luz o nº 1, ano IV, no dia 18 de janeiro de 1908, em formato maior - 38 x 26 - a 3 colunas largas de composição. As assinaturas para fora da cidade passaram a ser semestrais, ao preço de 3\$000. Admitiu uma página de anúncios. E, na nota de abertura, escreveu a redação:

"O prejuízo do ano passado foi grande: muitos assinantes não pagaram (esses não receberão mais este jornal, estão cortados) e, para que não haja mais tamanho inconveniente, rogamos aos srs. assinantes que ainda consideramos, que seja pontuais em seus pagamentos, atendendo que o Albuquerque Lins é um homem pobre e que, para manter a sua família, tem este jornal e precisa, certamente, receber a paga dos seus sacrifícios na manutenção d'O Matuto".

No mês de julho criou-se interessante seção de comentários, intitulada "Malagueta" e assinada por Falstaff. A edição de 22 de agosto, nº 30, noticiou uma agressão de que fora vítima Albuquerque Lins, assim narrada por ele próprio:

"Decididamente querem acabar comigo! Desta vez (tinha sido, antes, ameaçado de morte) fui vítima do cacete do tal Jovino dos Coelhos, nas proximidades de Cinto Pontas"

(Recife). Após a narrativa, concluiu: "Muito sofre quem busca o pão honestamente!".

Ficou, então, suspenso o periódico.

Mais de dois anos após, reapareceu - ano V, nº 1, - a 11 de março de 1911, no formato primitivo, incluída a colaboração de Quincas, o dos "Bilhetes", e de Aulo Plaucio. Não passou, porém do nº 7, de 22 de abril, justamente quando voltava ao formato maior.

Outra tentativa encetou O Matuto no fim de 1913, cujo nº 1, ano VI, circulou a 13 de dezembro; mas só existe comprovante do nº 2, do dia 20. Nenhuma alteração, a não ser a transferência do trabalho material para a Tipografia Chateaubriand, também no Recife.

Ainda encontrado (jornais interditos ao manuseio) o nº 2, ano I, de 18 de março de 1914⁽¹⁾ (Biblioteca Pública do Estado)⁽²⁾.

O TROCISTA - Número único, circulou num dos últimos dias de 1906, impresso nas oficinas do Atelier Miranda, no Recife. O título, pelo visto, resumia o seu programa. Noticiando-lhe o aparecimento, frisou o Diário de Pernambuco, de 29 de dezembro, que o jornalzinho do Cabo tinha "cor muito local". Não o mencionou a "História do Cabo".

O MUNICÍPIO - Seminário Literário e Noticioso - Publicou-se o primeiro número a 30 de maio de 1915, em formato de 29 x 20, com quatro páginas de duas colunas,

(1) Outro lapso da "História do Cabo": afirmou que O Matuto só "sobreviveu até fins de 1908".

(2) À coleção manuseada faltam, apenas, os dois primeiros números do ano de estréia e alguns do fim.

impresso em oficinas próprias⁽¹⁾. Proprietário - Antonio V. de Melo; gerente - João Avelino Barbosa. Assinaturas: anual - 5\$000; mensal - 0\$500.

"...terá em vista - lia-se no artigo de abertura - as questões que mais de perto interessam ao nosso meio ambiente", inclusive o problema agrícola, a vida industrial, a vida comercial e a vida operária, "tão explorada e tão esquecida".

Quase toda a matéria da edição de estréia foi ocupada com o estudo histórico intitulado "Município do Cabo", que continuou nas edições seguintes, a par de Atos Oficiais, ligeiro noticiário, a seção de troças "Na berlinda" e a série de artigos "Napoleão, um gigante do trabalho".

Não foi além do nº 7, de 11 de julho (Col. Benvenuto Silveira)⁽²⁾.

O BONEQUINHO⁽³⁾ - Inexistentes outros comprovantes, publicou-se o nº 6, ano I, no dia 2 de abril de 1916, em formato de bolso: 18 x 11, com quatro páginas de duas colunas estreitas. Redator-chefe - Goiabeira; gerente - Sr. Crenso. Constava do expediente: "Circula no dia em que sair". Tabela de assinaturas: ano - 3\$000; mês - 0\$300. Número avulso - 0\$100.

No seu programa estava assim resumido: "Respeito, ordem e moralidade". Matéria ligeira, noticiosa e de caráter humorístico, ocupou-lhe as páginas, inclusive a continuação do

(1) A tipografia em que se imprimiu O Município foi a mesma dos primeiros jornais de Gameleira. Conduzida para o Cabo, adquiriu-a, aí, João Avelino, que a fez voltar ao primitivo destino.

(2) Na biblioteca Pública do Estado acha-se arquivado, apenas, o primeiro número d'O Município.

(3) Não consta da "História do Cabo".

concurso para apurar qual "o rapaz mais amador" da localidade (Biblioteca Pública do Estado).

O DIA ESCOLAR - Fundado em 1920, saiu o nº 25 ano II (conforme informação da revista recifense A Nota, edição de 14 de maio de 1921), desse "jornalzinho manuscrito e ilustrado, feito pelos alunos da Escola do engenho Jurissaca, no Cabo". Dirigia-o a professora Carmencita Ramos Cavalcanti.

Prosseguiu a publicação, tendo o Diário de Pernambuco, de 15 de janeiro de 1922, acusado o recebimento do nº 1, ano III, d'O Dia Escolar, "órgão da Escola 13 de Maio, da fazenda Jurissaca", adiantando: "...é um belo produto do esforço dos alunos da referida Escola", o qual ilustrava suas páginas "com glichês de madeira. Confecção cuidadosa e inteligente. Bem elaborada parte intelectual".

Dele não guardou sua diretora nenhum exemplar, nem o focaliza Israel Felipe na "História do Cabo".

GAZETA DO CABO - Órgão Independente - Entrou em circulação a 14 de setembro de 1924⁽¹⁾, formato de 33 X 23, com quatro páginas a três colunas de composição. Diretor - Paulino de Barros; redatores - Genésio Vilela, Luiz de França Oliveira (só até o nº 5) e padre Júlio Cabral. Destinado a publicar-se aos domingos, adotou a seguinte tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; número avulso - 0\$200. A redação foi instalada à rua Vigário João Batista, 40, mas a parte gráfica estava a cargo das oficinas d'A Tribuna, no Recife.

"...Surge - dizia o artigo de apresentação - como um forte clangor de rebate, chamando a postos os filhos desta terra para a

(1) Não a 4 de janeiro de 1925, como está na "História do Cabo".

cruzada da sua reabilitação, para o soerguimento desta histórica cidade do Cabo".

Noutro comentário, na terceira página, intitulado "Sus!...", lia-se: "com o aparecimento da Gazeta do Cabo desaparece do nosso meio a lacuna que todos nós éramos acordes em afirmar: a falta dum jornal que defendesse os nossos interesses, registrasse os fatos da nossa urbs e trabalhasse, eficientemente pelo bem do município". Embora se tratando de empresa "árdua e cheia de empecilhos", acentuava: "...agora, temo-lo. Da nossa parte não surgirá o desânimo para perdê-lo. Fundamo-lo com amor, com amor tratá-lo-emos".

A edição de estréia divulgou soneto do diretor, mais os "Ensaio críticos", com as iniciais P.B., constituindo-se de noticiário a parte restante, menos a última página, dedicada a anúncios.

Seguiu-se regularmente, sua existência, inclusive com colaboração, em prosa e verso, de José de Azevedo Machado. E terminou o ano com 14 edições, a última das quais datada de 14 de dezembro (ou 15 edições, sendo a última de 21/12?). O que é certo é que não saiu no dia 28, segundo explicação feita depois.

Prosseguiu - ano II, nº 1 - a 4 de janeiro de 1925. Atingindo o nº 4, iniciava-se nova fase, o corpo redacional substituído por Abel de Sá Cavalcanti e José de Azevedo, sendo gerente Alfredo Miguel. Dizia o editorial alusivo: "Queremos fazer da Gazeta do Cabo um jornal com as idéias da época, lítero-noticioso, mantendo, à risca, sua independência, sem injeções partidárias, sem aspirações políticas, sem espírito de discórdia. Um órgão variado, que não aborreça o leitor. Um órgão que possa ser útil aos que o leiam. É assim que o espírito hodierno compreende a missão jornalística".

Manteve a colaboração de Genésio Vilela e abriu a seção "Momos e Momices", de Teotônia Brama; inseriu soneto de A. de Sá, sem alterações quanto à parte restante.

Logo mais, o nº 14., de 24 de maio, melhorava o formato para quatro colunas de composição, e Abel de Sá assumia as funções de diretor. Constou do cabeçalho: Órgão Litero-Noticioso - Impresso em oficinas próprias. Redação: rua Dr. Souza Leão, 26".

A 28 de maio, nº 15, Paulino de Barros, em artigo, focalizou a necessidade da criação de uma escola de jornalismo, afirmando: "A imprensa de hoje precisa de ética". Foram outros colaboradores: Silveira Júnior, Pereira de Assunção e Nero, o das "Chicotadas". Em junho, era redator Raimundo Lima. "Seção charadística", a cargo de M. Ramaial y Mundo. Duas páginas de anúncios.

O último número avistado, o 26º, tem a data de 28 de novembro de 1925 (Biblioteca Pública do Estado).

Embora terminada aí a coleção manuseada, a publicação prosseguiu, sendo possível avistar, em poder do colecionador particular Nilo Barreto de Gouveia (algum tempo depois falecido), alguns exemplares da Gazeta do Cabo, entre eles o nº28, de 28 de dezembro, que encerrou o ano, e o nº 1, ano III, de 17 de janeiro de 1926. Outro colecionador de números esparsos, Benvenuto Silveira, possui o nº 2, de 24 de janeiro.

O TEMPO - Órgão Independente e Noticioso - Surgiu no dia 12 de outubro⁽¹⁾ de 1924, em formato de 32 x 22, com quatro páginas de três colunas. Proprietário - Raul J. Barbé; diretor - Asdrúbal Vilarim; redatores - Tomaz de Aquino, Oscar

(1) Não a 4 de janeiro, como consta da "História do Cabo".

Crespo, Luiz de França Oliveira (só no primeiro número), Israel Felipe, Antonio Sete, Odilon Ferreira e Manuel Alves, os dois últimos destacados como repórteres; gerente - Bertoliano Paes. Redação à rua Marquês do Herval, 32, sendo o trabalho gráfico efetuado na capital do Estado, nas oficinas do Jornal do Recife. Assinaturas: anual - 8\$000; semestral - 4\$000.

Destinava-se o semanário, segundo o editorial de apresentação, à propaganda e ao incentivo da cultura local, "em todos os departamentos do saber, elevando bem alto a cotação do seu merecimento".

Publicado com regularidade, inseria matéria variada, inclusive noticiário, e alimentou concurso para apurar qual "a senhoria mais bela do Cabo". Na parte política, apoiou a chefia municipal de José Bezerra Filho e o situacionismo estadual. Cerca de uma página de reclames comerciais.

Tendo circulado doze edições até 28 de dezembro, abriu o ano II, 1925, o nº 1, datado de 4 de janeiro. No subsequente ocorreu quase total transformação no quadro do pessoal, que ficou assim constituído: proprietário-editor - Bartoliano Paes; diretor - Asdrúbal; redator-chefe - Dr. Alonso de Sousa; secretário - Luiz de França Oliveira; gerente - João de Castro. Noutra reforma, no mês de março, desapareceram do cabeçalho o segundo e o terceiro nomes, substituídos, já no fim, por Edgar Medeiros e Juvenal Silva.

O periódico contou com a colaboração bissexta, de Austro Costa, Célio Meira, Gabriel Dourado, Ascendino Filho, Inácio Paz, Amaro Cavalcanti e outros, mantendo seções leves, curiosidades, além de vasto noticiário e artigos redacionais, em que focalizava temas diversos, do interesse da comunidade.

Sem qualquer interrupção, O Tempo atingiu o nº 24, do segundo ano, a 2 de julho (Bibliografia Pública do Estado e Col. Benvenuto Silveira)⁽¹⁾.

O ARARA - Crítica e Humorismo de Graça por 100 réis - Inexistente comprovante da edição de estréia, publicou-se o nº 2 no dia 14 de outubro⁽²⁾ de 1927, em formato de 22 x 12, com quatro páginas de duas colunas estreitas. Propriedade e direção de J. Felipe e H. Silva, funcionando a redação na rua Santo Amaro, 4. Constava do Expediente: "...aparecerá quando houver tempo".

Sua matéria constou das seções "A nota da semana", por Petrônio; "Coisas da terra", de Petyguary, e "Beliscando...", a cargo de Krempton, e colaboração ligeira de Pery, Teho-Silva, A trindade, J.A. e Arara (Col. Benvenuto).

CORREIO DO CABO - Semanário Lítero-Noticioso - Destinado a "pregar o bem e as doutrinas sãs", saiu o primeiro número a 25 de março⁽³⁾ de 1928, em formato de 38 x 28, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - José de Azevedo Machado; gerente - Ephrem de Arruda. Redação à rua Vigário Batista, 1, sendo o trabalho material efetuado na tipografia d'A Tribuna, no Recife.

Lia-se no artigo de apresentação: "Órgão da associação católica Gêmio Santo Antonio, que congrega em seu seio as pessoas mais representativas da elite social cabense, orientado nos princípios de doutrina religiosa, de moral sadia, o Correio propõe-se a incentivar a cultura intelectual dos filhos do Cabo,

(1) Coleções desfalcadas.

(2) Na "História do Cabo" menciona-se o nº 1 d'O Arara como tendo circulado a 17 de outubro, o que seria impossível.

(3) A "História do Cabo" registra, por engano, o mês de maio.

mostrando-lhes os bons caminhos que levam os homens à meta dos seus ideais".

Mais adiante, salientou: "Cada um dos grandes problemas de cuja solução depende do progresso do município e da cidade merecerá, em cada número do nosso órgão, um artigo especial, escrito por pessoa entendida no assunto. Aquilo que possuímos de bom será levado a lume, como meio de propaganda do município, e para aquilo que merece ser modificado mostraremos o corretivo".

Com as duas páginas centrais repletas de anúncios, a matéria restante da edição constituiu-se do comentário de João do Cabo (José de Azevedo), intitulado "De oito em oito dias..."; "Seção Religiosa"; "Correntes calamo", por Ascendino Silva; "Petecas", de Garoto (outro pseudônimo de José de Azevedo), e noticiário geral.

Seguindo tal ritmo, circulou o Correio do Cabo normalmente. Atingindo o nº 10, retirou-se o diretor, sendo o periódico, desde então, "mantido e dirigido pelo Grêmio Santo Antonio", do qual era presidente o padre Antonio Lagreca. Todavia, as seções "De oito em oito dias" e "Petecas" continuaram por alguns dias. E Pereira de Assunção, usando o pseudônimo Conde de Arraial, escrevia "Futilidades". Outro colaborador: Arakem.

Passou, logo no nº 12, a "órgão dos interesses gerais do município". A parte de reclames comerciais foi transferida para as páginas 2 e 4, ainda sobrando para a página 3. E assim, sem mais alterações nem interrupção, tendo o noticiário como matéria principal, além de um concurso de beleza, circulou o

Correio do Cabo até o nº 26, de 16 de setembro (Biblioteca Pública do Estado e Col. Benenuto Silveira)⁽¹⁾.

A SEMANA - Órgão Noticioso, Literário e Defensor dos Interesses do Município do Cabo - Surgiu no dia 20 de abril de 1930⁽²⁾, em formato acima de médio, cinco colunas de composição com quatro páginas, impresso em oficinas pertencente ao diretor-gerente: professor Gaston Rezende, localizada, com a redação, à rua Dr. Antonio de Souza Leão, 200. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000. Número avulso - 0\$200. Tiragem proclamada: 500 exemplares.

Circulou regularmente, apresentando em cada edição, ao lado direito do cabeçalho, um pensamento de homem célebre. Papel: ora branco, ora de cor. Apoiava a administração municipal, publicando-lhe os atos oficiais. Matéria variada. Teve a colaboração de Eustáquio Pereira (Faneca), José Teotônio Regueira, José Constantino, Luiz de França Oliveira, Humberto Simas, Benedito Formiga, Teodorico Silva ou Theo-Silva, Carmem Dora, José de Azevedo, o mesmo De Azevedo do "Álbum social"; Alderico F. da Silva; Cê, com as "Estilhas", e Zé Mironga, o da "Seção de Atrapalhos". Manteve concurso "de Beleza e Inteligência". Anúncios ocupavam as duas páginas centrais.

O nº 26, de 19 de outubro, em homenagem ao político paraibano João Pessoa, considerado mártir da Revolução, apresentou, ao lado do cabeçalho, o desenho de uma bandeira vermelho-negra, nela inscrita a palavra Nego.

O nº 27, do dia 26, último divulgado, exibiu, na primeira página, clichê de João Pessoa, Juarez Távora e Carlos de Lima

(1) Coleções desfalcadas.

(2) Não em 1929, como está na "História do Cabo".

Cavalcanti, "as três personagens másculas da Campanha Libertadora do Norte do Brasil".

Cada edição fazia-se acompanhar do Suplemento Semanal Ilustrado, do Rio de Janeiro, que era difundido em todo país (Biblioteca Pública do Estado).

A VOZ DO POVO - Publicou-se, pela primeira vez, no dia 20 de agosto de 1933, em formato de 43 x 28, com quatro páginas de quatro colunas. Direção de Luiz de França de Oliveira; redator-chefe - Gabriel Dourado Ferreira; redatora-secretária - Maria Vitória A. Paz; gerente - Virgílio Barbosa. Redação: rua Vigário Batista, 24. Preço da mensalidade: 1\$000.

Lia-se no editorial de abertura, sob o título "A nossa vez": "Aspira ser uma força de colaboração nos destinos do nosso município; servi-lo em todas as direções do seu programa". E, depois de outras considerações em torno do programa que se traçara: "Pretendemos que o nosso roteiro tranquilo seja assinalado pelos marcos imperecíveis da verdade e da justiça, e pelo culto, admiração e respeito, por tudo quanto na terra do Cabo tenha um significado vivo e real de honestidade, nobreza ou cultura".

Jornal bem feito, dispôs de variada matéria, contando com um página de anúncios. De vida efêmera, substituiu, no segundo número, a redatora-secretária por Miguel Lima, e terminou sua existência uma vez posto em circulação o nº 3, datado de 3 de setembro.

Além das produções da equipe redacional, inseria colaboração especial de João Barreto de Meneses, Dr. Otávio Cavalcanti, que se ocupava de temas médicos; J. Fernandes, Tito Galvão e a poetisa Fidelcina Carvalho. Manteve "Seção

charadística", a cargo do Dr. Kuinha, Coluna Social e noticiário geral (Col. Benvenuto).

O JORNALZINHO - Periódico Lítero-Social-Noticioso - Entrou em circulação a 22 de outubro de 1933⁽¹⁾, obedecendo ao formato de 30 x 22, com quatro páginas a três colunas de composição. Redator-responsável - Amaro Pereira Cavalcanti; secretária - Carmencita Ramos Cavalcanti; gerente - Bertoliano Paes, com sede no Engenho São João e sucursal na cidade, à rua do Rosário, 83. Correspondente na capital e revisor - Amaro Lins Cavalcanti, sendo o trabalho gráfico efetuado na oficina do Jornal do Recife⁽²⁾. Preço do exemplar - 200 réis. Assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 3\$000; trimestre - 1\$500.

Concisa nota, intitulada "O nosso aparecimento", afirmou que a folha era "um recreio ameno, um luminoso traço de união entre muitos e diferentes espíritos", concluindo por solicitar "o carinho amigo e indispensável" dos leitores.

Adotando a divisa "Nem só de pão vive o homem", seguiu O Jornalzinho sua meta de órgão quinzenal, adotando seções ligeiras, como "Pingos...", por Amaro; "Ecos e Notas"; "Passatempo"; "Postais"; "Alfineitadadas"; "Charadas"; "Sociais", etc., que se iam substituindo; criando concursos para a escolha da "criança mais interessante" e da "moça mais simpática", e inserindo colaboração assinada por Chagas Ribeiro, Sa-Poti (famoso pseudônimo de Pedro Lopes Cardoso Júnior), Oscar Brandão, Valença Júnior, Esdras Farias, Gabriel Dourado, I. Olanda (pseudônimo de Mercês Ramos), Egberto Lima, Carlos

(1) Não em 1923, como consta, por erro tipográfico, da "História do Cabo".

(2) O Jornalzinho estava programado para aparecer no dia 8 de outubro, mediante encomenda feita a uma tipografia do Recife. Quando a edição chegou ao Cabo, encontrava-se tão cheia de incorreções, de toda espécie, que não pode ser distribuída, arcando a direção com prejuízo total. Transferiu-se a encomenda, em conseqüência, para outra oficina.

Leite Maia, Lúcio, o das "Cartas a pagar"; Nelson A. Siqueira, Godofredo de Medeiros, e diferentes disfarces, a salientar Carmem, Carminha, Cê, Cê e Eu, com os quais se escondia a redatora-secretária, utilizando o penúltimo deles na crônica "Fechando a página" e o último na seção "Perfil". Amaro era, também, o ilustrador do jornal, gravando em madeira seus trabalhos.

Uma edição excepcional de dez páginas - nº 25, 21 de outubro de 1934 - assinalou o trágico do primeiro aniversário do periódico, cujo editorial comemorativo se ilustrou com clichês do casal responsável Carmencita-Amaro Cavalcanti. A data foi solenizada com seção magna, hora de arte, coroação da Princesa da Primavera e sarau dançante.

No mês seguinte, filiou-se à Associação da Imprensa do Interior de Pernambuco e abriu concurso para a escolha da Madrinha d'O Jornalzinho. Em janeiro de 1935 faleceu o gerente, e a sucursal da cidade transferiu-se para a rua da Macaíba, 102, a cargo (só até agosto) do colaborador Teodorico Silva, terminando na rua Sousa Leão, 175.

Tornara-se difícil a manutenção da folha, em face da deficiência de assinaturas e anúncios. Foi preciso, a partir de maio, alterar-lhe a periodicidade, passando a publicar-se no último domingo de cada mês. Novo preço de anualidade - 3\$000; do número avulso - 0\$300.

A edição do segundo aniversário saiu com oito páginas e um Suplemento tabloide de quatro, todo de poesias, ilustrado. Do artigo - "Dois anos" - constou o tópico: "Apesar de manter-se fiel ao seu programa, do qual faz parte saliente pugnar pelo bem do município, defendendo-o nos momentos precisos e procurando reergue-lo perante os estranhos, temos nos debatido num terreno sobremodo hostil, poucos sendo os verdadeiros

amigos com quem pode de fato contar o nosso humilde periódico até hoje".

Encimou o editorial comemorativo uma fotogravura do casal Carmencita-Amaro Pê, com a curiosa legenda a seguir: "Este clichê sintetiza a nossa redação e administração. Duas pessoas que assumem ao mesmo tempo os cargos de diretor, gerente, redatores-chefe e secretário, corpo redacional, repórteres, expedidores e... até, muitas vezes, cobradores. É assim a imprensa do interior".

Prosseguiu a existência do mensário, o qual, em março de 1936, passou a ser impresso nas oficinas do Diário da Manhã, também no Recife, publicando-se em datas indeterminadas. No mês de junho ascendeu à direção Carmencita Ramos Cavalcanti, uma vez que o diretor assumira cargo de relevo na Prefeitura Municipal, ficando apenas como gerente.

A terceira edição de aniversário ocorreu a 25 de outubro, contendo dez páginas e boa matéria de colaboração.

Mais dois números e O Jornalzinho alcançou 1937, mantendo o programa traçado, sempre em defesa do progresso do município, para isso travando campanhas, algumas delas vitoriosas. Matéria variada e o apoio dos principais colaboradores, sobretudo Esdras Farias, considerado "padrinho" do jornal, e Teodorico Silva, o qual, em 1935, começou a usar o pseudônimo Príncipe Najá, além de Téo Silva; e ainda Edwiges Pontes, Tibúrcio Silva, J. A. Cavalcanti, Santana Júnior, etc., mais permanência das produções, em prosa e verso, da diretora, que também se assinava Margot, e do gerente. Poucos anúncios.

Enquanto isto, continuavam as dificuldades financeiras do interessante órgão, que não chegou a lançar a anunciada edição

do quarto aniversário, encerrando suas atividades com o nº 67, de 26 de setembro de 1937⁽¹⁾ (Biblioteca Pública do Estado).

A GAROTA⁽²⁾ - Revista Periódica. Crítica e Humorismo - Circulou o nº 1, ano I, no dia 18 de abril de 1937, em formato de 26 x 18, com 16 páginas datilografadas, mais a capa, cartolinada, ostentando ilustração a cores. Redação a cargo de Osvaldo Wan Lume (Baduca), Amando de Jesus Pereira (Moreno) e Manuel de Oliveira.

Sem editorial propriamente de apresentação, abriu o texto uma crônica de lembranças, sob o título "Crepúsculo", prestando homenagem ao "tempo que se foi" e "àqueles que bem fizeram pela sua terra".

Seguiu-se a circulação, entre quinzenal e mensal, variando a quantidade de páginas, capa e texto ilustrados por Wan Lume, H.R. e Nabor Alcântara, o caricaturista mor. Matéria constituída de literatura, em prosa e verso, seções mundanas, sociais, de humorismo, charadas, etc.

Sairam doze edições, a última das quais datada de 24 de dezembro do mesmo ano, reunindo 46 páginas, bem proporcionada de produções alusivas ao Natal, com capa simbólica (Bibliografia Pública do Estado).

Embora sustada aí a coleção manuseada, não parou a publicação d'A Garota. Foi possível encontrar, ainda, dois comprovantes: o nº 19, ano III, 42 páginas, de outubro de 1941 (gentileza de Otoniel M. Espíndola), e o nº 26, ano IV, 32 páginas, de agosto de 1942 (idem, de Santana Júnior), mantido o ritmo inicial.

(1) O Jornalzinho voltou a circular 19 anos depois, em 1956/1960.

(2) Não mencionado pela "História do Cabo".

A colaboração, desde a estréia, esteve a cargo de José Augusto Plech Fernandes, sob os pseudônimos de Stradivarius, Dr Mefistófeles, Dr. Fausto e Celso Ribas; Antonio de Oliveira, também assinado Toliva e Tunny Oliveira; Teho (Teodorico) Silva; Otoniel Marinho Espíndola, autor de crônicas, que firmava poesias feito El. Morenito; Dório Lima ou Odorico Lima; Malévola, como se ocultava Irene Paiva; Alcides de Sousa, Eraldo Silva Rego, Ascendino Silva, João Rodrigues de Lima, Luiz Silva, Natanael Medrado, Maria das Marias, Gorila, Dr. Kildare, Ipê, Cantor Baladera (ou Balanara), Sertanejo, Caim, K.C.T., H. Rodrigues, Keibe, Nenzinha de Azevedo Lima e outros.

A ESQUINA⁽¹⁾ - Revista Quinzenal Humorística e Literária - Fundada em 1938, resta exemplar único do nº 8, ano I (data não achada), contendo 16 páginas, datilografadas em papel tipo ofício, capa ilustrada a tinta de cor, em cartolina. Diretores - Odorico Lima, E. Oliveira e José Augusto Cavalcanti, o desenhista. Inseriu colaboração de Téo (Teodorico) Silva, Nelson Siqueira, Claudilo (ou Cláudio d'Oliveira), Maria José Sussuarana, G. Monteiro, etc.; mais as seções "Registros Semanais", "Bilhetes Postais", charadas, anedotas, ditos e noticiário (gentileza de Santana Jr.).

O BULIÇOSO - Jornalzinho Burlesco, Líterro e Noticioso - Teve seu primeiro número publicado no dia 24 de dezembro de 1939, datilografado e desenhado a cores, com quatro páginas de papel tipo ofício. Redator-chefe - Zeca Plech; redator-secretário - Otoniel M. Espíndola; gerente - Milton Paes. Exemplar único, passava de mão em mão entre os leitores.

Da primeira página constou o editorial intitulado "Força de Vontade", segundo o qual seus redatores penetravam o "terreno

(1) Outro que escapou à relação contida na "História do Cabo".

da cultura", produzindo "algo de proveitoso" para combater o "marasmo contagioso" dos intelectuais da cidade-berço de Joaquim Nabuco. Seu programa, de verve e humorismo, seria cumprido com "ordem, disciplina e, acima de tudo, educação".

Sua matéria constituiu-se das seções "Joujou & Balangandans" e "Diálogo entre Negociantes", conto de Gaúcho e a crônica "Natal de ontem e de hoje", sem assinatura.

Semanário, circulou o nº 2 a 31 de dezembro. Mais variado, incluiu colaboração de J. Barros e Moreno (pseudônimo de Amando de Jesus Pereira) e noticiário social e desportivo.

Outros números foram passados aos "constantes leitores", sem que fossem guardados, no entanto, mais comprovantes (Col. Otoniel).

X - Órgão... Misterioso - Saiu a lume o nº 1, ano I, no dia 28 de janeiro de 1940, datilografado, reunindo doze páginas de papel ofício, apinhadas de matéria. Redatores (incógnitos) - José Plech Fernandes, Otoniel Marinho Espíndola e Nabor Alcântara. Leitores - diversos, mas um só exemplar, passando de mão em mão.

Apareceu para dar combate aos críticos da cidade, desintelectualizados e cheios de pretensão, inserindo crônicas de légua e meia e as seções "X no Subúrbio", "X na festa de São Sebastião", "X no Teatro" e "Quem será X?", tudo à base de humorismo e sátira, sem assinaturas.

Continuou a publicar-se, mas não restam outros comprovantes (Col. Otoniel).

A REBELDE⁽¹⁾ Revista Mensal - Iniciou sua publicação no dia 30 de novembro de 1941, datilografada, em formato de 26 x 18, papel bouffant, com 32 páginas e capa em cartolina especial, ilustrada a cores. Direção de Moreninha Tropical (como se ocultava Juraci de Oliveira). Redatores - diversos, sendo encarregado das ilustrações Nabor Alcântara.

Tinha por objetivo, consoante o editorial "Definindo um programa", ilustrar os leitores, dando expansão a pensamentos "baseados na sã moral dos costumes" e "doutrinando o povo".

Inseriu produções, em prosa e verso, de El Morenito, Mister X e Armorenito X da fé (três pseudônimos de Otoniel Marinho Espíndola), R. Pereira, Celso Ribas (José Plech Fernandes), Bull-Dog (Luiz Gonzaga Lucas), Pla-Tino (José Patriota)), Danilo Marquês de Dunquerque e Ping-Pong, além de notas curiosas, noticiário e humorismo.

Faltam notícias do prosseguimento da circulação (Col. Otoniel).

ALEGRIA - Órgão Oficial das Escolas Reunidas Morgado do Cabo - Inexistentes comprovantes do ano I, circulou o nº 1, ano II, datado de outubro/novembro de 1943, com quatro páginas de papel tipo ofício, manuscrito e copiado em hectógrafo. Redatores - Sílvio Breckenfeld, Moisés Monteiro, Edviges Silva e Maria das Dores Gusmão. Matéria constante de composições e desenhos escolares e noticiário.

Continuou a publicação nos períodos letivos de 1944 a 1949, cujo último número encontrado correspondeu ao mês de outubro, tendo servido no corpo redacional, de substituição em substituição, os alunos Carlos Alberto Carneiro Leão, Edízia

(1) Não consta na relação da "História do Cabo".

Oliveira, Fernandes Vieira, Joaz Cruz, Mário Lira, Marinete Lira, Elza Brito, Alberis Lazari, Alberto Lira, Antonio Figueiredo, Mozart Cunha, etc. (Arquivo Escolas Reunidas Mogardo do Cabo).

O.K. - Órgão Lítero-Social - O nº 1, ano I, foi entregue aos leitores, para circular entre eles o exemplar único, a 30 de abril de 1944, reunindo 18 páginas de papel ofício, mais a capa em cartolina especial, de cor, aspecto simples. Redatores - Tony (Otoniel Marinho Espíndola), Nabor Alcântara e Zeteles (José Lins Teles). Tinha o Visto do delegado de polícia Antonio Silvestre Duarte⁽¹⁾.

O artigo de abertura, sob o título "De casada...", focalizou o ingrato "ofício de fazer jornalismo" numa época em que a mocidade se voltava para o fútil e o inútil, vazia, "de vocações literárias", mas prenhe de "literatura de far-west e gangsters", devotada ao cinema e ao futebol. Diante de tudo isto, O.K. "visava a criar um meio termo na situação local, distraíndo a mente do leitor de tanta preocupação pebolística e cinematográfica".

Inseriu matéria variada, incluídas diferentes produções, em prosa e verso, de El Morenito e Maria do Céu (pseudônimos de Otoniel); Manitu, Refletor e José Plech Fernandes, que eram os três a mesma pessoa; Moreno, ou seja, Amando Pereira; Téo (Teodorico) Silva; poetisa Geni Espíndola; Mascarado e Trismegisto. Ocupou uma das páginas artístico retrato, a lápis, do ditador Getúlio Vargas (desenho de Nabor) com a legenda

(1) Ao Visto do nº 4 do magazine literário, acrescentou a autoridade mantenedora da ordem pública: "Se alguém se julgar melindrado com artigos escrito nesta revista, procure a otoridade policial e peça providência ao respeito".

"Ao egrégio timoneiro, a mais alta homenagem dos humilimos operários do O.K.".

A publicação prosseguiu, caindo nas vistas do pesquisador outro único exemplar: o nº 4, de 31 de julho que, além de El Morenito e Quo Vadis (outro pseudônimo de José Plech), divulgou colaboração de Tunny Oliveira e Toliva (travestis de Antonio de Oliveira), Princesa dos Bosques, Gonzaga Lucas, Cláudio de Oliveira e Colombina (Col. Otoniel).

7 DIAS - Um Semanário da Cidade a Serviço do Povo - Circulou o nº 1, ano I, a 10 de outubro de 1948, em formato de 33 x 24, com seis páginas, a primeira em duas cores. Direção de Gabriel Dourado Ferreira. Imprimiu-se na Tipografia Santo Antonio, situada na rua Sousa Leão, 76. Preço do número avulso - Cr\$ 1,00.

Dirigindo-se ao "Leitor Amigo", ocupando toda a primeira página, apresentou o diretor como "modesto, ágil, trabalhador e sincero, para viver convosco nesta hora difícil, de conflitos e incompreensões". Formaria ao lado das reivindicações dos cabenses; não pertencia a "grupilhos intrasigentes, nem defenderia credos materiais a serviço de exóticas doutrinas que corrompem a alma cristã do nosso"; seria "apolítico por excelência", só desejando ter o apoio "moral e material" de todos os leitores.

Concluiu, depois de uma série de conceitos: "A vida sem um ideal não vale a pena ser vivida. É áspera. Te-la-emos mais espiritual, mais suave e encatadora, à luz da inteligência, que é o maior presente de Deus aos homens da terra".

A segunda página ostentou o título geral "Orientação católica", tendo como diretor o padre Antonio A. de Sousa. A demais matéria constou de produções de Vicente Mendes,

D'Arville e José Plech Fernandes; o diálogo romântico "O beijo", de Gabriel; início do concurso "A rainha da cidade"; as seções "Pé na bola" e "Sociedade"; noticiário e alguns anúncios.

Não passou da edição de estréia (Col. Benvenuto).

BOLETIM DO MUNICÍPIO⁽¹⁾ - Divulgação dos Interesses Municipais - Circulou o nº 1-2 datado de fevereiro/março de 1951, com apenas duas páginas, verso e reverso, datilografadas em papel ofício. Redação a cargo de José Plech Fernandes e Odorico Egberto de Lima, funcionários da Prefeitura.

Resolvera a Municipalidade do Cabo, consoante a nota de apresentação, publicar, cada mês, uma súmula do seu movimento interno, a fim de possibilitar, a quem quer que fosse, meios para conhecer "o desenvolvimento e equilíbrio dos negócios públicos".

A edição de estréia só divulgou atos oficiais e notícia circunstanciada das comemorações do aniversário natalício do prefeito Vicente Mendes da Silva.

Seguiu-se a publicação do Boletim, não mensalmente, como fora programado, mas de dois em dois meses. Aumentou, entretanto, para quatro, até seis, a quantidade de páginas, de acordo com o volume da matéria oficial. O último número do ano datou de outubro/novembro, continuando, em 1952, mais espaçadamente. Proporcionou a primeira edição de 1953 no mês de fevereiro, daí passando para a de julho, quando saiu em modelo tabloide, reunindo oito páginas. E ficou suspenso⁽²⁾.

(1) Não o mencionou a "História do Cabo".

(2) No Arquivo da Prefeitura existe, unicamente, um exemplar do Boletim, mas de 1956, fora da meta cronológica deste trabalho, que não ultrapassa o ano de 1954.

Do sumário constavam mensagens do prefeito (primeiro, Vicente Mendes da Silva e, depois, João Batista Ferreira), portarias, balancetes, movimento da Biblioteca Pública e ligeiro noticiário (Arquivo da Câmara Municipal do Cabo).

O GRÊMIO - Circulou em 1952, citadas pela "História do Cabo", sem pormenores, as edições de fevereiro e de março.

MIRAGEM - Revistinha datilografada, começou a publicar-se no dia 16 de maio de 1954, em formato de meia folha de papel almaço, reunindo 18 páginas, capa ilustrada, colorida. Diretor padre Miguel Cavalcanti; gerente - José S. Pereira; desenhista - Luiz F. Bertino, funcionando a redação e administração na rua Vigário João Batista, 8.

Era, segundo o artigo da página de rosto, "mais uma tentativa de oferecer ao Cabo nova revista, cujo destino e cuja duração" muito dependiam da aceitação que tivesse entre os leitores. "Órgão de inteligência e da arte", abria suas colunas aos novos e aos mestres, destinando-se "a formar, distrair e informar".

Sua matéria constituiu-se das seções "Movietone" e "Barcos de papel"; notas desportivas, de Marozfilho; colaboração de Tarcísio e Manuel Santa Júnior; curiosidades e anúncios, tudo entremeado de desenhos (Col. Santana Jr.).

Povoação de GAIBU

O CROQUE - Publicou-se o nº 1, ano 1, no dia 1 de janeiro de 1930, constando de uma folha de papel pautado, quatro páginas, escritas com boa caligrafia do estudante Sanelva de Vasconcelos, seu diretor-responsável. Dizia no cabeçalho: "Sociedade Anônima. A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados".

Este, um tópico do lacônico artigo de abertura: "Feito especialmente para a mocidade gaibuense, O Croque segurará, no seu gancho, as novidades de que dêem aso os nossos amáveis leitores".

Circulou semanalmente, contando com a colaboração de Hélio Caminhoá, S.O., Clodoaldo Peixoto de Oliveira, Karoly, que era o próprio Sanelva, etc., inserindo, junto à matéria redacional, seções leves, como "Mundanismo", "Berlinda", "É com isto que O Croque engica" e perfis. Instituiu um concurso de simpatia masculino, do qual saiu vencedor o jovem Sanelva de Vasconcelos.

De existência efêmera, O Croque não ultrapassou o nº 4, de 19 de janeiro (Arquivo de Sanelva)(*).

ASSUNÇÃO - Órgão das Escolas Reunidas D. Antonieta Magalhães - Folha manuscrita, de quatro páginas, copiadas em hectógrafo, começou a publicar-se em fevereiro de 1954, para atingir o nº 8 no mês de outubro. Matéria constituída de crônicas de literatura infantil, noticiário de movimento escolar e desenhos dos pequenos colaboradores (Departamento Cultural da SEEC).

CAMOCIM DE SÃO FÉLIX

GAZETA DE CAMOCIM - Órgão Independente - Saiu a lume em janeiro de 1954, no formato de 33 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Direção de José Hilton Coelho; secretário - Pedro Bezerra da Silva; redator - Gentil Laurentino de Melo. Redação à rua Siqueira Campos e trabalho gráfico da

(*) Raros outros órgãos de imprensa apareceram, no Cabo, depois de 1954, último ano das pesquisas gerais de toda a "História da Imprensa de Pernambuco". O Chicote e A Esquina, jornais de humor e graça, publicaram-se em 1959.

Empresa Jornal do Agreste, de Caruaru. Assinatura anual - Cr\$ 60,00; semestral - Cr\$ 35,00. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

No bem lançado artigo "Nosso programa", lia-se: "...mais um pequeno jornal do interior pernambucano. À semelhança de seus congêneres - tem muito de idealismo e de sadios propósitos. E enfrentará, pela predestinação da imprensa matuta, um mundo de sacrifícios, de incompreensões e de lutas.

Aparecendo em momento cuja oportunidade ninguém pode exagerar, liga-se à emancipação política do município que lhe empresta o nome⁽¹⁾. Mas, nem por isso, é um órgão político - no sentido partidário". Ventilaria assuntos da atualidade, dinamizando "todos os ângulos" dos problemas de "interesse do recém-criado município". Viveria "com a ajuda do povo".

Jornal feito da matéria local, com alguns anúncios, publicou-se mensalmente, mantendo o seu programa, através de comentários, reportagens e noticiário, além da seção "Política e Políticos", dando apoio às candidaturas João Cleofas, para o governo do Estado, e de José Jordão Cabral, para prefeito do município.

Teve colaboração de Alípio Cavalcanti, Fonseca Barbosa, Carlos Guerra, Nelson Félix e Manuel N. Araújo, que, já no fim, figurou no corpo redacional. O diretor assinava, especialmente, reportagens.

Não circulou no mês de julho. E, no nº 7, aparecido em agosto, a seção "Se não sabia fique sabendo" escreveu que a Gazeta tinha sido ameaçada de fechamento, mas o interessado nesse ato "encontrou barreira".

Entretanto, terminou aí a existência do primeiro jornal do ainda tateante município (Biblioteca Pública do Estado).

(1) Camocituba chamava-se o distrito, do município de Bezerros, desmembrado pelo Decreto-Lei nº 1819, de 30 de dezembro de 1953.

CANHOTINHO

O HIGH-LIFE - Órgão Comercial - Propriedade de Frederico de Moraes & Cia., circulou a 29 de setembro⁽¹⁾ de 1900, formato de 16 x 11, com quatro páginas e lisonjeiro aspecto material.

Primeira manifestação da imprensa local, teve o objetivo de comemorar a data de instalação da Farmácia e Tipografia High-Life, de cuja propaganda, unicamente, se ocupou (Biblioteca Pública do Estado).

O LUZEIRO - Católico, Literário e Noticioso - O primeiro e único número foi dado a público no dia 1 de janeiro de 1901, redigido, composto e impresso por Dinamérico Apolinário Crespo (Informação pessoal do redator).

No dia 7 dos referidos mês e ano, o diário recifense Gazeta da Tarde acusou o recebimento de um exemplar do "pequeno periódico".

O MARTELLO - Periódico Crítico, Humorístico e Literário - Sem Cor Política - Exemplar avistado: nº 4, ano I, de 16 de maio de 1909. Manuscrito, no formato de 56 x 38. Quinzenário de publicação aos domingos, "assinatura gratuita", acrescentava ao expediente: Todos os artigos serão publicados a juízo da redação", contanto que não viesse anônimos ou com pseudônimos. Proprietário - Agamenon; gerente - Agenor; colaboradores - diversos. Abriu o texto a crônica "Maio", de

(1) Registrou Alfredo de Carvalho, nos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908", vagamente, que "o número inicial saíra em meados de outubro...".

Thyeste. Seguiu-se uma carta aos "Ilm^{os} Srs. Redatores d'O Martelello⁽¹⁾ (Biblioteca Pública do Estado).

O SOL - Literário, Crítico e Noticioso - Começou a publicar-se no dia 2 de janeiro de 1907, formato de 31 x 22, com quatro páginas de três colunas, obedecendo à seguinte tabela de assinaturas: ano - 4\$000; semestre - 2\$000; trimestre - 1\$000; para fora do município: ano - 4\$500. Corpo redacional: Manuel P. Morel - diretor; Flaviano Crespo - secretário; Samuel Farias e João Barroso - redatores-chefes; José Crespo - gerente.

E edição de estréia dedicou a página de frente, em quadro, "ao belo sexo canhotense", louvando-o em versos decassílabos, o poeta Samuel.

Abrindo a segunda página, disse o editorial de apresentação que o órgão não tinha feição política, constituindo-se num "incentivo ao estudo e amor às letras". E adiantou: "Intrépido, batalhará em prol das boas idéias e da elevação desta localidade. Imparcial, julgará sempre com justiça, afastando-se como empenho das críticas ofensivas, respeitando o lar doméstico como um verdadeiro santuário. Despretensioso, acolherá com agrado a mais franca colaboração".

A par de matéria noticiosa, comentários gerais, charadas e uma página de anúncios, o jornal - cujo primeiro número foi o único mal impresso - teve também a colaboração de P.E. Sousa (Jurisprudência), J.T. Aguiar, Gastão Pires, Lyeo (versos), etc. Samuel Farias deixou a função de redator a 20 de março.

(1) A 1ª página d'O Martello acha-se colocada num quadro de 70 x 47, bem emoldurado, que alguém ofertou à Biblioteca Pública do Estado, a ela superpostos cabeçalhos destes outros jornais de Canhotinho: A Ordem, Jornal de Canhotinho, A Juventude, Nosso Jornal e Infância. Mais um prospecto datilografado, de 24 x 24, no qual se homenageou Ernesto de Andrade Queiroz, falecido no Amazonas a 7 de agosto de 1913.

Não deu mais de seis edições, que circularam mensalmente, a última das quais datada de 25 de junho (Arquivo Público do Estado e Biblioteca Pública do Estado).

A ORDEM - Começou a circular no dia 29 de junho⁽¹⁾ de 1913, em formato grande - 52 x 35 - com quatro páginas de seis colunas. Impresso em tipografia própria, destinava-se a sair aos domingos. Proprietário e redator-chefe - Miranda de Azevedo; secretário da redação - José Manuel de Queiroz; chefe da reportagem e gerente - Pedro Afonso de Medeiros. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 5\$000. Número avulso - 0\$200.

"...calmos e refletidos, temos a declarar que o nosso escopo é render preito aos homens de bem, condenar os desastrados; e não deixar de amparar os oprimidos e fracos" - declarava o artigo de apresentação, frisando:

"Dentro deste programa agiremos com o máximo escrúpulo e a maior imparcialidade. Livre, forte, alheia completamente à política, A Ordem, folha que se impõe, não deixará de elogiar os bons atos e castigar os rebeldes, que não sabem compreender a missão, muitas vezes exercida, no seio da sociedade onde vivem.

Cuidar do município, dizer sobre as suas necessidades, também será o nosso desejo ardente e fortíssimo.

Folha criada em uma terra onde a imprensa nunca existiu (?) A Ordem tem o dever de compreender os sentimentos de seus habitantes ingênuos e bons, escrever para um público

⁽¹⁾ Não a 12 de julho, como errôneamente foi publicado no "Resumo histórico" do livro Centenário da Independência em Canhotinho (edição de 1922), que cometeu outro lapso ao informar que A Ordem fora o primeiro jornal do município.

sendento de luz e ansioso de novas sensibilizadoras e instrutivas".

O longo editorial focalizou, ainda, os problemas administrativos, do setor federal ao municipal, sobretudo a necessidade do fomento à agricultura. Concluiu reafirmando ter sempre em mira o soerguimento da localidade.

Nada obstante haver-se declarado, no artigo inicial, apolítico, A Ordem, uma nota da segunda página, tecendo encômios ao Governador Dantas Barreto, escrevia: "Somos alheios a trica políticas locais, segundo o nosso programa, mas, na política do Estado estamos inteiramente ao lado do valente e denodado comandante da Coluna Negra na memorável campanha de Canudos", concluindo: "...com ele iremos até o infinito".

Logo a seguir, procedidas eleições municipais, o semanário deu-lhes a devida cobertura, passando a apoiar o prefeito Rafael da Conti.

A par de longos artigos redacionais, exclusivamente políticos, e de espaçados artigos, de natureza científica, do Dr. Nilo Barros, dispôs o periódico de amplo noticiário, apesar de manter duas páginas de reclames comerciais, não deixando de estampar, em coluna dupla da primeira página de cada edição, um soneto ou poemeto de Miranda Azevedo. Este, paralelamente ao seu lirismo, "aproveitando-se da situação inquieta - como escreveria Nelson de Alcântara⁽¹⁾ - fez um

(1) "Canhotinho e a sua imprensa" - artigo publicado n'O Ideal, de São Benedito do Sul, edição de 11/12.1932.

jornalismo sensacional, provocou questões de ordem íntima, revolucionou, enfim, a querida São Sebastião de Canhotinho"⁽¹⁾.

Desde 31 de agosto, passou A Ordem a estampar, ladeando o título, a designação "Órgão das Classes Conservadoras do Município" e o conceito "Lorsque vous aurez resol quelque chose executez-le" (Fenelon).

Prosseguindo sua jornada vibrante, veio a polemizar com diários do Recife que faziam oposição ao governo do Estado e com O Sertão, de Garanhuns, quanto ao último a respeito da política de Palmeirina. Em novembro criava-se a seção "No brando", de crítica e sátira, entremeada de versos e assinada por Santos & Campos, interessante, mas de pouca duração. Viva campanha encetara a redação contra o promotor Giovani Piaulino da Costa, publicando-lhe o "necrológio de enterrado vivo" na edição de 28 de dezembro de 1913, precedido de enorme cruz, ao que se seguiu uma série de cartas abertas, com a assinatura Os Redatores d'A ordem, dirigidas ao General Dantas Barreto, denunciando daquela autoridade judiciária. Tal campanha continuou por vários meses, ocupando apreciável espaço da folha, até que o representante do Ministério Público foi removido da comarca.

Lia-se no cabeçalho, a partir de 5 de abril de 1914: "Jornal de maior tiragem e circulação no interior do Estado". Tendo ocorrido algumas modificações no corpo redacional, este ficou definitivamente constituído ao atingir o primeiro ano de circulação, a saber: redatores - Pedro Afonso de Medeiros, Milton de Souza e Antonio T. da Silveira; redator-secretário - José Antonio de Melo; sub-secretários - coronel José Viana e professor João Franco; auxiliares da redação - Manuel E. de Medeiros, Valdomiro Salu, Manuel P. da Silva e Antonio

(1) Primitiva denominação de Canhotinho.

Claudino; repórteres - José T. de Miranda, Pedro Santos e Crispim do Carmo; gerente - Eurico G. de Araújo; viajante e cobrador - Alcides Carneiro da Cunha.

Voltou A Ordem a inserir a seção "No brando", sem mais assinatura, mas sem deter-se jamais, ao mesmo tempo que Zequinha Melo (pseudônimo de José Antonio de Melo) criava a seção de charadas "Horas de ócio".

Atingindo o fim de 1914, por haver invectivado violências policiais, o semanário foi alvo de perseguições diretas do delegado local, que ameaçou redatores, agrediu empregados e chegou a ordenar que fosse suspensa a publicação, o que não se concretizou porque o redator-chefe Miranda de Azevedo se dirigiu ao Recife e, junto às autoridades estaduais, conseguiu abrandar o ódio da autoridade arbitrária; mas teve que afastar-se, por algum tempo, do município⁽¹⁾.

Foram novos colaboradores, em princípios de 1915, o promotor Liberalino de Almeida (poemas) e Rodrigues Lima Pacheco, autor das crônicas intituladas "Palhetinhas", com eles havendo depois sério rompimento, sendo primeiro atacado, pelo jornal, em sua função de membro do Ministério Público, com os mais rudes apodos. Era, igualmente, admitida a prosa de Oscar Cavalcanti ou Oscar Borges e de Carlos Afonso; criavam-se concursos de beleza feminina e de simpatia, ao passo que o Dr. Krostrata respondia consultas de horóscopo.

Estando a terminar a gestão administrativa do General Dantas Barreto, o periódico promoveu a propaganda do nome de Manuel Borba para substituí-lo, através de sucessivos

(1) O Estado de Pernambuco, diário do Recife, edição de 30 de dezembro de 1914, chegou a informar, exageradamente, que A Ordem tivera seu prédio atacado e empastelado todo o material tipográfico.

editoriais encomiásticos e da cobertura da movimentada política municipal. A 9 de agosto foi Miranda de Azevedo agredido, próximo à redação, por dois indivíduos, a mando de Joaquim Henrique de Almeida, mas escapou ileso, graças à ajuda de dois empregados da redação.

Parecia insustentável a situação d'A Ordem e do seu proprietário e redator-chefe, cuja bravura de atitudes era mal vista, sobretudo, pela magistratura do município e pelos políticos da oposição. Miranda de Azevedo sentia-se falta de segurança de pessoal, embora alvo de favores oficiais no setor estadual. E assim, poucos meses mais teve de vida o seu jornal, onde, nada obstante os piores momentos, nunca faltou o soneto por ele assinado, lírico e parnasiano⁽¹⁾.

Finou-se A Ordem com o nº 117, datado de 3 de outubro de 1915 (Arquivo Público Estadual e Biblioteca Pública do Estado).

A LUZ - Jornalzinho manuscrito, o nº 1, ano I, foi entregue ao primeiro leitor, datado de 14 de março de 1914. Ocupou meia folha de papel pautado, mas continuou com folha inteira, somando quatro páginas, divididas em quatro colunas de matéria, às vezes três, escritas com tinta vermelha, o cabeçalho noutra cor, ostentando ilustrações incipientes, a lápis preto comum. Proprietário e chefe da redação - Abílio Apolinário Crespo; auxiliar - Valdomiro Salu.

Folha "só crítica", humorística e trocista, pediu a redação aos amigos, inicialmente, que não se aborrecessem com suas

(1) Transferindo-se, após ligeira estada no Recife, para o Estado de Alagoas, Miranda de Azevedo foi assassinado, na cidade de Viçosa, a 2 de agosto de 1916. Deixou publicado o livro de poesias "signos" e, a publicar, "Album de Dulce" e "Rainúnculos".

tolices. Prosseguiu cada semana, até o nº 5, datado de 11 de abril (Coleção doada por Abílio, 53 anos decorridos, achando-se, atualmente, arquivada na Biblioteca Pública do Estado).

Três meses depois, reapareceu A Luz impressa tipograficamente, do que, no entanto, inexistem comprovantes. Narrou Abílio Crespo como isto foi possível. Numa visita a Canhotinho, Letácio Montenegro, diretor d'A Notícia, de Palmares, ofereceu ao jornalista juvenil bem apreciável quantidade de tipos empastelados, contanto que ele fosse lá buscá-los. Foi. Levantou a tipagem, que viera num caixão de querosene e, junto a Valdomiro, idealizou um prelo, semelhante ao primitivo do Diário de Pernambuco, com resultado satisfatório.

"Saiu A Luz, em letra de forma, com um artigo de fundo de autoria de Pedro Afonso de Medeiros, que principiava assim: "Entramos na senda espinhosa do jornalismo com a tenacidade de dois jovens que, com esforço tremendo, conseguiram, quase sem recursos (tinha arranjado vinte mil réis emprestados), imprimir um jornal, etc., etc."

Continuou a publicação, cujos exemplares eram vendidos a 200 réis, fazendo permutas e enviando-os para a Biblioteca Pública do Estado (onde não chegaram ou de lá desapareceram). Até que, após algum tempo, o diretor-redator Abílio Crespo trocou a carreira de jornalista matuto pela de caixeiro-viajante.

O PHAROL - Semanário Imparcial, Literário e Noticioso
- Inexistentes outros comprovantes, publicou-se o nº 3, ano I, no dia 11 de abril de 1915, formato de 29 x 21, com quatro páginas a três colunas de composição. Redator-chefe - Valdomiro Salu; secretário - José Antonio de Melo (Zequinha Melo); gerente - José Cavalcanti. Trazia, ao lado do título, o seguinte conceito de Corneille: "Qui veni mourir ou vaincre est rarement vaincu".

Redação e oficina na Praça do Comércio, 30, 1º andar. Tabela de assinatura: ano - 4\$000; semestre - 2\$000; trimestre - 1\$000; para fora da cidade - 4\$500, 2\$500 e 1\$500, respectivamente. Preço do exemplar - 100 réis.

A edição inseriu comentários sobre temas locais, colaboração de Antenor Rocha e A.D., "Postais femininos", noticiário e anúncios, estes enchendo a quarta página (Biblioteca Pública do Estado).

A FOLHA - Semanário Defensor dos Interesses da Coletividade - O nº 2 (não avistado exemplar do 1º) circulou a 15 de janeiro de 1916, formato grande: 52 x 36, com quatro páginas de seis colunas. Impresso em tipografia própria, situada, com a redação, na rua do Comércio, assinava-se a 5\$000 por anualidade, custando 100 réis o número avulso. Um dos redatores era Lima Pacheco, mais dirigido por Pedro Afonso de Medeiros.

Bastante provido de matéria, teve a colaboração de Liberalino de Almeida, que assinou um soneto e o artigo "Jurisprudência"; divulgou conto de Jonio; as seções "Mosaicos", de Marcelino Lins; "Álbum de Trancoso", por Esopo; "Pauladas", com a assinatura D. Ratinho; "Informador d'A Folha"; noticiário, charadas, etc. A quarta página só constou de reclames comerciais (Biblioteca Pública do Estado).

Prosseguiu, tendo o semanário O Porta-Voz, de Bezerras, em sua edição de 13 de fevereiro, acusado o recebimento do nº 4 d'A Folha.

Faltam comprovantes e mais notícias.

O POLO - Órgão Noticioso e Independente - O nº 1, ano I, circulou a 13 de agosto de 1916, obedecendo ao formato

de 38 x 26, com quatro páginas de quatro colunas. Redação e oficina à rua do Comércio, 11, deixando o trabalho gráfico bastante a desejar. Pretendia sair semanalmente, assinando-se a 4\$000 por ano ou 2\$000 por semestre, mais 1\$000 para fora da cidade, mediante pagamento adiantado. Número avulso - 100 réis.

Seu programa era simples, conforme a nota de apresentação. Nada tinha "que ver com a política", constituindo-se uma "atalaia na preocupação de reivindicar e zelar pelos direitos de Canhotinho". Aceitava colaboração, frisando: "Nas Solicitadas, só não aceitamos pornografias".

Inseriu colaboração de João Lima, A. Rocha e Luiz Passos, a seção "Cosmorama" e notícias ligeiríssimas, cheias de anúncios as duas últimas páginas.

Segundo tudo indica, não voltou a publicar-se (Biblioteca Pública do Estado).

O CENTENÁRIO EM CANHOTINHO - Jornal Comemorativo da Independência do Brasil - Número único, foi dado à publicidade no dia 7 de setembro de 1922, formato regular, com quatro páginas de três colunas largas. Direção de Cícero Siqueira; redatores - Urbano Vitalino e Cecília Rodrigues. Imprimiu-se em papel assentinado superior.

Abriu a edição o artigo "Salve!", assinado pelo diretor, que encheu toda a primeira página, focalizando a data magna então celebrada. Seguiram-se produções específicas de Batista de Almeida, Gerônimo Borba, Américo Maia e outros, e uma "Oração à Bandeira", da lavra de Pedro de Melo (Col. Adauto Barreto).

CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA EM CANHOTINHO - Publicação ilustrada, de 200 páginas, entrou em circulação no fim de 1922, sendo o trabalho gráfico efetuado no Recife, oficina da Imprensa Industrial. Teve como organizadores Batista de Almeida e Cícero Siqueira. Divulgou: "Resumo histórico e geográfico do município", "Histórico das festas cívicas do dia 7 de setembro", inclusive os diversos discursos pronunciados e, finalmente, o "Álbum elegante", ilustrado com numerosos clichês dos mais expressivos elementos da sociedade local (Biblioteca Pública do Estado).

O VERDE - Jornal do Partido Verde - Sem que existam remanescentes das edições anteriores, circulou o nº 3, ano III, no dia 7 de setembro de 1925, em bom formato de três colunas, com oito páginas, todas impressas na cor do título. Sob a direção de Silva Ramos, apresentou o seguinte corpo redacional: Solon Vidal, coronel Soares Guimarães, Dr. Clóvis Guimarães, Arnulfo Rodrigues, Cavalcanti Filho, José V. Monteiro e Otávio Vila Nova.

Zé Patriota assinou o editorial de abertura "Tudo pela Pátria", segundo o qual a folha surgira em 1922, "para comemorar condignamente o Centenário da Independência", adiantando: "Bem haja, pois, a idéia dos partidos. Bem haja o Verde! Bem haja o Encarnado! Estas cores mais uma vez vestem Canhotinho de galas e comemoram o grito de D. Pedro I".

Não tinham nada de agitadores o Verde e o Encarnado. "Por isso - acrescentou - chegamos à conclusão de que o Verde é o companheiro do Encarnado, um se integraliza no outro. Em uma palavra: o Verde se agita; o Encarnado estremece. A pátria os conduz".

Sua matéria constituiu-se de artigos, crônicas, poesias, "Telegramas - Pelo Cabo Verde", "Epitáfios", "Espirros" e toda

uma página de motes e glosas, tudo à base de boa verve, só utilizados pseudônimos como assinaturas (Biblioteca Pública do Estado).

O ENCARNADO - Órgão do Partido Encarnado - Fundado no ano anterior (não existe o respectivo comprovante), publicou-se o segundo Número Único a 7 de setembro de 1925, formato de três colunas, com doze páginas, impressas na cor do título. Diretora - Cecília Rodrigues de Siqueira; redator-secretário - Urbano Vitalino de Melo; redatores - José Leite, João Leão, Tertuliano de Melo, Adauto Barreto, Júlio Oliveira e Manuel Holanda. Distribuição gratuita.

Abriu o texto substancioso editorial, de fundo patriótico, seguindo-se uma crônica de Maurício Potiguar e o restante da abundante matéria constituído de prosa e verso de natureza humorística, a ressaltar enorme quantidade de motes e glosas. Tudo assinado mediante pseudônimos (Col. Urbano Vitalino).

O CANHOTINHO - Semanário Litero-Noticioso O nº 2, ano I, circulou a 5 de abril de 1930, formato de 36 x 25, com seis páginas de quatro colunas. Diretor-redator - Adauto Barreto; gerente - Abílio Lins. Confecção da Tipografia Cavalcanti Filho, instalada, com a redação e o escritório, na rua do Comércio. Assinaturas: ano - 12\$000; seis meses - 7\$000. Solicitadas - 0\$300 por linha de tipo 8.

Jornal bem feito, comentador e divulgador dos acontecimentos da vida social da localidade, foi, acima de tudo, um veículo dos devaneios literários dos intelectuais da região. Além da produção intensiva do diretor-redator, também aparecido como A. n"O recanto de Dona Afeição", ou João do Beijo nas quadras românticas, contou com a colaboração de Waldemar Lopes, Fenelon Barreto, De Filgueiras ou Normando Filgueiras, Álvaro Costa, Alcides Lopes, Nelson Alcântara,

Lisboa Brito, etc., cabendo a Rialdo a crônica semanal "Tiras de papel".

O periódico adotou dois concursos: "Senhorinha Canhotinho" e "Protetora d'O Canhotinho", tendo o resultado do segundo proporcionando uma edição de oito páginas, a 5 de julho, em homenagem à escolha - Laura Buarque Lira.

Como conseqüência de uma polêmica de caráter literário, foi agredido, no mês de maio, o jornalista Aduino Barreto, que vinha revidando, com veemência, ataques de Raimundo de Moraes, correspondente, em Palmeirina, d'O Jornal, de Garanhuns.

Ora com seis, ora com quatro páginas, duas delas de anúncios, teve O Canhotinho circulação regular até o nº 16, datado de 2 de agosto, e "sua atuação - segundo Nelson Alcântara⁽¹⁾ - deixou um rasto luminoso na história da nossa vida de imprensa" (Biblioteca Pública do Estado)⁽²⁾.

A PRENSA - Jornalzinho humorístico, cujo "número 0, ano 0 saiu hoje", foi entregue aos leitores no dia 15 de abril de 1931, com quatro páginas de pequeno formato. Destinava-se a circular "nos dias em que a polícia consentisse", vindo à luz o "número 00"(segundo e último) quinze dias depois.

Tinha como diretor-diretor Pino del Marquês e "diretor-que-nada-dirige"Paul de Saint Eugene, encarnados, ambos, na pessoa de Aduino Barreto, que escreveu, compôs e imprimiu, na sua tipografia, a bem humorada folha, feita para "revolucionar os centros de leitores, comprantes, filantes e emprestantes"(Col. Aduino Barreto).

(1) "Canhotinho e a sua imprensa".

(2) Coleção desfalcada.

O CORREIO DA CIDADE - Notícias, Críticas e Atualidades - Publicou-se o nº 1, ano I, a 5 de janeiro de 1932, formato de 26 x 19, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Direção de Nelson Alcântara; na gerência - Alonso Costa. Instalou redação na rua do Comércio, 157, imprimindo-se em Catende, na Tipografia Lobo. Preço do exemplar - 0\$100.

Constava do "Cartão" de abertura: "Correio da Cidade é um jornaleco que aparecerá mensalmente. Vamos logo tratandoo por jornaleco. Também, outro adjetivo não terá comentários indiscretos das esquinas". Aludiu à indiferença de Canhotinho pelas coisas do espírito; dizia-se haver caveira de burro enterrada; mas, "sobrepujando inúmeros obstáculos", punha-se o jornalzinho em circulação. Não iam, porém, fazer "jornalismo amoroso", acentuando: "...é que nós somos pequenos no formato e grandes no ideal", para concluir: "foi para informar e orientar que surgiu Correio da Cidade".

Bem iniciada e bem intencionada, seguiu a folha seu caminho, mensalmente e, depois, quinzenalmente. Logo no nº 3 foi o gerente substituído por Israel de Alcântara, e no nº 5, acrescentou-se ao cabeçalho um segundo diretor: J. Alvarenga (pseudônimo de Samuel Soares). Ao mesmo tempo, elevava-se o fomato para 32 x 24, "um campo maior para os comentários e informações".

A par de artigos de fundo e sueltos em torno de problemas locais e nacionais, noticiário e uma página de reclames comerciais, apareciam trovas de Aauto (Barreto), Juraci (Lopes) e Jubal (Carvalho) e raros artigos assinados, ora por Agripino Alcântara, ora por A.C. Montenegro, ora pelos diretores. Divulgava atos oficiais da Prefeitura.

Ao atingir o nº 11, de 1º de julho, o Correio ficou suspenso "por motivo de inúmeros afazeres e conseqüente alteração de saúde" na pessoa de um dos diretores.

Reapareceu - nº 12 - no dia 9 de dezembro, edição de seis páginas, dedicada ao I Congresso de Jornalistas do Interior, realizado em Garanhuns, incluindo declarações, a respeito do certame, do jornalista Nehemias Gueiros.

Não foi possível manter em circulação o quinzenário, que ainda pode ser publicado a 7 de setembro de 1933, em edição especial, de oito páginas, homenageando o Dia da Independência. Inseriu produções originais de Waldemar Lopes, Samuel Soares, Antonio C. Montenegro, Mário Figueiredo e Otávio Vila Nova, além da matéria de rotina (Biblioteca Pública do Estado).

JORNAL DE CANHOTINHO - Publicação semanal, estreou a 24 de setembro de 1933, formato de 37 x 25, com quatro páginas de cinco colunas estreitas. Diretor - Luiz Pereira Júnior; redatores - "diversos"; gerente - Manuel Azevedo Siqueira. Confecção material da Tip. em Garanhuns. Assinaturas: por semestre - 5\$000; trimestre - 3\$000. Número avulso - 0\$200.

Consoante o editorial de abertura, Canhotinho "vinha sentindo a necessidade de um jornal, que retratasse a sua fisionomia, servisse de porta-voz dos seus desejos, de arauto do seu pensamento". Daí a razão de ser do aparecimento da folha, que supria tal lacuna. Passado o período das dissensões partidárias - acentuou - que sempre degeneravam em lutas estéreis, modificada aquela atmosfera, o município despertava, fazendo-se sentir "um sopro de energias novas", e o Jornal de Canhotinho iniciava sua tarefa no intuito de ajudá-lo, "cooperando para o seu triunfo material, moral e intelectual".

Circulando com regularidade, especializou-se no serviço noticioso e no comentário, debatendo os problemas locais com segurança e independência. Divulgava atos oficiais da Prefeitura, dedicando toda uma página e reclames comerciais.

No nº 7 instalava-se a seção "Para uma mala de sírio", de versos satírico-humorísticos, assinada por Abacati. Foram surgindo raros colaboradores, tais como: Luiz Maia, José Lucas, Apolinário Cecílio Santos, Joaquim Silveira e Severino P. Jatobá. Ocorriam, também, produções enviadas pelo Círculo dos Amigos de Marden e pelo Círculo Brasileiro de Educação de Educação Social, enquanto o "Álbum Social" reproduzia, esporadicamente, sonetos famosos.

Do nº 16, de 6 de janeiro de 1934, por diante, outro nome figurou no cabeçalho, em substituição ao diretor: o de João Miranda de Siqueira.

Prosseguindo, sem mais alterações, estendeu-se a existência do semanário até o nº26, de 24 de março, ficando em meio a publicação da novela "A virgem do calçado", de J. Silveira (Biblioteca Pública do Estado).

O CRAUATÁ - Apareceu em agosto de 1934, obedecendo ao formato de 48 x 30, com seis páginas de cinco colunas. Propriedade do Crauatá-Clube, tinha como diretor José Lucas e gerente José A. Costa. Impressão da Tipografia Escolar, em Garanhuns. Tiragem de 1.000 exemplares.

Constava do editorial de apresentação: "Rebento medíocre do Crauatá-Clube, cujo trono, bem novo, não tem para lhe dar uma seiva suficiente que possa mostrar o verde absoluto de sua esperança ao patronato do Sol, aparece O Crauatá. Nele o que queremos, o que pretendemos, só os mestres poderão adivinhar; e assim nos apresentamos".

Em prosseguimento à publicação, começou, no nº 2, de 7 de setembro, a ser divulgado o drama em dois atos "A filha de Maria", original de José Lucas, dedicado ao conjunto cênico do C.C. Crauatá.

Circularam a 12 de outubro e 15 de novembro, respectivamente, os nºs. 3 e 4, sempre com seis páginas de anúncios.

Abundante de matéria, estampava editoriais, amplo noticiário, as seções "Colunas Domésticas", por Odília Alves, e "Fastos locais", notas diversas, e contou com a colaboração de Romário Alves, Estelita Barros, Apolinário Santos, J.L. Alves, Zé de Crauatá, J.A. Sampaio e Efe Cê.

Ao que tudo indica, não chegou O Crauatá ao quinto número (Biblioteca Pública do Estado).

A JUVENTUDE - Mensário de propriedade da "Juventude Canhotinense", surgiu no dia 30 de junho de 1935, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor - José Lucas, funcionando a redação na Praça do Comércio, 22, 1º andar.

Segundo o artigo intitulado "Apresentação", Canhotinho despertava de longa apatia. Passara a nuvem de pessimismo, criando-se a "Juventude Canhotinense", sociedade que se propunha "a difundir o gosto pelo teatro, pela música, pelos esportes e pela literatura, além de muitos fins da humanidade e de patriotismo", a começar pelo seu jornal, "uma gota de letras no oceano imenso do jornalismo matuto".

Publicou-se o nº 2 a 31 de julho, quando entrou como gerente Luiz Camilo, contendo, ambas as edições, poesias do diretor e artigos de L., que era o mesmo; colaboração de Fernando Cunha (ou Efe Cê), Romário e Zé Poly, autor de

logogrifos e versos humorísticos. Do noticiário constava o "Ramalhete da Juventude", de registros sociais. Mais de uma página de anúncios.

Não há notícia do prosseguimento (Biblioteca Pública do Estado).

O GURY - Jornalzinho estudantil, editado pelo Clube Cleto Campelo, das Escolas Padre Diogo Feijó, circulou em 1935, sem mais pormenores (Informe d'A Juventude, de 30/06/1935).

NOSSO JORNAL - Quinzenário Incolor - Saiu a lume no dia 1 de março de 1937, formato de 50 x 30, com quatro páginas de cinco colunas estreitas. Direção de José Lucas; gerente - Paulino Cintra. Impresso na Tipografia Moderna, em Garanhuns, assinava-se a 5\$000 por ano; 5\$500 pelo Correio. Preço do exemplar - 0\$200.

Lia-se, no consiso artigo-programa, que o povo de Canhotinho estava precisando de um porta-voz quese não deixasse "manietar por qualquer conveniência pessoal". O Nosso Jornal "consultaria o interesse geral", sem "nenhuma ligação a qualquer corrente política ou filosófica". Era, pois, um órgão "de ciências, de artes, de letras, de recreios, principalmente no que concernir ao interesse nacional".

Destinado a ter vida efêmera, como sucedera a tantos outros, estampou editoriais e sueltos a respeito dos problemas municipais, variado noticiário, atos oficiais e uma página - a segunda - de anúncios.

No segundo número, abriu concursos para eleger "a senhorinha mais linda" e "o marmanjo mais feio" da cidade. A

seção "Literatura" era freqüentada por João Lira de Andrade, P. Amorim, Romário Alves, José Lucas e Logos.

Publicado a 1º de abril o nº 3, não voltou mais à circulação (Biblioteca Pública do Estado).

INFÂNCIA - Boletim dos Meninos de Canhotinhos - Impresso em pequeno formato, quatro colunas de composição, circulou no dia 30 de outubro de 1938. Ostentou manchete saudando a sagração episcopal de dom Mário Vilas Boas, da Diocese de Garanhuns. O artiguete de abertura teve o título "Infância", sendo outros títulos "Nossa Igreja", com fotogravura, e "Primeira Comunhão"⁽¹⁾ (Biblioteca Pública do Estado).

Distrito de PAQUEVIRA (ex-GLICÉRIO)

A VONTADE - Órgão Literário e Noticioso - Publicação quinzenal, deu à luz o primeiro número impresso⁽²⁾ no dia 4 de outubro de 1906, fomato de 26 x 10, com quatro páginas de três colunas. Diretor - José Carlos Cavalcanti Borges; gerente - José Peixoto. Tabela de assinaturas: ano - 2\$000; semestre - 1\$000; trimestre - 0\$500; para fora da vila: 2\$400, 1\$200 e 0\$600, respectivamente.

Ocupando toda a primeira página, o editorial de apresentação focalizou as "garras aduncas da ignorância" que manietavam Glicério, onde a instrução era "pouco difundida e mal administrada".

(1) Desse jornalzinho só foi possível avistar a parte alta da 1ª página, colocada no quadro emoldurado a que se fez referência página atrás.

(2) Cerca de um ano antes, A Vontade aparecera manuscrita, "mas, segundo escreveu J. Peixoto, com tanta infelicidade, que só foi possível sair o primeiro número".

Declarando-se apolítico, "independente e imparcial", A Vontade transformaria as suas colunas "em pulmões de bronze, para divulgar as ações de civismo, proclamar a honradez e a inocência e defende-las dos golpes traiçoeiros da inveja e da calúnia".

Seguiram-se notas assinadas em torno do aparecimento do jornalzinho⁽¹⁾, um péssimo soneto de José Peixoto, noticiário e ligeiros anúncios.

No nº 2, que saiu no dia 19, nele aparecendo Jorge Gomes como redator-secretário, lia-se que A Vontade era uma "luz trêmula e dúbia ainda, a projetar as primeira irradiações do ensinamento literário".

Tendo elevado o formato para 31 x 22, aumentou, igualmente, o preço das assinaturas. Impresso na tipografia d'A Pátria, em Garanhuns, tornou-se-lhe a feição mais agradável. Matéria variada, constava de comentários de interesse local; noticiário, sob o título "Notas avulsas", e a colaboração de José Carliges e Georgomes, que eram o diretor e o secretário; Fonelon Ferreira, Ceci e Peixoto (Biblioteca Pública do Estado).

Não restam outros comprovantes. Entretanto, continuou a publicação, segundo o noticiário do Diário de Pernambuco, atingindo o nº 5 a 24 de dezembro. E ainda circularam seis edições em 1907, no período de 10 de janeiro a 30 de março, de acordo com o registro de Alfredo de Carvalho⁽²⁾.

(1) O acontecimento deu lugar a uma sessão magna, "em homenagem ao surgir do periódico", à qual compareceu o mundo social e oficial da localidade, ocorrendo quase uma dúzia de discursos.

(2) "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908".

CARPINA(*)

A REACÇÃO - Periódico Literário e Noticioso Consagrado aos Interesses Locais - Primeiro órgão de imprensa aparecido na então vila de floresta dos Leões, o nº 1, ano II, 2ª. Época⁽¹⁾ circulou a 22 de maio⁽²⁾ de 1904, formato de 38 x 27, com quatro páginas de três boas colunas. Diretor-proprietário - Vicente Maia Barreto; redatores - Chateaubriand de Melo e professor José Brasiliano, funcionando a redação na rua das Magnólias, 39. Trabalho gráfico da oficina do Jornal do Recife, assinava-se a 3\$000 por trimestre, custando 200 réis o número avulso.

Segundo o editorial de apresentação, a folha aspiava "ser a propulsora constante do desenvolvimento moral, material e intelectual de Carpina", salientando: "...a par de sua preocupação pelos interesses do comércio, da indústria e da agricultura, cujas relações e desenvolvimento procurará fomentar - tratará por igual do lado puramente intelectual, abrindo suas colunas às indagações artísticas e animando, destarte, as vocações nóveis, dignas de aproveitando e capazes de concorrer com seu esforço para o futuro engrandecimento de nossa república das letras".

Concluiu, após boa série de considerações, que "o seu programa se poderia reduzir nestas palavras: Educação, Solidariedade, Justiça".

(*) O primitivo povoado Chã de Carpina, pertencente, ao mesmo tempo, aos municípios de Paudalho e Nazaré da Mata, mudara a denominação, no princípio do século, para Floresta dos Leões, tornando-se município em 1923. Veio a chamar-se, simplesmente, Carpina, através do Decreto-Lei Estadual nº 235, de 9 de dezembro de 1938.

(1) A primeira época foi vivida na cidade de Palmares, em 1903.

(2) Não no mês de março, conforme consta dos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908", do historiador Alfredo de Carvalho.

Seguiu-se o comentário intitulado "Pelo proletariado", pugnando pela emancipação do trabalhador, para terminar com a advertência: "Ao socialismo, pois, camponeses!" Além de artigos assinados pelos redatores, iniciou a série de cartas do Recife, o título "Poderando" e inseriu poesias de Maria A. Beltrão e Vimêbarreto, noticiário e mais de uma página de anúncios.

Existem raros comprovantes. O nº5 publicou-se a 19 de junho, nele verificada a ausência do redator J. Brasiliano, havendo-se transferido a redação para Largo da Feira, 2, 1º andar. Contou com a colaboração de José Dativo dos Santos, que escreveu "Pelo proletariado"; Maria Rosa, Arlindo de Andrade e Rodolfo Machado, os dois últimos assinando poesias, e o Dr. Obscuro, responsável pela "Coluna Sphinge".

Outro avistado foi o nº 8, de 19 de julho (Biblioteca Pública do Estado).

O registro dos "Anais" estende a vida d'A Reacção até o nº 10, de 13 de agosto.

A MACHADINHA - Órgão exclusivo do Clube Lenhadores - Dizendo-se, no cabeçalho, "nada político, pouco crítico, muito jacoso e todo ventripotente", circulou - ano I, nº único - no Carnaval de 1914, a 22 de fevereiro, em formato de 32 x 22, com quatro páginas de três colunas. Imprimiu-se em tinta de cor, na Tipografia Chanteaubriand, do Recife.

Depois de, na crônica de abertura, curvar-se "diante dos bons florestanos", apresentando-lhes "credenciais", encheu-se de boa matéria carnavalesca, em prosa e verso, assinada por X.Y e Zevas. dedicada a última página à divulgação de marchas do Clube (Arquivo Público Estadual).

O LAÇO - Órgão Independente - Transferido de Paudalho, começou a publicar-se com o nº 50, ano V, de fevereiro de 1917, tendo como diretor-proprietário Antonio de Barros Mota. Mensário, manteve o preço de 3\$000 por ano, com a mesma vantagem de prêmios oferecida na sede anterior, e idêntico formato: 33 x 23, a três colunas, com quatro páginas.

Sobre a nova localização, o jornal divulgou, apenas, o "Aviso" a seguir : "O Laço previne à Imprensa e ao público que mudou sua redação para esta localidade, onde espera continuar merecendo as mesmas ordens".

Seguiu-se a existência do mal feito periódico, com mais anúncios do que matéria redacional, esta constituída de notícias ligeiras, com os de V.F. (Valfrido Freire), Julieta Beltrão Carneiro e raros outros; o comentário mensal "Fagulhas", por Antonio Carneiro Leão, e uma ou outra nota de Massilon.

No nº 61, de janeiro de 1918, ano VI, escrevia a redação que O Laço, "graças ao insuperável esforço do seu proprietário", "atravessando, embora ingloriamente e sem fausto, o escabroso caminho da vida jornalística". E acentuou: "Se não fosse a ilimitada abnegação do seu propretário", desde muito ele estaria "envolto nas profundas trevas do esquecimento".

A partir de setembro do referido ano, melhorou o aspecto da folha, cujas páginas passaram a ter quatro colunas estreitas de composição. Iniciado 1919 (edição de janeiro), acrescentou-se ao cabeçalho: gerente - professor José Feliciano de Aguir. Melhorou, então, a parte editorial, plantando-se em cada primeira página um soneto (transcrito), além de continuar a colaboração de Clóvis Carvalho e Rocha Melo.

Circulando cada mês, ininterruptamente, O Laço atingiu o nº 89, ano VIII, em maio de 1920. Foi, possivelmente, o último número publicado (Biblioteca Público do Estado de Pernambuco)(1).

FLORESTA-JORNAL - Órgão Independente e Noticioso
- Entrou em circulação a 21 de dezembro de 1919, no formato de 48 x 32, com quatro páginas de cinco colunas. Propriedade "de uma Associação"(2), assim constituída: Francisco Saturnino Cavalcanti, Alfredo Cavalcanti de Albuquerque, José Simplício de Lima Jr. e José Montenegro, os dois últimos ocupando os cargos de diretor e redator. Assumiu a gerência Urânio Tavares Coutinho. Redação e Oficina na Praça Joaquim Nabuco, 3. Custo da assinatura anual - 6\$000, mediante pagamento adiantado; número avulso - 100 réis.

Constava do editorial de apresentação: "Floresta-Jornal ocupar-se-á de todas as notícias locais e das mais importantes, não somente do nosso Estado e de nossa pátria, como também do exterior; bater-se-á pelos grandes e nobres ideais que interessam de perto a nossa honra e a nossa integridade nacional. Os interesses do povo, maximé da nossa gleba, serão zelados com carinho e por eles nos bateremos com a máxima sinceridade e com o maior afã".

Publicação semanal, aos domingos, seguiu a meta programada, exibindo lisonjeira feição material, bem dotado de artigos redacionais e de noticiário, distribuindo pelas seções "Lá fora", "Notas locais", "Vida social" e "Religião", ocupadas por anúncios as duas últimas páginas. Começaram no nº 3 as

(1) Coleção desfalcada.

(2) A "Associação" adquirira, pela quantia de 3.000\$000 (na moeda atual Cr\$ 3.000,00), a tipografia em que fora impresso O Radical, da cidade de Paudalho.

"Pitadas", de versos satírico-humorísticos, assinando-as o Dr. K. Cête, como se ocultava José Montenegro. Foi primeiro colaborador Antonio Carneiro Leão⁽¹⁾, autor de sonetos de sete sílabas, seguindo-o José de Araújo Guerra.

A partir de 25 de janeiro de 1920, via-se no expediente, na qualidade de redator-chefe, o nome de João Adriano de Melo Dutra: mas a função passou a ser exercida no mês de junho, por Manuel Pessoa de Luna Filho. Este assumiu a responsabilidade do comentário "De tudo", que antes tinha a assinatura de Lauro d'Alva (pseudônimo de Severino da Silva Vieira). Substituiu-o, depois, por "Minha crônica" e, tendo-se ausentado, em 1922, mandava, de lá do sul, a "Crônica do Rio".

Outro interessante colaborador da primeira época foi César de Vasconcelos, aparecido com o pseudônimo de K. Vaco, em versos epigramáticos; ainda Braz do Monte, o das "Cartas do Recife", e Zé do Rio.

Floresta-Jornal solenizou seu primeiro aniversário - nº 54, de 21 de dezembro de 1920 - com edição de oito páginas, impressas diferentes, figurando na primeira clichês dos proprietário e redatores. Lia-se no editorial comemorativo:

"Os interesses do povo e muito especialmente o da terra onde vivemos temos sabido zelar com carinho, com esforço, com dignidade, defendendo-os de fé, cheios de crença, sem recuos e desânimo, com o mais severo critério e absoluta independência".

"Quanto à política, nunca nos deixamos vencer à sua ação, nunca nos despertaram o mínimo interesse os seus atrativos,

(1) Não era o Antonio Carneiro Leão que terminou membro da Academia Brasileira de Letras.

mesmo porque a nossa política é a do progresso, é a do bem estar coletivo".

"No segundo ano da nossa vida havemos de seguir o mesmo caminho, não nos desviaremos, de modo algum, de maneira nenhuma, do princípio traçado e obedecendo até hoje. As nossas colunas estarão sempre abertas às idéias que se recomendaram, aos empreendimentos que digam bem com a Pátria, com o Progresso e com a Moral".

Ao iniciar-se 1921 vieram as "Semanais", versos humorísticos, de Dom Quixote, nem sempre, na realidade, semanais, enquanto Sancho Pança, de vez em quando, "Carta-Bilhete". A edição de 29 de maio deu notícia do afastamento do redator José Montenegro, que fora residir no Recife. Dissolvida a "Associação", permaneceu o diretor José Simplicio, na qualidade de proprietário único. Iniciaram-se concursos para a escolha da "mais bela de Floresta dos Leões" e da "mais bela de Paudalho". Surgiu um novo colaborador: o poeta Franklin Seve, que escrevia prosa em "Algumas tiras"; outro foi Platão, autor de "Minhas impressões", logo desaparecidos, assim como P. (Perdiliano) Nicéas, sonetista de "Gente da terra", e Reivex, ou seja, Henrique de Moraes Xavier. Firmou-se, todavia, a seção "Deportivas", a cargo de Clery (pseudônimo do médico Murilo Sérgio da Silva), e o redator M. Pessoa Filho, além do artigo de abertura, não faltava, cada semana, com um soneto, também na primeira página, em duas colunas de composição.

Circunstâncias que não foi possível averiguar levaram o periódico, tão bem conduzido em sua marcha, a suspender a circulação, o que fez após a edição de 28 de abril de 1922. Ressurgiu - nº 1, ano V - a 20 de setembro de 1923, transformado em "órgão dos interesses do município de

Carpina"⁽¹⁾ , tendo a redação e a oficina instaladas na rua Conselheiro João Alfredo, 27 e 29. Propriedade de Cavalcanti, Lima & Cia., sendo diretor e redator J.A. de Melo Dutra. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000.

Escreveu a redação, iniciando a nova fase: "Depois de uma estagnação de pouco mais de um ano, o Floresta-Jornal reaparece, assumindo o posto que a si mesmo reservara na luta em prol dos interesses desta terra". Mantinha o mesmo programa, batendo-se "pelos grandes e nobres ideais que interessam de perto a nossa vitalidade, a nossa honra e a nossa dignidade".

Com o título em três colunas e um quadrinho, ao lado, para a notícia mais sensacional do dia, adotou o semanário nova feição material, colocando "Indicações úteis" na primeira coluna da página de frente e, na quinta, a crônica "Da capital", de Franklin Seve, que também durou pouco, a exemplo da sua colaboração anterior. Voltou a seção "Nossa gente", mas em prosa e assinada por Saecin (anagrama), aparecendo outros trabalhos de Paulino Nicéas Filho; ainda Platão; mais João de Barros Mota e, entre os cultivadores das Musas, às vezes transcrições, o poeta Mariano Lemos, também autor das "Indiscreções", em que utilizou o pseudônimo Catilina, no ano seguinte substituindo-o o Ravengar. Reativara-se, enquanto, isto, o noticiário.

No ano de 1924 aparecia colaboração de Melânio Júnior, que assim também se ocultava o redator Murilo Silva; criou-se o "Álbum dos turunas", de charadas; vieram os "perfis femininos", de Daisy & Heliantha, Venus e Doris; retornaram os sonetos de

(1) A lei que criou o município de Carpina, com sede na vila de Floresta dos Leões, foi assinada a 16 de maio de 1923, pelo governador Sérgio Teixeira Lins de Barros Loreto. Mas não foi executada.

M. Pessoa Filho, alternando com Oliveira e Silva, Gilka Machado, etc. Lia-se prosa de Zeferino Lima, Celina Silva e Valdemar de Oliveira, que fez publicar, a partir de 27 de julho, a conferência "A saudade dos sentidos", pronunciada na localidade, a convite do Recanto Literário Florestano, sociedade que tinha, então, vida intensa, atraindo às suas tertúlias intelectuais do Recife, inclusive Joaquim Inojosa, Austro Costa e Anísio Galvão. A partir da última edição de agosto vigorou o concurso "Qual a senhorita mais formosa?", de franca receptividade, cujo resultado teve cobertura noticiosa e fotográfica na edição de 21 de dezembro, de oito páginas, comemorativa do quinto aniversário de periódico.

Foram outros colaboradores, no ano subsequente: Artur de Lemos Filho, Pereira de Assunção, Zulmira Rabelo Álvares, Zequinha de Assunção, autor de versos folclóricos, ao passo que reaparecia o poeta de sete sílabas (às vezes, dez) A. Carneiro Leão, além dos prosadores bissextos.

Atingindo o nº 119, de 3 de janeiro de 1926, viu-se o formato da folha aumentado para 54 x 36, as páginas com cinco colunas de 12 cíceros, depois seis, de 10 cíceros. Passou à propriedade de Lima Júnior e Melo Dutra, respectivamente, diretor e redator-chefe, sendo Antonio de Barros Mota administrador da oficina. Reapareceu a primitiva seção "Uma por semana", de K. Vaco; depois, "Gente da terra", por K. Vaquinho, como se ocultava Leônidas de Oliveira, que era também o Xico Gogó, encarregado, todos os anos, da matéria carnavalesca, constituída de notícias e trepações. Novos colaboradores: Oscar de Barros e Higino Belo.

Só em janeiro de 1927 elevou-se para 0\$200 o preço da vendagem do número avulso. Meses após, precisamente a 10 de junho, verificava-se nova modificação no corpo administrativo-redacional, assim discriminada: Propriedade de uma Empresa;

diretor - Lima Jr.; secretário - Floriano Mendes; redator-chefe - José Pessoa Filho Petribu, que começou a escrever "Carta aberta", em série. Eram outros redatores: João Pessoa Petribu e Mariano Lemos, o dos constantes sonetos, que igualmente se dedicava à prosa, abrindo a seção "Cardápio da semana", com outro pseudônimo: Gorgonho de Gongga.

Tomou novo alento o semanário, que adotou boa "Seção feminina"; uma "Seção Grafológica", a cargo de A.C., ou seja, Ângelo Cibela, autor de trabalhos outros, de caráter filosófico, enquanto parecia a crônica "Da Mauricéia", de Felício d'Euriantha (disfarce de Fernando Pio dos Santos); mais as "Marinetadas", tendo como signatário Mário Neto, e produções, literárias ou do gênero biográfico, firmadas por Antonio Apolinário Tenório de Cerqueira. A edição de aniversário, de oito páginas, a 21 de dezembro, divulgou colaboração especial de Manuel Arão, João Barreto de Meneses, Pedro Afonso, Odilon de Araújo e Seve-Leite, nome literário do juiz Severino Alves Leite.

Desapareceram do expediente, em janeiro de 1928, os nomes dos redatores, ficando, apenas, a parcela: Redatores - Diversos. Mas a 23 de março assumiu a secretaria J.L. da Silva, para permanecer até 10 de fevereiro do ano seguinte. Constavam-se, entre os colaboradores, Mauro Mota, Cristiano Cordeiro, com um soneto; José Alves da Silva, Polybio, o dos "Pingos"; Vesgo, que assinava "Coisas que envesgam", e Fernando Pio, autor da "Crônica da cidade" e de poematos, vindo a criar e dirigir, em julho/agosto de 1929, uma "Página Literária", nas edições quinzenais de seis páginas.

Comemorando a emancipação de Floresta dos Leões, que passou a ser cidade e sede do município, mediante Decreto-Lei de 11 de setembro de 1928, o semanário deu edição especial, com clichê do governador Estácio Coimbra e dos

emancipacionistas Dr. Rawlinson e deputado Armando Gaioso e artigo em duas colunas, nele frisando o editorialista:

"São quebrados os grilhões que nos tornaram escravos e o povo florestano, hoje mais do que nunca, vibra cheio de entusiasmo, porque vê realizado o seu maior desejo e a sua maior ambição".

Eram constantes as transformações por que passava a administração do Floresta-Jornal. A 24 de fevereiro de 1929 via-se como diretor único João Pessoa; a 7 de julho: Propriedade dos Irmãos Petribu, tendo como secretário Bartolomeu Ribeiro; a 22 de setembro: secretário - Ápio de Sousa; a 3 de novembro: redator-chefe - José Pessoa Petribu; a 10 de novembro: Redatores - Diversos. A redação transferia-se, junto à oficina, para a avenida Joaquim Nabuco, 2. Foram novos colaboradores: José Coutinho da Costa Pereira, Joaquim de Oliveira, Eufrásio d'Alva Barbosa, Morgado da Floresta e Macário (travesti de Ápio de Sousa), autor de "Reflexos da Broadway". A edição de aniversário do ano em referência foi recordista: reuniu 10 páginas, sendo seis de reclames comerciais. Assinalou, segundo o editorial comemorativo, "um decênio de lutas".

Em janeiro de 1930 subiu para 12\$000 o custo da anualidade, extinta a assinatura semestral, e para 0\$300 o preço do exemplar, mas este baixou, no mês de março, para 0\$200. Ápio de Sousa, que assinava artigos prolixos, passara a redator-chefe, mas não ultrapassou o mês de julho; e, a 12 de outubro, José Petribu, ora na direção, transferiu-a ao irmão João Petribu. Apareceu um novo colaborador, de prosa e verso, Agesilau Pinheiro Ramos, que foi, até o fim, o mais assíduo, igualmente a Tenório de Cerqueira e ao poeta A. Carneiro Leão. Ainda Fernando Pio, João d'Avila, Manuel de Luna Filho e P.N., autor da crônica "Currente calamo".

Veio o periódico a divulgar, na edição de 19 de maio de 1931, em manchete, o apelo que ao Interventor Federal no Estado fizera o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, para que fosse "restaurado o nome de Carpina, impropriamente substituído pelo de Floresta dos Leões" e ao mesmo tempo, voltasse a estação de Great Western (atual Rede Ferroviária do Nordeste) à denominação de Chã de Carpina.

Depois de entrevistar, a respeito, o prefeito J. Carneiro da Cunha, que nada adiantou, a redação abriu concurso para saber a vontade da população, mediante cupão a ser preenchido. Encerrado a 12 de julho, resultou da apuração: Floresta dos Leões - 1328 votos; Chã de Carpina - 30 votos.

O jornal adotou, nesse ano, a nova ortografia luso-brasileira e, a par da matéria de rotina, Marcus Pato veio a assinar as notas sob o título "Quatro por semana"; um tal Serrador versejava "Serrando"; Atropos criou os "Epitáfios", quadra de sete sílabas, e o reaparecimento Gorgonho de Gongga as "Nótulas do meu canhenho". Última tabela de assinaturas: ano - 10\$000 ou 12\$000 ou 15\$000, conforme fosse pa.a dentro da cidade, municípios do Estado e fora do país; semestre - 6\$000 ou 7\$000 ou 9\$000, respectivamente.

Assim penetrou 1932 o Floresta-Jornal, sem mais alterações essenciais, mantido o programa que se traçara, de independência política, pugnando pela defesa dos interesses do município.

Foi o derradeiro ano de circulação, esta finda com o nº 447, ano XVIII, de 15 de maio, último comprovante da coleção munuseada (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

(1) Coleção com algumas lacunas.

PREITO - Poliantéia de 3 de junho de 1934, foi publicada em homenagem ao médico Murilo Silva, presidente da Recanto Literário Florestano. Imprimiu-se em papel especial, com tinta dourada, inserindo produções de Maria de Lourdes Cavalcanti, Hermínia de Oliveira, José Estevão, Mariano Lemos, Nicéas Filho, Urânio Coutinho, José Simplicio de Lima Jr. e João Adriano de Melo Dutra (Inf. do Floresta-Jornal do dia 8).

O PLANALTO - Semanário Noticioso e Independente - Entrou em circulação a 17 de setembro de 1933, obedecendo ao formato 52 x 38, com quatro páginas de seis colunas. Propriedade de M.J. Costa Pinto; diretor-gerente - Jerônimo Reis; diretor-secretário - Hamilton Pinto, funcionando o escritório, redação e oficina no Parque da Empresa Baltazar Pinto. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000. Preço do exemplar - 0\$200.

Constava do artigo de apresentação: "Saberá manter dentro das suas colunas o respectivo devido a quantos não comunguem do mesmo credo ou não queiram colaborar no trabalho pelo bem comum. Tão pouco servirá de veículo de ódios nem de vinditas. O direito real, indiscutível, dos fracos contra a prepotência e a intolerância dos fortes, terá aqui um defensor desinteressado. As grandes e boas iniciativas terão o seu apoio e o seu estímulo. E dentro do rincão soberbo, círculo principal de sua atuação, tudo evidará para manter os propósitos que se traçou. O Planalto será o órgão defensor dos interesses do município".

Jornal bem feito, seguiu sua meta normalmente, focalizando, cada domingo, em artigos e sueltos, os problemas locais e regionais, admitindo diferentes seções, tais como: "Curiosidades"; "Bonecos", por Júlio Sereno; "Primeiros passos", para literatos principiantes nas letras; "Em tipo miúdo...", por Cristino; "O Planalto Social", abrindo com uma

croniqueta, às vezes de Leo (Leônidas de Oliveira), outras de Roldão de Agarena (Arnaldo de Aragão); correspondência dos municípios vizinhos; um soneto constante, na primeira página, por transcrição; ineditoriais e alguns anúncios.

Assim transpôs o ano, terminado com o nº 16, de 31 de dezembro, para abrir nova numeração em 1934, vindo a comemorar o primeiro aniversário a 16 de setembro, numa edição de seis páginas, ilustrando a primeira um grupo fotográfico dos fundadores. Lia-se, em substancioso editorial:

"Folha independente que é, por isso mesmo O Planalto se arroja o direito de acompanhar, com vivo interesse a marcha dos acontecimentos políticos do país, analisando os atos dos homens que são responsáveis pelos nossos destinos, aplaudindo-os ou censurando-os, como o temos feito sem, todavia, quebrar as normas que a ética jornalística aconselha". No dia seguinte, houve sarau dançante, oferecido pela direção do jornal.

Atingindo 1935, a edição de 3 de março teve sua primeira página quase totalmente ocupada por uma alegoria do famoso ilustrador (já aparecido em edições anteriores) Nestor Silva e legenda, em decassílabos, de saudação ao Carnaval. Nesse ano, a 14 de julho, surgiu a série de crônicas "Diário de uma Senhorita", assinadas por Madalena de Jesus, que não era outro senão Leônidas de Oliveira. Apareceram as "Pequenas crônicas", de Zélia, e a seção "Feminilidades", de crônicas firmadas por D'Alva Barbosa, Liane de Attavilla e outros nomes. Publicava-se, também, "O conto do domingo", de diferentes autores, por transcrição.

A colaboração geral manteve-se a cargo de Marques Jr., com a crônica "Do meu caderno", por pouco tempo; Manuel de Luna Filho; A.X. Morais, que polemizou, em princípios de 1935, com Israel Fonseca, d'O Ideal, de Vicência, sobre questões de

português; Antonio de Jesus (outro pseudônimo de Leônidas de Oliveira); César Rivelli, A. Camargo, J.M. Vieira de Melo; Néo Florestano e Panofre, com a série "Ao reflexo das máximas"; J.C.C. Fernandes de Barros, J. Malta de Moura João do Morro (outro "esconderijo" de Leônidas de Oliveira); Nuna, Nezinho, Adauto Barbalho, Milton Souto, Kalixtan, Foto-gentil, com os "Perfis paudalenses"; Maria do Céu, Hosana, João de Mocós, Ursiela, Mário Jácome, etc. que se substituíam e se revezavam.

Já em 1936, veio a correr, na primeira edição de junho, radical modificação no corpo diretivo-redacional, que ficou assim constituído: propriedade de H. Costa Pinto; diretor - Leônidas de Oliveira; gerente - Gilvan Freire. Alguns meses depois, suspendeu-se a publicação, no seu nº 37, de 4 de outubro, por "motivos ponderosos".

Reapareceu - ano III, nº 1 - a 28 de fevereiro de 1937. Nada se modifica quanto à orientação d'O Planalto, mas transformou-se em quinzenário, voltando para seus postos os diretores Jerônimo Reis e Hamilton Pinto. Participou, então, da campanha de apoio à candidatura José Américo de Almeida à Presidência da República. Foram novos colaboradores: Luiz Peixoto, Dr. Sotero de Sousa e outros. A 24 de outubro iniciou adivulgação, em folhetim, do interessante estudo "Floresta dos Leões - os seus homens e a sua história", de Antonio de Jesus. Após a edição de 21 de novembro, parou, devido a um desarranjo na impressora, só voltando a sair a 19 de dezembro, em seu nº 21, quando Leônidas de Oliveira reassumiu a direção.

Essa última aparição do bem feito periódico noticiou, amplamente, a posse do novo prefeito, que substituiu Baltazar Ferreira Pinto, e ocupou mais de meia página- a primeira - com enérgica resposta da direção "as malcriações" do vereador Dr. Murilo Sérgio da Silva, na Câmara Municipal.

Esperava O Planalto regularizar sua publicação, o que não foi possível até hoje (Biblioteca Pública do Estado).

ANO BOM - Lítero. Humorístico. Noticioso - Número único, circulou a 1º de janeiro de 1935, em formato de 40 x 30, com seis páginas de quatro colunas. Direção de Luiz Pessoa de Luna; redatores - Arnaldo de Aragão, Gilvan Freire, Romildo Siqueira, Eufrázio d'Alva Barbosa e Liberalino Pires de Almeida.

Distribuída gratuitamente, a publicação teve como objetivo dar maior ênfase às comemorações do advento do Ano Novo. Afora o noticiário social, mais a parte de reclames comerciais, sua matéria constituiu-se de literatura, em prosa e verso. Assinavam-na os redatores, inclusive usando anagramas, tais como Roldão de Agarena, L. Reinaufre e Dorliom, e Leonardo Selva, Manuel de Luna Filho, Adauto Barbalho, Kalistan e Kavaquinho (Biblioteca Pública do Estado).

MELINDROSA - Literatura - Humorismo - Seções de Utilidades e Sortes para as Noites de Santo Antonio, São João e São Pedro - Publicou-se em junho de 1935, no formato de 21 x 14, contendo 40 páginas e capa e cartolina, ilustrada com figura feminina à moda da época. Editor - A. Pimentel. Preço do exemplar - 1\$000. Imprimiu-se na oficina gráfica d'O Planalto.

Sem editorial de apresentação, abriu o texto artigo de Pimentel, sob o título "A instrução no Brasil", seguindo-se transcrições, poesias de Eufrázio, X e Stefanus José; as seções "Pelo Mundo", "Risos e Risadas", "Artes e Oficinas" e "Culinária", sendo doze páginas dedicadas às Sortes juninas, em versos de sete sílabas (Biblioteca do Instituto Histórico de Carpina).

O CARPINTEIRO - Órgão Oficial do Grupo Escolar Joaquim Olavo - Exemplar único encontrado: nº 2, ano II, de

agosto de 1946. Manuscrito e hectografado, apresentou-se com quatro páginas de papel almaço. Diretor - Diógenes Prazim; gerente - Gizelda S. Cruz.

Dedicou a primeira página ao Duque de Caxias, inserindo a seguir, colaboração escolar de Elias da Mota, Albanita Miranda e Severina Mota; enigma, uma notícia e uma anedota (Biblioteca do Instituto Histórico de Carpina).

A VOZ DO CARPINA - Entrou em circulação no dia 11 de agosto de 1946, em formato de 37 x 28, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Direção de Eulino Barbosa, João Camelo Paiva e J. Paula, sendo redatores Teo...domiro Silva e Artur Alves de Albuquerque. Mas a correspondência seria remetida a Tomaz Melo, rua Herculano Bandeira, 65, e a parte de anúncios tratava-se com Temístocles Albuquerque, rua de São José, 37. Impressão da Tipografia Recife, na capital do Estado. Preço do exemplar - Cr\$ 0,50.

O editorial - "À guisa de apresentação" - aludiu, inicialmente, à falta de uma folha que registrasse os "acontecimentos da vida carpinense". A última tinha sido O Planalto. Tarefa difícil, "espinhosa e ingrata", aí esta A Voz, cujo primeiro pensamento foi distanciar-se da política partidária, "por se tratar de um jornal de feição mais literária e, na medida do possível, noticiosa". Viveria? Para isto não poupava esforços, contanto que ficassem registrados os anseios do povo de Carpina, "como testemunho da hora presente", e guardados "para o futuro os vestígios do que passou".

Fernando Antonio abriu a seção de comentários "A rua", focalizando, no primeiro, a necessidade de os capitalistas locais empregarem sua capacidade realizadora a bem do progresso do município, indo ao encontro do trabalho; sugerindo, sobretudo,

que "o rico deve ser menos rico e o pobre menos miserável". E Leo começou "observando...".

Seguiu-se, quinzenalmente, a publicação do bem feito órgão, contendo matéria variada, inclusive o concurso "Qual o cantor ou a cantora de sua predileção?"

Além dos originais assinados pelos redatores, teve a colaboração de Israel Fonseca, Nelson Pinto, Gentil Mendonça, Dr. Aranha de Moura, Pedro Afonso, L. Arcoverde, Judite Chagas e raros outros, aparecido João Camelo de Paiva com o pseudônimo Fabício Terra.

Logo após o nº 4, Eulino Barbosa deixava a função de diretor. Depois do nº 8 a publicação entrou a fazer-se mensalmente, devido às dificuldades financeiras surgidas, dada a deficiência de anúncios. No nº 10, último esforço, elevava-se para Cr\$ 0,80 o preço do exemplar. E ficou nisso.

Não passou A Voz do Carpina do referido nº 10, datado de 2 de fevereiro de 1947 (Biblioteca Pública do Estado).

O ALTIPLANO - Um jornal do povo a serviço do povo - O primeiro número circulou a 13 de agosto de 1950, em formato de 48 x 30, com quatro páginas de quatro boas colunas. Diretor-regerente - Hélio Canto; diretor-secretário - José Gonçalves de Oliveira. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00. Trabalho gráfico das oficinas da Gazeta de Limoeiro.

O Artigo de apresentação - "Nosso lema" - fez a apologia da mocidade democrática, que não podia deixar de prestar "a sua valiosa colaboração" ao movimento político que empolgava o país. Acentuou o editorialista, depois de outras considerações sobre os deveres da gente moça: "Nossa pena não se venderá

nunca, talvez se quebre, mas nunca vergará. Este é o nosso lema".

Concluiu indicando ao eleitorado os nomes de João Teobaldo e Hélio Coutinho para deputado e senador, respectivamente.

O mensário dividiu-se em órgão político, noticioso, literário e anunciante. Mas teve vida curta, pois o segundo e último número do ano foi o de 10 de setembro. Escreveram, nas duas edições, afora os diretores, Artur Alves de Albuquerque, Sergioviqne Silva e Sérgio Murilo Santa Cruz da Silva.

O nº 3, ano I, só apareceu a 3 de fevereiro de 1951, com oito páginas, sob a direção de José Gonçalves, Sérgio Murilo e Eusébio Limoine Paes. Inseriu manchetes, entrevistas, reportagens e a literatura da casa, acrescentada de dois sonetos de Carlos Pena Filho.

Ná última página da edição anunciavam-se "vários artigos de interesse geral" para o número seguinte. Mas ficou nisso (Biblioteca Pública do Estado).

CARPINA-JORNAL - Um jornal de Carpina para Carpina - Órgão Lítero-Social-Recreativo do C.C.C.) - O nº 1, ano I, circulou a 15 de novembro de 1953, em formato de 32 x 23, com 12 páginas, a quatro colunas de composição. Fundadores e diretores: Valdemir Cavalcanti de Araújo, José Mateus Filho, José Hélio Bione e Jaime Vicente Ferreira, com redação à rua São Sebastião, 184. Impresso em tipografia do Recife.

A aparição da folha solenizou a passagem do primeiro aniversário do Centro Cultural Carpinense. Era pretensão dos diretores, todos assinando o artigo "Apresentando", dotar o município de um jornal que viesse contribuir para a solução dos

seus problemas, adiantando: "Por enquanto, procuramos adaptar o nosso jornalzinho às possibilidades atuais, dando um aspecto recreativo a toda a sua feitura, na esperança de merecer dos jovens companheiros o apoio imprescindível que nos conduzirá à vitória".

A edição divulgou artigos e notas, redacionais ou não, em torno das atividades do Clube e da vida intelectual de Carpina, assinando-os, afora os nomes mencionados, Artur Alves de Albuquerque, padre Petronilo Pedrosa, C. Pessoa, Sotero de Sousa, Maria das Mercês, Félix Pires, Temístocles de Albuquerque, João P. Cavalcanti Petribu, Sergioviqne Silva, Nelson Pimentel, Célia Urquiza Meira, H. Trigueiro, Gildo Pinto Costa e pseudônimos, principalmente Riaseti, com os "Fatos... e Boatos..." e "Embora não saibam...", e Saci Pererê, com as quadras-perfis "Eles, os Monstros". Também noticiário social e anúncios.

Publicou-se o nº 2 no dia 5 de janeiro de 1954, com oito páginas, em papel verde, com mais anúncios, mais bisbilhotices e muito menos literatura.

Ocorreu o terceiro a 31 de julho, reduzido a quatro páginas, a primeira delas, ilustrada, com reportagem de Judy sobre o resultado do concurso e a coroação da "Rainha Festa de Reis 1954". Inseriu versos de José Jaime Dias, Joaquim Dias Filho e Maria José de Oliveira Nascimento.

Uma nota assinada pelos diretores dizia continuar vivo o Carpina-Jornal, esperando, com a cooperação de todos, crescer mais (Biblioteca Pública do Estado)(*)

(*) Carpina só veio a ter novo jornal em 1964/1965, quando se publicou O Emancipador, de iniciativa da diretoria do Instituto Histórico local.

CARUARU

O VIGIA - Semanário Crítico, Noticioso e Literário - Surgiu, como primeiro jornal de Caruaru, no dia 23 de abril⁽¹⁾ de 1899, em pequeno formato de 22 x 16, com quatro páginas de três colunas bastante estreitas. Sem indicar corpo redacional, só divulgou, no cabeçalho, o nome do gerente: Horácio Silva. Impresso em tipografia própria.

Consisa nota de apresentação abriu o texto, nos seguintes termos: "O Vigia surge à luz da publicidade, nesta terra, para despertar os seus habitantes da letargia que os domina. O seu programa está traçado no frontispício, o que quer dizer que não será partidário, porquanto a política é uma só deve-se crer em todo governo, ainda mesmo que este seja queimador de dinheiro! Está, pois, traçado o caminho d'O Vigia, que melhorará de condições se for bem acolhido pelo favor público".

Lia-se na terceira página: "O Vigia pede aos seus leitores 300 réis por mês para continuar a sua vida, e se a bagatela não lhe faltar, promete tornar-se bom, amável e criterioso para todos". Os assinantes de fora da cidade pagariam 500 réis pela mensalidade, custando 100 réis o número avulso.

Noticiário foi a matéria principal da edição de estréia.

Publicação semanal, o nº 4, de 14 de maio, estampou dois editoriais: o primeiro, focalizando a data comemorativa da abolição da escravatura, e o segundo fazendo um apelo aos poderes públicos, no sentido de promoverem a construção de

(1) Nos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908", de Alfredo Carvalho, foi atribuída ao nº 1, d'O Vigia, por engano, a data de 4 de maio.

uma ponte sobre o rio Ipojuca. Toda composição em tipo corpo 12; páginas de duas colunas normais.

Raros são os comprovantes existentes d'O Vigia. Passa-se para o nº 7, de 3 de junho, e daí para o nº 21, de 9 de setembro. Qual teria sido a última edição do ano?!

O nº 1, ano II, circulou a 6 de janeiro de 1900, aparecendo, então, como gerente, o nome de Tobias Brasileiro Correia e Sá. "Saudando o novo sol que derrama sobre nossas cabeças os raios luminosos", dizia o artigo de abertura, dispunha-se o periódico a continuar "a tarefa de propugnar pelo progresso moral e material do município".

Afora a falta de comprovantes, a folha teve um período de suspensão, para efeito de melhoramento. Eis à vista nº 8, ano II, de 12 de maio de 1900, em formato maior (31 x 22, com quatro páginas de três colunas normais), constando do cabeçalho: Proprietário e redator responsável - João Paulo Correia e Sá, ao lado do gerente, seu filho. Nova tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 5\$000; trimestre - 3\$000; mês - 1\$000, mediante pagamento adiantado. Matéria inserida: "Questões gramaticais", por Castro Lopes; "Gargalhadas", "Notícias" e artigo de Parisio de Valadares. Na quarta página, só reclames comerciais.

Após mais extensa ausência de comprovantes, encontra-se o nº 1, ano III, de 5 de janeiro de 1901, contendo editorial de saudação aos leitores, a salientar o tópico a seguir: "Que os nossos costumes, preconceitos mal entendidos não conformes com a evolução do tempo, desapareçam de uma vez e o nosso fito seja o bem estar da sociedade em cujo meio vivemos".

Prosseguindo, constata-se a existência dos nºs 25, de 29 de junho⁽²⁾, e 43, de 15 de novembro. Permanecia sem alteração na parte diretiva, inserindo matéria rotineira, inclusive colaboração de K. Lino e Stênio, porém graficamente mal feito, o material bastante batido, a impressão péssima (Biblioteca Pública do Estado).

Entretanto, ainda saíram algumas edições d'O Vigia, a última das quais, de nº 47, datada de 14 de dezembro de 1901.

O CORYPHEU - Crítico e Literário - Órgão do Clube dos Coripheus - Sem comprovante da edição de estréia, publicou-se o nº 2 no dia 15 de novembro de 1900, em formato de 19 x 13, com quatro páginas de duas colunas. Redatores - Aníbal da Silva Rego, Fernando Rosa e Benedito Formiga. Impresso na tipografia d'O Vigia, assinava-se a 1\$000 por trimestre, acrescidos de 0\$500 para fora da cidade.

Abriu a edição conciso editorial sobre a data da proclamação da República, segundo-se crônica literária de R. A.; "Seção alegre", de Braz Júnior "Troçando", por Gil; versinhos de N. F., que não era outro senão o adolescente Naasson de Figueiredo, e notícias de poucas linhas (Biblioteca Pública do Estado).

Outro exemplar manuseado: o nº 8, de 24 de dezembro, cuja primeira página foi impressa no Recife, no Atelier Miranda, nela figurado do "comendador Manuel Rodrigues Porto, desenhado a craion por Eduardo Fonseca. Quase toda a parte tipográfica foi, também, dedicada ao referido chefe político do município, por motivo do seu aniversário natalício a seção

⁽²⁾ Exemplar único em poder do colecionador particular Francisco Rodrigues, do Recife.

"Álbum do Corypheu", constituída de noticiário comentado por Manuel Honorato (Neto) (Col. Francisco Roiz).

Não ficou aí, porém a publicação⁽¹⁾ A província, do Recife, edição de 18 de fevereiro de 1901, acusou o recebimento de outro número do pequeno jornal caruaruense que, segundo acrescentou, admitira novo redator: Manuel Honorato Neto.

Prosseguiu, ainda, até 29 de março, data em que, em 1902, com a assinatura Os Corypheus, publicava O Caruaruense uma nota a respeito do aniversário da suspensão, na qual os redatores do extinto declararam o seu "profundo pesar por ter ele desaparecido", acentuando: "Seríamos mesmo muito ingratos se ficasse em silêncio a data de hoje".

O CARUARUENSE - Publicação Semanal - Substituição a O Vigia, circulou o nº 1 (ano III) a 24 de dezembro de 1901, obedecendo ao formato de 42 x 31, com quatro páginas de quatro colunas. Proprietário e redator - João Paulo Correia e Sá, funcionando a redação e oficinas na rua 13 de Maio, 19. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 5\$000; trimestre - 3\$000. Preço do exemplar - 0300. Publicações Solicitadas a 200 réis por linha, com desconto de 50% para os assinantes. Anúncios - sob ajuste.

Surgiu - lia-se no editorial de abertura - para lutar "em prol da liberdade e do progresso dos habitantes deste município. Pequeno e sem pretensões, saberá ocupar o humilde lugar que lhe está destinado; mas... na defesa dos direitos do povo será... grande! Por longos meses chamou-se O Vigia e, cansado de ver as misérias da humanidade; de ouvir os soluços e gemidos do

(1) Alfredo de Carvalho atribuiu a data de 10 de novembro ao primeiro d'O Corypheu, registrando, como último publicado, o nº 7, ao qual, além disso, deu a data do nº 8.

pobre; sentindo confranger-se-lhe a alma, num momento deixou de ser O Vigia para ser O Caruarense, o eco dos soluços e gemidos de um povo por quem lutará sempre...e sempre". E acentuou: "Livre de intrigas, acolherá em suas colunas o grito de todos que recorrerem ao tribunal da opinião pública, e tudo quanto possa instruí-los".

Completaram a 1ª página: retrato do Prefeito, Coronel Manuel Rodrigues Porto, e artigo laudatório, por motivo da respectiva data natalícia.

No nº 2, de 1 de janeiro de 1902, o editorialista saudou a todos quantos lutavam "em prol da humanidade", desejando fossem iniciadas "as grandes reformas sonhadas por tantos cérebros".

Seguiu-se a publicação, todos os sábados, tendo como cobrador Tobias Brasilino Correia e Sá. Inseria artigos de fundo, seção de Variedades, noticiário, comentário sobre Espiritismo, com a assinatura Espírito Popular, alguma literatura, Solicitadas e uma página, a última, de anúncios. Foram primeiros colaboradores: Inácio Raposo, Aníbal Rego, o mesmo Labina; J. Freire, Alfredo Seixas, Sancho Pansa, Targino Filho, Ribeiro da Silva, etc.

Logo no quinto mês, precisamente a 3 de maio de 1902, transferiu-se a propriedade d'O Caruarense ao Coronel Manuel Rodrigues Porto, que entregou a chefia da redação a José Alves de Sousa Bandeira e a gerência ao professor Paulo Ferrúcio da Rocha. Encetava-se, assim, "uma vida nova", acentuando o editorial de abertura: "Apesar das idéias políticas de seu digno proprietário, não se liga a partido algum, pretendendo conservar-se na mais completa neutralidade".

A matéria de rotina - menos trabalhos assinados e mais noticiário - acrescentou-se a inserção de ligeiro serviço telegráfico e dos atos oficiais da Prefeitura Municipal. A primeira edição de seis páginas ocorreu a 30 de agosto, dedicada à visita pastoral do Bispo D. Luiz Raimundo da Silva Brito, cujo intenso noticiário continuou na edição seguinte.

Aumentou o formato ligeiramente, passando a cinco colunas de composição, a 1º de novembro, ocasião em que se ressaltou, num longo editorial, que tal melhoramento vinha "atestar, mais uma vez, esse grande amor do diretor d'O Caruaruense pelo desenvolvimento das letras em nosso meio social", assegurando, mais adiante: "Aqueles que dirigem o jornal, exercendo assim um dos mais elevados sacerdócios - o jornalismo - merecem a graça da posteridade, porque instruem o povo, e os instrutores do povo são beneméritos da pátria".

Desapareceram, então, do cabeçalho, o redator-chefe e o gerente, substituídos pela indicação: "Redatores - diversos"; e começou a divulgação, em rodapé, do romance "A Moreninha", de Joaquim Manoel de Macedo. Surgiram, em 1903, diferentes colaboradores, a saber: José Quintino, Joaquim Magalhães, Uriel de Holanda, Samuel Farias (redator eventual), Leovigildo Samuel da Silva Costa, Olívio de Aragão e Marion Delorme (depois Grevy), autor, a partir de outubro, da "Sabatina", que se prolongou, no ano seguinte substituída por "Pizzicato", até à primeira semana de fevereiro de 1905. Por coincidência, findava, logo depois, a atuação de Samuel Farias.

Só a 16 de abril de 1904, "por motivos particulares", deixou o cargo de redator-chefe o professor José Alves de Sousa Bandeira, assumindo-o o gerente Paulo Perrucio, tendo como auxiliares Eduardo Valois e Renato C. Mendonça. Já no fim, apareceram, em série, as "Cartas do Centro", de M.G. Nos anos seguintes, faziam-se presentes novos colaboradores

esporádicos, tais como: Santina Potiguaré, Joaquim do Prado Sampaio Leite, Albuquerque Leão, Alves da Rocha, Raul Monteiro, Getúlio Amaral, Itabirá, com a seção "Instantâneo"; Batuel E. Peixoto, Sílvio, Baltazar Mendonça, Oscar Bandeira e raros outros. Nas edições de 23 e 30 de junho de 1906 liam-se sátiras e epigramas inéditos do extinto poeta Afonso Olindense. Divulgaram-se atos oficiais da Prefeitura do Município de Altinho, como se fazia, igualmente, quanto aos de Caruaru.

Sofria, enquanto isto, O Caruaruense o mal comum aos periódicos do interior: a desídia dos assinantes relapsos. Todo fim de ano eram eles convidados a saldar seus compromissos junto à gerência. Ao chamamento de 21 de dezembro de 1907, acrescentava-se: "O jornal é um elemento de vida e prosperidade, reconhecido geralmente; mas é preciso, para que ele possa cumprir a sua missão, que tenha assinantes que paguem".

Mantinha-se, no entanto, regular a circulação do semanário, que melhorou de aspecto desde 26 de setembro de 1908, quando a empresa adquiriu novas fontes de tipo e transferiu a redação e oficinas para a rua 15 de Novembro, 9. Adotou, então, a seguinte tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; "para onde se paga porte"- 12\$000 e 7\$000, respectivamente. Vieram as "Notas ligeiras", de Djandiro, e deu-se ao noticiário o título geral "Gazetilha". Em 1909 era criado um "Quadro Político", na primeira página, quase sempre suprido por transcrições, depois denominado "No salão das Musas". Eram redatores eventuais: Sinfrônio Coutiho, Alfredo Seixas e Getúlio Amaral.

A gerência, que vinha sendo exercida, desde mais de um ano, por Correia e Sá, transferiu-se, a 29 de janeiro de 1910, a José Pereira de Azevedo. Nova indicação: "Órgão Político, Literário e Noticioso", sumprimida, todavia, no segundo

semestre, ou seja, a partir de 23 de julho. Nessa data, a palavra Coronel, que precedia, no cabeçalho, o nome do proprietário, foi substituída por Senador, figurando abaixo: redatores - Bartolomeu Anacleto e Paulo Ferrucio.

1910 foi um ano de mais vitalidade para O Caruaruense, haja vista o concurso de três novos redatores eventuais: Laiete Lemos, Aíbal Lima e Manuel Monteiro, este último aparecido com o pseudônimo Mário Grangeiro, além do início da colaboração de Rosália Sandoval, como se ocultava a poetisa alagoana Rita de Abreu. E, a começar da edição de 13 de agosto, voltava-se o semanário, numa longa série de artigos redacionais, contra a antiga Great Western, apontando graves irregularidades nos serviços da empresa.

Iniciado 1911, voltou Correia e Sá à Gerência. Foram outros colaboradores: Irineu Malagueta de Pontes; Mário Sette, que mandava, do Recife, a crônica semanal "À hora da mala..."; Zé Bedeu, autor das "Cartas de um tabaréu," X. de Alencar, com os "Instantâneos a lápis", e Odotato, e criaram-se as seções "Humorismo" e "Facécias e Trovas".

Foi o ano da contenda política Dantas Barreto - Rosa e Silva, candidatos ao governo do Estado, tendo O Caruaruense feito a propaganda eleitoral do segundo deles, que chefiava o Partido Republicano Conservador, por sua vez liberado, no município, pelo Senador Manuel Rodrigues Porto. Derrotada a causa do jornal, ficou este suspenso, uma vez publicado o nº 47 do ano XI, datado de 2 de dezembro de 1911.

Decorrido pouco mais de um ano de ostracismo, reapareceu a folha republicano-conservadora - nº 1, ano XII - a 25 de janeiro de 1913, aparecendo como diretor-proprietário, não mais o Senador, porém o primitivo Coronel. Permaneceu o

gerente, sem mencionar redatores. Lia-se no prolixo editorial de abertura:

"Aqui, como ali ou acolá, o partidarismo faccioso, anarquicante, erigido em dogma, impediu, em o ano passado, as livres manifestações do pensamento, quer pela tribuna quer pela imprensa, contrariando-lhe o credo político, barrando-se, portanto, o nosso itinerário. Felizmente, evaporou-se a sombria e asfixiante atmosfera de intolerância, voltando a normalidade ao seio da sociedade convulsionada".

Noutro tópico: "Com segurança de informes, pondo de parte as idéias preconcebidas, tentaremos julgar do modo por que vai sendo desempenhada a administração municipal de Caruaru, dando a César o que for de César. Não seremos irredutíveis em nossas apreciações, merecendo-nos aplausos os atos de bom proveito ao público que se levarem a efeito, tendo en revanche, para com as decisões administrativas de alcance duvidoso e utilidade sofismática, as censuras merecidas".

Findou assim: "O que almejamos é que haja um entrave ao exclusivismo partidário ora em plena prosperidade em nosso município, talvez em todo o nosso Estado, obliterado com ameaças a exações contra o Direito e a Justiça, atribuições da imprensa e do eleitor independente".

Prosseguindo, teve a cooperação redacional de Homero Barros e Alexandre Mota, sendo colaboradores o poeta Augusto M. Tabosa, o comentarista J., dos "Fatos"; Mandarim, que enviava, do Recife, "À laia de crônica"; Hércules, autor dos "Traços", da mesma procedência; afora a "Página ideal", de sonetos transcritos; comentários diversos, noticiário e duas páginas de matéria paga.

A partir de 24 de janeiro de 1914, constou do cabeçalho: "Hebdomadário Político, Literário e Noticioso"; redatores - Bartolomeu Anacleto e Alexandre (Freitas Simões da) Mota; redator-auxiliar - Osvaldo Ferreira de Albuquerque Melo. Reapareceu Mário Sette, mas sob o pseudônimo de Marcelo, com o comentário semanal "Do Recife", sem ir muito longe. Criaram-se as seções "À porta do riso" e "Folk-Lore", vindo logo mais as "Cartadas", de Stélio, e produções diversas de Enéas Alves e Lauro Schramm.

O Caruaruense batia-se, então, com o Cinco de Novembro, o semanário dantista, defensor do situacionismo municipal, fazendo-o através de sucessivos editoriais e, a partir de 22 de outubro, da venenosa seção "Pedacinhos que fazem rir", assinada por Clemente da Barra. Surgiu, logo mais, Albano de Queiroz com o comentário semanal intitulado "Cavaco...", enquanto o Dr. Geminiano Campos focalizava, de vez em quando, assuntos científicos.

No ano de 1915, fevereiro, despedia-se da redação Osvaldo Ferreira, sendo substituído por Manuel Rodrigues Porto Filho. Continuou, inalterável o programa do jornal, tendo como meta a defesa do Partido Republicano Conservador, nos setores federal, estadual e local. Outra campanha, no ano seguintes, encetou a redação, a partir de 12 de fevereiro, contra o descaso da atual Rede Ferroviária do Nordeste pelas necessidades do interior do Estado.

Em 1917, criava-se uma "Coluna Religiosa". Melhorou o padrão do jornal no ano subsequente, quando Porto Filho lhe deu assistência mais efetiva, uma vez que os outros redatores viviam no Recife. Voltara a colaboração de Mário Sette, começando a do médico Silva Filho e a de Abelardo Maia, que assinava crônicas alternando com o pseudônimo Crayon,

igualmente autor de caricaturas que apareciam na primeira página.

A 22 de fevereiro de 1919, após um descanso de duas semanas, O Caruaruense inseria o editorial "Vida Nova", mas sem alteração do programa inicial, lendo-se no cabeçalho: Proprietário - Coronel Manuel Rodrigues Porto (que não conseguiu mais eleger-se Senador); diretor - M. Porto Filho; redatores - ainda Bartolomeu Anacleto e Alexandre Mota. Baixou para 200 réis o preço do exemplar.

Ocorreram algumas novas seções de variedades a cargo de J. Luciano e Vasco, e artigos de Edgar Mendonça, sendo raros, como sempre, os colaboradores de prosa literária ou poesias. No mês de julho começou a bater-se a redação pela candidatura do Barão de Suassuna ao Governo do Estado, o que degenerou em nova polêmica com o Cinco de Novembro, que se ia azedando no mês seguinte, quando uma mediação amiga a interrompeu.

Prosseguiu sem mais entusiasmo, comentando o geral e noticiado os eventos caruaruenses, com duas páginas e pouco de anúncios, até que, atingindo o nº 52 de 1919, datado de 20 de dezembro, desapareceu da circulação (Biblioteca Pública do Estado).

A PULGA - "É o título do pequeno periódico que apareceu-nos aqui azucrinando a rapaziada. É bem humorístico e foi publicado no dia 16". Assim o noticiou O Caruaruense, em sua edição de 29 de março de 1902.

Existe comprovante do nº 2 do mencionado órgão "crítico, satírico e humorístico", que circulou no dia 30 do referido mês, em formato de bolso, ou seja, 19 x 13, com quatro páginas a duas colunas de nove cíceros. Publicação "aos domingos, à tarde, custava 100 réis o número avulso e 300 réis por mês,

acrescidos de 200 réis se a assinatura fosse para fora da cidade. Tinha como cobrador o menor Juca Cardim.

。 A edição inseriu a "Crônica", de K.Lino; "Seção elétrica - Pelo telefone"; "Dentadas"; "Cochicha-se..." e notas leves, de poucas linhas (Biblioteca Pública do Estado).

Saiu o nº 3, igualmente manuseado, no dia 13 de abril, obedecendo ao mesmo ritmo, incluindo versinhos de Caruaru e notas de crítica aos coiós afoitos (Col. Francisco Roiz).

Ainda "foi distribuído o quarto número d'A Pulga, sempre interessante", segundo noticiou, a 17 de maio, O Caruaruense⁽¹⁾.

O RISO^(1-A) - Circulou o primeiro número desse outro jornalzinho de feição humorística, obedecendo ao formato do precedente, com quatro páginas de duas colunas estreitas. Nenhum outro pormenor constou da informação, a respeito, d'O Caruaruense, edição de 17 de maio de 1902.

O ESPINHO - Periódico Crítico, Noticioso e Pilhérico - Iniciado a 30 de novembro⁽¹⁾ de 1902, coforme noticiou O Caruaruense, circulou o nº 2 no dia 7 de dezembro, em formato de 23 x 17, com quatro páginas de duas colunas. Redadotes... "diversos". Impresso nas oficinas d'O Caruaruense, indicou o preço de 500 réis por assinatura mensal, custando 200 réis o número avulso.

(1) Alfredo de Carvalho (obra citada) registrara, tão somente, a edição de estréia, datando-a de... "? de março".

(1-A) Não figura na relação dos "Anais".

(1) Alfredo de Carvalho, no seu registro desuidado, mencionou O Espinho como aparecido "em março".

Sua matéria constituiu-se de literatura nascente, tendo como colaboradores Anastácio e Albuquerque; curiosamente e notas humorísticas.

Faltam indícios de haver continuado a publicação (Biblioteca Pública do Estado).

O PROGRESSO - Órgão Evolucionista - Entrou em circulação a 10 de julho de 1903, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas, tendo como diretor Paulo Ferruccio da Rocha. Destinado a publicar-se trimensalmente, estabeleceu o preço de 0\$500 por assinatura mensal, mediante pagamento adiantado, custando 0\$200 cada exemplar. Não aceitaria "publicações de caráter político nem comercial"; também não lhe interessavam, "por preço algum, Solicitadas, ainda mesmo assinadas e com firma reconhecida"; mas prontificava-se a divulgar, "gratuitamente, pequenos artigos" que estivessem "de acordo com o seu programa".

Esclarecia o editorial de apresentação, na segunda página (porque a primeira foi ocupada por uma transcrição): "...tratará exclusivamente dos acontecimentos mais notáveis, dos fatos que por sua natureza prendam a atenção dos grandes homens e sejam dignos de vulgarização pelas diferentes classes sociais". E mais: "Rendendo uma homenagem ao gênio, acolherá em suas colunas toda a produção de caráter científico, industrial ou artístico e, sem meditar-mos um instante no seu futuro, lançamo-lo no seio de uma sociedade amiga e enviamos uma carinhosa saudação à imprensa brasileira.

Impresso na tipografia d'O Caruaruense, o periódico circulou normalmente, constando o seu conteúdo de variedades, por meio de transcrições, inclusive de tópicos de escritores célebres, com exceção de raros sonetos ou prosa ligeira assinados por Lumen, Marconi, Ribeiro da Silva, B. Job, O

Índio, Ignoto ou, Um patriota e A Enxada com estudos sobre agricultura; ainda uma seção de charadas e logogrifos e, finalmente, o "Correio", que só se ocupava da permuta de jornais e da correspondência da redação.

Não focalizou, o excentrico O Progresso, assuntos locais, ou mesmo regionais, que interessasse mais diretamente aos munícipes. O último número, porém, que foi o 14º, datado de 20 de novembro, dedicou um artigo, em toda a primeira página, à datada Proclamação da República, terminando por destacar a personalidade do desaparecido Imperador e transcrever-lhe o soneto "Terra do Brasil" (Arquivo Público do Estado).

A RAPOSA⁽¹⁾ - Periódico Crítico e Humorístico - O Caruaruense, em sua edição de 6 de fevereiro de 1904, noticiou haver entrado em circulação o primeiro número do novo órgão, sem aduzir pormenores. Teria sido número único.

O BLOCO - Órgão hebdomadário, Literário e Noticioso - O primeiro número foi publicado a 1º de dezembro de 1907, em formato de 23 x 16, com quatro páginas de duas colunas a 14 cíceros. Redator-chefe - Pedro Timóteo C. Almeida; secretário - Joaquim Homero Galvão; gerente - José Vicente Barbosa. Trabalho material da Tipografia Freitas, situada à rua 15 de Novembro, 10. Assinaturas: dentro da cidade, mês - 0\$400; fora da cidade, trimestre 1\$500. Número avulso - 100 réis.

"O fim d'O Bloco - lia-se no artiguete de abertura - é a Literatura e, para que esta Literatura se desenvolvesse entre nós, era preciso fundar um jornal, e este jornal é O Bloco".

Impressa em papel couchê, a edição, que não teve continuidade, inseriu crônicas dos redatores, soneto de J.

(1) Não registrado nos "Anais".

Nogueira, transcrição e noticiário. Na quarta página, so anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

O NÚCLEO - Órgão Independente, Literário e Noticioso - Fundado pelo Núcleo de Diversões Caixeiral Caruaruense, entrou em circulação a 1º de janeiro de 1908, obedecendo ao formato de 34 x 23, com quatro páginas a três colunas de 14 cículos. Reador-chefe - Celso Galvão; secretário - Eduardo de Valois Correia; redatores - Aníbal da Silva Rego, Pedro Vitor de Albuquerque e Henrique Pinto, funcionando a redação na rua 13 de Maio, 31-A. Impresso no Recife (papel couchê), na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana. Assinatura trimestral - 1\$000; preço do exemplar - 0\$100.

"Longe da política - rezava o editorial de apresentação - ele trabalhará, simplesmente, pelo desenvolvimento intelectual e moral do povo caruaruense, não olhando obstáculos para a conquista do seu ideal". Pedia o "valioso concurso" do mesmo povo, concluindo por saudar a imprensa pernambucana.

Iniciado como mensário, a partir do nº 3 passou a sair quinzenalmente. A par de comentários diversos, focalizando, sobretudo, o problema da instrução pública, e de algum noticiário, dedicou substancial espaço à literatura. Ao lado da equipe redacional, outros intelectuais firmavam produções, em prosa e verso, a saber: Walter ("Traços ligeiros"), Xisto, Bernardo Cruz, Augusto Galvão, Abílio Galvão, Irineu de Pontes Vieira, Odorico Vilares, Albertina Serep, Severino do Patrocínio, Georgina Ventura, Lauro, autor dos "Rabiscos"; Correia Júnior, etc., além dos "Postais", com diferentes assinaturas.

Tendo começado, no nº 14, a ter uma página de anúncios, logo mais encerrava O Núcleo sua existência, o que se verificou

após o nº 17 datado de 21 de outubro (Arquivo Público do Estado e Biblioteca Municipal de Caruaru).

O BOHEMIO - Periódico Semanal. Noticioso e Humorístico - Apareceu no dia 1 de novembro de 1908, em formato de 32 x 21, com quatro páginas de duas colunas largas. Diretor-proprietário - Gil Bohêmio. Trabalho gráfico das oficinas d'O Caruaruense. Assinatura semestral - 2\$000.

Seu programa, expresso em concisa nota de apresentação, consistia em "furar a pitoresca cidade de Caruaru, de Norte e Sul, gargalhando, troçando, sem ofender a pessoa alguma".

Divulgou conto, soneto de Ovídio Guimarães, as seções "Teatrices" e "Serenata", notas ligeiras de boa verve e noticiário. Iniciou concurso para apurar "qual a moça mais bonita de Caruaru".

Apesar da animação da estréia, não passou do primeiro número (Biblioteca Pública do Estado e Arquivo Público Estadual).

O DEVER - Jornalzinho de colegiais, circulou a 24 de dezembro de 1908, dizendo-se "publicação anual", em formato de 23 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Redatores, Gercino Malagueta de Pontes, M. Porto, J. Limeira e A. Limeira. Pretendia, consoante o artigo de apresentação, "suplantar o verme miasmático da ignorância que muitas vezes atira o homem às portas da miséria".

A edição inseriu produções literárias do pessoal mencionado, ligeiras transcrições e noticiário social. Ficou no primeiro número (Arquivo Público Estadual e Biblioteca Pública do Estado).

O GRÊMIO - Órgão bimensal, Literário e Noticioso - Surgiu a 21 de março de 1909, em formato de 33 x 22, com quatro páginas de três colunas. Redatores - "diversos". Redação e escritório instalados na rua 13 de Maio, 3 confeccionando-se na Tipografia Freitas, de M. Freitas & Azevedo. Assinatura trimestral - 1\$000, mais 0\$200 para fora da cidade.

Além do enunciado no cabeçalho, dizia o artigo-programa: "...conterá também uma parte diversiva, para dar aos nossos respeitáveis leitores alguns momentos de distração instrutiva". Seu objeto era trabalhar pelo progresso do município.

Circulando, regularmente, manteve, em coluna dupla, na página de frente, o "Quadro Poético", estampando um soneto por edição. Smart assinava a crônica "Instantâneos". Havia "Pensamentos", "Noticiário", "Álbum Elegante" e "Solicitadas", dedicada a quarta página a reclames comerciais. Foram principais colaboradores: P. Timóteo, ou Pê Tê; Labina, Matilde Seroa, O.G. e Augusto Galvão.

Publicou-se até o nº 8, de 28 de junho (Arquivo Público Estadual).

O GATO - Órgão Literário, Noticioso e Humorístico - Circulou o primeiro número no dia 16 de maio de 1909, formato de bolso, com quatro páginas. Trabalho gráfico, pouco recomendável, das oficinas d'O Caruaruense, tinha redação "no Oco do Mundo". Tabela de assinaturas: ano - 2\$500; seis meses - 1\$200; três meses - 0\$600. Número avulso - 0\$100.

"Vestindo o manto da galhardia", destinava-se, consoante sucinta nota de abertura, a trocar, podendo ser lido por qualquer pessoa, "desde a sábia criança até a mais velha P.M."

Publicação dita quinzenal, saiu o nº 2, a 6 de junho, ostentando formato bem maior, páginas a três colunas de composição e ainda desagradável aspecto material. Abriu-lhe o texto o título "Cemitério d'O Gato". com a seguinte declaração: "Os que nos devolverem serão enterrados no cemitério d'O Gato, em carne e osso, e os seus nomes serão estampados, letrinha por letrinha, abaixo duma cruz, no próximo número".

Divulgou matéria variada, segundo o programa enunciado, em prosa e verso, principalmente do gênero chistoso e satírico, tendo como colaboradores Rope e Raspa, Frei Gatinho, Papon e Pedroca.

O nº 3, é último, foi distribuído aos leitores a 20 de junho (Arquivo Público do Estado).

O SOCIAL - Mais "um pequeno jornal" apareceu na cidade, "bem redigido e bem impresso" (Info. d'O Caruaruense, 22/05/1909).

O PROGRESSO - Órgão de Livre Opinião - Circulou, pela primeira vez, esse "interessante jornalzinho" (Inf. d'O Caruaruense, 02/04/1910).

O MENTOR - Órgão da firma Freitas & Azevedo - O primeiro número publicou-se em julho de 1911, obedecendo ao formato de 33 x 22, com quatro páginas de três colunas. Impresso em tipografia própria, à rua 15 de Novembro, 10, circularia em datas indeterminadas, para distribuição gratuita. Redator - Hildebrando Gomes de Meneses.

Consoante o editorial de abertura, além da sua "principal ação", a folha constituía "eloqüente atestado de adiantamento" do meio em que aparecia, "um forte estimulador dos sentimentos elevados e dos briosos intuitos".

Só um ano depois saiu a lume o nº 2, ano I, datado de 23 de junho de 1912, obedecendo ao mesmo programa de propaganda dos diversos ramos de atividade da firma proprietária. Compensando a monotonia dos anúncios, entremeavam-nos uma nota redacional, versos de Roceiro ou um conteto de Odnarbedlih.

Não prosseguiu (Biblioteca Pública do Estado).

A UNIÃO - Órgão Hebdomadário da União Caixeiral Caruaruense - Publicou-se o primeiro número a 15 de setembro de 1912, em formato de 36 x 25, com quatro páginas a três colunas de composição. Redator-secretário - Hildebrando Gomes de Meneses. Confecção material da tipografia de Freitas & Azevedo, situada à rua 15 de Novembro, 10. Assinava-se a 400 réis por mês; 0\$500 para fora da cidade. Número avulso - 0\$100.

Lia-se no editorial de abertura: "A União apresenta-se com a simplicidade de um programa despretensioso e modesto, como seja o de ocupar-se somente das questões que digam respeito ao progresso de Caruaru e ao engrandecimento da sociedade a que pertence, não medindo sacrifícios nem olhando dificuldades para a consecução de seu fim". Oferecia espaço "para a defesa das causas boas, registrando em suas páginas o que ocorrer de notável nesta cidade, como em todo o país".

Seguindo sua meta, inseria comentários sobre temas de interesse social da classe do município; variado noticiário miúdo; artigos assinados pela redator, por João Guerra, Adolfo M. de Meneses, Miguel Monteiro, Joaquim F. Varela; crônicas de M. de Siqueira Neto, etc., dedicada uma página a reclames comerciais.

Circulou com regularidade e, ao atingir o nº 52, de 15 de setembro de 1913, proporcionou uma edição extraordinária de oito páginas, acompanhada de Suplemento, em tablóide, também de oito páginas, nelas divulgando "Noções de Corografia de Caruaru".

"A nossa linha de conduta - escreveu a redação - traçada há 365 dias, continua a ser a mesma. Nem o desencadear das paixões política, nem o temor às ameaças torpes, nem mesmo as conveniências sociais conseguirão enfraquecê-la ou quebrá-la". Incluiu clichês dos membros do corpo redacional, figurando João de Souza Leal como repórter e João Guerra feito noticiarista.

Logo mais, a 12 de outubro, elevava-se o formato para 39 x27, páginas de quatro colunas. Dispôs, assim, de mais espaço, embora admitindo maior acervo de anúncios. No nº 69, de 11 de janeiro de 1914, foi o redator-secretário substituído por Henrique Pinto, mas este depois cedia o lugar a João Guerra, entrando Luiz Gomes Henriques para o cargo de noticiarista. Algumas vezes ocorriam edições de seis páginas, e Hildebrando de Meneses não deixou de, até o fim, fornecer artigos assinados. Acrescentara-se ao expediente: "Jornal de maior tiragem no interior do Estado de Pernambuco".

Firmou-se A União até o nº 97, de 26 de julho do mencionado ano, essa data passando à direção e propriedade da firma Freitas & Azevedo, porque nenhum dos componentes do quadro da União Caixeiral, em virtude dos respectivos afazeres, se encontrava em condições de assumir o encargo. Mas não interessou à empresa gráfica continuar a publicação, que ficou suspensa.

Ressurgiu A União, em segunda fase, no dia 7 de setembro de 1918, nº 1, ano III, "após o interregno de alguns anos",

guiada, segundo o editorialista, pelos mesmos ideais, conservando o mesmo programa. Exibiu melhor feição gráfica, imprimindo-se na Eletro-Primor, sem alteração de formato. Redator-chefe - Henrique Pinto; secretário - João Gualberto Veloso; redatores - Luiz Coimbra Carneiro Campos e Gumercindo Thompson (como se assinava Gumercindo Batista do Nascimento); gerente - José Faustino Vila Nova; tesoureiro - José Antonio da Silva. Tabela de assinatura: ano - 8\$000; semestre - 4\$000; fora da cidade - 8\$500 e 4\$500, respectivamente. Preço do exemplar - 0\$200.

Continuou circulando semanalmente, aos domingos, Criaram-se seções de humorismo, notas mundanas, concurso de beleza feminina, "Coluna Risonha", de aniversários, etc. Ricardo Pereira mantinha a crônica "Cavacos"; D'Alenquer aparecia, às vezes, com "Dois dedos de prosa"; Stela Maria mandava reportagens elegantes "De Olinda", etc. Eram outros colaboradores: Augusto Tabosa, Hildebrando de Meneses, Luiz Coimbra, que também era Arnóbio; G.H., Agnelo Silva, Antonio Fasanaro, Richard, Clarel, Marcos Vidigal, Júlio Galvão, Mário Porto, Francisco Porto, Vicente Azevedo, Arnaldo d'Altavila e outros.

Assumiu a direção do semanário, a 23 de março de 1919, João Cursino, e a 8 de junho tornava-se Luiz Coimbra redator-chefe, em consequência do afastamento de Henrique Pinto, eleito prefeito do município. Outros membros do corpo redacional foram admitidos: secretário - Vicente de Azevedo Régis; redator-social - José Faustino Vila Nova, noticiarista - Antonio Campos.

Comemorou o primeiro aniversário da 2ª fase o nº 53, de 7 de setembro de 1919.

Raros comprovantes são encontradiços a partir daí, embora não houvesse A União deixado de circular normalmente. Foi possível avistar, em poder de colecionador particular, apenas dois exemplares de 1920: o nº 17, de 6 de janeiro e o nº 19, do dia 18. Neste último só figurava o nome do diretor, vendo-se, ao lado esquerdo do título, uma vinheta do emblema do Comércio, com os dizeres: "Unitas Venit Virtus - União Caruaruense". Abriu esse o nº 19 um artigo redacional de congratulações pela queda de Joaquim Santos, chefe político do vizinho município de Altinho, seguindo-se outro, assinado por Alberto Sarmiento, de apoio à administração do governador José Rufino Bezerra Cavalcanti. Mais matéria literária, noticiário e anúncios.

Em data não identificada do ano de 1920, sofreu A União novo colapso, ficando outros três anos fora de forma, para retornar - nº 1, ano VII - a 7 de setembro de 1923, numa 3ª fase, sem alterações materiais, obedecendo à seguinte equipe: diretor - Artur Lins; redator-chefe - Vicente Régis; secretário - José Alcides Ferreira; noticiarista - Francisco Porto de Oliveira; gerente - José Lins. Assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 5\$000.

No artigo sob o título "Aos leitores e gentilíssimas leitoras", declarou a redação: "Continuaremos como programa seguido anteriormente, isto é, sem partidarismo, sem tergiversação, isento por completo da politicalha soez que tantos entraves tem criado ao desenvolvimento coletivo do nosso amado Brasil".

"Longos três anos já lá se vão que foi suspensa a publicação deste simpatizado jornalzinho", escreveu Arnóbio, ou seja, Luiz Coimbra, que voltava à "antiga tenda", atendendo "ao toque de clarim", com o artigo "Velha guarda".

Sempre bem orientada a publicação, enfrentou nova temporada sem entraves, divulgando matéria geral variada. Do nº 13, de 30 de dezembro, passou para o nº 1, de 6 de janeiro de 1924, aí comemorando o 13º aniversário da fundação da União Caixeiral Caruaruense. Foram oito páginas, ilustradas com fotografias de dirigentes da instituição e do seu órgão de imprensa.

Além de poesia e prosa constantes de J. Alcides Ferreira, contou com a colaboração de João Guerra, Artur Lins, Max Félix, Gumercindo Thompson, Jotarruda, Augusto Tabosa, Mário Sette, Mário Gama, G. Freire, Zeferino Lima, Henrique de Figueiredo, José Nicanor, Severino Tiné, L'Amour, George, Heloísa Chagas, Mariano Lemos, jornal Caruaruense, etc.

Esteve o periódico em circulação regular, cada domingo, até, pelo menos, o nº 40, ano VIII, de 5 de outubro de 1924.

Decorrido mais longo tempo sem vestígios d'A União, encontram-se comprovantes do já então "órgão do Sindicato União Caixeiral de Caruaru", em sua 4ª fase, reaparecido na expectativa de publicar-se ocasionalmente. Não encontrada a edição de reestréia, circulou o nº 2, ano XXII, no dia 30 de novembro de 1934, com quatro páginas, comemorando do Dia do Empregado no Comércio. O nº 3, ano XXIII, só apareceu a 26 de maio de 1935, tornando-se, então, mensário, sob a direção de Orlando Wanderley, instalada a redação na rua 15 de Novembro, 75, 1º andar. Estabeleceu o preço de 2\$500 por assinatura anual, vendido o número avulso a 200 réis.

Circulando nos últimos domingos de cada mês, inseria matéria variada, sobretudo de interesse da classe representada, além de literatura e a competente parte de reclames comerciais. Atingiu o nº 8 com uma edição de dez páginas, a 10 de novembro, impressas em cores diversas, dedicada à inauguração

da nova sede do Sindicato União Caixeiral, "uma de suas mais brilhantes vitórias", desde sua fundação, ocorrida em 1911.

Nessa 4ª fase, trabalho material da tipografia da Vanguarda, inseria produções de Gastão Wanderley, Cacilda Santos, Augusto Tabosa, Godofredo de Medeiros, Gustavo Freitas, R. Danilo (pseudônimo de Arlindo Moreira Dias), Eduardo Rodrigues de Sousa, Tabosa de Almeida, Oscar Borges, Príncipe Ali Kan, autor das "Crônicas de Maceió"; Milton Viana, Antonio Leite, Antonio Farias, Berilo Bentes, etc.

Atingiu o nº 10, ano XXIII, a 5 de janeiro de 1936, derradeiro exemplar avistado (Arquivo Público do Estado; Biblioteca Pública do Estado; Coleções particulares de Francisco Limeira, Nelson Barbalho, Eduardo Rodrigues e Arquivo do Sindicato dos Empregados no Comércio de Caruaru)⁽¹⁾.

A LUCTA - Órgão Literário, Noticioso e Humorístico- O nº 2, ano I (não encontrado comprovante do nº 1) circulou no dia 4 de maio de 1913, em formato de 35 x 24, com quatro páginas de três colunas. Redator - F. de Albuquerque Melo; gerente - Albertino Pereira, funcionando o escritório e redação na rua Conselheiro Afonso Pena, 6. Assinaturas: trimestral - 1\$100; mensal - 0\$400, mediante pagamento adiantado. Número avulso - 100 réis.

A edição inseriu matéria variada, inclusive produções de Hércules Júnior, J.G, Augusto (Monteiro) Tabosa e Manon, o das "Setas e frechas", em versos satírico-humorísticos. Só de anúncios a quarta página.

Teria continuado? (Biblioteca Pública do Estado).

(1) Coleções parciais ou números esparsos.

CINCO DE NOVEMBRO - Jornal Político, Noticioso e Comercial - Circulou, pela primeira vez, a 14 de fevereiro de 1914, em formato grande - 54 x 36 - com quatro páginas de cinco boas colunas. Direção e propriedade do coronel João Guilherme de Pontes; redator-chefe - Artur de Santa Cruz Oliveira; secretário - Henrique Pinto; redatores - João A. Correia de Araújo e os irmãos Gercino e Irineu Malagueta de Pontes. Publicação semanal, impresso em oficinas próprias, adotou a seguinte tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; para fora da cidade - 12\$000 e 7\$000, respectivamente. Redação e oficinas à rua Vigário Freire, 8.

Constava do artigo de abertura: "Este jornal se amoldará ao amplo programa do P.R.D., programa que se sintetiza na luta intemorata e intemerata pela prosperidade do nosso glorioso Estado; pugnará em prol das classes conservadoras, que são o fundamento sobre que repousam as sociedades, isto é, trabalhará pela grandeza da Agricultura, do Comércio e da Indústria, que encontrarão em nossas colunas franco apoio às suas justas aspirações. Ao demais, procurará também auxiliar a obra meritória qual a da difusão da Instrução como elemento básico para o entendimento dos deveres e dos direitos de cada cidadão, sem esquecer a Higiene, que se constituiu, nas cidades modernas, o broquel sob que se amparam as populações".

O título do jornal constituiu uma homenagem à data em que se processaram as eleições de 1911, quando "um povo se congregou em torno de um ideal" personificado na figura do General Dantas Barreto, levado ao governo do Estado após a derrocada do partido chefiado pelo conselheiro Rosa e Silva.

Seguiu-se a publicação normal do órgão situacionista que, logo nos primeiros números, enfrentou O Caruaruense, onde Ulisses Costa vinha atacando a administração do Estado.

Era bem variada a matéria geral do Cindo, dividida, a princípio, nas seções: "Ecos"; "Higiene"; "Notícias"; "Notas Sociais"; "Solicitadas" e uma página de anúncios, além do soneto na primeira de cada edição, mediante granscrições. Vieram após: "Perfilando", por Milcíades; "Por mar", crônicas de viagem, de Irineu Malagueta; "Aos sábados", por Ajax; "Notas e fatos", por Gerson Nalva, o mesmo G., ou seja, Gercino Malagueta, aparecido na abertura de "Caruaru Social"; "Na Berlinda", por Hatteras; "Nota do Rio", por João Garça (pseudônimo de Armando Gaioso); produções de Hildebrando de Meneses, M. Siqueira Melo e Lídio Gomes; "Perfis" e "Rascunhos", assinados, respectivamente, por Isorapla e Alporosi, travestis de Alberto Porto Rodrigues da Silveira, o qual, a 31 de outubro, com a saída de Santa Cruz, passou para o corpo redacional, e João Aureliano Correia de Araújo redigia "Crônica Semanal" e artigos diferentes.

Sem deixar de bater-se, em polêmica, com os confrades que ficaram do outro lado político, através de editoriais prenes de encômios à administração municipal, ao mesmo tempo que ia admitindo mais reclames comerciais, chegando a completar duas páginas deles, o Cinco transpôs o ano e, terminados os primeiros 52 números a 6 de fevereiro de 1915, deu a primeira edição de oito páginas - nº 1, ano II - no dia 14, comemorativa do aniversário de sua fundação. Retratos estampados do governador e do prefeito, diretor-proprietário do jornal.

Criaram-se, nesse ano, os "Instantantâneos", crônica de W, às vezes Y, ao passo que Irineu Malagueta passou a mandar, do Rio de Janeiro, as "Maravalhas", com a assinatura Xisto ou Irimates nos anos seguintes; Um Picareta escrevia "Marretando", crônica política; Hélio produzia "Rabiscos"; Gerson Malva entremeava a sua seção com os perfis "Mestres e Colegas"; e Martelo firmava o comentário "Politiquices". Outros colaboradores foram: Guedes Alcoforado, autor de "Coletânea

filológica", e Jonatas Costa, que em junho entrava para o corpo redacional.

Ao findar a gestão governamental de Dantas Barreto, o semanário passou a apoiar seu sucessor, Manuel Borba, do mesmo partido.

A 15 de janeiro de 1916, alterava-se a equipe intelectual, que ficou reduzida ao secretário Henrique Pinto e a Jonatas Costa, este elevado à categoria de redator-chefe. Entre os "redatores - diversos", estavam implícitos Leovigildo Júnior e os ausentes Malaguetas.

Um comentário da edição seguinte criticou a Gazeta de Pesqueira, que noticiara uma visita de Dantas Barreto a Ruy Barbosa, empregando a expressão: "...parece que se beijaram"; o cinco considerou-a pouco decente para um jornal sério... Resultou em polêmica, dosada de azedumes.

A edição do segundo aniversário, a 12 de fevereiro de 1916 - nº 1, ano III - acompanhou-se de um Suplemento de duas páginas, em papel couchê, com clichês do proprietário e dos redatores.

Prosseguiu a publicação, a cujo número de colaboradores se juntaram o padre Batista Cabral e os médicos Silva Filho e Luiz de Góis. Apareciam poesias de Armando Gaioso e Leovigildo. Em março de 1917 assumia a gerência Manuel Pedro da Silva e as instalações mudaram-se para o nº 22 da mesma rua. Veio a "Seção Feminina", a cargo de A.N. Em novembro, começou a colaboração - a princípio com os "Traços" - de Apolinário Bezerra, que permaneceu toda a vida.

O Cinco atingiu 1918 com menos política e mais anúncios. Incluía, como sempre, atos oficiais da Prefeitura. João Garça

escrevia, então, "À marge da semana", procedente do Recife. Em março, edição do dia 9, uma nota ligeira congratulava-se com o eleitorado governista, pela vitória conseguida em pleito recente.

Liam-se, em 1919, versos humorísticos de Fulô e Major (pseudônimos, respectivamente, de Henrique de Figueiredo e Sinval de Carvalho) e de X, este com a seção "Na flauta", voltando Irimates a escrever do Rio.

A partir de 5 de abril, o periódico criticou, acrimiosamente, pontos de vista de Oliveira Lima, porque este escrevera, no Diário de Pernambuco, que "o homem que dirige o Estado, como governador, deve administrar sem política". Estava começado o debate. A 3 de maio, a redação retrucava outro artigo, declarando, enfaticamente, sob o título "Adiplomacia satírica do Diário": "Não passe o escritor senão de escritor. Não queira o Molière ser, além de diplomata e escritor de nomeada, politiquero vulgar, tecendo picuinhas que finalmente nada instruem ao povo nem salvam a pátria".

Era o princípio da campanha do Cinco a prol da candidatura José Rufino Bezerra Cavalcanti ao governo do Estado, contra a do Barão de Suassuna, que Oliveira Lima defendia e, implicitamente, contra a do General Dantas Barreto, apresentada pelo grupo oposicionista.

Para intensificar a propaganda eleitoral, a empresa adotou, paralelamente, uma edição tablóide, às quartas-feiras, de quatro páginas, impressa noutra tipografia, a da Livraria Primor. Durou de 4 de junho a 23 de outubro. Uma vez coroada de êxito a campanha, o jornal voltava a sair unicamente aos sábados.

Vinha o nome do diretor-proprietário, na linha abaixo do título, precedido da palavra Senador, em vez de Coronel (da

extinta Guarda Nacional). Ainda em 1919, novembro, iniciava-se a seção "Vida Feminina", onde se liam crônicas de Dolores, Juraci, Anita e outras colaboradoras, pelo tempo afora. G. abria "Caruaru Social", continuando, por alguns meses, a mandar "De longe", ou seja, do Recife.

Ao começar 1920, o redator-secretário era substituído por Apolinário Bezerra, reaparecendo o nome do redator Gercino de Pontes ao lado de Leovigildo (não muito tempo). José Caetano figurava como gerente. Em janeiro do ano seguinte (transferidas a redação e oficinas para o nº 68 da mesma rua Vigário Freire) o redator-chefe cedia o lugar a Agrício Brasil, o qual, por sua vez, o deixou vago em setembro de 1922. Desde então, e até 1929, só existiu de frente o nome de Apolinário.

Colaboradores esporádicos apareciam, a saber: Gil da Silva Costa, Agostinho de Campos, Antonio Austregésilo, Cícero Barbosa, Sebastião Lins, Dr. Liciniano de Almeida, Antonio Cardoso Veras, Aníbal de Freitas, Olímpio de Magalhães (Questões da língua portuguesa), Mário Sette, José Alfredo, C. Giovanino, Tito Galvão Filho, Emílio d'Alva (procedente de Belmonte), Henrique de Figueiredo, Sotero de Sousa, Oscar de Barros, Augusto Tabosa e Aloísio Marques.

Passaram os anos, sem interromper-se a circulação. Ao atingir 1927, o semnário mostrava-se decadente, contendo quase três páginas de anúncios. Além de eterno artigo de Apolinário Bezerra, só inseria transcrições, noticiário e atos oficiais. Veio a tomar alento em meados de 1928, após melhorar de feição, ante a tipagem nova adquirida. Ofereceu espaço a produções literárias de Teixeira de Albuquerque, Osvaldo Santiago, Sílvio Moura, Gois Filho, Altamiro Cunha, Cordélia Sílvia, Celso Figueiredo, Marcus Vinicius, Álvaro de Barros Lins, Oliveira Melo, Gilberto Osório de Andrade, Jandir Neves, Tekasko, John Licy, etc.

Terminado longo período de órgão oficioso, o Cinco começou, em fins de 1929, a criticar a administração municipal, que encerrava o ano sem nada produzir...

Desde a primeira edição de 1930, deixou de figurar nome de redator; e o proprietário João Guilherme não era mais "Senador" nem "Coronel". Ocorreram modificações: repetia-se o título na 4ª página, ficando os anúncios alojados nas páginas do centro; criou-se a "Vida Desportiva" e desenvolveu-se o noticiário geral. A.L. (Álvaro Lins) passou a escrever "Biblion"; Mefisto entrou com as "Liliputianas"; a 17 de maio instalava-se o folhetim "Senhora", de José de Alencar; vieram as "Petecas...", em versos humorísticos, de Guri. Outros colaboradores: Godofredo de Medeiros, o mesmo Mister; Fernando Pio, Condé Filho, Paula Campos, Letício, Giusepe Fasanaro, novamente Mário Sette, e Hilton Sette. Houve, também, um concurso de Beleza Infantil. A revolução de outubro mereceu boa cobertura noticiosa.

Radical transformação verificou-se no começo de 1931. Diminuiu alguns centímetros de estatura e ficou sob a responsabilidade da "Empresa do Cinco de Novembro", adotando a epígrafe: Órgão de Interesses Coletivos". A direção foi entregue a Godofredo de Medeiros e a gerência a José Steple; mas, no nº 5, o primeiro transferiu o cargo a Henrique Steple.

Modernizara-se o jornal, mediante a inserção de reportagens e entrevistas com títulos movimentados, manchetes, mais notícias, seções leves e menos anúncios. Colaboração de Silva Filho, Pedro Eustáquio e, sobretudo, Gegê.

Não foi possível, entretanto, continuar. Publicado o nº 10, ano XVII, de 19 de abril de 1931, extinguiu-se tão longa existência.

Numa "prestação de contas", escreveu Henrique Steple: "Com o presente número fica suspensa a circulação deste semanário". Tornado independente, tudo fazia crer que prosperasse, mas verificou que o meio era "quase hostil à vida de um jornal". Manteve-o com o auxílio de Henrique Pinto e José Steple, mas motivos de ordem material conduziram à resolução que acabava de tomar. Concluiu convidando ao reembolso os assinantes e anunciantes que houvessem pago adiantadamente (Biblioteca Pública do Estado).

O IDEAL - Hebdomadário Independente, Literário e Noticioso- Entrou em circulação a 1º de janeiro de 1916, no formato de 48 x 32, com quatro páginas de cinco colunas, impresso na tipografia de Freitas & Azevedo, situada à rua 15 de Novembro, 10, funcionando a redação na Praça Dantas Barreto, 2. Direção do professor Lauro Simões Schram. Tabela de assinaturas: ano - 6\$000; semestre - 3\$500; trimestre - 2\$000; para fora da cidade - 8\$000, 4\$500 e 2\$500, respectivamente. Número avulso - 0\$200. As "publicações" pagavam, fosse na 1ª, fosse na 2ª página, 0\$200 ou 0\$100 por linha, mas os assinantes gozavam o abatimento de 10%. Uma outra tabela estabeleceu o preço dos anúncios.

Segundo o editorial de abertura, não trataria de política, mas do bem geral, especialmente quanto à zona sertaneja, difundindo a instrução e fomentando os interesses do comércio, das artes e da indústria. Ocupar-se-ia, igualmente, dos direitos da mulher.

A edição de estréia iniciou, em folhetim, a historieta "Odete", de Charles Joliet, tradução de Pedro Rego; na segunda, começaram as "Lições de Gramática"; mais "Cavacos", cometário de X.; soneto de Augusto Tabosa; noticiário e duas páginas de anúncios.

Seguiu-se a publicação, com regularidade, cada semana, comentando temas de interesse regional ou municipal; noticiando os fatos locais, com a colaboração de João Agripino, Otávio de Freitas (assuntos médicos), O. Lins e Melo, Hildebrando de Meneses, Otávio Rangel, Rectriz, Schram e outros, apresentando sempre grande quantidade de anúncios.

Atingindo o nº 30, de 22 de julho, já a redação se transferira para a rua 13 de Maio, 65. Vinha publicando o romance "A pata da Gazela", de José de Alencar.

Encerrou o ano o nº 52, de 30 de dezembro, cujo editorial, intitulado "O primeiro marco", aludiu às dificuldades da empresa, sobretudo à "de fazer sozinho um jornal, não só a sua parte redacional, mas tendo de intervir também na sua feitura material - composição, paginação, impressão". Resolveu o diretor, nada obstante, "baixar o preço das assinaturas para 5\$000 anuais e 2\$500 semestrais, na cidade, e 6\$000 anuais e 3\$000 para fora, instituindo, além disso, prêmios mensais de 5\$000 para os assinantes pagos". E concluiu: "...felizes festas e os melhores auspícios no ano que vai começar".

Partindo, novamente, do nº 1 - ano II - datado de 6 de janeiro de 1917, prosseguiu O Ideal, proporcionando aos estudiosos de línguas a "Section Française" e a "English Scction", além da matéria de rotina. E assim chegou ao nº 43, ano II, de 27 de outubro, último manuseado (Biblioteca Pública do Estado)(¹).

O DIREITO - Hebdomadário Independente, Literário e Noticioso - Entrou em circulação no dia 15 de outubro de 1916, obedecendo ao formato de 35 x 25, com quatro páginas de quatro colunas. Propriedade de Gumercindo Batista do

(¹) Coleção desfalcada.

Nascimento; redator-chefe - capitão Sebastião Leão; secretário - João Gualberto Veloso; redator-auxiliar - Renato Cunha; gerente - José Caetano de Sousa. Sob o título, os conceitos: "Odireito é a garantia da ordem" e "Libertas quae sera tamen". Impresso na tipografia d'O Caruaruense, tinha redação à rua Vigário Freire, 24. Tabela de assinatura: ano - 6\$000; semestre - 3\$500; trimestre - 2\$000; para fora da cidade, respectivamente: 7\$000, 4\$000 e 3\$000.

Constava do artigo de apresentação: "O Direito, longe de pertencer a este ou àquele partido político, e noticioso como é, poderá anunciar ou descrever o júbilo que possa reinar em qualquer um dos partidos! Longe de querer semear a intriga, O Direito envidará todos os seus esforços a fim de sempre o riso e a paz levar a seus assinantes e maximé às gentis senhoritas que nos deram a honra de aceitar algumas assinaturas".

Jornal leve, de matéria bem distribuída, publicou-se regularmente, cada semana, inserindo produções, em prosa e verso, de Mariano Lemos, Guedes Alcoforado, Eugênio de Sá Pereira e outros beletistas. Manteve boa coluna de charadas, a cargo do poeta Augusto Tabosa; a "Seção Alegre", mote-glosas, com a colaboração, inclusive, de K. C. Te (pseudônimo do farmacêutico Sival de Carvalho Santos), e "Dias felizes", dedicada ao registro de aniversários natalícios. A quarta página continha, apenas, anúncios.

Circulou o periódico até o nº 9, de 10 de dezembro (Biblioteca Pública do Estado).

O BERIMBAU - Jornal Carnavalesco e Crítico - O nº 1, ano I, foi publicado a 2 de março de 1919, em formato de 28 x 17, com quatro páginas de três colunas, impressas a tinta vermelha. Direção a cargo "de uma sociedade invisível"; a

correspondência devia ser "dirigida para a casa do Diabo".
Número do dia - 100 reis.

Sua matéria, em prosa e verso, obedeceu ao enunciado, sendo colaboradores Seu Chico, Dr. Cara-Melo, Lerettes, Pé Frio, Lambe-Molho e outros, à base de troças e epigramas, além de noticiário (Biblioteca Pública do Estado).

DE TUDO EU SEI - Jornal Humorístico, Crítico, Literário e Noticioso - Entrou em circulação a 27 de abril de 1919, no formato de 33 x 22, com quatro páginas de três colunas. Impresso em duas cores, nas oficinas da Livraria Electro-Primor, rua 15 de Novembro, 23, em cuja sala posterior tinha redação e escritório, adotou a seguinte tabela de assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 3\$000; ou, para fora da cidade, 7\$000 e 4\$000, respectivamente, custando 0\$100 o exemplar. Aceitava publicações em uma ou mais cores, aos preços de 1\$000 e 0\$500 por linha, fosse na primeira, fosse na segunda página. Diretor-proprietário - Agnelo Silva; gerente-secretário - José Lopes.

Dirigindo-se ao leitor, escreveu a redação, ao apresentar o jornal, depois de outras considerações: "Fraquíssimo e sem conforto, é preciso que o aumento de vossos tostões me anime a atravessar os embaraços que se me imponham à conquista dos fatos e da verdade".

A edição de estréia teve a colaboração de Martins Filho, Quemeu, Vencido, Tareco, Sebastião Miguel e Esmaraldo de Freitas, o qual iniciou o conto-folhetim "Um misterioso"; inseriu mote-glosa; abriu o concurso "Qual a banda de música de maior simpatia?", terminando com uma página de anúncios.

Seguiu-se a publicação, semanalmente, obedecendo ao ritmo inicial, até o nº 21, de 14 de setembro (Biblioteca Pública do Estado e Col. Azael Leitão)(1).

O EPHEMERO - Micro-Jornal Literário. Órgão da Juventude Caruaruense - Faltado comprovante da edição de estréia, circulou o nº 2 a 28 de novembro de 1919, em formato de 23 x 17, com quatro páginas de três colunas estreitas. Imprimiu-se em papel azul, nas oficinas da Livraria Eltro-Primor, de Freitas & Azevedo, situada na rua 15 de Novembro, 23. Publicação ocasional, vendia-se o exemplar a 200 réis. Aos lados do título, trazia os conceitos: "Tudo é efêmero e voraz, como a aragem que passa ligeira e fugitiva pelos campos" e "A lembrança é o filão da alma, a pepita pelos campos" e "A lembrança é o filão da alma, a pepita da eterna jazida efêmera de ouro". Corpo redacional - Anita Vieira, Dolores Porto, Donina Limeira, Violante Carvalho, Branca Lira, Marieta Lira, Zezé Gomes, Maria da Natividade, Antonia Trigueiro, Maria do Carmo e Juraci Freitas. Correspondências: para a Farmácia Francesa.

Jornalzinho ligeiro, sua matéria constou de crônicas literárias, notas de elegância, perfis e concursos de beleza e fealdade. Tudo à base de pseudônimos.

27 anos decorridos, com a data de 15 de setembro de 1946, voltou O Efêmero (sem ph) "às mãos da mocidade filha dos leitores e leitoras daquela época", obedecendo ao mesmo programa, idêntico formato, mas impresso na Tipografia e Papeleria Brasil, à praça João Guilherme, 36, e aumentado o preço do número avulso para Cr\$ 0,50. Corpo redacional... oculto.

(1) Existem, apenas, números esparsos.

Publicou-se, novamente, a 31 de dezembro do mesmo ano. Matéria bastante variada, incluindo a colaboração de pseudônimos diferentes, a salientar Stela Maris e J.H. (Col. Nelson Barbalho).

Decorridos 28 anos, viu-se novamente em circulação O Efêmero, sem que exista comprovantes dessa nova fase. Noticiou-o lacônicamente, Vanguarda em sua edição de 1 de janeiro de 1974: "Reapareceu o jornalzinho da mocidade caruaruense".

O CLARIM - Seminário Lítero-Crítico-Humorístico e Noticioso - Apareceu no dia 30 de novembro de 1919, em formato de 28 x 17, com quatro páginas de três colunas. Diretor - Antonio Paulista; redator-chefe - Jaime Montalvão; secretário - Alcino Meneses; redator - Benjamim Larena; gerente - Severino Tiné. Número do dia - 100 réis.

Saiu, como dizia a nota de abertura, "trombeando aos quatro ventos, como os anunciadores de novas idéias", adiantando: "Conduzir-nos-emos - e prometemos o fazer - sem a tagarelice costumeira" de certos indivíduos que estavam longe de merecer a "confiança do público".

Inseriu concisas produções de Cascudo, Procópio, Cerelepe, Dr. Sabe-Nada, Venâncio e outros pseudônimos, além das "Furadinhas" e Mote-Glosas. Poucos anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

Circularam poucas edições, ficando suspenso. Reapareceu, com o nº 5, a 15 de novembro de 1920, obediente ao programa anterior. Da turma responsável restavam Antonio Paulista, Jaime e Tiné, este feito redator-secretário, mais a parcela: "redatores - diversos". Colaboração de Augusto Tabosa. Notas ligeiras,

trepações, etc. O sexto número saiu no dia 21 de novembro, faltando notícias da continuação (Col. Azael Leitão).

FOLHA DO SERTÃO - Jornal Independente e Noticioso - Em bom formato de cinco colunas, com quatro páginas, surgiu a 16 de outubro de 1920, impresso na Tipografia Primor, de Manuel de Freitas, à rua 15 de Novembro, 50, tendo a redação instalada no 1º andar, nº 95, da mesma rua. Assinava-se a 10\$000 por ano e 4\$000 por trimestre. Direção de Carlos Rios; redator-secretário - Olímpio Magalhães, os quais apareceram, em fotogravuras, ilustrando a primeira página.

Do alentado artigo de abertura constou o tópico a seguir: "Livre dos compromissos políticos partidários; sem a menor ligação com as facções antogônicas, quer do Estado quer locais, teremos por lema dizer a verdade sem preocupações e conveniências, tudo envidando para que, em todas as ocasiões, ela brilhe com o seu máximo esplendor, glorifique ou escorche a gregos e troianos".

Servido de matéria variada, incluindo regular noticiário, com uma página de anúncios, o semanário manteve o "Cartaz da Folha", contendo o santo do dia e informações úteis; a seção de comentários "Aqui, Ali, Acolá"; as "Notas científicas", do Dr. Osvaldo (Evaristo da Cruz) Gouveia; folhetim; a seção "Letras Femininas", com a colaboração da Alba Rios, Leonila Dourado Magalhães e outras; inseriu versos de Juca de Oliveira; artigos de José Fasanaro, Labão, Jarbas e José Martins da Silva e, no nº 14, em primeira mão, publicou uma conferência redigida sem verbos, que fora pronunciada, em 1912, no Círculo Católico do Recife, pelo professor Bento Américo.

(Avistados: até o nº 4, de 1920 e o nº 9, de 27 de fevereiro de 1921. Publicação ininterrupta) (Biblioteca Pública do Estado).

ELITE - Revista Literária e Noticiosa - Começou a publicar-se em janeiro de 1924, pequeno formato, com 16 páginas. Direção do farmacêutico José Sotero de Sousa; redatores - Ladislau Cavalcanti, Dr. Silva Filho, Dr. Geminiano Campos, promotor Renato Fonseca, Henrique de Figueiredo e Apolinário Bezerra de Jesus. Confecção da Tipografia/Liv. A Primavera, de Francisco Vasconcelos. Assinatura semestral - 3\$000; número avulso - 0\$500.

O nº 2 saiu em fevereiro (Notas de Nelson Barbalho).

ÁLBUM DE CARUARU - Plaqueta "bem organizada", seu aparecimento foi registrado pelo diário recifense A Província, de 13 de setembro de 1927, que acrescentou ter o município de Caruaru, "nessa publicação, a reprodução impressa do seu grande progresso, como também dos seus dons naturais".

CARUARU-JORNAL - Órgão Independente, Informativo e Noticioso - O primeiro número circulou no dia 5 de agosto de 1928, em formato de 41 x 32, com quatro páginas de quatro colunas a 12 cículos. Direção e propriedade de Francisco J. Vasconcelos; redator-chefe - Prudenciano de Lemos; gerente - Aristo Fonseca. Impresso em oficinas próprias - Livraria Primavera - à rua 15 de Novembro, 33, onde funcionava também a redação. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 4\$000, ou 12\$000, 7\$000 e 5\$000, respectivamente, para fora da cidade. Anúncios e Solicitadas "sob prévio ajuste".

Lia-se, no artigo-programa: "Alheio por completo e em absoluto a partidos políticos, sem nenhuma ligação partidária, o seu programa será cumprido fielmente, com a máxima independência possível. Não se pode compreender, no entanto, que um jornal independente, informativo e noticioso, deixe no olvido o registro de fatos que dizem respeito aos interesses

coletivos do povo; esse registro será feito, mas é preciso que seja consignado desde logo que jamais este jornal olhará interesses individuais, seja para tecer-lhes ditirambos ou para elogios bombásticos; seja vergastar-lhes os atos. Não; lisonjas e ataques ou ofensas pessoais não encontrarão guarida nestas colunas".

Publicado aos domingos, o periódico divulgava comentários ligeiros, noticiário variado, uma página de anúncios, a terceira, e colaboração de X...; Ciro Masarino ("De leve"); R.R. e Adolfo Silva Filho, aos quais se seguiram, pelo tempo adiante e revezando-se, José Fasanaro, Altamiro Cunha, Limeira Tejo, Augusto Tabosa, Fernando Pio, Mário Sette, Álvaro Lins e Godofredo de Medeiros, tendo este último assumido o cargo de redator-secretário na penúltima edição de setembro.

Circulando ininterruptamente, a partir de 2 de dezembro só figurava no cabeçalho o nome do diretor-proprietário, seguido de "redatores - diversos".

Pouco durou, além disso, a existência do Caruaru-Jornal, não ultrapassando o nº 25, de janeiro de 1929, quando escreveu a redação: "Caruaru, mau grado a sua grande ânsia de civilização e progresso, não é ainda uma cidade que comporte iniciativas de algum modo elevadas. Principalmente no que concerne à imprensa. Um jornal que aqui apareça não pode ser um órgão independente, no sentido amplo da palavra. Porque esta coisa de independência, aqui, quando não absolutamente impraticável é, pelo menos, ainda muito mal compreendida. E nós preferimos evitar maiores contrariedades, a nos imiscuir nessa epidemia contaminante, que definha e aniquila, pois outra coisa não é a política.

"Ademais - concluiu - intelectualmente, Caruaru é também e ainda uma cidade precária".

Decorridos seis anos, reapareceu o Caruaru-Jornal, na qualidade de "órgão dedicado aos interesses da coletividade" e, depois, "órgão do Partido Social Democrático". Não encontrados comprovantes das duas primeiras edições dessa segunda fase, publicou-se o nº 3 no dia 3 de agosto de 1935, impresso na Tipografia São José, à rua Vigário Freire, 9. Tendo como gerente I. Assunção, eram redatores "diversos", funcionando a redação na rua 7 de Setembro, 13. Dizia-se filiado à Federação Brasileira de Imprensa e à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco.

Seguiu-se à publicação, aos sábados, constituída a sua matéria de comentários, noticiário bem distribuído, uma página, a segunda, de anúncios, e produções assinadas por Godofredo de Medeiros, Francisco Albuquerque, R.D., Silva Filho, João Duarte, filho, Mauro Mota, Adolfo Silva Neto e outros. Começou, no nº 4, estampando o respectivo retrato na página de frente, a fazer propaganda da candidatura Sizenando Guilherme de Azevedo a prefeito do município.

No nº 8, de 9 de setembro, via-se no expediente, o nome do Dr. Batista de Almeida figurando como diretor, desaparecido o do gerente. A edição reuniu páginas, com retrato e panegírico na primeira, em homenagem à visita do Governador Carlos de Lima, naquele dia, a Caruaru, inserindo, nas demais, reportagens em torno das realizações municipais, artigos e noticiário geral.

Faltam notícias de haver prosseguido a publicação (Biblioteca Pública do Estado).

JORNAL DE CARUARU - Semanário Político e Noticioso - Apareceu no dia 3 de agosto de 1929, em formato grande, 58 x 45, com seis páginas de sete colunas. Diretor - Leocádio Porto; redator-chefe - Batista de Almeida (até o nº 4); redator - Mário Sette; gerente - Ivo Luna; depois, Maximino

Silva; redator-correspondente no Recife - Beroaldo Melo. Redação e oficina à rua Vigário Freire, 174. Publicação aos sábados, assinava-se a 10\$000 por ano, custando 0\$200 o número avulso.

A edição de estréia exibiu avantajado clichê do governador Estácio Coimbra, ao centro da primeira página, ao passo que o artigo de apresentação, "Nosso rumo", dizia destinar-se a folha a prestigiar a administração estadual, acrescentando: "Queremos prestar a Caruaru um serviço de probidade jornalística, ativando-lhe o progresso, na defesa de suas boas causas, e defendê-la mesmo contra os que lhe pertubem os anelos de progresso, e este próprio, por falta de obras reais para seu esperado engrandecimento".

Logo um artigo, em duas colunas de terceira página, defendeu a "nova administração", contra "ataques menos justos da crítica adversária" (o prefeito era o próprio dono do jornal).

A matéria inicial ficou assim distribuída: "Crônica Religiosa"; "Artes e Letras", por Hilton Sette; "Higiene e Saúde Pública"; "Vida Desportiva" e "Caruaru Social", cujo noticiário se precedia de versos ou crônica ligeira, em que apareciam H.C., com "Uma por semana", e Dr. Lycy-Nilano (pseudônimo de João Batista de Almeida), o das "Verdades Indiscretas", afora "Indicador", Atos Oficiais, "Solicitadas" e pouco mais de uma página de anúncios.

Seguiu-se a publicação normalmente, alternando a parte política com alguma literatura. Atacou a orientação do Cinco de Novembro; escrevia contra a Aliança Liberal e fez a campanha pró-candidaturas Júlio Prestes à Presidência da República e José Maria Belo ao governo do Estado. E o correspondente B. mandava notícias comentadas "Da Capital".

Ao atingir o nº 32, de 15 de março de 1930, o Jornal de Caruaru abriu espaço a um concurso de beleza feminina, à divulgação de cujos resultados semanais seguia-se uma fileira de "votos e descoberto", em prosa e verso, o que emprestou trancendente sensação ao certame.

Toda a terceira página era dedicada à literatura, inserindo colaboração de Álvaro Lins, com a crônica "Da cidade lírica do Capibaribe"; Godofredo de Medeiros, inclusive usando o pseudônimo Príncipe Gil; Dante Delmonte, Gilberto Osório de Andrade, Pedro D'Ávila, Otávio Tavares, Lenita, José Fasanaro, Hilton Sette, "o jornalista menino"; V. Varela dos Santos, autor da crônica "Rabiscando"; sempre Mário Sette, Marcus Vinicius, Otávio de Moraes, Armando Goulart Wucherer, que se tornou redator-chefe e escrevia crítica, crônica, conto e poesia, e outros. Zé Verdade assinava versos, de sentido político ou não, mas ordinariamente satíricos, em que chegou a polemizar, mas suas "Setas...", com Pedro Malazarte e Gury, o verzejador, de igual estilo, do Cinco de Novembro. Tinha mais a colaboração, na parte geral, de Chico Riachão, João da Prata, que aparecia em rodapés; Dr. Adolfo Silva Filho, Artur Nogueira Lima, etc.

Com o nº 52, de 3 de agosto, edição ilustrada, de 16 páginas, o semanário celebrou seu primeiro aniversário, escrevendo o editorialista, a propósito: "Folha de feição essencialmente partidária, tem o Jornal de Caruaru sido alvo de diatribes, doestos, por parte dos nossos adversários". A luta, entretanto, mais estimulou os seus esforços. Servindo a Caruaru, servia "aos interesses do Partido Republicano de Pernambuco". Mais de metade da edição foi ocupada com anúncios. Inseriu colaboração especial de Mauro Mota e A. de Barros Carvalho, além da equipe costumeira.

O número seguinte foi dedicado à festa da coroação da mais bela - Mabel Santos.

À época, entrava para o corpo redacional Arlindo Limeira, na qualidade de secretário, e foi posta a vigorar nova tabela de assinaturas: ano - 20\$000; semestre - 12\$000. Desde então, as edições desceram para quatro páginas, acabando quase a Literatura e aumentando para duas páginas a colocação de anúncios. Mas, a partir do nº 59, saía duas vezes por semana, ocupando-se mais da política nacional, cujos novos rumos estavam por um fio, sem deixar, todavia, de manter constante noticiário.

Publicou-se até o nº 62, datado de 1 de outubro de 1930.

Decorridos 16 anos, reapareceu o Jornal de Caruaru, sem alterar-se-lhe a qualidade de "órgão político e noticioso", em segunda fase, que começou a 14 de dezembro de 1946, com o nº 70 (e os nºs 63 a 69?) ano XVII. Diminuiu o formato para 48 x 30, a seis colunas de composição, instalando redação e oficinas à mesma rua, 134. Direção de João Elísio Florêncio; redator-chefe - Azael Leitão; gerente - Edivaldo Gonçalves. Circulação aos sábados.

Constava do editorial de apresentação: "É uma nova fase do velho jornal que Leocádio Porto fez para a sua terra, há quase vinte anos. Reaparece com os mesmos propósitos de servir a Caruaru, defendendo os interesses dos que aqui vivem. Vamos fazer uma campanha política, esclarecendo e orientando a nossa gente, para o exercício do direito do voto. E defenderemos mais uma orientação política do que candidatos, porque precisamos de dirigentes que ouçam o povo, que poderem sobre as reivindicações dos governados".

Concluiu colocando "acima das paixões partidárias os supremos interesses" da gente e da terra caruaruenses.

Ao reiniciar suas atividades, o Jornal de Caruaru adotou a candidatura Neto Campelo Júnior ao governo do Estado, fazendo intensa propaganda eleitoral. Passada a campanha, restringiu-se à política local.

Em janeiro de 1947 afastou-se da direção João Elísio Florêncio, sendo substituído por Azael Leitão. Em março, lia-se sob o título: "Órgão Noticioso de Interesses Regionais", divisa que permaneceu pelos anos afora. No mês de junho, o gerente era substituído por Mário Alves da Costa. Em novembro figurou Antonio Farias, por algumas semanas, como redator-responsável, quando usou o pseudônimo Professor Rohan.

No seu nº 115, ano XVIII, de 16 de novembro do ano em referência, toda a primeira página do Jornal foi ocupada com clichê de Pedro Sousa em tinta azul e a legenda em vermelho. Era o novo prefeito que se empossava no cargo. Outros clichês, do vice e do sub-prefeito e dos vereadores, e noticiário específico completaram a edição.

Seguiu-se a rotina de órgão noticioso, ora com quatro, ora seis, depois oito páginas, servido de bons comentários e variada colaboração. A 18 de janeiro de 1948, passava à propriedade de Pedro de Sousa, que iniciou colaboração própria, para continuar durante toda a sua gestão, focalizando, sobretudo, temas da administração local.

Na primeira edição do ano seguinte, apareceu Celso Rodrigues como redator, dedicando-se a dinamizar a Página de Desportos, que foi uma constante do periódico.

Vinha sendo divulgado o comentário semanal "O que dizem os confrades", assinado por D. Quixote, que perdurou até outubro de 1949 e, pelo seu incógnito e pela sátira que desprendia, provocou frêmitos nos meios literários e

jornalísticos da cidade. Não era pseudônimo de um só, mas de vários, que se revezavam, para diferenciação de estilos, sendo o principal deles Azael Leitão. Enquanto isto, tivera início, precisamente a 18 de setembro do ano em apreço, a seção de comentários "Dia do ano", com a assinatura de Cavalcanti do Norte, pseudônimo só identificado após algum tempo; tratava-se de Nelson Barbalho de Siqueira Cavalcanti, que assim estreou no jornalismo caruaruense, já bem cotado entre seus pares.

O semanário contava, ainda, com a colaboração de Manuel Maria de Araújo, o das "Notas da Província"; Henrique de Figueiredo, autor da "Crônica da Cidade" e o mesmo Fernando de Bourbon de comentários soltos; Luiz Torres, Mário Sette, Augusto Tabosa, Alberto Frederico Lins, Miguel Sava Nicoloff, cônego Alberto Damasceno, Lício Neves, Dr. A. Silva Filho, Adolfo Silva Neto; Nadja, responsável pela "Seção Feminina"; Mário Limeira Alves, Maria das Graças Santos Leite; Cícero Barbosa, que mandava crônicas de Bezerras; Emanuel Romildo Queiroga, autor de "Ver, Ouvir e Contar"; Estefânia de Barros, Salvador Sobrinho, Odílio Gomes de Andrade, Osiris Caldas, Paulo Jatobá (travesti de Adeth Leite), Alfredo Sotero, Luiz Pessoa da Silva, Manuel Aniceto de Lira, Afrânio Gois de Andrade, Luiz Queiroga, Rosana Medeiros e tantos outros, muitos deles encontradiços na página "Letras", dirigida por Antonio (Cavalcanti) Miranda, que foi suspensa em princípios de 1950.

A empresa elevava o preço das assinaturas anual e semestral para Cr\$ 40,00 e Cr\$ 20,00, respectivamente, custando Cr\$ 1,00 o exemplar. Teve como diretor de publicidade, por algum tempo, o colaborador literário Nilton Cavalcanti de Albuquerque.

No período de agitação política do ano de 1951, o Jornal alugou, a partir de 2 de junho, uma página à Coligação

Caruaruense, para propaganda política, sob a responsabilidade do Partido Libertador. Passado o pleito eleitoral, desceu ao regime de edições de quatro páginas.

Pouco depois, Azael Leitão, que ocupava a direção nos últimos quatro anos, deixou essas funções a 5 de agosto, fazendo o mesmo Luiz Queiroga, redator desde um ano antes. O gerente Mário Alves da Costa passou a acumular o cargo de redator-secretário, ficando o redator Celso Rodrigues da Silva como diretor-responsável.

(Há uma lacuna, na coleção manuseada, de sete meses, a partir de outubro de 1951).

No seu nº 323, ano XXI, de 11 de maio de 1952 - a redação e oficinas transferidas para a rua do Comércio, 299 - aparecia o Jornal de Caruaru em boa forma, com oito páginas, a primeira em duas cores, movimentado de reportagens e notícias. Admitira novas seções, tais como: "Tesoura e cola"; "Teatro - Cinema - Rádio"; "Aconteceu em Caruaru"; "A Cidade"; "Fala o povo"; "Mundanismo", aberta com a crônica semanal "Cantinho de página", de Júlia (Tabosa); "Letras e Artes - Página Cultural", sob a direção de Antonio Miranda; "Página da União Democrática Nacional" e a última só de assuntos desportivos.

Assim prosseguiu, incluindo artigos assinados por Napoleão Correia, Arnaldo Carvalho, Salvador Sobrinho, etc. Criara-se a parcela de assinaturas para o Exterior, à razão de Cr\$ 50,00 anuais.

Solenizou transcurso do 24º aniversário a 10 de agosto, com uma edição de 24 páginas, repletas de boa matéria. Lia-se no editorial da primeira página: "...na mesma posição de há 23 anos, continua fiel ao programa traçado: servir à

comunidade, debater os seus problemas, auscultar as suas necessidades, sem procurar servir-se".

A página cultural inseria colaboração, em prosa ou verso, de Aloisio Falcão, Vadrágésilo Neves, Fernando Florêncio, J.P. Neto, J. Vila Nova Barros, Ribamar Ramos, Lício Neves, J. Miranda, Júlia Tabosa, Oliveira Neto, Wellington Silva, Aristóteles Alves, Reinaldo Bairão, Jorge Ramos (português) e outros. Incluíam-se as seções "Retratos e caricaturas" e "Julgamento sobre Livros e Autores". Ilustrações de Ionaldo, Percy Lau e Ladjane. Estabeleceu concursos para escolher o "melhor conto, a melhor reportagem, a melhor crônica e o melhor poema escritos no interior do Estado", e a 2 de novembro iniciava, em rodapé, a divulgação do romance inédito de Antonio Fasanaro "O drama de Amanda Fausta".

Nesse mês, porém, começou a rarear a página "Letras e Artes", absorvida pelo renascimento da página da U.D.N. Assim entrou 1953, sem mais interrupções a circulação do jornal de Pedro de Sousa, cujas seções principais, sobretudo de caráter noticioso, se mantinham firmes, igualmente a parte de reclames comerciais.

Publicou-se até o nº 362, ano XXIV, de 01/03/1953 (Biblioteca Pública do Estado).

GAZETA DO COMMERCIO - Órgão da Associação Comercial de Caruaru - Publicação ocasional, para distribuição gratuita, o primeiro número circulou em maio de 1930, obedecendo ao formato de 30 x 22, com oito páginas de quatro colunas. Lisonjeiro trabalho gráfico das oficinas da Vanguarda. Redação: rua 7 de Setembro, 84.

Lia-se nas "Palavras iniciais": "O aparecimento da Gazeta do Commercio, num publicação ocasional, que só será repetida

quando oportuna, tem unicamente por escopo fazer uma melhor propaganda do que, no curtíssimo período de um ano, tem feito a Associação Comercial de Caruaru. Além disto, tem em mira este jornal abordar mais amplamente o que de importante representa este grande município na atividade comercial de Pernambuco. Conclui-se, pois, que, sem intuios pretensiosos, este órgão surge animado de propósitos os mais honestos e sobretudo patrióticos". Terminou dizendo que a edição foi organizada apressadamente, pela diretoria que terminava o mandato, cujo clichê figurou na primeira página, para uma prestação de contas de seus atos.

A par do Relatório competente, a edição constituiu-se de reportagens em torno das indústrias do município; noticiário e anúncios.

O nº 2, ano II, só apareceu em janeiro de 1934, 2ª fase, mantido o programa inicial, sob a orientação de Godofredo de Medeiros. Redação - praça Juvêncio Mariz, 133, sede da Associação Comercial. Trabalho gráfico das oficinas da Vanguarda.

Nas suas quatro páginas, a edição inseriu matéria variada e não só de interesse econômico, incluindo "Gazeta Social", precedida de crônica mundana.

Apesar de declarar-se mensário, circulou trimestralmente, pois o nº 4 saiu a 19 de agosto, quando cresceu alguns centímetros na estrutura e juntou mais uma coluna de matéria em cada página. Não lhe faltaram anúncios, mas em quantidade reduzida.

Decorreram quase dois anos, vindo a sair o nº 5 no dia 28 de maio de 1936 (notícia do periódico O Progresso, de Vitória

de Santo Antônio), do qual não existe comprovante, nem dos nºs 6 e 7.

Regularizada a publicação mensal, o nº 8, ano IV, datado de 16 de agosto, apresentou-se em formato de 48 x 30, quatro páginas a seis colunas de composição. Tornara-se "órgão oficial das classes conservadoras", continuando Godofredo na direção. Constava do cabeçalho: "Circulação em todo o Brasil". Bastante matéria noticiosa, tendo aumentado bastante a quantidade de reclames comerciais.

Prosseguindo, encontra-se o nº 11, que saiu no dia 31 de outubro, declarando-se filiado à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco, da qual Godofredo de Medeiros era, então, presidente.

Depois de uma maior lacuna na coleção, passa-se aos nºs 11 e 12 do ano VI, datados de 5 e de 17 de junho de 1938, sem alterações substanciais, impressos na Tipografia Moderna, situada à rua Vigário Freire, 62. Terminou aí a pesquisa (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

O BRAZEIRO - Órgão Independente, Noticioso e Humorístico - Surgiu no dia 16 de agosto de 1930, em formato de 31 x 22, com quatro páginas a quatro colunas estreitas de composição, impresso em papel róseo. Direção de Otacílio Martins e José Carlos Florêncio.

Deram ensejo ao aparecimento da folha, de publicação ocasional, as homenagens prestadas pelo Central Sport Club a Mabel Santos, eleita Senhorinha Caruaru, e o transcurso do

(1) Coleção desfalcada, faltando-lhe, principalmente, o nº 1, de 1930, do qual existe exemplar único em poder do colecionador particular Azael Leitão.

aniversário natalício do presidente de honra da agremiação, José Vitor de Albuquerque.

Inseriu entrevista, com clichê, da "rainha da beleza"; artigo do padre Argemiro Gonçalves de Figueiredo; "Trepações" e noticiário social e desportivo.

O nº 3 (não resta comprovante da segunda edição) saiu a lume no dia 14 de junho de 1931, em formato um pouco maior, páginas de cinco colunas, ausente do cabeçalho o nome do primeiro dos diretores, comemorando o 12º aniversário da fundação do "Central", bastante ilustrado de fotografias alusivas. Matéria variada, inclusive colaboração especial de Limeira Tejo, precedente de Nova York (Col. Nelson Barbalho).

GAZETA DE CARUARU - Órgão Oficial da Municipalidade - Publicação bimensal, deu à luz o primeiro número no dia 28 de março de 1931, em formato de 38 x 28, com quatro páginas de cinco colunas. Impresso nas oficinas da Livraria Primavera, assinava-se a 2\$500 por ano, custando 100 réis o número avulso..

Em lugar do editorial de apresentação, divulgou, num quadro de duas colunas, o "Ato nº 58", assinado pelo titular José Florêncio Leão, do seguinte teor: "O prefeito-Interventor neste Município, no exercício de seus poderes, querendo divulgar amplamente os atos de sua administração, cria, nesta data, a Gazeta de Caruaru, órgão que será mantido pela verba orçamentária "Impressões e Publicações" e que, além dos atos da Prefeitura, publicará os que forem enviados pelos representantes dos poderes estaduais e federais neste Município.

Periódico que se propõe esclarecer e instruir criteriosamente, publicará ainda colaborações sobre agricultura, pecuária, indústria, comércio, instrução, higiene, construções,

etc., escritas por técnicos de reconhecida competência, mas em linguagem simples, como convém a uma publicação para todos. O diretor da Gazeta, o chefe do executivo municipal, é o único responsável".

Circulando regularmente, o periódico cumpriu o programa enunciado, sem apresentar o ranço das folhas oficiais nem se tornando repositório de elogios à administração.

A publicação dos atos da Prefeitura não ocupava espaço integral. Ao contrário, sua maior parte abrigava noticiário geral e artigos de colaboração firmados por elementos destacados nas letras caruaruenses, a saber: Apolinário Bezerra, Pedro Eustáquio Vieira, Oscar de Barros, Nicanor Uchoa, Luiz Pessoa de Araújo, Peixoto Sobrinho, Juvêncio Carlos Mariz e Gêcê (pseudônimo do Dr. Geminiano Maciel Campos).

Da Gazeta de Caruaru, que adotava cabeçalho, também, na quarta página, ladeado por quadrinhos com pensamentos célebres, existem comprovantes até o nº 26, de 13 de fevereiro de 1932 (Biblioteca Pública do Estado).

A VOZ DE CARUARU - Órgão Independente e Noticioso - Entrou em circulação a 23 de junho de 1931, no formato de 50 x 35, com quatro páginas a seis colunas de composição. Diretor - Peixoto Sobrinho. Redatores - "diversos". Redação e oficinas à rua Vigário Freire, 68. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; para fora do país - 15\$000 e 8\$000, respectivamente. Preço do exemplar - 0\$200.

Nascida "de improviso", consoante o editorial "Nós...", não trazia "um programa calculadamente delineado". Sem "liames partidários", buscava orientar-se "para o campo das conquistas salutares", sob o controle da Moral e da Religião".

Publicação semanal, aparecida aos sábados, apresentava pouco mais de duas páginas de reclames comerciais, matéria variada, de interesse citadino, e a colaboração, em prosa ou verso, de Apolinário Bezerra, Oscar Borges, Dr. Silva Filho, Esdras Farias, Conde da Vila, Otoniel ("Notas Sociais"), Augusto Meira, Valdemar de Sousa Cordeiro, etc., além das produções assinadas pelo diretor.

Periódico de feição lisonjeira, não conseguiu palmilhar, por mais tempo, a dolorosa "via crucis" da imprensa do Interior, finando-se uma vez publicado o nº 15, de 3 de outubro (Biblioteca Pública do Estado).

O POROROCA - Órgão Independente e Noticioso - Inexistente comprovantes das duas primeiras edições, apenas datilografadas, começou a sair impresso, na Tipografia Leite & Silva, à rua Vigário Freire, 209, com o nº 3, datado de 24 de outubro de 1931. Formato de 32 x 23, quatro páginas a quatro colunas estreitas de composição. Propriedade dos alunos da Escola Augusto Tabosa; diretor - Atur Tabosa; redator-chefe - José Ferrer e Silva; redator-secretário - Eduardo Rodrigues de Sousa; gerente - Gustavo Bezerra. Redação: rua Duque de Caxias, 88. Preço do exemplar - 0\$200.

A par da matéria de rotina, constou do número de estréia da fase impressa uma série de versos de sete sílabas, perfilando, em estilho humorístico, os pororoqueiros, assinados por Folião, assim oculto o professor Augusto Tabosa, autor, depois, de sonetos líricos, sedo ele também, O Pororoça e o Zerraposa de epigramas e mote/glosa.

Seguiu-se a publicação mensalmente e, a partir do nº 8, de 7 de fevereiro de 1932, semanalmente. Sua matéria constituia-se de "Serviço telegráfico aéreo subterrâneo pelo fio da navalha cega"; outras seções alegres; noticiário social, carnavalesco e

desportivo; concurso para a escolha da banda musical "mais simpática", etc., além de produções assinadas pelo pessoal da redação, inclusive José Ferrer usando pseudônimos; Crisalvo Lafaiete e outros. Colaboradores esporádicos: J. Rodolfo da Silva, Godofredo de Medeiros, Murilo d'Alva, Limeira Tejo, Miss Espiã, Álvaro, Pedro Eustáquio Vieira, John Licy, autor da seção "Dentro das ruas"; Envandro Medeiros, Sá Pinho, Esdras Farias, etc.

Atingindo o nº 15, passou O Pororoca à propriedade de Ferrer & Cia., tendo José Ferrer como diretor, substituído o gerente Pedro Firmo. Adicionou-se ao cabeçalho: "Colaborações francas, sujeitas à foice redacional".

Encerrou sua existência o nº 18, ano II, de 24 de abril de 1932, divulgando, então, a nota a seguir: "Tendo os Srs. Ferrer & Cia., proprietários d'O Pororoca, vendido este jornal aos Srs. Carlos, Rosal & Cia., fica de hoje em diante toda a responsabilidade do mesmo a cargo desses, continuando portanto válidos todos os anúncios e assinaturas pagos aos ex-proprietários. Os atuais reponsáveis, querendo dar outra orientação a este jornal, resolveram do próximo domingo em diante mudar o nome d'O Pororoca para o de Vanguarda, surgindo o mesmo com um formato maior e com outras modificações".

Permaneceu válido, no entanto, o título primitivo. Quase um ano decorrido, viu-se publicado O Pororoca, numa "terceira ressurreição", datado de 12 de fevereiro de 1933 e ostentando o nº 69. Formato de 23 x 16, quatro páginas a duas colunas de 14 cículos, dizia-se "órgão crítico, humorístico, falado, cantado, sincronizado e musicado pelo sistema tapiafone", tendo como "sheriff e chefe supremo" José Ferrer.

Voltava "sorridente, ativo e forte", na época precisa, para fazer "o passo com os Pierrots e as Colombinas". Inseriu editorial, crônicas, notas e epigramas, tudo de sabor carnavalesco, com verve e malícia condizentes, ilustrando-o várias caricaturas em xilogravura (Col. Eduardo R. de Sousa).

Após dez meses de ausência de comprovantes, reaparece O Pororoca, ano III, de 22 de abril de 1934, ostentando o arbitrário nº 146, mantido o formato de origem, ainda com quatro páginas. Propriedade de Ferrer & Cia. S/A; redator-chefe - José Ferrer; secretário - Albérico Maciel; gerente - José Eduardo de Lira. Redação à rua Duque de Caxias, 88, imprimindo-se na Tipografia São José, situada à rua Vigário Freire, 9. Preço do exemplar - 0\$200.

Lia-se, em quadrinhos ao lado do título: "Órgão de defesa ao atrapalho, noticioso e humorístico - Não temos inimigos irreconciliáveis; não temos amizades perpétuas. Temos críticas".

Continuando, divulgava colaboração literária de Jeferrer, Auxiliadora Teixeira, Maria das Graças Santos, Antonio Eustáquio Vieira, Derval Barros, Jeferson Silva, Albmaciel, Augusto Tabosa e diferentes pseudônimos, responsáveis, inclusive, pelas seções "De cócoras", "É de amargar... mas não vai", "Carapuças", "Pororocadas", "Cortando jaca" (mole e glosas), etc., sendo cerca de uma página dedicada a "Esportes". Poucos anúncios.

O nº 153 apareceu em formato maior, páginas a cinco colunas de composição; mas o nº 154, de 8 de julho de 1934, voltou ao normal. Foi o último avistado (Biblioteca Pública do Estado).

15 DE ABRIL - Órgão de Propaganda da Tipografia Leite & Silva - Surgiu na data do título, em 1932, formato de 27 x 17,

com quatro páginas de três colunas. Diretor - Genuino F. Leite; redator-secretário - Pedro Galdino, funcionando a redação e oficina na rua Vigário Freire, 4. Distribuição gratuita e tiragem declarada de 10.000 exemplares.

Segundo "O Porque" de apresentação, serviu o aparecimento da folha para assinalar o tanscurso do primeiro aniversário da tipografia. Sua matéria constou de produções literárias, em prosa e verso; mas, o objetivo principal era a propaganda da firma.

Publicação anual, circulava a 15 de abril, aumentado o formato para 33 x 22, contando seis páginas em 1934. Teve o concurso de intelectuais de renome da cidade, a salientar José Florêncio Filho, Pedro Eustáquio Vieira, Augusto Tabosa, José Ferrer e Silva, Godofredo de Medeiros, Pedro Firmo, Gustavo Freitas, Salvador Sobrinho e outros, aparecidos através de pseudônimos. Alimentou interessante seção de glosas.

A existência do bem feito anuário prolongou-se até o nº 7/8, ano VIII, de 15 de abril de 1939 (Biblioteca Pública do Estado).

VANGUARDA - Jornal Independente - Destinado a circular semanalmente, aos domingos, surgiu no dia 1º de maio de 1932, em substituição a O Pororoca da primeira fase, adotando novo formato de 40 x 28, com seis páginas a cinco colunas de dez cíceros. Propriedade da firma Carlos, Rosal & Cia.; diretor - José Carlos Florêncio; gerente - Edson Limeira Rosal; subgerente - Severino Pereira. Redação e oficina à rua Vigário Freire, 171⁽¹⁾. Assinaturas: anual - 8\$000; mensal -

⁽¹⁾ Segundo Antonio Miranda (artigo no Jornal do Comércio, do Recife, edição de 06/05/1962), Vanguarda começou a imprimir-se na tipografia do Cinco de Novembro (não mais em circulação), alugada a José Carlos

0\$700. Número avulso - 0\$200; atrasado - o duplo do preço. Tiragem - 1.000 exemplares.

Ao que se lia no editorial de apresentação, visava o periódico aos seguintes objetivos: trabalhar pelo progresso da Cidade-Princesa; enaltecer as suas realizações e pugnar pela solução dos seus problemas. Era árdua a tarefa, mas não seriam regateados esforços no sentido de vê-la cumprida com eficiência.

Ostentando lisonjeiro aspecto material, a folha passou a sair, após os primeiros números, com quatro páginas, a segunda de anúncios, e bem distribuída matéria. A par de notas redacionais diferentes, inseria o comentário "Todo número", de J. Carlos, em coluna uniforme, ao centro da primeira página; "Caruaru Social"; "Vida Esportiva"; mundanidades e noticiário geral. Foram seus primeiros colaboradores: Godofredo de Medeiros, o mesmo Príncipe Gil; Peixoto Sobrinho, Alexandre Meneses, Limeira Tejo; Valdir, o das "Futilidades"; Pedro Eustáquio Vieira e Helianto ou Elianto, como Heli Leitão variava de assinatura.

A 16 de outubro noticiava-se a retirada do gerente e sócio-proprietário Edson Rosal, assumindo responsabilidade única José C. Florêncio. Começado o ano de 1933, foi o sub-gerente, que tinha assumido a gerência, substituído, nesse último posto, por João Narciso da Silveira; e, a partir de 30 de julho,

Florêncio, pelo seu proprietário, Leocádio Porto. Algum tempo decorrido, foi a empresa gráfica adquirida por outro "coronel", João Guilherme, o qual manteve o regime de aluguer e depois transferiu-a ao jornalista, pela quantia de quatro contos de réis, incluindo um prelo "Jesus", muito raro e ainda em serviço. Em 1934 cresceu mais o patrimônio da Vanguarda, mediante a compra de uma segunda tipografia, ao comerciante Francisco Vasconcelos, por 16.000\$000.

figurou no cabeçalho: Filiado à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco.

Seguiu o periódico vida normal, ora com quatro, ora com seis páginas, divulgando atos oficiais da Prefeitura e admitindo novos colaboradores, a saber: Dr. Adolfo Silva Filho, Cacilda Santos, Adolfo Silva Neto, Gilberto Osório de Andrade, Augusto Tabosa, Adalberto Tabosa de Almeida, Álvaro Lins, Richard, Lourdes Alves, etc. e copy rights da U.J.B.

Comemorou, o 1º de maio de 1934, já no seu nº 100, o segundo aniversário de fundação, numa edição de 16 páginas, em dois cadernos, impressa a cores e ilustradas com clichês do pessoal da redação e oficinas, estas sob a chefia de Josafã Rosas, depois promovido a subgerente e, em outubro de 1935, substituto do gerente.

Além de concursos de carnaval e desportivo, estabeleceu, no fim do ano, enquetes, sobre o nome que devia ser dado ao hospital em construção e em torno da situação política local. Ao começar 1935, perguntava "à mulher caruaruense: Se os homens desaparecessem?" Deu ampla cobertura noticiosa ao III Congress de Jornalistas do Interior de Pernambuco, realizado em Vitória de Santo Antão.

No ano terceiro, veio a divulgar contos ligeiros de R. Danilo, ou seja, Arlindo Moreira Dias, e alguma crônica de Altamiro Cunha. Distribuía, então, o Suplemento Correio Universal, do Rio de Janeiro.

Já havendo, meses antes, aumentando alguns centímetros no formato, reformou-o, ainda, a partir do nº 149, de 1º de maio de 1935, para 48 x 32, precisamente ao ensejo da passagem do terceiro aniversário, quando elevou para 10\$000 a anualidade dos assinantes de fora da cidade.

A edição em apreço teve 36 páginas, divididas em três cadernos e servidas de extensa cooperação comercial, lendo-se no editorial comemorativo, ilustrado, como de praxe, com clichê do diretor: "Vanguarda apareceu quase de brincadeira, pois iria ter uma vida muito efêmera, dada a dificuldade que se tem de manter um jornal do interior. Porém, garoto, infantilizado, foi ficando sério, isso devido à simpatia adquirida em o meio dos caruaruenses, que logo começaram a lhe querer bem. A prestigiar-lhe". E não pretendia para jamais, dada a necessidade de, "ao lado dos bons conterrâneos, vibrar e pugnar em defesa dos direitos e da soberania de sua terra - de Caruaru - a princesa tão altamente decantada".

Iniciado, no meio do ano, o movimento pró-eleição do prefeito constitucional do município, o jornal, nos seus cometários, manteve-se a cavaleiro, considerando ambos os candidatos dignos de exercer o cargo, alheios que eram a qualquer partido.

Em seu formato maior, foi possível oferecer mais espaço à matéria paga, que chegou a exceder duas páginas, mesmo nas edições de quatro. Especializado em noticiário e comentários gerais, admitiu a colaboração de Marcus Doria, afora a presença de nomes já mencionados, inclusive no setor literário, mas sempre em caráter esporádico. Depois, já atingindo 1936, vieram: Berilo Bentes, que firmava "De tudo um pouco"; Magdala, com os Perfis de Professoras do Colégio do Sagrado Coração; Pessoa da Silva, Júlio Coelho, Luiz Coimbra; Pacífico, autor dos Perfis de Bacharéis da Faculdade de Direito de Alagoas; João Condé, o das "Crônicas do Passado"; Dr. Cruz Gouveia, com a "Coluna Sanitária"; José Condé, Adeth Leite, Prudenciano de Lemos, etc. A 18 de outubro, em face do afastamento de Josafá Rosas, assumiu a gerência Belmiro Alves, o qual ascendeu da chefia técnica das oficinas.

Iniciado 1937, entrou a vigorar a seguinte tabela de assinaturas: ano - 10\$000; para fora da cidade - 12\$000; semestre - 6\$000. Aos novos subscritores da anualidade oferecia-se um prêmio de 50 cartões de visita. No ano seguinte veio a estabilizar-se o regime de seis páginas, variando para oito. A partir de março de 1939 deixou de constar do expediente a função de gerente, só permanecendo, pelo tempo afora, sob o título da primeira página, o nome do diretor - José Carlos Florêncio, cujo clichê voltou à primeira das 14 páginas da edição do sétimo aniversário - 1º de maio - em meio do editorial comemorativo, do qual vale ressaltar: "Se a imprensa tem os seus espinhos, tem também as suas compensações; daí continuarmos o nosso caminho sem um tropeço sequer e sem um só instante de desânimo. Sete anos de vida para um jornal do interior já se pode considerar uma longa existência".

Continuou sua rotina de "órgão independente", sobretudo noticioso, de quando em quando admitindo diferentes colaboradores. Apareceu Danilo Silva, assinando a série de estudos "Homens ilustres do Brasil". Outros mais : padre Hermínio Áureo de Queiroz, a princípio (1938) usando o pseudônimo Teófilo em "Coisas Caruaruenses"; Envandro Vasconcelos; Medina Filha, já feito redator; Jorge Cruz Filho, José Florêncio Filho, João Condé Filho, Brito Broca, Eros Evio (pseudônimo de José Estevão de Oliveira), Menotti Del Picchia, Régis Velho, Umberto Gondim, Gercino Pereira Tabosa, Gercino de Pontes, Pessoa de Lima, Miguel Figueiredo, Henriquede Figueiredo, que se tornou assíduo; Firmino Filho, Maria das Graças Santos Leite, etc.

Chegado 1940, Vanguarda promovia um concurso feminino de simpatia, e criou um Suplemento de página única, encravada nas edições de oito páginas, sob a orientação de José Medeiros e Albuquerque, mas de curta duração. Surgiu, como repórter policial, Florêncio Júnior, para ser substituído, em

março do ano seguinte, por Severino Tôrres Galindo, o qual, por sua vez, se afastou da função em maio de 1942. Em novembro do referido ano (quando entrou em vigor o Cruzeiro), a empresa estabeleceu nova tabela de assinaturas, a saber: ano - Cr\$ 12,00; semestre - Cr\$ 7,00; anualidade para fora da cidade - Cr\$ 15,00, o que só vingou até dezembro do ano seguinte, começando 1944 com tais cifras elevadas para Cr\$ 15,00, Cr\$ 8,00 e Cr\$ 20,00, respectivamente. Número avulso Cr\$ 0,30.

Viu-se, em 1943, a aparição da crônica semanal intitulada "Boletim", de Antonio Fasanaro, ao mesmo tempo que tinha início as "Cameleoniadas (Rimussoito & Comparsas)", poema herói-cômico de Índio Apinagé (pseudônimo de José Florêncio Leão), em decassílabos, imitação das oitavas camoneanas, em três cantos e mais de cem estrofes, cuja publicação continuou pelo ano de 1944 afora. Ocorriam edições de aniversário de vinte páginas.

O semanário divulgava, invariavelmente, os atos oficiais da Prefeitura. Contava com a colaboração de Mário Sette, Edmundo Jordão, Manuel Maria de Araújo, Rogaciano Leite e Azael Leitão. Instituiu duas novas seções: "Você sabia...", a cargo de Delfos (pseudônimo de Adolfo Silva Neto), depois assinada por Argus, e "Fatos da Semana", de curta duração. Luiz Torres tornou-se colaborador da seção "Desportos", bastante movimentada. Criou-se a "Coluna Trabalhista" e teve início o quadro "Há dez anos", reproduzindo notícias do passado; mais a coluna "Uma por semana", destinada aos plunitivos.

Em janeiro de 1945 iniciou Marcus o comentário semanal "Anotações", ao passo que se intensificava a colaboração de Mário Sette. Surgiu a seção "O momento político", abrindo a primeira página e, a partir do mês de julho, em edições de oito

páginas, duas eram ocupadas por Ineditoriais do Partido Social Democrático, para propaganda da candidatura General Eurico Dutra à Presidência da República, em face de eleições próximas.

Manoel Bezerra da Silva, que vinha ocupando a gerência, apareceu no Expediente, a 22 de julho de 1945, feito arrendatário, mantidos, porém, o princípio de independência e a direção de José Carlos Florêncio. Elevava-se a tabela de assiaturas, como a seguir: ano - Cr\$ 20,00; semestre - Cr\$ 12,00. Preço do exemplar - Cr\$ 0,40.

Às homenagens prestadas pela sociedade caruaruense ao Expedicionário Brasileiro, de volta dos campos de batalha europeus, acrescentou Vanguarda uma edição especial, de 14 páginas, no dia 23 de setembro, no centro das quais figurou, em tinta vermelha, superposta à matéria, o V da Vitória. Artigos e reportagens alusivos.

Foram outros colaboradores, em edições diferentes: A. Napoleão Bezerra, Silvestre Guimarães, Modesto Costa, José Humberto e, raramente, vindo do ano anterior, em notas ligeiras, Cato, como se ocultava o médico Geminiano Durval Maciel Campos, que só continuou em 1949/1950, passando a ser Ninguém no ano seguinte. No mês de dezembro - 1945 - apareceu a seção "Vanguardia Infantil", tendo como redatora Mabel do Nascimeto. Enquanto isto, despedia-se do corpo redacional Oséas Gama, ao qual estivera ligado pelo espaço de um ano.

A edição de 1º de maio de 1946, comemorativa do 14º aniversário de circulação, reuniu 22 páginas, custando Cr\$ 0,60 o exemplar. Mas a última do ano, em homenagem ao Natal, teve 20 páginas e vendeu-se a Cr\$ 1,00. Nela começou nova temporada da Ineditoriais do P.S.D., pró-candidatura Barbosa

Lima Sobrinho ao governo do Estado. E surgiu o "Comentando", de Abeldecim.

No ano subsequente, quando a redação e a oficina foram transferidas para o nº 146 da mesma rua Vigário Freire, houve nova alteração na tabela de assinaturas: ano - Cr\$ 30,00; semestre - Cr\$ 18,00 e o número avulso comum passou para Cr\$ 0,60, vindo a estabilizar-se em Cr\$ 1,00 a partir de maio de 1949. Ainda em 1947 - ano em que o escritor Celso Vieira mandava, do Rio de Janeiro, colaboração especial- Celso Rodrigues da Silva, iniciado como tipógrafo, assumia, a 1º de maio, a função de redator-secretário, exercendo-a até 1º de janeiro do ano seguinte, quando o substituiu o acadêmico Jaime Meneses. A página desportiva achava-se a cargo de Rômulo Porto Larena.

Decorridos oito meses de 1948, rescindiu-se o contrato de arrendamento, reassumindo José Carlos Florêncio, diretor intelectual, também a parte comercial. Logo mais, a 12 de setembro, ocupou a gerência Luiz Gonzaga de Oliveira, que era chefe da Oficina. Melhorara o aspecto material do semanário, mediante a aquisição de novas fontes de tipos.

Estabeleceu-se, então, com regularidade, cada quinzena, a página "Literatura", obedecendo à seguinte equipe: Direção - José Humberto; redação Júlia Tabosa; organização - Nelson Martinho de Oliveira. Nela, a par das seções "Crítica", "Coisas & Coisas" e "Noticiário Literário", vieram a aparecer produções, em prosa ou verso, de José Florêncio Júnior, Moacir Souto Maior, João Condé, Lício Neves, Manuel Maria de Araújo, Malaquias Abrantes dos Santos, etc., sendo ilustrador Petrônio dos Santos.

Outras seções atraentes: "A Mulher e o Lar", a cargo de Anamaria (pseudônimo de Silvéria Barbosa), e "Página Íntima",

de Zélia Pascal, como se ocultava Antonio Miranda, que assinava diferentes produções com o próprio nome. Voltou a 1º de maio de 1949 a página do P.S.D., sob a responsabilidade do Diretório Municipal, sem alterar-se o programa inicial da folha, sempre variada de matéria geral, primando pelo noticiário e reportagens de interesse local. Tinha relevo, como crítica literária, a seção "Ecos comingueiros", de Dãoxicote, ora Miranda, ora Azael.

Atingindo janeiro de 1950, a empresa adotou assinatura exclusivamente anual, à razão de Cr\$ 40,00, acrescidos de Cr\$ 10,00 no caso de expedição para fora da cidade.

A 3 de dezembro, sem haver solução de continuidade no tocante ao cargo de diretor, passou Luiz Gonzaga de Oliveira a figurar como gerente-arrendatário, e a 14 de janeiro de 1951 era Petrônio dos Santos admitido na função de redator-secretário, depois substituído por Nelson Barbalho (de Siqueira Cavalcanti), que também a exerceu por tempo limitado, enquanto Anastácio Rodrigues dirigia a página literária, denominada "Província".

A 1º de maio de 1952, edição de aniversário, com 14 páginas, vangloriava-se a redação, no editorial comemorativo, de haver completado "vinte anos de publicidade sem uma só interrupção". Veiculava nova série de Indeitoriais do Partido Social Democrático.

Não faltavam, nos últimos anos, como jamais faltaram, trabalhos de colaboração, a ressaltar os nomes de Luiz Pessoa da Silva, o veterano Henrique de Figueiredo, Odilo de Andrade, Josafá Nascimento, Nelson Barbalho, o da "Mesa de café", também aparecido como os pseudônimos Cavalcanti do Norte e F. Mirandolino; Jeová Ferreira França; José Lucena, que começou redigindo a crônica semanal "Capital do Agreste"; ainda Firmino Filho; mais Ernani Fernandes da Silva e João

Mesquita Valença; às vezes, Aloísio Falcão; Edvaldo Barros, Valdemar Porto e Sandino de Melo Ribeiro, os dois últimos dedicados à página dos desportos. Permaneciam o regime de seis a oito páginas.

A partir de 7 de setembro de 1952 ostentava o periódico diferente roupagem, impresso em papel verde, numa "nova feição e com novos elementos integrando o seu corpo redacional", mas disposto a manter invariável a "tradicional independência" que o caracterizava, inserindo, semanalmente, "artigos, comentários, reportagens e farto noticiário local e regional".

Transferira-se, na referida data, por arrendamento, à firma Pontes & Oliveira, que organizou a "Empresa Vanguarda Limitada", assim constituída: presidente - Gercino Malagueta de Pontes; vice-presidente - Manuel Nunes Filho; secretário - Horácio Florêncio; Tesoureiro - Sizenando Guilherme de Azevedo; conselho fiscal - Irineu de Pontes Vieira, Abalberto Tabosa de Almeida e Jorge de Albuquerque. Assumiu a direção do jornal José de Pontes Vieira, sendo redator José Lucena e gerente João Ferreira de Oliveira.

No ano subsequente - 1953 - edição de 22 de fevereiro, constava, novamente, o nome de Petrônio dos Santos, na qualidade de redator-secretário, logo mais afastado Lucena ao posto de redator-chefe. Subiu, na ocasião, o custo da anualidade para Cr\$ 50,00 (Cr\$ 60 se para fora da cidade). Apareceu um Suplemento em tablóide de quatro páginas e boa aparência, não passando do terceiro número. Tornaram-se mais comuns as edições de oito páginas.

Títulos mantidos na nova fase: "Seção trabalhista", a cargo de João Ferreira de Oliveira; "Política e Políticos"; "Opiniões"; "Notícias locais"; "Tela & Som", por E. Rocha; "Caruaru

Social" e "Vanguarda Esportiva", sob a direção de Cordovil Dantas, com a cooperação de Galo (pseudônimo de Genésio de Oliveira Rosas), o da crônica "Na estôpa". José Lucena, que redigia "A cidade em foco", mudou para "Duas palavras". Divulgava os atos oficiais da Prefeitura. Outra vez presente, a partir de março, a página ineditorial do P.S.D., dedicada à propaganda de candidatos a funções eletivas.

Nada obstante o padrão de independência preconizado, a folha dera pleno apoio à administração municipal, exercida pelo pessedista Abel Meneses, defendendo-o de ataques da Coligação Caruaruense, feitos através da Câmara de Vereadores, e investia contra críticas do apolítico Jornal do Agreste.

Ocorreu, a 1º de maio, uma edição de 20 páginas, em dois cadernos, solenizando o 21º aniversário do jornal, cujo editorial alusivo, intitulado "Diretrizes", acentuou: "Vanguarda, sob a nova orientação, continuará a ser um jornal a serviço do povo. Noticiando com fidelidade e abordando os problemas do povo e os acontecimentos que, em nosso município, se processarem, com elevação e superioridade de vista". E concluiu: "O nosso lema é um só: Justiça Social".

Em comentários à parte, a redação prestou homenagem, ilustrada com clichê, à personalidade do ex-diretor e fundador do semanário, José Carlos Florêncio, focalizando sua atuação pertinaz de vinte anos de jornalismo eficiente.

Correu o tempo e, no mês de novembro o gerente da empresa foi substituído por Vandragésio Neves, o qual, por sua vez, entregou o cargo, em março de 1954, a José Lucena, que o acumulou com o de redator-chefe.

Cultuando a memória de Agamenon Magalhães, Vanguarda, em sua nova fase, transcrevia, semanalmente,

artigos de longa série que o extinto governador de Pernambuco divulgara, até agosto de 1952, na Folha da Manhã, do Recife.

A 1º de maio de 1954, ao ensejo da edição de aniversário - 16 páginas - voltou José Carlos Florêncio ao comentário "Todo número", título que adotara 22 anos antes, quando fundou o jornal. Estava ausente das lides jornalísticas "por uma medida compulsória" que se impusera a si mesmo. Congratulou-se com "os que já passaram por Vanguarda" e com a sua nova equipe. Embora não estivesse mais à frente da direção, o já velho órgão continuava vivendo no seu afeto.

Surgiram, ainda, diferentes colaboradores, a saber: Luiz Queiroga, Vandragésilo Neves, Josefa e Marijó de Farias, Celso Rodrigues, com a "Ronda dos sete dias"; Al Neto, do Rio de Janeiro, que escrevia "Nos bastidores do mundo"; Nemo (outro pseudônimo de Geminiano Maciel Campos), autor da nota filológica "A linguagem"; padre José Augusto, Carlos Doria (pseudônimo de Antonio Gonçalves Dias) e outros, reaparecendo Firmino Filho e Henrique de Figueiredo, o qual, por fim, assinando-se H.F., redigia a crônica intitulada "Dominicais". E José Lucena, autor de notas diversas e reportagens sensacionais, adotava a seção "Cosmorama".

Circulando sucessivamente, sem nenhuma interrupção, mas trabalhado com esforço e pugnacidade, atingiu Vanguarda o fim de 1954, saindo com 16 páginas o nº 1138, ano XXIII, datado de 25 de dezembro, dedicado ao Natal⁽²⁾ (Biblioteca Pública do Estado).

A DEFESA - Órgão do Cículo Católico - O nº 1, ano I, circulou no dia 5 de junho de 1932, em formato de 38 x 27, com

⁽²⁾ Prosseguiu em 1955 e ainda circula no momento em que se publica esta bibliografia.

quatro páginas de cinco colunas. Sob o título, a divisa: "Pro aris et focus" e as palavras de PIO IX: "A grande arma da Igreja, hoje em dia, é o jornalismo católico". Publicação bimensal, com aprovação eclesiástica, imprimia-se na Tipografia Martins, de Edison Limeira Rosal, à rua Vigário Freire, 174, funcionando a redação no Círculo Católico, à avenida Rio Branco. Direção do padre Júlio Cabral de Medeiros; redatores - padre Adalberto Damasceno, José Florêncio Filho, Luiz Pessoa da Silva e João Elísio Florêncio; gerente - Manuel Tabosa Filho. Assinatura anual - 5\$000.

Lia-se no artigo de apresentação: "...esta folha se propõe defender tanto as verdades da fé, como os princípios morais, hoje, mais do que sempre, combatidos por pessoas indignamente apaixonadas. A Defesa, portanto, não tem outro intuito que não seja pugnar pela verdadeira moral contra a heresia e outros erros sob qualquer forma aparecidos ou a aparecerem".

O número de estréia inseriu artigos dos padres Damasceno e Bernardino de Carvalho, de M.C. Pereira e José Florêncio, além do noticiário geral. Uma das páginas, a terceira, veio repleta de anúncios.

Seguiu-se a publicação regularmente, para dar sua primeira edição especial, de seis páginas, a 4 de outubro, celebrando o 14º aniversário do Círculo Católico, com clichê da respectiva diretoria.

Já a partir do nº 2, vinha A Defesa publicando, em rodapé, a obra de D. João Becker "O comunismo russo e a civilização cristã". O corpo de colaboradores foi acrescido de Peixoto Sobrinho. Adélcio (pseudônimo de Adelmo Tiné), Silva Filho, Eclésia, Nivaldo, com as "Carapuças", e outros. Mudou de tipografia, passando a ser impresso, desde o nº 11, nas oficinas

de Vanguarda. E outra edição de seis páginas, em tinta azul, encerrou o ano, a 15 de dezembro.

Sem interromper a numeração, publicou-se o nº 15 a 6 de janeiro de 1933, primeiro do ano. Alguns meses mais, solenizava-se o primeiro aniversário do "porta-voz incansável dos postulados da religião e da grandeza de Caruaru". Manchete, editorial e clichês dos responsáveis abriram a edição de seis páginas, em tinta violeta, datada de 5 de junho. A salientar, entre os colaboradores, os nomes de Luiz Delgado, Cacilda Santos e J. Pernambucano.

Na oportunidade, José Florêncio Filho, ascendeu à função de diretor, passando o padre Júlio Cabral a Assistente Eclesiástico. Entrou mais um redator: José Rodrigues Campos; e o gerente foi substituído por Luiz José de Carvalho, que depois transferiu o cargo a Edgar Bezerra dos Santos. No nº 27 começava a colaboração de Álvaro Lins, enquanto o bispo de Uberaba, D. Frei Luiz Maria de Santana, escrevia sobre "O Espiritismo", além de Jota Eme Tê, Cristino e o poeta Tifeu (pseudônimo de Tancredo de Sousa).

A partir do nº 49, de 5 de junho de 1934, edição do segundo aniversário, estabeleceu-se o trabalho gráfico do jornal na Tipografia São José, situada à rua Vigário Freire, 9, aí também ficando a redação. Aumentou o preço da assinatura anual para 8\$000 (semestre 4\$000), passando a circulação a fazer-se semanalmente, com uma tiragem de 500 exemplares.

No ano seguinte, ou seja, a 10 de fevereiro de 1935, ficou o corpo redacional desfalcado dos nomes de José Rodrigues Campos e padre Adalberto Damasceno. Enquanto isto, apareciam produções assinadas por Godofredo de Medeiros, Tabosa de Almeida, cônego Melo Lula, padre José P. de

Assunção, Hugo Bittencourt, Maria Cacilda Santos, Stela Rios, Maria das Graças Santos, etc.

Com o nº 100, de 5 de junho, então filiado à Associação Jornalística Católica, comemorou o semanário a passagem do terceiro ano de sua fundação, adotando o formato de 46 x 30, a cinco colunas normais de composição. A par da parte noticiosa, da parte doutrinária e dos atos oficiais da Prefeitura, publicidade recentemente conseguida, cresceu também a messe de reclames comerciais. E entre os colaboradores, que se revejavam e se sucediam, surgiu o poeta Carlos Neto (pseudônimo do Bispo Augusto Álvaro da Silva, depois arcebispo da Bahia e, finalmente, cardeal).

Continuou a jornada d'A Defesa pelos anos afora, proporcionando edições de seis páginas nas suas datas íntimas, sempre bem redigido e bem acolhido.

Ausentando-se de Caruaru, José Florêncio Filho foi substituído na direção, a partir de 25 de dezembro de 1937, pelo padre Públio Calado, mas este, por motivo idêntico, transferiu o cargo, um mês depois, ao médico Mário Fonseca.

A primeira edição de 10 páginas ocorreu a 5 de junho de 1938, ao ensejo da passagem do sexto aniversário do periódico, quando, aliás, conforme o editorial comemorativo, atravassava uma de suas fases mais críticas, uma vez que perdera o auxílio da Prefeitura Municipal, "bastante compensador". Pedia, então, o auxílio dos católicos - 300 assinantes, apenas, numa cidade de quase 30.000 habitantes, e poucos anúncios! - a fim de que a folha católica não viesse a desaparecer.

Por sua vez, José Florêncio Filho dada, em artigo mandado de Garanhuns, um brado de alerta no mesmo sentido,

sugerindo redobrado esforço dos membros da Ação Católica, para que o periódico se mantivesse de pé.

Como primeira medida para enfrentar a crise, as assinaturas, anual e semestral, passaram a custar, respectivamente, 10\$000 e 6\$000, mediante pagamento adiantado.

Em abril de 1939, assumiu a direção o antigo colaborador padre Hermínio Áureo de Queiroz⁽¹⁾ e, com o afastamento, também, de João Elísio Florêncio, entraram como redatores José Lucena de Mendonça e Valdir de Carvalho, só permanecendo, o último, até 6 de agosto. Sob a nova direção, o já também filiado à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco mudou a feição da primeira página, nela figurando quadros de uma coluna, em cada lado, com as seções "Nota Semanal" e "Palavra de Deus", esta de excertos dominicais do Evangelho. Na quarta página localizaram-se a "Vida da Cidade" e os "Asteriscos" de J. Lucena, em notas ligeiras.

Depois de uma edição de aniversário de 12 páginas em 1939, a de 1940 elevou essa quantidade para 16, com a página de frente em duas cores e as demais em azul. Boa matéria de colaboração e regular publicidade comercial.

Por algum tempo, constou do cabeçalho o nome de Luiz Bezerra Torres, na qualidade de redator, ao lado de José Lucena; mas de lá desapareceram, ambos, ao iniciar-se o mês de aniversário do jornal. E entrou Eliezer Figueiroa, um dos colaboradores, como redator-chefe (só durou seis meses no cargo), ao passo que, no mês seguinte, verificada a ausência do padre Hermínio, voltava ao posto primitivo diretor, cónego Júlio

(1) O padre Hermínio e outro diretor eventual d'A Defesa, o padre Público Calado, renunciaram o sacerdócio, anos depois.

Cabral. As oficinas e a redação tiveram novas instalações no nº 24 da mesma rua.

Outra boa edição de 16 páginas ocorreu a 8 de junho de 1941, no décimo aniversário do periódico, que fazia a Campanha da Boa Imprensa. Na ocasião, foi o diretor substituído pelo padre Caetano Rangel Monteiro e, na edição seguinte, o lugar de redator-chefe era preenchido por João Elísio Florêncio, o qual, após ligeira ascensão, também, do padre Clímaco J. Anunciação, passou ao cargo de diretor. E, a 5 de junho de 192 - edição de aniversário, 10 páginas - chegava a vez de o gerente ser substituído. Tomou-lhe o lugar João Luiz Torres.

Iniciado ao ano de 1943, aumentou o preço das assinaturas anual e trimestral (já adotado o Cruzeiro): Cr\$ 12,00 e Cr\$ 7,00, respectivamente. No ano seguinte, novo aumento: Cr\$ 15,00 e Cr\$ 8,00; em 1945: Cr\$ 20,00 e Cr\$ 10,00. Vendia-se o exemplar avulso a Cr\$ 0,30, depois, a Cr\$ 0,40. Sob o cabeçalho da quarta página lia-se: "Com registro no Cartório de Títulos e Documentos e no Departamento de Imprensa e Propaganda".

Ao atingir o nº 594, a 18 de fevereiro de 1945, ano XIII, ocorreu o primeiro caso de interrupção d'A Defesa. É que se transferira para o Recife a tipografia onde era impressa.

Decorrido pouco mais de um mês, reapareceu o periódico, no dia 25 de março, com a declaração de haver instalado oficinas e redação à rua 15 de Novembro, 43 a 47. Entretanto, foi impresso na tipografia do Diário da Manhã, no Recife, assim continuando até o fim da primeira fase. A gerência transferira-se a Manuel Sabino da Silva. No cabeçalho: "Semanário Católico". Novas seções: "Literatura", iniciada por Antonio Miranda; e "Desportos", a cargo de Luiz Torres, autor do comentário "Pinoteando...".

Sem mais alterações essenciais, a circulação dominical d'A Defesa atingiu on° 625 a 25 de novembro de 1945, ficando suspensa.

Além dos nomes antes mencionados, foram seus colaboradores eventuais: Delmiro Mota, Albêce Teves, José Wamberto, padre Ascânio Brandão, I. Apinagé (pseudônimo de José Florêncio de Sousa Leão), padre Manuel de Andrade Lima, Afrânio de Assunção Barros, Paulo Cintra, Firmino Filho, padre Leopoldo Pires, Eduardo Higino da Silva, Gercino Pereira Tabosa, Odílio Andrade, padre Humberto Rohdem, padre João Monteiro Tabosa, J. Sertanejo, Lili (Maria das Dores) Salvador, Rogaciano Leite, cônego Alfredo Xavier Pedrosa, Cleómenes de Oliveira, Valdeci Fonseca, padre Arlindo Vieira, padre Pedro Solano e outros, a ressaltar a atuação do padre Damasceno, mesmo ausente da paróquia, com sucessivos artigos doutrinários.

Quase cinco anos depois, reapareceu A Defesa, em segunda fase, lendo-se sob o título: "Jornal de orientação católica". o n° 1, ano XIX, circulou no dia 15 de agosto de 1950, obedecendo a novo formato: 53 x 35, com seis páginas a sete colunas de composição. Direção de José Lucena e propriedade da "Boa Imprensa de Caruaru S/A", instaladas a redação e oficinas na rua Vigário Freire, 248. Publicidade a cargo da Agência Agreste. Assinatura anual - Cr\$ 40,00 acrescidos de Cr\$ 10,00 para os subscritores do interior do Estado. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Seguiu-se a publicação com regularidade, inserindo matéria variada. "Fatos e Idéias" e "Palavra de Deus" constituíam seções principais, em coluna dupla, circulada, de cada lado da primeira página. Ao centro, as "Notas e Notícias", composição em três colunas, terminando com clichê de acontecimento internacional. Nas páginas seguintes, as seções:

"Para viver a missa"; "Coluna Jecista"; "Uma transcrição por semana"; "Informador"; "Microfone", a cargo de Giuseppe Mastroianni; "Conselhos agrícolas", por Osvaldo Martins F. de Sousa; "A Cidade em foco", comentário de José Lucena; "Vida Social"; concurso "Rainha do Comércio de 1950"; "Passatempos Agrestes", e "Vida Esportiva", página dirigida por Luiz Torres, afora artigos de colaboração, noticiário destacado e anúncios.

A partir do nº 15, o periódico, sempre com seis páginas e ilustrado de fotografuras, imprimiu-se em papel assetinado de primeira. Viera mais: "Nos bastidores do mundo", por Al Neto, e "Vida Literária", sob a direção de Antonio Miranda.

A Defesa voltou ao formato anterior ao atingir o nº 35, de 15 de abril de 1951, a seis colunas de composição e oito páginas. Pouco tempo mais, precisamente a 27 de maio, via-se ocupando o lugar de diretor, ao mesmo tempo que a gerência, Cleómenes José de Oliveira, aparecendo Luiz Torres, mas só até novembro, feito diretor de publicidade. De acordo com o quadro do Expediente, o jornal, além de Caruaru, circulava, normalmente, nas cidades e vilas circunvizinhas. Instituiu, também, o regime de assinatura semestral, à razão de Cr\$ 25,00 e Cr\$ 30,00, respectivamente, para dentro e fora da cidade. Por estranho que pareça, a numeração sem mais nem menos, transferiu-se, de uma edição para outra, do nº 41 para o nº 600, seguindo por aí afora.

Veio a predominar, na primeira página, "O que vai pela Cidade...". Apareceu, ainda, uma "Seção Trabalhista", ao passo que a "Vida Social" era precedida, geralmete, de um soneto, ora de C.B. Lira, ora de Augusto Tabosa, ora de outros bardos. Terminou o ano com edição de 16 páginas, a 25 de dezembro, dedicada ao Natal, iniciando-a uma "mensagem de paz aos homens de boa vontade".

Prosseguiu e 1952 - nº 628, 6 de janeiro - quando passou a circular aos sábados. Depois, a 10 de maio, ao lado do diretor-gerente, assumiu a direção intelectual o padre José de Sales Tiné. Assim ultrapassou o ano, entrando 1953 no mesmo ritmo de órgão religioso e doutrinário, noticioso e literário.

Desde o início da segunda fase, contou com a colaboração geral de José Florêncio Leão, padre Adalberto Damasceno, cônego Xavier Pedrosa, Ludus Dei (pseudônimo do médico Mário Ribeiro da Fonseca), Firmino Filho, padre Tiné, padre Zacarias Tavares, José Paes de Andrade, padre Isnaldo Fonseca, padre Carlos Lira Torres, dr. Pires Rabelo, cônego Júlio Cabral, professor Luiz Pessoa da Silva, Mister X (travesti de Salvador Rhemides), Jarbas Maranhão, Luiz Coelho de Carvalho e outros.

Na "Vida Literária", depois com o sub-título "Página de Letras e Artes", liam-se produções de Nelson Barbalho, Jeová Ferreira França, E. Barros (como se assinava Edvaldo Amâncio da Silva), Aloísio Falcão, Aleixo Leite Filho, José Figueiroa, Antonio Miranda, Mário Limeira Alves, Walter Medeiros, Jorge Ramos, José Pelelé Neto, Luiz Queiroga, Francisco Assis Claudino, João Azevedo, Edlásio Neves, Oliveira Neto, Vandragésilo Neves; K. Jado (pseudônimo do padre Tiné) que escrevia "Caricatura" a partir de novembro de 1952; Félix e Felício, com "Pequenas Notas"; Luiz de Oliveira Neves, Luzinete Laporte, etc.

No segundo período de 1953, apareceu A Defesa com novo diretor - padre Lira Torres, sendo gerente Edgar Bezerra dos Santos; agente de publicidade - Livraria Estudantil. Outra tabela de assinaturas: ano - Cr\$ 50,00; semestre - Cr\$ 30,00; para fora da cidade: ano - Cr\$ 60,00. Número avulso - Cr\$ 1,00.

Manteve em 1954, o mesmo padrão de periódico bem feito, bem redigido, inserindo, inclusive, produções de Aderbal

Mendonça, d. Jerônimo de Sá Cavalcanti, padre Miguel Cavalcanti, Túlio (pe. Tiné), que apareceu com o "Comentário Rápido"; padre Antonio Loebmann, Carlos Dória (travesti de Antonio Gonçalves Dias), Rogaciano Leite e outros.

Ainda nos primeiros meses do ano, foi substituído, mais uma vez, o diretor do jornal, assumindo o cargo o padre Zacarias Lima Tavares, enquanto Álvaro Cordeiro Damasceno ocupava a gerência.

Nada obstante as sucessivas alterações verificadas na direção d'A Defesa, não se lhe modificou, jamais, o programa traçado, apenas suprimida a seção "Vida Literária".

Suas oito páginas mantiveram-se refertas de matéria variada. Não lhe faltou, igualmente, a necessária publicidade comercial.

Terminou 1954 - ano XXII - com o nº 739, edição de Natal, 12 páginas, de 25 de dezembro⁽²⁾ (Biblioteca Pública do Estado).

O REPÓRTER - Humorístico e Noticioso - Circulou pela primeira vez a 26 de dezembro de 1932, em homenagem à Festa da Conceição, editado pelo semanário Vanguarda. Formato modesto e matéria ligeira, bem servido de pequenos anúncios. Impressão a cores. Abriu concurso para a escolha da Rainha do Footing.

Publicou-se o nº 2 no dia 30, quando estampou o seguinte esclarecimento: "Encarregam-se da feitura desta folha os

(2) Prosseguiu a existência regular d'A Defesa em 1955, prolongando-se até 1956.

intelectuais Godofredo de Medeiros, José Carlos e Lourdes Alves".

Reapareceu em 1933, segundo o noticiário da Vanguarda, nas noites de 27, 29 e 31 de dezembro. Manteve o mesmo programa, acrescentando a colaboração de Cacilda Santos, Richard e Príncipe Gil, como se ocultava o redator Godofredo.

Decorridos vários anos de suspensão, voltou O Repórter, proporcionando as edições de 24 de dezembro de 1942 e 1º de janeiro de 1943. Novos redatores: M. Bezerra e R. Florêncio. Colaboração especial de Rogaciano Leite, a par de humorismo e a cobertura noticiosa dos festejos da padroeira de Caruaru. Vendeu-se o exemplar a Cr\$ 0,40.

Circulou, conforme Vanguarda, em dezembro de 1944.

Mais três números foram dados à luz: a 24 e 27 de dezembro de 1945 e 1º de janeiro de 1946⁽¹⁾, sob a responsabilidade de Bertino Silva e M. Bezerra. Entre as seções jocosas inseridas, salientavam-se as "Alfinetadas", "O Repórter por dentro e por fora" e "Elas". Seis páginas e boa messe de reclames comerciais (Col. Nelson Barbalho).

Consoante Vanguarda, ainda se publicou o pequeno jornal no dia 23 de abril de 1947, quando da inauguração da Matriz da Conceição, obedecendo à diretriz da Sociedade Atlética Estudantil.

COLUNAS - Órgão Semanal do Povo e pelo Povo - O nº 1, ano I, circulou no dia 1 de maio de 1933, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Ao contrário da

(1) Na Biblioteca Pública do Estado só existe um comprovante: a edição única de 1946.

praxe, o clichê do cabeçalho foi colocado em sentido vertical, na primeira coluna. Diretor - Gustavo Freitas; gerente - Albérico Campos; redator-secretário - Manuel Steple, funcionando a redação na rua Duque de Caxias, 113. Impressão da Tipografia Leite & Silva, à rua Vigário Freire, 4. Preço do exemplar - 0\$200.

Além de uma manchete de saudação ao povo, apresentou expressivo editorial, em que dizia: Partidarismo de nenhuma religião; nenhum partidarismo de política mesquinha, nenhum partidarismo de qualquer coisa encontrará guarida em nossas edições. Entretanto, falaremos bem alto, a bom som, contra alguém que pretenda por em descabro a ação livre das gentes".

Mais adiante, frisou, depois de condenar "a mentira, a calúnia, a infância, a perversidade, a paixão, o fetichismo: Somos colunas do povo para o povo. E porque somos dele, para ele somos. Ter-se-á de antemão explicado o nosso tema de programa".

Abriu-se, na terceira página, a seção "Todos os Esportes", destinada a incentivar, sobretudo, as atividades do futebol, então em declínio. Não durou.

Em face da proximidade de eleições, começou a redação por chamar a atenção dos eleitores para votarem livremente, condenando a atuação do Clero contra as consciências livres.

Passado o pleito político, Colunas continuou a publicar-se normalmente, defendendo temas como a sindicalização do operariado, a propagação do ensino e o progresso de Caruaru, ao passo que condenava o clericalismo e criticava atitudes do periódico Vanguarda.

A partir do nº 7, passou a sair mensalmente, quando cresceu o formato para 38 x 26, a cinco colunas de composição, elevando-se também quantidade de anúncios, que era limitada a uma página. Desapareceu do quadro do Expediente o nome do encarregado da gerência e o título Colunas passou para o lugar certo, no alto da página. Em vez do antigo endereço, apareceram dois para recepção de correspondência: rua Visconde de Inhaúma, 82 e praça Juvêncio Mariz, 128. Tabela de assinaturas: ano - 3\$000; semestre - 2\$000.

Jornal combativo, cuja matéria se constituia de artigos redacionais, além de noticiário, inseria para colaboração de Jamil, G. Peixoto Filho, G. Wanderley, F. Steple de Lima e Aurélio Limeira Tejo. Na parte literária: sonetos de Augusto Tabosa.

Ao transpor o ano, uma vez publicado o nº 14, de 7 de janeiro de 1934, cujo primeiro editorial se intitulava "Guerra ao Padre!..."(a campanha intensificara-se), o mensário encerrou sua atuação na imprensa.

O artigo "Despedimo-nos" deu as razões de tal resolução, que ocorrera por "motivos imprevistos", frisando: "Não foram as preces rezadas nas igrejas, pelos padres e pelas beatas, que promoveram a suspensão do nosso jornal".

O que fez caírem as Colunas foi "tão somente" o afastamento, da cidade, do redator-secretário... Esperava iniciar, oportunamente, uma segunda fase (Biblioteca Pública do Estado).

O IMPARCIAL - Órgão de Defesa dos Interesses Gerais - Começou a publicar-se no dia 21 de agosto de 1933, obedecendo ao formato de 33 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Redator-chefe - Luiz Falcão; gerente - F. Steple

de Lima. Redação na praça Juvêncio Mariz, 155 e impressão da Tipografia Leite & Silva, à rua Vigário Freire, 4. Assinaturas: ano - 8\$000; semestre - 4\$000. Número avulso - 200 réis.

Constou do "Bom dia" de apresentação o tópico a seguir: "O Imparcial atacará, com independência absoluta - justificável pela inacessibilidade de seus diretores às ofertas e cambalachos que se lhe venham a propor - todos os problemas que interessem ou firam os interesses da coletividade do Estado e maximé do Município. Pugnará pelas aspirações justas do povo. Será o porta-voz de suas reclamações".

Publicação semanal, às vezes quinzenal, com tiragem declarada de 1.000 exemplares, seguiu a meta traçada. A par de comentários, noticiário e alguns anúncios, inseria o "Livro das Efemérides", a cargo de Ana Karenine, precedendo as "Notas Sociais"; artigos do gerente, outros de L.F., Henrique Steple ou Peixoto Sobrinho, e "Letras Femininas".

A necessidade dum serviço normal de abastecimento de água constituiu primordial objetivo do periódico, inclusive através de manchetes. Divulgava atos oficiais da Prefeitura. A partir do nº 4, figurou no cabeçalho, apenas, o nome de F. Steple, na qualidade de diretor-proprietário.

Foi curta a existência d"O Imparcial, que se extinguiu com o nº 9, de 5 de novembro (Biblioteca Pública do Estado).

O CATEQUISTA - Órgão da Doutrina Cristã desta Paróquia - Surgiu no dia 15 de novembro de 1933, em formato de 31 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Direção do padre Adalberto Damasceno, sendo o trabalho gráfico das oficinas da Vanguarda.

Veio a lume, segundo o editorial de abertura, "para comemorar a primeira Semana do Catecismo", cujo programa era "combater a ignorância religiosa", despertando "as consciências adormecidas".

Divulgou matéria específica, através de comentários, noticiário e a colaboração de Stela Rios, Cacilda Santos e Nélia. No fim, "O Catequista Social".

O nº 2, "com autorização eclesiástica", publicou-se a 15 de setembro de 1934, impresso na Tipografia São José. Inseriu transcrições em prosa e verso; produções de Stela, Cacilda e acadêmico J. Pessoa Silva; "Pedacinhos", etc. (Biblioteca Pública do Estado).

ANO NOVO - Jornal dedicado à Festa de Ano Novo de 1934 - Número único, de 1 de janeiro, saiu em formato de 25 x 16, com quatro páginas de três colunas, sob a responsabilidade de Orlando Wanderley. Impresso na Tipografia de Leite & Silva, custava 0\$200 o exemplar.

"Surgimos hoje - lia-se na apresentação - para coadjuvar o nosso vitorioso confrade O Repórter na espinhosa tarefa de distrair o povo ledor da cidade".

Divulgou crônicas de Granadeiro e Briand, soneto de Calazans, carnês, "Coisas da festa", epigramas, "Cortando..." e noticiário chistoso (Biblioteca Pública do Estado).

ALFINETE - Crítico, Humorístico e Noticioso - Entrou em circulação no dia 11 de fevereiro de 1934, obedecendo ao formato de 26 x 19, com quatro páginas de três colunas. Diretor - Irapuan Murici; redator - Walmick Jereissati. "Jornal sério e falador", vendia-se o exemplar a 200 réis.

Apareceu, conforme o editorial de abertura, "para animar, cada vez mais, a maionese carnavalesca" do ano. "Sem preconceitos políticos ou religiosos", destinava-se a "viver alguns momentos de espiritualidade" no seio do povo caruaruense.

Sua matéria constou de seções ligeiras de troça e chiste e noticiário do Carnaval, incluindo clichês caricatos, talhados em madeira, como o do cabeçalho.

Após o nº 2 (do qual não existe comprovante), veio a publicar-se o 3º, "depois de uma prolongada ausência", a 27 de maio do mesmo ano, sob a direção de J. Sousa Filho, com melhor aparência, impresso na Tipografia São José, à rua Vigário Freire, 9, localizando-se a redação na rua Djalma Dutra, 135. Quinzenal, saiu o nº 4 no dia 10 de junho. Contou com a colaboração poética de Augusto Tabosa e manteve as seções "Alfinetando"; "Caras e Caretas"; "Crônica Feminina" e "Alfinete Social". Noticiário ligeiro e alguns anúncios (Bibliografia Pública do Estado).

O LIBERTÁRIO - Órgão do sub-núcleo caruaruense da Ação Anti-Fascista Pernambucana - Saiu a lume no dia 27 de maio de 1934, em formato de 32 x 22, com quatro páginas de quatro colunas. Trabalho gráfico das oficinas da Vanguarda e redação à rua Duque de Caxias, 49. Assinatura trimensal (queria dizer trimestral) - 2\$000. Preço do exemplar - 0\$200.

Apresentou-se, o semanário, "como simples soldados da liberdade e modestos sentinelas da Justiça". Mas, num pequeno quadro, ao centro da página, o redator Jeferson Silveira, sob o título "Uma caridade!", escreveu uma nota cheia de interjeições, declarando que a folha tinha surgido para "destruir" a grei dos "cegos e autômatos exponstâneos". E avançou: "Aceitamos colaborações de cérebros lúcidos e emancipadores. Execramos a

Literatura e, assim, o Sentimentalismo; abraçamos a Lógica e, assim, a Realidade!!!".

A edição só inseriu discurso, Estatutos e editoriais, tudo dentro do programa enunciado.

Assim continuou, no decurso da curta existência do periódico, o qual, afora os artigos e orações do redator, teve a colaboração de Derval Denizard, Justino Albuquerque, Antonio Eustáquio Vieira, F. Steple de Lima e A. Cavalcanti. Também alguns anúncios. Nenhum noticiário.

O Libertário, em seu nº 3, aumentou um pouco de formato, adotando páginas de cinco colunas de composição. Mas só conseguiu chegar ao nº 5, que circulou a 24 de junho, não deixando de, em cada edição, inserir, ao lado do cabeçalho, diferentes conselhos sobre a liberdade de imprensa (Biblioteca Pública do Estado).

GAZETA ACADÊMICA - Órgão do Centro Acadêmico de Comércio - Noticioso, Humorístico e Literário - Saiu a lume o nº 1, ano I, no dia 27 de maio de 1934, em formato de 36 x 26, com oito páginas a cinco colunas estreitas de composição. Impressão da Tipografia São José, com tiragem declarada de 10.000 exemplares.

"Oriunda de uma agremiação estudantina" - lia-se no editorial "Aparecendo" - a Gazeta "se propõe a cuidar dos interesses dos estudantes. Seja defendendo-lhes os direitos, seja proporcionando-lhes a ocasião de exercitarem a sua combatividade intelectual". Só tinha lugar para as boas idéias.

A par de noticiário especializado e algumas fotografuras, a edição inseriu produções assinadas por Tabosa de Almeida, Darci Porto, José Florêncio Leão, Maria das Graças, José

Pessoa, Godofredo de Medeiros, Conde de Drácula, José Salvador Sobrinho, Zéferrer, Carlos Daniel e outros; versos de Augusto Tabosa e Cacilda Santos; seções ligeiras e alguns anúncios.

Publicação ocasional, o nº 2 circulou no dia 7 de setembro, com seis páginas, contando com a colaboração de Gastão Wanderley, padre Adalberto Damasceno, Auxiliadora Teixeira, Lourdes Sousa, Dick e outros dentre os já mencionados.

O nº 3 só apareceu a 22 de setembro de 1935. Não avistado o nº 4, o nº 5 publicou-se a 2 de dezembro de 1936.

Dezoito anos decorridos sem notícias da Gazeta Acadêmica, eis encontrado comprovante de um certo nº 4, de 21 de maio de 1954, com oito páginas, mas em formato alguns centímetros menor, estampando o nome do então diretor: Francisco de Assis Claudino. Ainda órgão do Centro e porta-voz dos estudantes da Academia de Comércio de Caruaru, pretendia estabelecer circulação regular.

No artigo intitulado "Aos leitores", a respeito da volta da Gazeta à atividade, ao encetar-se o novo período de aulas escreveu a redação, depois de outras considerações em torno dos percalços do jornalismo estudantil:

"Não é no prejuízo material que encontramos a maior dificuldade, ou na indiferença com que somos recebidos, na pouca importância que nos dão. Tudo isso é próprio da 'aventura jornalística'. As nossas dificuldades partem de mais longe; desde as aulas que perdemos para cuidar numa coisa e noutra e as carreiras para um lado e para outro, a fim de tratar dos assuntos ligados ao nosso interesse. São as noites perdidas numa redação, ajudando nisso ou naquilo ou revisando apressado as páginas que vão para as máquinas. São dias

também perdidos, andando pelas ruas ou pelos colégios, oferecendo a um e a outro o 'pasquim' desinteressante. É a incompreensão dos próprios colegas. É a cara feia dos professores ao interrompermos uma aula para a apresentação do novo número da Gazeta. É o escárneo dos que se acham sabidos e superiores quando descobrem um erro, uma falha, uma 'barbaridade' que passou pela nossa ignorância ou por descuido. É tudo isto, afinal, que pesa em nossa consciência e que entretanto não nos desanima; ao contrário, convencemo-nos, cada vez mais, de que também isto é um heroísmo. Obscuro, mas verdadeiro".

O nº 5 saiu a 8 de junho e o nº 6 a 30 de agosto, contendo seis páginas cada um. Tiveram a colaboração de Carlos Dória (ou seja, Antonio Gonçalves Dias), Luiz Correia de Melo, Jorge Tabosa, Vital Tiné, Cláudio Aragão, Irineu Claudino, Francisco de Assis Claudino, Genival Suttanus e Zélia Pereira. Boa Matéria redacional (Biblioteca Pública do Estado).

O RADIUM - Órgão da Empresa das Águas de Carapatós - Circulou a 17 de agosto de 1934, em formato de 38 x 26, com quatro páginas a cinco colunas estreitas. Foi confeccionado na Tipografia São José, à rua Vigário Freire, 9, anunciando tiragem de 2.000 exemplares, para distribuição gratuita.

A par de artigo jurídico de Pedro Eustáquio Vieira e soneto de Augusto Tabosa, toda a matéria da edição única constou de literatura a respeito das águas radiotivas da estação termal, atestados de qualidade e duas crônicas de turismo alusivas, assinadas por Maria de Lourdes e Maria G. Santos (Biblioteca Pública do Estado).

FOLHA AVULSA - Boletim de ação católica, "começou a aparecer em 1934, sob a responsabilidade do Vigário" (Cf. "Letras Católicas em Pernambuco").

A REAÇÃO - Semanário Político e Noticioso - Órgão da Frente Única Pernambucana, apareceu no dia 6 de outubro de 1934, em formato de 38 x 26, com quatro páginas de quatro colunas. Impresso na tipografia da Vanguarda, tiragem declarada de 1.000 exemplares, vendia-se a 0\$200 réis cada exemplar.

Era seu objetivo, segundo o editorial "O nosso intuito", "reagir, na arena política, contra o embuste de um programa pseudo-revolucionário, contra um situacionismo que cedo torceu a sua trajetória...".

Sua matéria constituiu-se de manchete, artigos e notas em favor de João Cleofas de Oliveira e contra o governo de Carlos de Lima Cavalcanti. Uma única crônica assinada: de Zilo. Na quarta página, em três colunas, um clichê do líder oposicionista João Alberto.

Não há indícios da continuação (Biblioteca Pública do Estado).

O RÁDIO - Órgão Literário, Noticioso e Humorístico - Surgiu no dia 11 de novembro de 1934, em formato de 32 x 24, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretor - Eduardo B. Lima; gerente - J. Gomes de Sousa; propriedade - "de todos nós". Redação e oficinas (Tipografia São José) à rua Vigário Freire, 9. Preço do exemplar- 0\$200.

Tinha por objetivo, consoante a nota "Apresentando", prodigalizar "momentos de alegria, com sua leitura sã e divertida, porém sempre moldada nos verdadeiros princípios da moralidade".

Publicação mensal, sua matéria correspondeu ao programa traçado, incluindo colaboração especial de Augusto

Tabosa, José Ferrer e Silva, Atirador, Netuno, Dário Mefistófeles, etc. Alimentou, principalmente, a seção de trepações "De atalaia..." e exibia charges talhadas em madeira.

Começou sem anúncios, mas terminou com eles, uma vez que a vendagem avulsa não chegava para as despesas. Circulou nº 3 a 20 de janeiro de 1935. (Biblioteca Pública do Estado).

O nº 5, ano I, aparecido no dia 3 de março, teve o título substituído por

AKILO, em letras bem grandes, entremeadas por outras, bem menores, formando O Rádio. Abaixo, a indicação: "Membro Falador da Vida Alheia". Fez-se preceder das palavras Urso e Papangu, respectivamente, o nome do diretor e o do gerente, e à matéria geral foi acrescentada a seção "Vida Administrativa Carnavalesca" (Col. Eduardo R. de Sousa).

TUDO SABE - Anunciado, "o interessante jornalzinho", para entrar em ação no dia 9 de junho de 1935. Direção de Denizar Porto; secretário - João Sabino; gerente - João Barbosa (Inf. da Vanguarda).

O MOMENTO - Órgão oficial da Liga Cívica Caruaruense, surgiu a 3 de agosto de 1935, em formato de 48 x 30, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor - Abel Meneses. Impresso nas oficinas da Vanguarda, à rua 15 de Novembro, 111, a redação funcionaria no mesmo local.

"A sua circulação - lia-se no artigo "O nosso aparecimento" - é um imperativo da hora em que se cogita da reintegração plena do município no regime da lei. Ele tem uma missão especial de propaganda partidária; bater-se-á pela congregação das forças políticas de nossa terra em torno do nome de Celso Galvão, para prefeito municipal", cuja fotogravura, em três

colunas, ocupou todo o centro da primeira página. Completou-a um artigo de Limeira Tejo.

A edição dedicou-se, unicamente, à propaganda eleitoral, através de artigos, notas, manifestos, manchetes e alguns dardos atirados no Caruaru-Jornal. Não deixou de inserir alguns anúncios.

Teria ficado no primeiro número (Biblioteca Pública do Estado).

O BRAÇO VERDE - Órgão do Núcleo Integralista de Caruaru - Entrou em circulação no dia 4 de agosto de 1935, obedecendo ao formato de 38 x 26, com quatro páginas de cinco colunas. Trabalho material da Tipografia São José, instalou-se a redação na avenida Rio Branco, 145. Assinatura anual - 4\$000; número avulso - 0\$200. Circulação nos primeiros e terceiros domingos de cada mês. As letras do título, em clichê, formavam um braço com a mão estendida, mas impresso em tinta preta. À esquerda, o emblema do Sigma.

Seu programa - expresso em manchete - "está na intransigente defesa dos grandiosos princípios de Deus, Pátria e Família, nos quais nós, 'camisas verdes' desassombrados e impávidos, encontramos a força milagrosa que nos ajudará a reprimir, de forma homérica, as investidas secretas do comunismo aliancista".

Ocorreram mais duas edições, a última das quais datada de 7 de setembro.

Em sua curta existência, O Braço Verde, que em cada número ostentava cabeçalho diferente, divulgou produções assinadas por Edgar Monteiro, Roberto de Barros, Godofredo de Medeiros, Das-graças, ou seja, Maria das Graças Santos,

Enoib, Stela Rios, José Maria Cavalcanti, Lopes Gomes e Joana Ramos de Siqueira, que divulgou soneto de louvor à milícia integralista.

Não consta que houvesse continuado a publicação (Biblioteca Pública do Estado).

ROSEIRAL - Edição especial para a Festa das Rosas - Saiu a lume no dia 29 de setembro de 1935, em formato de 32 x 24, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Orientação de Godofredo de Medeiros e R. Danilo (pseudônimo de Arlindo Moreira Dias). Impressão, a tinta vermelha, da Tipografia São José.

Publicado para apoiar os festejos do Parque João Pessoa, em benefício das obras do Hospital São Sebastião, inseriu, a par de noticiário alusivo, produções em prosa e verso, de Evangelina Maia Cavalcanti, Breno, Marcelo, Gil (travesti de Godofredo) e outros (Biblioteca Pública do Estado).

AVELOZ - Semanário Ilustrado - Estreou sua circulação no dia 27 de outubro de 1935, em bom formato de 46 x 33, a seis colunas de composição e quatro páginas, impresso em bom papel, utilizando tinta de cor. Diretores: Godofredo de Medeiros e R. Danilo. Confeccionado na Tipografia São José, à rua Vigário Freire, 9, tinha redação instalada à rua 15 de Novembro, 100. A palavra do título sobrepunha-se a um desenho de paisagem da cidade.

Apareceu, segundo a nota de abertura, "com o intento firme de ser o jornal da família caruaruense", ressaltando: "Caruaru, chamada Cidade Menina, Cidade Princesa, Cidade Poema de Fé e Esperança, Cidade Jazz, ou, ainda, Cidade das Baraúnas é, antes de tudo, a Cidade dos Avelozes Esmeraldinos. Aveloz é, pois, um símbolo da terra caruaruense". Sem política,

"sem apaixonamentos", seria "uma tribuna de defesa dos ideais dos avelozes".

O periódico seguiu sua jornada, apresentando lisonjeiro aspecto, matéria bem distribuída (intercalada de reclames comerciais) e variada, incluindo crônicas leves, concisas e atraentes, assinadas por Cacilda Santos, Píndaro Barreto; R. Danilo (pseudônimo de Arlindo Moreira Dias); Mário Sette, João da Feira ("À hora da feira"); Janeclair, Marcelo, abrindo as "Sociais"; Mauro (Mota); Seve-Leite; Mister, abrindo a "Cinelândia", ou seja, Godofredo, o mesmo God da seção "Religião", e versos de Stenio de Sá, Luiz Alves, Téo Júnior, Esdras Farias, além do noticiário geral, em tópicos ligeiros. Ilustração a fotogravuras.

Teve curta duração o bem feito semanário que, lutando com "grande deficiência material", suspendeu sua circulação uma vez publicado o nº 15, datado de 2 de fevereiro de 1936. Voltaria quando fosse possível "adquirir oficinas próprias capazes de tornarem Aveloz feito com superiodade e beleza". Não voltou. (Biblioteca Pública do Estado).

AVANTE - Órgão do Centro Oscarlino Tavares, do Ginásio de Caruaru - Saiu a lume no dia 5 de janeiro de 1936, em formato de 47 x 30, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor - José Bione de Araújo. Trabalho gráfico das oficinas da Vanguarda.

Dizia-se, no editorial de abertura, "jornal dos meninos", representando "o esforço da nova geração. Da geração que se está formando à luz do Ginásio". Eram crianças que davam "os primeiros passos no jornalismo", esperando que Avante fosse bem acolhido para continuar a viver.

Divulgou crônicas de Tabosa de Almeida, J. Florêncio Leão, Heleno Torres, Zeni Vidal, Neemias Sena e Marliete Fiuza; sonetos de Augusto Tabosa e Luiz Gonzaga dos Santos; noticiário escolar, manchetes instrutivas e alguns anúncios.

Não há indício de ter prosseguido (Biblioteca Pública do Estado).

A MOCIDADE - Órgão Literário das Normalistas do Colégio do Sagrado Coração - Ora et labora - Publicou-se o nº 1 no dia 14 de junho de 1936, em formato de 37 x 27, com quatro páginas de cinco colunas estreitas, confeccionado na tipografia da Vanguarda.

Segundo o artigo de apresentação, a folha despertava após os intervalos "de quase três lustros de um sono medroso", esperando levar avante a publicação iniciada em 1922 (?). Para isto, solicitava o valioso apoio dos amigos.

Sua matéria constou de ligeiras produções de Cleonice Cursino, B. Gônia (pseudônimo do dr. Geminiano Campos), Maria das Graças Santos, a mesma Emegesse, que assinavam prosa e verso; Maria das Dores Salvador, Argentina Freitas, Lourdes Cavalcanti Borges, Iná Araújo e outras, além de noticiário social.

Ficou, provavelmente, na edição de estréia (Biblioteca Pública do Estado).

CABOCLA - Mensário ilustrado, com circulação em todo o país - Surgiu no dia 31 de dezembro de 1936, em formato de 27 x 19, com 32 páginas, a capa e parte do texto em papel couchê. Direção de Godofredo de Medeiros; redatores - Belisio Córdula, Luiz Alves e R. Danilo (pseudônimo de Arlindo Moreira Dias). Redação: rua 15 de Novembro, 100 e trabalho

material da Tipografia São José, situada à rua Vigário Freire, 9. Preço do exemplar - 1\$000.

Constou do expediente: "Não tem compromissos políticos nem religiosos. Programa: Divulgação regionalista. Interessada na aproximação de todos os municípios pernambucanos. As colaborações são sempre solicitadas". Do artigo de apresentação: "Mensário matuto, tem no seu título o próprio sentido do seu programa". "...tem a enaltecê-lo o sentido do mais puro idealismo. Pretendemos ser, na realidade, brasileiros acima de tudo, irmanando cidade e homens, para o necessário conhecimento do que somos, do que poderemos ser".

Revista bem feita, de feição gráfica interessante⁽¹⁾, apresentou colaboração escolhida, curiosidades e variado noticiário social, servido de amplo serviço fotográfico, de Caruaru e do Recife, ilustrações e o devido acompanhamento de anúncios.

Assim prosseguiu a publicação, exibindo capas desenhadas, a salientar os bicos-de-pena de Percy Lau, um dos artistas mais completos na sua especialidade. Além das produções da equipe redacional, inseria-as de Mário Sette, Jaime de Santiago, Elias de Araújo, Miss Elania (pseudônimo de Maria José de Holanda, de Vitória de Santo Antão), Pessoa Silva, José Augusto de Lima, Mário Souto Maior, Altamiro Cunha, da Cunha Alvarenga, Sebastião Maciel, Limeira Tejo, Henrique de Holanda, Lincoln Néri, Jaime d'Altavila, Peixoto Sobrinho, José Wamberto, Alfredo Pessoa de Lima, Tabosa de Almeida, etc.

⁽¹⁾ Caboçla mereceu expressiva receptividade da imprensa diária da capital. Salientou, a propósito, o Diário da Manhã: "...constitui-se, no gênero, uma das mais interessantes publicações atualmente em circulação no Estado". E o Jornal Pequeno: "...apresenta um magnífico aspecto material, rivalizando com qualquer outra, do seu tipo, editada nas grandes cidades do país".

Uma das seções do magazine intitulava-se "P.R.A. Cabocla", cujo noticiário radiofônico abria com as "Sugestões" do Príncipe. O dinâmico diretor Godofredo, cronista da página principal, foi, a partir do nº 3, nome único constante do expediente.

Cabocla circulou com regularidade, mas teve o destino melancólico das publicações congêneres: teria encerrado sua existência com o nº 6, de junho de 1937. Foi o mais volumoso, reunindo 32 páginas ⁽¹⁾ (Biblioteca Pública do Estado).

A ÉPOCA - Mensário "de propaganda da Ação Católica na paróquia de Caruaru. Começou a aparecer em julho de 1937" (Cf. "Letras Católicas em Pernambuco").

ÁLBUM-REVISTA DE CARUARU - Entrou em circulação no ano de 1937, em formato oblongo de 21 x 31, com 134 páginas de texto, a cores, tudo em papel couchê, mais a capa, caprichoso trabalho material da tipografia da Vanguarda. Organizadores - José Carlos Florêncio e Orlando Wanderley, que tiveram, segundo declarações próprias, o intuito de contribuir para a grandeza do município, tornando-o conhecido extra-muros.

Iniciativa, realmente, de esforço e inteligência, o Álbum estampou, logo no princípio, alentado esboço histórico de Caruaru, seguindo-se duas páginas dedicadas à imprensa local⁽²⁾

(1) Na sua edição de 22 de agosto de 1937, Vanguarda noticiou que a revista Cabocla voltaria a publicar-se no dia 25, com 32 páginas. Se realmente circulou, não resta comprovante em nenhuma das bibliotecas visitadas.

(2) Entre os jornais da relação divulgada pelo Álbum-Revista, figuram os seguintes, sem menção de datas, dos quais não conseguiu o pesquisador encontrar nenhum exemplar:

O Circulista

A Chupeta

Rubro-Negro (do Sport Club de Caruaru)

informações gerais, curiosidades, literatura, a imprescindível parte comercial e vasto serviço de clicherie, incluindo fotografias de elementos representativos da vida pública, social e intelectual, vistas da cidade e numerosas ilustrações.

Foram os seguintes os colaboradores, em prosa: Limeira Tejo, Elza Lira, Milton Viana, João Condé, Godofredo de Medeiros, Maria das Graças Santos, Dorinha Monteiro, Tabosa de Almeida, Oscar Borges e Jandira Sousa; em versos: Augusto M. Tabosa, Pedro Eustáquio Vieira, Cacilda Santos e Joaquim de Melo, este último autor de versos populares. Mas duas páginas de poesia matuta encerraram a edição (Col. Josafá Rosas).

A VOZ DO ARTISTA - Órgão da União Beneficente dos Artistas e Profissionais de Caruaru - Número único, foi publicado no dia 3 de outubro de 1937, obedecendo ao formato de 31 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Impressão da tipografia da Vanguarda.

Apareceu com o objetivo de assinalar a data da inauguração da nova sede social da União e a posse da diretoria eleita. A par da matéria específica, incluindo clichês dos diretores e do prédio recém-construído, divulgou produções literárias de Augusto M. Tabosa, J.R. e Maria das Graças Santos (Col. Nelson Barbalho).

A RAZÃO - Órgão Literário, Noticioso e Instrutivo - Apareceu no dia 7 de novembro de 1937, com seis páginas, em formato de 39 x 27, a cinco colunas de composição. Direção e propriedade de Neemias Félix de Sena, Valdir Carvalho e José Gonçalves de Medeiros, sob a chefia do primeiro, todos eles estudantes. Publicação semanal, assinava-se a 0\$800 mensais, custando o número avulso 0\$200. A redação funcionou na rua

Vigário Freire, 62, local também da Tipografia Moderna, onde se imprimia.

Lia-se, em manchete: "Caruaruenses! O aparecimento deste jornal não tem outra finalidade senão o engrandecimento cultural de vossa terra. Ele está ao vosso lado para propugnar pelos interesses de Caruaru". O editorial - "Apresentando..." - fez o elogio da Cidade, chamando-a, principalmente, "pérola de Pernambuco".

O número de estréia inseriu colaboração de José L. Mendonça, Maria das Graças Santos e José Quintino, havendo uma "Página Feminina", dirigida por Zeni Vidal e Evani Mendonça.

Seguiu-se a publicação regularmente, contendo boa matéria, constituída de editoriais, reportagens, noticiário e concurso para a escolha da "rainha do Verão". Alguns anúncios. Circulou até o nº 9, que saiu com oito páginas, a 9 de janeiro de 1938, quando ficou suspenso.

Reapareceu - nº 10 - datado de 10 de julho de 1938, apresentando formato bem maior, páginas a seis colunas de composição, e figurou como proprietário Josafá Rosas, que o era também da tipografia. Permaneceu o quadro de diretores, apenas substituído Valdir por Arnaldo Assunção, constando do cabeçalho achar-se filiado à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco. Dizia o artigo-manchete:

"O reaparecimento d'A Razão vem dizer melhor, ao povo caruaruense, do quanto a mocidade estudiosa desta terra se esforça para entregar à cidade serrana o cetro da grandeza intelectual, a mais perfeita aspiração de três jovens na Literatura, de três jovens no Saber".

Circulando aos domingos, com tiragem declarada de 1.000 exemplares, suas quatro páginas incluíam seções ligeiras, tais como "Vida da Cidade", "Coluna Odontológica", "Cinelândia", "Sociedade", "Desportos", "Cotação de gêneros", "Indicador" e "Pervis", achando-se a "Miscelânea Feminina" sob a direção de Maria das Graças Santos. Colaboração principal do poeta Tabosa de Almeida.

Na edição de 27 de novembro, A Razão apareceu com o corpo redacional reduzido a dois nomes: José G. de Medeiros e Josafá Rosas. Aquele transferiu-se, no mês seguinte, para o Rio de Janeiro, onde tomou a qualidade de redator-correspondente. A certa altura, o bem feito periódico passou a sair com seis páginas; mas suprimiu a "Miscelânea", ao passo que entrou a divulgar colaboração especial de Mário Sette, Tomaz Preto, Alfredo Pessoa de Lima, Arnaldo Maciel, Evandro Vasconcelos, Ângelo Cibela, José Wamberto, Silva Filho, Gercino Pereira Tabosa, Valdemar das Chagas, Gildo Leite, etc.

Após a edição de 25 de dezembro, A Razão prosseguiu em 1939, já com o nº 35, que circulou a 1º de janeiro, em homenagem à Festa do Comércio, acrescido de um Suplemento humorístico, de duas páginas, intitulado O Mata Mosquito. Alterara para 1\$000 o preço da assinatura mensal, estabelecendo anualidade de 12\$000 para fora do município e subiu para 0\$300 o preço do exemplar.

Além da boa colaboração mantida, a folha constituiu-se excelente repositório de notícias dos diferentes setores da vida caruaruense, ilustradas com fotogravuras e desenhados os títulos da matéria fixa. Vinha sendo impressa em papel acetinado especial.

Atingido, porém, o nº 58, de 11 de junho de 1939, despediu-se dos leitores. Ficava suspensa a publicação por "motivos superiores e inopinados".

Entretanto, cinco meses após, reapareceu - nº 59, ano III - no dia 7 de novembro, numa edição de 12 páginas, sem outras alterações essenciais.

Retornava, "de maneira brilhante", aos "meios jornalísticos da cidade dos avelozes esmeraldinos", iniciando "nova fase de perspectivas". Além desse intróito de entrevista com intelectuais de Caruaru, ilustrada a fotografuras, registrou, em vibrante artigo-manchete (tipo corpo 14), a volta triunfal d'A Razão.

Excelente, a edição, muito bem colaborada, com feição gráfica das melhores. Mas terminou mesmo no nº 59, a segunda e última fase do jornal de Josafá Rosas (Biblioteca Pública do Estado).

BOLETIM SEMANAL - Órgão de orientação protestante, foi mencionado o seu aparecimento pelo semanário A Defesa, a 30 de janeiro de 1938. Dirigia-o o pastor Júlio Leitão. Suspenso pela Polícia, após a edição de 28 de maio, voltou a publicar-se em 1939, ao que registrou, a 23 de abril, o referido periódico católico.

O PASSO - Órgão Crítico, Humorístico e Carnavalesco - Filiado à Federação Carnavalesca de Caruaru, saiu a lume no dia 12 de fevereiro de 1938, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Impressão da Tipografia Moderna, à rua Vigário Freire, 62.

O artigo "Prevenindo a turma" assinado pelo Rei do Passo, convocou a "tropa da folia" para pugnar pelos interesses do Carnaval. Boa sugestão foi o clichê simbólico do título,

desenhado por B.C. Repleta de manchetes e rodapés, a edição inseriu bastante matéria carnavalesca, em prosa e verso, entremeada de caricaturas. Colaboração especial de José Ferrer e dr. Katuca.

Outras edições, no mesmo estilo, foram divulgadas nos dias 20 e 27 de fevereiro e 1º de março, este último já terça-feira de Carnaval (Col. Josafá Rosas e Nelson Barbalho).

BOLETIM DA A.C. - Semanário destinado "à instrução das diversas seções da Ação Católica de Caruaru". Fundado em 1938, era dirigido pelo padre Hermínio de Queiroz (Cf. "Letras Católicas em Pernambuco").

FOLHA ACADÊMICA - Órgão do Diretório Acadêmico da Escola de Odontologia e Farmácia de Caruaru - O nº 1 circulou a 11 de agosto de 1938, com quatro páginas, no formato de Vanguarda, em cuja tipografia foi confeccionado. Redatores científicos - drs. Silva Filho e Silva Neto; redatores acadêmicos - José Rogoberto de Barros e Oldacino Vasconcelos.

Figuraram, na primeira página, três clichês: dos drs. Silva Filho, Mário Ribeiro da Fonseca e Luiz Pessoa, diretores da Escola (Notas fornecidas por Nelson Barbalho).

A MURIÇOCA - Jornal Crítico e Humorístico - De circulação restrita ao período da tradicional Festa do Comércio, compreendida do Natal à entrada do Ano Novo, saiu o primeiro número a 24 de dezembro de 1938, em formato de 31 x 22, com quatro páginas de quatro colunas. Direção de Plínio de Souza, Arnaldo Assunção e Irineu de Pontes Vieira. Confeção material da Tipografia Moderna.

Do seu programa constava: "nem intensões nem pretensões; redação: ambulante; ninguém ficaria livre dos ataques do inseto".

Divulgou matéria variada, de crítica e sátira, a salientar as seções "Coisas que incomodam", "Telegramas" e "Ao correr do martelo". Também alguns anúncios.

O nº 2 circulou no dia 28, e o 3º a 31, quando escreveu o articulista que A Muriçoca chegara "sem atropelos ao fim da sua jornada festiva". Concluiu com uma despedida aos leitores: "até para o ano" (Col. Nelson Barbalho).

O GINASIAL - Órgão dos Centros Literários Oscarlino Tavares e Heroínas de Casa Forte, do Ginásio de Caruaru - Surgiu a 21 de maio de 1939, em formato de 30 x 23, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretor - José Lucena de Mendonça; secretário - Raul Dantas, funcionando a redação no próprio educandário. Confecção material da Tipografia São José.

Lia-se na "Primeira palavra", abrindo o texto: "Jornal menino. De estudantes. Rebentos dos lares caruaruenses. Esperanças do Brasil". Mais adiante: "O Ginasial é a vitrina onde se expõe o trabalho do padeiro menino, executado sob a vista carinhosa e amiga dos mestres". Ainda: "...é a tela onde se exhibe, na florescência da sua idade, a alma sonhadora e inquieta do estudante caruaruense".

A edição deu cobertura noticiosa à visita do Interventor Agamenon Magalhães à cidade. Outras informações ocuparam uma página, além de manchetes, o Hino do Ginásio de Caruaru e colaboração literária.

Publicada semanalmente, apresentava, nas edições subseqüentes, interessante sumário, constante de editorial sobre temas culturais, artigo do diretor, poesias, crônicas de professores, alunos e ex-alunos; noticiário específico e registro social. A colaboração assinada distribuía-se entre I. Apinagé (pseudônimo do professor José Florêncio Leão), Geninha Barreto, Joel Pontes, Luiz Bezerra Torres, Benedito Pretinho, Ana Torres, Corina Silva, Renê Leite, Arnaldo Barbosa Maciel, Clóvis Cursino, Tanajura, Castro Sousa, Djalma Lins, Azael Leitão, José Pires, Natália Borges, João Ferreira Cursino e outros.

Coleção avistada: até o nº 12, de 27 de agosto.

Outro único comprovante existente: nº 159, ano VIII, de 8 de junho de 1947, impresso em tipografia diferente. Diretor - João Vila Nova Barros; secretário - José Paes de Andrade. Inseriu colaboração de José Vital, Gercina Torres, Rubem Valença e Ademilson Barros de Carvalho; "Coluna Social", "Curiosidades" e "Coluna Esportiva" (Col. Osvaldo Araújo⁽¹⁾ e Biblioteca Pública do Estado).

O FAROL - Jornal Mensal do Colégio Sagrado Coração - Primeiro, dentre os raros comprovantes encontrados, foi o nº 6, ano I, de 9 de junho de 1940, com quatro páginas, no formato de 32 x 23, a quatro colunas estreitas de composição. Trabalho gráfico da empresa Vanguarda, não indicou corpo redacional.

Publicado nos períodos letivos, constituía-se sua matéria de produções de professores e alunas, tais como: Ivete Melo, padre Manuel de Andrade Lima, Iraci Mendes Bezerra, dr.

(1) Só encontrado comprovante do nº 1 na coleção - de primeiros números de publicações de todo o Brasil - pertencente a Osvaldo Araújo, residente em Fortaleza, Ceará.

Eurico Amorim, Letícia Pimentel, Zu Moraes, Mercês Figueiroa, dr. Geminiano Campos, Odete Bezerra, Carmo Tabosa, Genoveva Pereira Leite, professora Cacilda Campos, Maria da Paz Alves, Lili (Maria das Dores) Salvador, etc.; as seções "Jecismo", "Ensaio poéticos", "Humorismos" e "Coluna de Decifrações"; noticiário escolar e social e fotografias de grupos estudantis.

Sairam com seis páginas as três únicas edições avistadas de 1941: nº 18, de 31 de agosto, nº 21, de 26 de novembro e nº 22, de 8 de dezembro, com oito páginas.

Segundo informação fidedigna, O Farol não deixou de circular nos anos subsequentes, restando exemplar, de quatro páginas, da edição de 9 de setembro de 1945 (Arq. do Colégio Sagrado Coração).

O TORPEDO - Editado especialmente para a Festa do Comércio - Sairam a lume, unicamente, três edições, datadas de 24, 28 e 31 de dezembro de 1941, em formato de 31 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Direção de Gercino Pereira Tabosa, sendo o trabalho material da Tipografia Brasil, situada na rua 15 de Novembro, 33. Papel verde. Tiragem de 800 exemplares, para serem vendidos a 300 réis.

Tinha o objetivo, expresso na edição de estréia, de "mostrar o lado humorístico (se é que existe mesmo humorismo) e irônico de pessoas que nos cercam".

Matéria leve e variada, destacavam-se, em suas colunas, as seções: "Elas falam...", "Eles falam...", "Torpedeando", "Bolas e balões", "As 7 maravilhas de Caruaru", concurso para a escolha da Rainha da Festa do Comércio, etc. Também anúncios. O último saiu com um Suplemento de duas páginas (Col. Nelson Barbalho).

ROTARY CLUB DE CARUARU - Boletim fundado em janeiro de 1944, restam comprovantes dos nºs.6, de junho e 11, do mês de novembro, apresentados no formato de 33 x 23, com quatro páginas a três colunas de composição. Constava do cabeçalho o emblema "Rotary Internacional". Mais os slogans: "Mais se beneficia quem melhor serve" e "Dar de si antes de pensar em ti".

Sua matéria constituiu-se de palestras de rotarianos, resenhas das reuniões; transcrições de matéria sugestiva e ligeiro noticiário (Biblioteca Pública do Estado).

RESISTÊNCIA - Órgão Independente - Publicação ocasional, de "redação ambulante", circulou o primeiro número no dia 9 de dezembro de 1945, datilografado em papel de ofício, com quatro páginas. Redatores (mais do que prováveis) - Azael Leitão e Antonio Miranda.

Lia-se no editorial de apresentação: "Encarna o sentimento daqueles que se viram oprimidos pelo governo de Caruaru e constitui uma verdadeira trincheira de combate àqueles que se apoderaram da Prefeitura desta cidade e dela não mais querem sair".

Toda matéria era constituída de comentários de natureza política, em tom arcástico, num ataque cerrado ao ex-prefeito Manuel Porto Filho, de quem o jornal se dizia "inimigo nº 1".

Chegou a sair o segundo número, do qual não existe comprovante, encerrada aí a Resistência (Col. Azael Leitão).

EUTERPE-JORNAL - Edição única em comemoração ao cinquentenário da Nova Euterpe - Circulou no dia 22 de março de 1946, com seis páginas de boa estatura, a cinco colunas de composição, impresso nas oficinas gráficas da Vanguarda. Ao

lado direito do título, trazia vinheta do emblema musical e, à esquerda, as datas: 22/03/1896 - 22/03/1946.

O conciso editorial de abertura prestou, sobretudo, "homenagem distinta ao sr. Antonio Inácio de Sousa, tesoureiro da Banda Musical Nova Euterpe", parabenizando-o pelo êxito das festas comemorativas e expressando "profunda gratidão" ao público.

Da matéria geral constaram artigos assinados por Luiz Torres, Moacir de Medeiros e Bertino Fernandes Silva; notas e comentários e boa messe de reclames comerciais (Col. Nelson Barbalho).

AGRESTE - Mensário Regional, Publicado pelo Centro Acadêmico de Comércio - Entrou em circulação a 18 de maio de 1946, no formato de 32 x 24, com doze páginas. Diretor - Azael Leitão; redatores - Antonio Miranda e Cleómenes José de Oliveira. Lia-se no Expediente: "Não publicamos matéria de orientação política, em linguagem violenta, de objetivo pessoal ou extremista". No cabeçalho: "O mais nobre de todos os motivos é o bem público"(Virgílio). A redação funcionava à rua Vigário Freire, 174, imprimindo-se na Tipografia Estudantil. Preço do exemplar - Cr\$ 0,50.

Segundo artigo intitulado "Orientação", Agreste nasceu como "fruto do idealismo dos que pretendem vencer os ambientes hostis, para melhorá-los", com o objetivo de servir à terra e à gente, "sem visar ser agradável a quem que que seja".

Seguiu-se a publicação, cada mês, com oito páginas, ora utilizando papel branco ora de cor, inserindo bem lançados editoriais, comentários sobre temas locais, noticiário geral e as seções "Aconteceu este mês" e "Página do Centro Acadêmico". Foram colaboradores: Manuel Maria de Araújo, Ângelo Cibela,

Mário Sette, Odilo de Andrade, Ivo Leitão, Silva Filho, Adeth Leite, Valdeci Fonseca e Luiz Torres, que assinava a seção "Esportes".

Jornal bem feito, de segura orientação, não pode, todavia, ter existência mais prolongada; extinguiu-se com o nº 6, que circulou no dia 26 de outubro (Biblioteca Pública do Estado).

CINE-REVISTA SANTA ROSA - Edição única, circulou no dia 24 de outubro de 1946, em formato de 32 x 23, com 12 páginas, inclusa a capa de papel couchê. Trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã, no Recife, distribuiu-se gratuitamente no dia festivo da reabertura do Cine-Teatro Santa Rosa, cujo clichê da fachada figurou de frente. Redator-responsável - Luiz Torres.

Afora uma crônica de Josafã Rosas, sobre a nova forma do cinema, toda a matéria da revista constou de literatura cinematográfica, servida de boa clicherie e reclames comerciais (Biblioteca Pública do Estado).

GAZETA DOS ESPORTES - Surgiu a 21 de junho de 1947, formato regular, com seis páginas a quatro colunas de composição, impresso em papel róseo. Diretor-responsável - Celso Rodrigues da Silva; diretor-gerente - Edivaldo Gonçalves; agente de publicidade - Cleto Campelo Ferreira.

Seu programa de ação estava assim resumido: "Traçamos uma orientação independente, visando servir aos esportistas caruaruenses, divulgando, comentando os fatos esportivos e fazendo a crítica construtiva e honesta".

Divulgou bastante matéria especializada, sobretudo noticiosa, ilustrada de fotogravuras, sendo duas páginas dedicadas a reclames comerciais (Col. Otávio Cavalcanti).

A VOZ DE UM SÉCULO - Edição Semanal da Paróquia das Dores de Caruaru - Inexistentes comprovantes das edições precedentes, o nº 102, ano III, foi publicado a 14 de setembro de 1947, com quatro páginas, em formato de bolso. Matéria só constituída de doutrina e informações de caráter religioso. Orientador - padre João Bosco.

Circulando, entre os fiéis, ininterruptamente, atingiu 1949, cujo derradeiro número avistado foi o 184, ano V, datado de 23 de outubro (Arq. Colégio Sagrado Coração).

O **DITADOR** - Inexistentes comprovantes dos primeiros, noticiou Vanguarda haver circulado esse interessante órgão humorístico, pela primeira vez, a 4 de outubro de 1947. Direção de Rômulo Porto Larena, tendo como gerente João Miranda. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Outro número foi distribuído a 9 de outubro de 1948, havendo sido o gerente substituído por Gilvan José da Silva. Publicou-se nova edição, ainda no ano referido, a 24 de dezembro; tudo conforme os registros da mesma Vanguarda, em cujas oficinas gráficas era impresso.

Continuando a atuação d'O Ditador, com expressiva receptividade dos leitores, foi possível manusear-lhe alguns números de dezembro de 1949, outros de 1950 até 1954.

Em fevereiro de 1951, o jornal de Larena, que também perpetrava a crítica, a sátira e a mordacidade, fez campanha de descrédito contra o Congresso de Jornalistas do Interior, então realizado em Caruaru, o que mereceu réplica d'A Defesa, em artigos de José Lucena, chegando o caso a ocupar a atenção do plenário do certame.

Sem outra qualquer alteração de programa, o nº 16, ano V, de 7 de setembro de 1952, apareceu com o título em tipo corpo 6, ao centro de um quadro de duas colunas, lendo-se abaixo: "Arrendatário - Lourinaldo Santos (Xavante 2)". Simples motivo de despistamento...

Mantinha O Ditador formato irregular, firmando-se, porém no 32 x 23, com quatro, às vezes seis páginas de quatro colunas estreitas ou duas largas e estava sendo confeccionado na tipografia do Jornal do Agreste. O diretor era Larena, mas tinha redatores anônimos, que não eram outros senão José Carlos Florêncio, Azael Leitão, Nelson Barbalho, Antonio Miranda, Petrônio dos Santos, Celso Rodrigues, Henrique de Figueiredo, etc., que podiam ser designados redatores de ocasião ou redatores bissextos; só a responsabilidade era do extraordinário Larena.

Não teve número de referência a edição de 31 de dezembro de 1953, ano VII. Estivera suspenso o bravo jornal, conforme o "Fundo de uma artigo", em quadro da primeira página, assim iniciado: "Sim, leitores, O Ditador voltou", adiantando: "Voltamos com o fito de colaborar com os nossos administradores, calando baionetas contra os tarados e futucando a paciência dos políticos da cidade das muriçocas". Noutra tópic: "As colunas deste jornal são como as do Coliseu: em ruínas, mas de pé. Corremos o risco de apanhar, mas no Brasil só se aprende apanhando...".

Quatro números, pelos menos, circularam em 1954: os de 13 de fevereiro, mais, 31 de julho e 29 de agosto, anunciando tiragem de 2.000 exemplares. Matéria realmente, humorística, dosada de sátira e, tencendo para o ridículo, xingava, impiedosamente, os políticos locais, em manchetes, comentários ligeiros e notas trocistas, como "Você sabia que...", "O que eles mais desejam...", "Mania dos nossos vereadores", "Comentários

e fatos", "Prefeitos e vereadores numa só panela", "Os nossos cão...didatos", "Inflação de slogans", "Anuncinhos" e tantas outras. Mas não lhe faltavam anúncios de verdade, que rendiam, para ajudar as despesas com a aquisição de papel, e até propaganda de candidatos a cargos eletivos.

Nem sempre agradando a gregos e troianos, o valente jornal de Larena teve a sua edição de 13 de fevereiro "apreendida, arrebatada agressivamente das mãos dos gazeteiros, como nos velhos tempos do Estado Novo, quando a imprensa livre era enxovalhada, humilhada, detratada por quem sofria do fígado". Entretanto, como se lê no artigo "Viva o delegado", número de maio, a intenção d'O Ditador era "brincar, fazer humorismo, confiado nos amigos, nos conhecidos e desconhecidos".

Parou a folha com a edição de 29 de agosto, já mencionada, em que estampou retrato do Presidente Getúlio Vargas (dias antes morto por suicídio), na última página, ilustrando o "Artigo de fundo". Declarou haver acabado o motivo de sua publicação; por isso, não voltaria a circular, acrescentando: "Enquanto Getúlio Vargas viveu, vivemos nós! Getúlio morreu, morremos também". Voltaria com o nome mudado para O Demagogo⁽¹⁾ (Exemplares esparsos de Nelson Barbalho e Biblioteca Pública do Estado).

O PARAFUSO - Órgão comemorativo da tradicional Festa do Comércio, circularam quatro edições, datadas de 24, 27 e 30 de dezembro de 1947 e 1º de janeiro de 1948, em pequeno formato, com quatro páginas, impresso em papel de cor. Direção - Florêncio Júnior; redação - Chico Sabiá (pseudônimo de Azael Leitão); gerência - Rômulo Porto Larena.

(1) Não saiu O Demagogo. Mas O Ditador voltou em 1955 e ainda está bem vivo.

Sua matéria foi toda de caráter humorístico, com uma parte noticiosa (Col. Azael Leitão).

O AMIGO DA ONÇA - Jornal editado pela S.E.F. - Único exemplar encontrado: o nº 3, ano I, de 27 de dezembro de 1948, em formato de 22 x 15½, com quatro páginas de duas colunas. Diretora - Fulana; redatora - Sicrana; gerente - Beltrana. Composto e impresso, utilizando papel assetinado de cor, na Gráfica Oliveira, à rua Vigário Freire, 248.

Abriu a pequena edição a notícula "Que festa!", aludindo à freqüência das notires, em curso, da Festa do Comércio, seguindo-se matéria ligeira, humorística, trovas românticas e alguns anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

ARU - Publicação Trimestral - Apareceu (sem data) em março de 1949, obedecendo ao formato de 26 x 18, com 28 páginas, inclusive a capa, ilustrada com pequeno clichê do Ginásio de Caruaru. Diretores - Odílio Andrade, José Humberto e Jaime Meneses, funcionando a redação na sede da Associação Caruaruense de Imprensa, à rua Visconde de Inhaúma. Confecção material da "Gráfica Oliveira", de Cleómenes José de Oliveira, situada na rua Vigário Freire, 248.

Em crônica sob o título permanente "Janela aberta", o primeiro dos diretores fez a apresentação da revista, focalizando as "demarches" levadas a efeito para a escolha do título. E lançou: "Eis aí, portanto, Aru. É dos caruaruenses para os que gostam das coisas do espírito". Não aludiu a programa, mas este se resumia em Literatura, noticiário social, variedades (Biblioteca Pública do Estado).

Circulou o nº 2 no mês de junho, apresentando formato maior, com 52 páginas de papel assetinado, impressão a cores, e

capa em couchê, ilustrada (motivo de festa sanjoanesca) por Petrônio dos Santos. Preço do exemplar - Cr\$ 4,00.

Melhorara de aspecto, exibindo vasta clicherie, inclusive produções ilustradas, também, por Zuleno Pessoa e Antonio de Melo e seções redacionais atraentes, além de boa messe de publicidade comercial.

Os n^{os} 3 e 4 formaram uma só edição, que saiu em dezembro (52 páginas), ostentando a capa excelente montagem fotográfica de aspectos de Caruaru.

Chegou ao fim o magazine ao lançar o n^o 5, datado de abril de 1950, contendo 52 páginas e capa com retratinhos de moças engastados num desenho de estrelas. Mudara-se o trabalho gráfico para as oficinas da Vanguarda.

Em suas diferentes edições, afora o que escreviam os diretores, Aru contou com a colaboração literária de Azael Leitão, Silva Filho, Luiz Pessoa de Melo, Antonio Miranda, Lício Neves, Júlia A. Tabosa, Henrique de Figueiredo, Mauro Mota, Manuel Maria de Araújo, Mário Fonseca, Adeth Leite, José de Arimatéia, Josefa de Farias, Malaquias Abrantes, José Miranda, Maria das Graças (Santos) Leite, Paulo Matos, Alberto Campelo, Ulisses Diniz, J. Florêncio Leão, José do Patrocínio Oliveira, Cavalcanti do Norte (pseudônimo de Nelson Barbalho), Gercino Pereira Tabosa, Austro Costa, Luiz Beltrão, Tancredo de Sousa, Edmundo Jordão e muitos outros⁽¹⁾ (Col. Nelson Barbalho).

(1) Jaime Meneses, um dos diretores de Aru, focalizou, em entrevista concedida ao seminário Vanguarda, edição de 23 de abril de 1950, o "canto de cisne" da interessante revista. Houvera um desentendimento dele com os dois outros diretores, com os quais não era possível continuar por falta de afinidades: "um excessivamente apegado a regrinhas gramaticais; o outro

O 7 DE SETEMBRO - Órgão do Centro de Estudos Euclides da Cunha, do Ginásio Sete de Setembro - O nº 1 circulou no dia 10 de maio de 1949, em formato de 33 x 24, com quatro páginas de quatro colunas. Responsável pela publicação - Celso Rodrigues. Trabalho material da Tipografia Brasil, de Rodolfo Silva Monteiro, instalada na Praça João Guilherme, 36.

Segundo a nota de apresentação, intitulada "A concretização de uma iniciativa", o jornalzinho seria fator importante para o aperfeiçoamento cultural dos ginásianos. Não pertencia a grupos, achando-se as suas colunas à disposição de todas as turmas".

A par de comentários e noticiário, inseriu ligeiros trabalhos, em prosa, de Azael Leitão, cônego Adalberto Damasceno e N. Alves, e poesias de Lício Neves e Vandragésilo Pereira Neves.

Teria ficado na edição de estréia (Co. Valdemar Araújo, Fortaleza, Ceará).

A REVISTA DO AGRESTE - Divulgação. Arte. Cultura - Entrou em circulação a 15 de agosto de 1949, no formato de 32 x 23, com 60 páginas de papel assetinado e couchê, sendo a capa em cartolina, ilustrada. Diretor - Mário Alves da Costa; redator - Celso Rodrigues, ao mesmo tempo proprietários. Redação à rua 15 de Novembro, 299 e trabalho gráfico das oficinas do Jornal de Caruaru. Preço do exemplar - Cr\$ 10,00.

Foi o seguinte o editorial de abertura: "Os homens do Agreste estudam e pesquisam novas formas de viver, e

extremamente chegado ao Catecismo; e eu, estudante como tantos outros que há por aí, indiferente a particularidades microscópicas de gramática e sem vocação para vigário..."

objetivando sonhos maiores, ouvem a voz telúrica da região em gritos por sua emancipação, pela riqueza da gleba onde vivem os seus filhos sequiosos de bem estar, educação, saúde e grandeza. Esta revista é deles para você, leitor amigo. Em cartolina (era o desenho de fundo)descerrará uma nova "facies" de suas vidas, pensando e produzindo: Técnica e Trabalho - Idéia e Pensamento. E equidistante das competições políticas, sem dividir, mas congregando, a Revista do Agreste, trimestralmente, estará em suas mãos, sempre inspirada no elevado pensamento de ser útil a esta região e a sua gente. Será veículo fiel de divulgação da Arte e da Cultura do Agreste".

Magazine bem feito, gráfica e intelectualmente, apresentou matéria bastante variada e ilustrada, a salientar as seções: "Gales & Gales", sob a direção de P. Valença; "Página da Mulher", a cargo de Judite Cabral - "Panorama Literário" e páginas de "Cine-Rádio - Teatro"; mais a colaboração, em prosa ou verso, de Austro Costa, Airon Rios, Azael Leitão, Aderbal Jurema, cônego Adalberto Damasceno, Fialho de Oliveira, Celso Cursino, Ascenso Ferreira, Antonio Miranda, Adeth Leite, Mário Sette, Barros Lima, Carlos Moreira, Joel Pontes, Henrique de Figueiredo, Florêncio Júnior, José Conde, Maria das Graças Santos Leite, Cezário de Melo, Francisco Julião, Edumundo Jordão Domingos da Fonseca, Luiz Pessoa, Luiz Torres, Valdemiro Ferreira, Mauro Mota, Lício Neves, Mário Limeira Alves, Silva Filho, Antonio Marrocos, Ulisses Peixoto e outros. Ilustradores: Petrônio dos Santos, Jarina Pinto, Cícero Dias, Luiz Cardoso Aires e Zito Mota. Boa messe de anúncios.

O nº 2 só pode sair a lume no dia 31 de dezembro; mesmo volume de páginas e capa ilustrada por Petrônio, tendo reduzido o preço da vendagem avulsa para Cr\$ 7,00. A edição foi, em parte, dedicada ao município de Gravatá, inserindo reportagens de Celso Rodrigues, entrevista com o prefeito Atenógenes Costa de Oliveira e produções outras, dali procedentes, assinadas por

Osiris Caldas, Rosalino da Costa Lima e Maria Isabel Farias Carneiro.

Diferentes colaboradores, afora tantos nomes vindos do primeiro número, foram eles: Lourival Vila Nova, Edson Régis, Tabosa de Almeida, Francisco Pinto, etc. Novos ilustradores: Luiz Jardim, Ladjane Bandeira, Barbosa Leite, Fernando Monteiro Florêncio, Carlos Alberto e Santa Rosa.

Dificuldades financeiras ocasionaram a suspensão do bem feito magazine, cujo nº 3, ano III, só foi dado à publicidade em março de 1950, contendo 50 páginas de texto, impressas em bom papel, e capa em cartolina branca, ilustradas por Petrônio dos Santos, com desenho de retirantes sertanejos. Manteve lisonjeiro aspecto material, reduzindo para Cr\$ 6,00 o preço do exemplar. Voltava à liça, segundo o editorial de abertura, "mais robustos, porque mais experimentados. Mais destemidos, porque mais conhecedores da estrada palmilhada. O meio é hostil. Há pedras pelo caminho, toda sorte de tropeços. Não importa. Havemos de vencê-los"⁽¹⁾.

A edição de ressurgimento, a par das seções iniciais, contou com a colaboração, entre outros, de Costa Porto, Tenório de Cerqueira, Nelson Barbalho, Osiris Caldas, Luiz Nóbrega, Valdemar Cordeiro, Odete Cisneiros, Jurandir Correia de Melo, Ribamar Ramos, Mariano Lemos, Silvestre Guimarães e Luiz do Nascimento, a par de vasta ilustração, principalmente fotográfica.

⁽¹⁾ Mediante indicação do deputado jornalista Tabosa de Almeida, a Assembléia Legislativa do Estado aprovou, em maio de 1950, a abertura de um crédito especial de Cr\$ 15.000,00 para auxiliar a Revista do Agreste e a revista Aru, com Cr\$ 10.000,00 e Cr\$ 5.000,00, respectivamente. Essas verbas, no entanto, jamais saíram dos cofres da Fazenda estadual.

Apesar das esperanças alimentadas, ocorreu novo hiato, desta vez bem mais prolongado, até sobrevir a última tentativa.

Reapareceu, pois, a Revista do Agreste - ano III (?), nº 4 - em janeiro de 1953, sem alteração, a não ser a menção da Editora: Tipografia Caruaru. E fixou a seguinte tabela de preços: Assinatura anual - Cr\$ 30,00; número avulso - Cr\$ 10,00; atrasado - Cr\$ 12,00. Com 64 páginas, inclusive a capa, ilustrada com retrato de criança. Novas seções: "Vida da Cidade; "Poesia" e "Por essa região afora". Reportagens diversas e, entre colaboradores já conhecidos, estes outros: Amaro Lira e César, Luiz C. Neves, Manuel Maria de Araújo, Júlia Tabosa, Jeová F. França, Napoleão Correia, José do Patrocínio Oliveira, padre Zacarias Tavares, Ivan Soares, Saldanha Coelho, Bianor da Hora, padre Jaime C. Diniz, etc. Ilustrações de Farnese, Sorensen e Percy Lau. Acompanhou o ritmo das edições anteriores, de lisonjeiro serviço fotográfico.

Não era mais possível continuar. Ficou aí⁽²⁾.

O NORMALISTA - Edição de quatro páginas, em formato de 22 x 16, circulou no dia 16 de outubro de 1949, sem nenhuma indicação no cabeçalho nem expediente. De orientação religiosa, sua matéria constou de informações específicas e artigos assinados por Maria José Pontes e Terezinha de Miranda Cavalcanti (Arq. Colégio Sagrado Coração).

MUNICÍPIO - Publicado pela Associação Caruaruense de Imprensa - Circulou, pela primeira vez, em julho de 1950, obedecendo ao formato de 32 x 23, com oito páginas, a três

⁽²⁾ Diversas fontes foi preciso consultar, para colher os dados bibliográficos da Revista do Agreste. Fui encontrar o nº 1 em Fortaleza, Ceará, em poder do colecionador Valdemar Araújo; os nºs. 2 e 4 estão na Biblioteca Pública do Estado e o 3º pertence ao escritor Nelson Barbalho.

colunas de composição. Diretor - Azael Leitão; trabalho gráfico da oficina do Jornal de Caruaru.

À guisa de apresentação, num quadro de coluna, na primeira página, escreveu a redação: "Município diz uma condição de vida. Para o literato, são contingências do ambiente deformado todas as qualidades, as mais esperançosas, vocações se perdendo, estacionando, os aplausos sem valor produzindo mau gosto e eliminando a autocrítica. Para o homem comum, é a plethora de problemas fazendo a decadência das cidades e ele não encontra outra solução senão fugir a paragens mais fecundas".

A edição inseriu produções, em prosa, de Azael Leitão, Demóstenes de Brito, Henrique de Figueiredo, Cavalcanti do Norte (pseudônimo de Nelson Barbalho), Edmundo Jordão, Cícero Barbosa e José Lucena, e poesias de José Maria Mendes, Álvaro de Siqueira Cavalcanti, Lício Neves e Odílio de Andrade.

Circulou o ° 2 no mês de outubro e o 3° (e último) em fevereiro de 1951.

Município foi órgão essencialmente literário, divulgando colaboração especial, além dos nomes mencionados, de Jordão Emerenciano, Costa Porto, Heli Leitão, Ribamar Ramos, Adeth Leite, Rogaciano Leite e Luiz de Oliveira Neves.

Uma de suas seções intitulou-se "Tópicos". Outra foi "Figuras e fatos", servida de fotogravuras. Instituiu concursos de contos e crônicas e teve como ilustradores os desenhistas Petrônio dos Santos e Percy Lau. Só no último número admitiu uma página de anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

JORNAL DOS NOVOS - Órgão Literário de Jovens Caruaruenses - Surgiu com a edição de setembro de 1950, em formato de 32 x 23, com seis páginas de quatro colunas.

Impresso na tipografia do Jornal de Caruaru, tinha redação à rua Vigário Freire, 248. Diretores: Oliviera Neto, Jeová F. França e E. Barros. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Lia-se no artigo de apresentação: "Nascemos sem pretensões. Sem orgulho. Sem outro objetivo que o serviço, dentro das nossas possibilidades, ao progresso de Caruaru, oferecendo aos novos a oportunidade de aparecerem. De ensaiarem os seus passos nas letras e na arte de fazer jornal, arte difícil, sobretudo no interior, onde se tropeça, a cada instante, com uma nova dificuldade". Pedia, no fim, a generosidade do povo bom de Caruaru", esperando que lhes relevasse a inexperiência.

Ora mensal, ora bimestralmente, a folha seguiu sua meta, passando a sair, desde o nº 3, com oito páginas. Sendo tipógrafos os redatores, manteve boa forma material. Mas não deixou de ser intelectualmente bem feito, contendo literatura e noticiário, ilustrações e raros anúncios. Foi principal a seção "Letras - Artes - Teatro", ocupando uma página. Além da produção dos responsáveis, foram outros colaboradores: Antonio Gonçalves Dias, inclusive com o pseudônimo Carlos Dória; Costa Neves, Lício Neves, José Lucena, Luiz Queiroga, Antonio Miranda, Júlia Tabosa, que mantém se assinava Tália; Aloísio Falcão; Nelson Barbalho, o mesmo Cavalcanti do Norte; Vandragésilo Neves, João Porfírio, Anastácio Rodrigues e outros. Desenhos de Ladjane, Luiz Jardim e Farnesi.

Publicaram-se, apenas, cinco números, o último dos quais em março de 1951 (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

GANGA - Mensário de Literatura e Arte- Surgiu em janeiro de 1951, no formato de 30 x 22, com 16 páginas de

(1) Na coleção da Biblioteca Pública do Estado falta comprovante do nº 5.

papel superior (ora duas, ora quatro colunas de composição), sendo o título - frente e fundo - e vinhetas impressos em tinta vermelha. Diretor e redator-chefe - Ribamar Ramos; colaboradores efetivos - Júlia Tabosa, Lício Neves e Nelson Barbalho de Siqueira. Redação e administração à rua Dr. Júlio de Melo, 167. Trabalho gráfico das oficinas do Jornal de Caruaru. Preço do exemplar: Caruaru e Recife - Cr\$ 2,50; outras cidades - Cr\$ 3,00.

"Tanto quanto possível - lia-se no "Pórtico" - será Ganga um veículo de intercâmbio e confraternização. Simultaneamente aos seus propósitos de constituir-se um órgão das atividades mentais de Caruaru, preconiza tornar-se um fator de conagração e incentivo, unindo e estimulando os valores ignorados e desalentados..."

Jornal-revista de excelente aspecto material, publicou-se o segundo número em fevereiro, com prognósticos de existência regular, duradoura.

Dividia-se-lhe a matéria em seções diversas, tais como: "Artes plásticas", "Julgamento sobre Livros e Autores", Estudos brasileiros", "Idéias e Controvérsias", "Ciência - Pesquisa - Divulgação", "Crítica Literária", "Feijão e Sonho", "Arquivo Pitoresco", "Bibliografia", "Teatro - Cinema -Rádio", etc. Colaboração de J.S. Meira Nóbrega, Demóstenes de Brito, Azael Leitão, Afrânio de Góis Andrade, dr. Antonio Amorim, Adeth Leite, Bento Simões, Luiz de Oliveira Neves, Maria José Nascimento, Abdias Lima e Hernani Borba, afora transcrições, notas literárias, variedades e amplo serviço de clicherie, inclusive ilustrações de Orval e Petrônio.

Não conseguiu dar à luz o número 3 (Biblioteca Pública do Estado).

AGRESTE ESPORTIVO - Órgão Esportivo e Social da Capital do Agreste - Surgiu no dia 8 de agosto de 1951, em formato de 32 x 23, com seis páginas de quatro colunas. Fundador - Mário Alves da Costa; diretor-responsável - Luiz de França Queiroga; redatores - Luiz Bezerra Torres, Nelson Barbalho, Petrônio dos Santos, E. Barros, Valdemar Porto e Cordovil Dantas. Trabalho gráfico da oficina do Jornal de Caruaru, onde funcionava, também a redação. Preço do exemplar - Cr\$1,00.

Escreveu a apresentação, sob o título "Começo", Nelson Barbalho, segundo o qual o jornal se portaria com independência, procurando "fazer justiça e movimentar o mais possível a vida esportiva" de Caruaru. Todos teriam guarida em suas colunas, não só a turma do futebol, mas igualmente a dos setores de basquete, vôlei, prado, etc.

O nº 2 circulou na quarta-feira imediata, dia 15, impresso em papel verde, com os títulos, de frente e fundo, em tinta vermelha, como na edição de estréia, esta utilizando papel bouffant branco.

De acordo como o enunciado, perpassaram pelas duas edições as atividades esportivas da cidade, através de noticiário, com alguns clichês, e crônicas assinadas pelos redatores, se faltar o "Agreste Social", "Rádio Atividade" e a parte competente de anúncios.

Na segunda edição foram estabelecidas as bases de um concurso para a escolha dos "Melhores de 1951". Foi, no entanto, o fim do "Agreste Esportivo" (Col. Nelson Barbalho).

GAZETA LITERÁRIA - Órgão da Associação Cultural de Caruaru - O nº 1, ano I, circulou datado de agosto de 1951, em formato de 32 x 23, com seis páginas de três colunas,

apresentando excelente aspecto material. Direção - Jeová F. França; gerência - Vandragésilo Neves, Carlos Dória (pseudônimo do tenente Antonio Gonçalves Dias) e Valdênio F. Porto. Redação à rua Vigário Freire, 248.

Apareceu, consoante ligeira nota de abertura, como "força nova", disposto a prosseguir, ao contrário de outras publicações anteriores, que parecia nascerem com o "estigma do fracasso".

Pois fracassou também, apesar de composto e impresso (na tipografia do Jornal de Caruaru) pelos próprios dirigentes, que assinaram produções em prosa e verso. Não saiu jamais o segundo número.

A edição ocupou a primeira página com oportuna entrevista com Azael Leitão, intitulada "Movimento literário de Caruaru", seguindo-se, nas demais, "Notas literárias", "Homens e Idéias", ilustradas, e a colaboração de Aloísio Falcão, João Porfirio, Alves da Silva e outros. Bom desenho de Filemon Bastos. Alguns anúncios.

Sucedeu que a Gazeta Literária também viera com o "estigma do fracasso", fracassando mais depressa mesmo do que tantas outras publicações, pois até o fim de 1954, limite deste trabalho bibliográfico, não apareceu o segundo (Biblioteca Pública do Estado).

JORNAL DO AGRESTE - A Serviço de uma Região -
Foi lançado à circulação no dia 9 de março de 1952, em formato de 48 x 32, com dez páginas a seis colunas de composição. Propriedade da Empresa Jornal do Agreste Ltda. Diretor - Azael Leitão de Albuquerque; redatores - Nelson Barbalho de Siqueira Cavalcanti, Luiz Bezerra Torres e Antonio Miranda Cavalcanti, funcionando a redação e oficinas na rua Duque de Caxias, 29.

Preço da assinatura: até 31 de dezembro - Cr\$ 40,00; para fora da cidade - Cr\$ 50,00. Número avulso - Cr\$ 1,00.

Declarou, nas "Palavras ao leitor", ser um "semanário pobre, sem ter, para patrociná-lo, qualquer grupo econômico ou político ou poderoso de espécie alguma", tendo "como lema prestar serviços a uma região também pobre".

"Em nossas colunas - aduziu o editorialista - poderão ser debatidos todos os temas que interessem ao homem do agreste pernambucano, até mesmo os pontos de vista diferentes, pois somos daqueles que não limitam a sua independência a crer, egoisticamente, que o sol nasce exclusivamente para iluminá-los e aquecê-los, como se não o fizesse para todos. Basta-nos manter as linhas de educação e guardar o sentido construtivo, no debate das idéias. E por isto, em nossas colunas, poderemos pedir, louvar ou censurar qualquer governante, qualquer autoridade, qualquer organização, sem nos sentirmos diminuídos, nem procurar diminuí-los.

Pertencemos ao leitor, para informá-lo, esclarece-lo, orientá-lo. Talvez até algumas vezes ele discorde das nossas opiniões, mas, certos de que respeitará nosso direito de divergir, esperamos que ele não duvidará dos nossos propósitos".

Concluiu solicitando a colaboração do leitor, qualquer que fosse a sua "posição social, política, econômica ou religiosa".

Logo na edição de estréia, iniciou as seções "Seara alheia"; "Você sabia que..." (recordando fatos passados); "Traços & Troças (crônica de Henrique de Figueiredo); "Vamos deixar como está"(comentários de crítica); "Em poucas palavras" (comentário de J. Lucena); "Evangelismo"; "Catolicismo"; "Crônica do passado", por Cavalcanti do Norte, e "Cinema", por Bob (dois pseudônimos de Nelson Barbalho); "Revista da

Cidade" (notas de C.); "Coisas daqui", a cargo de Alfersil (Albino Ferreira da Silva); "Palmatória do Mundo", crônica de D. Quixote (pseudônimo de Azael Leitão, a ser usado, alternadamente, pelos mais redatores, para, com a mudança de estilo, despistar o leitor curioso de identificá-lo); "Sociedade"; "Na polícia e nas ruas"; "Rádio", sob a responsabilidade de Sintonizador (pseudônimo usado, principalmente, por Amélio de Oliveira Cabral que, algum tempo depois, no Recife, passou a chamar-se Rui Cabral), e uma página de desportos, incluindo a crônica "Devagar e sempre", de Luiz Torres. Ainda inseriu artigos de Mário Limeira Alves, Carlos Guerra e J. Simões Lopes Neto; reportagens e noticiário variado, fora o necessário complemento de anúncios e Informações Úteis.

Seguiu-se a publicação normalmente, adotando o padrão de oito páginas, às vezes dez, servida de comentários redacionais de boa marca, vasto noticiário e as seções fixas, assumindo a direção da página desportiva Pinto Lopes, enquanto Luiz Sobreira Cartaxo abria a seção "Permite um aparte?". E apareciam novos colaboradores, bissextos ou não, a saber: Augusto Duque, Firmino Filho, Jaques Telier, Henrique de Oliveira, Darci N. Porto, Melquíades Montenegro, Adolfo Silva Neto, Fernando Florêncio Filho, Salvador Sobrinho, José do Patrocínio Oliveira, Ninguém (pseudônimo do médico Geminiano Durval Maciel Campos), etc.

A edição de 30 de outubro acompanhou-se de um tablóide de oito páginas - Separata do Jornal do Agreste - em homenagem a memória de Augusto Monteiro Tabosa, cujo retrato (desenho de Petrônio) ocupou o frontispício, constando o sumário de editorial, panegíricos assinados e quatro páginas de sonetos do famoso vate caruaruense.

De doze páginas foram as edições de Natal e de Ano Novo, abrindo o texto da segunda a matéria sob o título "Neste

balanço de 1952 pretendemos mostrar Caruaru em doze meses", terminada na edição subsequente. Estabeleceu-se, então, o custo da assinatura anual: Cr\$ 50,00, sendo Cr\$ 60,00 para fora da cidade.

A edição comemorativa do primeiro aniversário - 9 de março de 1953 - reuniu também doze páginas, frisando o editorial alusivo: "Com a nossa circulação, melhoraram, sensivelmente, os nossos confrades da imprensa local, o que assinalamos como contribuição ao progresso da terra".

Ocorrendo agitada fase na política caruaruense, o periódico deu plena cobertura, entre os meses de março a maio, ao que chamava os "casos da semana": o processo em que se viu envolvido, politicamente, o vereador José Salvador Sobrinho, e a não aprovação, no devido tempo, das contas do prefeito Abel de Menezes. Alugou, a partir de 3 de maio, uma página à Coligação caruaruense, sob a responsabilidade dos deputados Celso Cursino e João Elísio Florêncio, tendo como colaboradores principais Salvador Sobrinho, Adolfo Silva Neto, Flávio Ney e Zezinho, autor de versos satíricos.

Em artigo de 28 de junho, argumentou a redação: "Continuamos o mesmo programa de jornal livre, para servir a todos, sem distinção", acentuando: "Aceitamos, como ineditorial e sob a responsabilidade claramente expressa dos interessados a publicidade de qualquer agremiação legalmente registrada". Mais ainda: "...não somos contra nem a favor de ninguém, quanto à preferência por grupos ou figuras".

Depois, a 17 de julho, começava, no alto da primeira página, a série de comentários "Nos bastidores políticos", assinada por Um Observador, focalizando e fatos, com absoluta imparcialidade.

Afastara-se do corpo redacional, desde 17 de maio, o escritor Nelson Barbalho.

Serenada a azáfama política como tema jornalístico, não faltavam motivos outros para manchetes, artigos sensacionais e reportagens atraentes. Criava-se, por exemplo, a seção "Problemas de Caruaru", de comentários sobre Luz, Saneamento, Caroá, Rodovias, Museu Popular, etc., abrindo campanha, principalmente, contra os açambarcadores de feira. E o historiador Naasson de Figueiredo, usando as iniciais N.F., escrevia, a partir de agosto, a série "Caruaru nos fins do século passado".

Entretanto, a Empresa atravessava dificuldades. A receita não compensava os dispêndios materiais e de pessoal. Diante do que, atigindo o nº 97, de 27 de dezembro, parou a circulação do semanário, justificada tal medida através do editorial "Aos leitores e colaboradores". Suspendia por tempo indeterminado, acentuando: "Vamos estudar, à luz dos Algarismos, as possibilidades de continuar, mais adiante. Já sabíamos, ao tentar um jornal independente, sem auxílio de grupo político, econômico, ou do poder político, tratar-se de uma tarefa maior do que as nossas forças. Os recursos disponíveis eram pequenos, obrigando-nos a precárias oficinas gráficas. Tudo isto estava previsto, mas nos atiramos à empreitada confiantes na colaboração e estímulo do público, que tivemos desde o primeiro número, na compreensão dos idealistas isolados que se interessam por todas as iniciativas que engrandecem a região".

Noutro tópico: "Desgostamos algumas vezes poderosos, políticos, elementos exponenciais de facções locais, porque cada um deles pretende um exclusivismo que não se coaduna com a imprensa livre. É que as nossas colunas estiveram abertas a todos - pessedistas, udenistas, petebistas, católicos, protestantes, sem religião, todos, enfim, porque aceitamos, desde o princípio, o fato de que o sol nasce para todos.

Fazer o jornal no interior continua a ser, como dizia aquele confrade sulista, tirar leite em pedra de calçamento. As precárias instalações a que ficamos presos, o alto custo material das confecções, como decorrência, inclusive, daquela circunstância. Talvez voltemos a circular, um pouco mais adiante, pois o que nos falta em "engenho e arte", sobra-nos em teimosia e vontade de fazer um jornal em Caruaru".

Voltou mesmo, após quatro meses de ausência. O nº 98m ano III, contendo 12 páginas, apareceu a 2 de maio de 1954, custando Cr\$ 1,50 o exemplar. À frente, a turma heróica. E martelou: "Queremos dar a Caruaru e a todo o agreste um jornal para informar tão exato quanto possível, esclarecer, reclamar, reivindicar os direitos dos que aqui vivem".

Mantido o nível de oito, dez e doze páginas, foram adotadas diferentes seções, assim tituladas: "A nossa opinião", "Coluna religiosa", "Vamos deixar como está", "Agricultura e Criação", "Pelos Esportes, a cargo de Florêncio Sobrinho; "A 8 pontos", por Luiz Torres; "Sociedade", de Marcelo; "Coluna forense", com a assinatura A.L. (Azael Leitão); "A propósito de...", por Alfer; "Isto aconteceu", "Notícias da região" e "Na polícia e nas ruas". Colaboradores especiais: Edmundo Jordão, Félix Paiva, Pedro de Sousa, ainda Henrique de Figueiredo, Ernani Fernandes da Silva, Nemo (outro pseudônimo do dr. Geminiano), etc.

Usando as iniciais N.S., o ex-redator Nelson Barbalho de S. Cavalcanti deu a publicar, a partir de 2 de maio, sua novela "Herva do Diabo", dividida em 50 capítulos, ficando, entretanto, suspensa no 14º, inserto na edição de 1 de agosto, tendo ao pé a palavra "continua".

No mês de junho o corpo redacional viu-se acrescido do nome de Fernando Florêncio. Chegado o período da campanha

da sucessão governamental, o Jornal do Agreste, conservando sua posição neutral, emprestou espaço à propaganda, a começar de 15 de agosto, das candidaturas rivais: João Cleofas de Oliveira e General Cordeiro de Farias, uma página inteira para cada um, naturalmente bem remuneradas. Dois meses, apenas...

A 29 de agosto, saiu o semanário com um caderno extraordinário, de quatro páginas, dedicado ao falecimento do presidente Getúlio Vargas.

Mais alguns meses e veio a queda definitiva. O nº 125, de 14 de novembro de 1954 abriu com o artigo de Azael Leitão, intitulado "Breve história do Jornal do Agreste". Aludiu ao esforço inicial, continuado, dos que planejaram dar a Caruaru um jornal independente; dos que os ajudaram na escalada; do cansaço; da primeira queda; dos que ajudaram na volta... Elevaram-se, no entanto, as obrigações, os salários; a "maquinaria antiquada e modesta, o sistema de composição manual, tudo inteiramente deficiente para dar a Caruaru o jornal de que precisa".

"Certo ou errado - reafirmou - seguimos o nosso próprio caminho, procurando esclarecer bem, orientar honestamente, em benefício de todos". Concluiu agradecendo a cooperação dos "sócios, leitores, anunciantes, colaboradores, gráficos, jornaleiros, etc." (Biblioteca Pública do Estado).

O ACIANO - Órgão Oficial da Associação Caruaruense de Imprensa - Apareceu em setembro de 1952, no formato de 33 x 23, com oito páginas de três colunas, impresso em papel especial, trabalho gráfico das oficinas do Jornal de Caruaru, ostentando lisonjeiro acabamento. Diretor - Cleómenes José de Oliveira; redatores Fernando Florêncio e Francisco de Assis Claudino, funcionando a redação na rua Vigário Freire, 290.

Segundo o editorial de apresentação, intitulado "Um ideal e uma bandeira", a instituição da classe jornalística local avançava, com o periódico dado a lume, "um passo a mais rumo ao seu completo desenvolvimento", evidenciando "transbordamento de vida" e aparelhando-se para melhor se definir em face do público.

De acordo com o programa, circulou em outubro o segundo número.

O bem feito mensário divulgou literatura, em prosa e verso, dos redatores e mais de Antonio Miranda, Jeová Ferreira França, Aluisio Falcão, Júlia Tabosa, José Carlos Florêncio, Edivaldo Barros, Vandragésilo Neves, J. Vila Nova Barros, Luiz Pessoa da Silva e Luiz Queiroz, além do noticiário específico das atividades da ACI, inclusive financeiras.

A primeira edição inseriu o decreto governamental que considerou de utilidade pública a instituição. A segunda anunciou, para dentro de alguns dias, o festivo lançamento da pedra fundamental da Casa do Jornalista.

Nada obstante a intensidade de trabalho da nova diretoria da ACI, o seu jornal teve, como tantos outros, vida efêmera. Não chegou a publicar-se o terceiro número (Biblioteca Pública do Estado).

HÉRCULES COLEGIAL - Órgão dos Alunos do Colégio de Caruaru - Circulou a 13 de maio de 1954, "sob a direção dos estudantes José Ramos e Fernando Soares, um patriótico estímulo à estudantada caruaruense, como fazem questão de frisar na sua apresentação". Divulgou colaboração de Diomedes Leonardo, Irineu Claudino, Firmino Cabral Filho e outros; entrevista com o professor José Bione e seção humorística (Inf. do Jornal do Agreste, 16/5).

O GREGÓRIO - Jornal de feição humorística, deu a lume o nº 1, ano I, a 30 de setembro de 1954, em formato de 33 x 23, com quatro páginas a quatro colunas de composição, com o título impresso em tinta encarnada. Diretor - Rômulo Porto Larena; gerente - Sandino Mela Rodeiro. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

A edição fez a crítica dos candidatos às eleições de 3 de outubro, em linguagem chistosa, de boa verve, estampando algumas fotogravuras. No sério, porém, ajudou a propaganda da candidatura João Cleofas ao governo do Estado e da de dois nomes para deputados. Poucos anúncios.

Ficou no primeiro número (Biblioteca Pública do Estado).

O ABÉ - Circulou "pela primeira vez e única" no dia 13 de novembro de 1954, em formato de 23½ x 16, com seis páginas de três colunitas, impresso na tipografia do Jornal de Caruaru. Diretor - Romoulois Port Larenne, que se pode traduzir por Rômulo Porto Larena. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Segundo a "Apresentação de O Abé", qualquer semelhança do título "com pessoas vivas ou mortas será meramente accidental", adiantando: "Antes, inspirou-nos a batalhar pelas instituições democráticas, por Deus, pela Pátria e pela Família".

A edição constituiu-se de matéria satírico-humorística, sobretudo de crítica política, da qual não escapou o prefeito do município, acidentalmente chamado Abel de Meneses (Col. Nelson Barbalho).

O DISCO VOADOR - Jornalzinho humorístico, saiu o nº 1, ano I (e único) a 24 de dezembro de 1954, em formato de 24 a 16, com quatro páginas de três colunas, impresso na

Livraria e Tipografia Brasil. Diretor - Rommel. Preço do exemplar- Cr\$ 1,00.

Começando pelo "Fundo sem artigo", inseriu matéria ligeira, com ilustrações, manchetes e até anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

O BOMBACHA - Outro pequeno jornal, mas do tipo joco-sério, publicou-se o nº 1, ano I (também único) no dia 31 de dezembro de 1954. Impressão da Tipografia Brasil, com quatro páginas de três colunas, no formato de 24 x 16. Direção de Borodini. O maior espaço foi ocupado por um "Manifesto estudantil", o propósito de violências policiais contra estudantes. A redação criticou a Festa do Comércio, terminando com ligeira notícia e humorismos (Biblioteca Pública do Estado).

CATENDE

O CATENDENSE - Órgão quinzenal, propriedade "de uma Associação", surgiu no dia 19 de julho de 1908, formato de 30 x 20, com quatro páginas de três colunas. Direção de Alfredo Pessoa. Custo da assinatura trimestral - 1\$000. Trabalho material da Tipografia Moderna.

Constava do editorial de apresentação, bastante sucinto: "Seremos justiceiros e sinceros: a Verdade e a Justiça serão nossas companheiras na luta pelo Bem".

A edição de estréia inseriu produções assinadas por João L. Lima, Manuel Cisneiros e outros, além de noticiário. Nos nºs. 3 e 5, as colaborações tinham a assinatura de L. de Lara, Menelao e Lamartine, autor dos "Perfis Catendenses"; Jaime Regalo Pereira e Sílvio Floresta, o dos "Traços". Nenhum outro comprovante resta dessa primeira fase, que se teria estendido até o fim do ano.

"Depois de pouco mais de dois meses de interrupção", reapareceu O Catendense - nº 1, ano II - 10 de março de 1909, feito "hebdomadário, literário, noticioso, agrícola e comercial". Equipe responsável: diretor - Manuel Dias A. Esteves; redatores - Manuel Cisneiros, João de Arruda, Alfredo Pessoa e João de Albuquerque. Redação e oficina à rua Direita, 1. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 5\$000; trimestre - 3\$000. Para fora da cidade, só "de seis meses para cima". Solicitadas, a 200 réis por linha, com 5% de abatimento para os assinantes. Anúncios - conforme ajuste; mas tudo mediante pagamento adiantado. Número avulso - 0\$200.

"Completamente reformado, quer na parte material, quer na espiritual", sem ligações políticas, só visava "trabalhar pelo

povo e pelo engrandecimento do lugar que lhe serviu de berço", sempre pronto para "defender a causa dos oprimidos".

O jornalista Manuel Duarte, correspondente no Recife, logo iniciou, usando o pseudônimo Silvio Murat, a crônica "Da Capital", e Zarco apareceu "Rindo e Castigando", com a advertência:

"... se hoje venho cantando e rindo,
amanhã posso vir castigando".

Teve início, igualmente, um concurso para apurar qual "a moça mais bonita de Catende", seguido por outros, para rapazes, de simpatia e de fealdade.

Declarado semanário, o jornal circulava, todavia, mediando espaços de dez a quinze dias, alimentado de editoriais e amplo noticiário. Inseria colaboração de Miguel Griz Filho, correspondente em Palmares; Agripino da Silva, Franklin Seve, Bastos Portela, Augusto Silvestre de Faria, Bossuet Plínio, Cassimiro Lins, etc. Alguns Mações assinavam artigos de polêmica contra Fradique Júnior, da Gazeta de Pesqueira.

Ao atingir o nº 17 do ano II, datado de 25 de julho, nova alteração verificou-se na vida d'O Catendense, que cresceu para 50 x 34, página de cinco colunas, e passou a "semanário de livre opinião", trazendo abaixo do título o conceito de Lamartine; "Point de gouvernement representatif sans la liberté de la presse".

Solenizou, então, o aniversário de fundação, através de extenso artigo sobre a missão da imprensa e as dificuldades do jornalismo interiorano. Outras produções assinadas saudaram a data.

O corpo redacional, que já sofrera modificações, incluindo rápida gestão de Manuel Duarte, já não contava com Alfredo Pessoa e João de Albuquerque; mas achava-se acrescido de Franklin Seve, Griz Filho e Caldas Filho, o qual vinha assinando as "Quinzenais". Antes quase sem reclames comerciais, estes firmaram-se, em quantidade integral, nas terceira e quarta páginas.

Ocupou-se o editorial do nº 18 da descoberta de preparativos para o empastelamento da tipografia, encabeçados pelo "Sr. Caldeira, gerente da Usina Catende", mas logo desarticulados pela polícia. Seguiu-se uma série de artigos, nos quais fez a redação longa análise dos "abusos praticados" pelo acusado, alvo de tremenda catilinária, o que se prolongou até o nº 35.

A par do desaguizado provocado por um caso pessoal entre o proprietário do jornal, que era senhor de engenho, e a direção da usina, através do respectivo gerente O Catendense manteve seu programa noticioso e literário, acrescido de folhetim.

Encerrou o ano o nº 36, de 24 de dezembro, recomeçando - nº 1, ano III - no dia 9 de janeiro de 1910, para terminar aí, inesperadamente, a existência do primeiro jornal de Catende (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

O PATRIOTA - Número único, circulou no dia 7 de setembro de 1908, formato de 22 x 16, com quatro páginas páginas a duas colunas de composição.

(1) Coleção desfalcada.

Poliantéia em homenagem à independência do Brasil, constituiu-se de artigos assinados por Manuel Dias de A. Esteves, Bonifácio Brasil. L. de Lara e Pery. (Biblioteca Pública do Estado)

O PIRATA - Quinzenário redigido por "um grupo de crianças", surgiu a 18 de novembro de 1908, pequeno formato de 18 x 14, com quatro páginas de duas colunas, apresentando como diretor Tabelião de Almeida e redatores Jorge de Carvalho e Souza, Raul Clementino e João B., este último excluído logo na segunda edição, ao passo que o diretor era substituído por João Elísio Filho. Assinava-se a 0\$500 por trimestre, sendo impresso na tipografia da Gazeta de Palmares.

Motivara o aparecimento da folha o "elevado amor" consagrado "ao culto das letras e o insodável desejo de engrandecimento do caro torrão". Pedia por fim, a cooperação dos leitores.

Seguiu-se a jornada d'O Pirata, inserindo, em suas estreitas colunas a literatura incipiente dos redatores. No nº 8, de 28 de março de 1909, modificava-se o corpo redacional, subindo Jorge de Carvalho para a direção, enquanto João Elísio era rebaixado ao cargo de redator, assumindo-o também Eusébio de Siqueira, ao passo que se mencionava Manuel de Carvalho como revisor.

No nº 10 aumentou o formato para 24 x 17, passando as colunas à largura de 12 cíceros. Nova tabela de assinaturas: ano - 3\$000; semestre - 1\$500; trimestre - 0\$800. Mas estava no fim a existência do esforçado jornal, cujo número subsequente foi o último publicado, com a data de 23 de maio de 1909.

Além da produção do pessoal mencionado, O Pirata divulgava trabalhos, em prosa e verso, de Manuel F. de Carvalho Souza, João Geminiano, Alfredo Pessoa, E.A.S. Cavalcanti,

Ricardo Fragilde, Euclides Vilar, etc.; algum noticiário e, já no fim, uma seção de charadas (Arquivo Público Estadual).

O PORVIR - Periódico Literário, Noticioso e de Livre Opinião - Apareceu a 17 de novembro de 1909, em formato de 26 x 16, com quatro páginas de duas colunas, impresso na oficina d'O Catendense. Sob o título, trazia a frase de Canamague: "Um povo sem imprensa é um dia sem sol". Direção de Jorge de Carvalho; redator-secretário - Nereo Júnior. Assinaturas: trimestral - 1\$000; mensal - 0\$400.

Segundo o editorial de abertura, propunha-se a "seguir de perto a caravana luminosa de brilhantes atletas da imprensa, que há milênios vem transformando a pena numa alavanca forte, no intuito grandemente sublime de estabelecer a civilização em todas as partes do globo terráqueo". Embora "neófitos nas lides jornalísticas", lutaria pelo alevantamento das "letras pátrias", pedindo, por fim, a benevolência dos leitores.

A edição só comportou produções literárias dos dois redatores e notícias ligeiras, dedicando a anúncios a quarta página.

Teria ficado no primeiro número (Biblioteca Pública do Estado).

O RIVAL - Jornalzinho litero-noticioso, manuscrito, começou a publicar-se em 1911. Propriedade de Clóvis Carvalho e Açácio Benevides. Circulação semanal, sua existência chegou a atingir o ano de 1916 (Relação S. Bacalhau).

O COLIBRI - Fundado em 1911, sob a direção de Manuel Martins Júnior, foi manuscrito até 1916, quando "passou a ser impresso em preço de madeira", pequena tipografia adquirida pelo diretor.

Ao iniciar-se 1917, já no seu nº 63, ano VI, de 15 janeiro, o jornalzinho tinha o formato de 22 x 15, com quatro páginas de três colunas estreitas. A redação localizava-se na rua Bela Aurora, 9, continuando M. Martins na direção, ao lado do redator-chefe Romeu Lira. Dizia-se quinzenário independente, constando do Expediente: "Toda colaboração nas colunas solicitadas pagará 50 réis por linha; sendo, porém, dos assinantes, 40 réis". Cobrava 1\$500 por assinatura semestral ou 0\$800 pela trimestral.

A mencionada edição, única encontrada, divulgou produções de Salustiano Bezerra, Gil Lincoln, Novo Aliado, K. Tando e Kukenekene, afora o noticiário e editorial, este enchendo toda a primeira (Biblioteca Pública do Estado).

Segundo Sebastião Bacalhau, O Colibri circulou até 1918.

A LUZ - Órgão Litero-Noticioso - Jornal dirigido por Pedro Barros, sua publicação ocorreu, provavelmente, em 1913 (Relação S. Bacalhau).

JORNAL DE CATENDE - Órgão Literário, Independente e Noticioso - O nº 1, ano I, circulou a 15 de novembro de 1916, formato de 35 x 23, com quatro páginas de três colunas. Direção e propriedade de Manuel Buarque e Pedro Barros. Assinaturas: anual - 3\$000; semestral - 1\$500. Bom aspecto material.

Lia-se no editorial de apresentação: "O nosso programa é o bem da pátria; a política fica à nossa esquerda; lhe daremos a honra de agasalhá-la em as nossas colunas quando o interesse público assim o exigir. Seremos elementos para os bons e censuraremos os erros e desmandos dos partidos, quaisquer que eles sejam".

Ainda as seguintes palavras: "O jornalismo moderno não é um balcão, é uma necessidade pública, que está, no coração do povo civilizado; as suas artérias igualando-se com a fonte básica da ciência nos traz em cada órgão uma espécie do saber que se derrama desde o mais humilde à mais aperfeiçoada cerebração humana".

A edição inseriu poesia de Costa Rego Júnior; as seções "Perfilando", de Reginaldo; "Postais"; charadas; noticiário variado e, ocupando dois rodapés, o início da série "Cartas de Anita", de Eurico Flores (pseudônimo de Cruteur).

Falta o prosseguimento (Biblioteca Pública do Estado).

O SOCIAL - Semanário Independente, Literário e Noticioso - Apareceu no dia 4 de agosto de 1920, formato de 38 x 25, com quatro páginas de três colunas, "sobre" a direção de Pedro Barros e José de Melo Filho, tendo como gerente, J. Barros. Assinaturas: anual - 6\$000; semestral - 3\$000. "Nas Solicitadas se pagará 0\$100 por linha". Correspondência para a rua da Paz, 30.

Lia-se no artigo de apresentação: "Defenderemos Catende, trabalharemos pelo seu progresso geral, batalharemos contra o analfabetismo e proporcionaremos tudo quanto for útil aos nossos leitores". E acrescentou: "...a maior perseguidora do Brasil, a politicalha, não terá acolhimento nas páginas deste jornal".

Divulgou literatura ligeira, a cargo de Cazuza Oriental, José de Melo Filho, Josué Leite da Silva (soneto) e outros. Otacílio Buarque iniciou a seção "Movimento Operário", e "A Sphinge" foi a seção de charadas, assinada pelo Dr. Obscuro. Teve noticiário variado, uma parte de mundanismo e poucos anúncios.

O Social caracterizou-se pela péssima apresentação gráfica. Teria ficado no primeiro número (Biblioteca Pública do Estado).

A FOLHA DE CATENDE - Publicou-se o primeiro número (conforme o Jornal do Comercio, dia 19) a 12 de novembro de 1922, em formato grande. Lítero-noticioso, tinha como diretores Carneiro & Buarque e redatores Severino Carneiro de Albuquerque, Renato Buarque de Macedo e Clóvis Carvalho. Circulando semanalmente, baqueou após o nº 13 (Biblioteca Pública do Estado).

CORREIO DE CATENDE - Órgão dos Interesses Coletivos - Entrou em circulação a 23 de junho de 1927, formato de 40 x 27, com oito páginas de quatro colunas, funcionando a redação e oficina no Pátio de Santana, 8. Diretor-Proprietário - Manuel Martins Júnior; redatores - Alderico Portela (secretário), José Soares da Silva e Clóvis Carvalho; gerente - Álvaro do Rego Barros. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000.

Vimos desenvolver - lia-se no artigo "Credenciais" - a obra vagamente esboçada, há dez anos, pelo O Colibri; desenvolvê-la e ampliá-la, naturalmente, com a experiência e os conhecimentos adquiridos através de quase dois lustros de esforços e de trabalhos não pequenos".

Acentuou o editorialista: "Vamos fazer um jornal para o povo e, mais particularmente, para o povo da roça, representado na figura simples e generosa do matuto, desse matuto sempre esquecido dos governos, sempre ridicularizado mesmo nos seus raros anelos de progresso; desse matuto renegado a uma vida inculta e brutalizada dentro de sua própria terra e de cujo trabalho promana, todavia, (curioso paradoxo) a seiva de que se alimenta o Estado, a Nação. É bem de ver que nem por isso

seremos regionalistas; antes a nossa preocupação se focalizará no sentido de projetar, mesmo às mais longíquas cidades, o clarão das idéias de renovação e de progresso de que nos fazemos portadores".

Bem redigido, de matéria variada, comentador e noticioso, seguiu-se-lhe a publicação regularmente, com quatro páginas, uma de reclames comerciais. Começou inserindo as seções "Rabiscos", por Coridela (anagrama de Alderico Portela); "Alfinetadas", epigramas, a cargo de Kelly (pseudônimo de Clóvis Carvalho); "Perfis", de Rosal d' Alencastro; "Oráculos de Tirésias...", por Circeu; "Pelas Cidades e Povoados" e "Correio Social". Outras sucederam-se, a par de diferentes colaboradores, que se revezavam ou substituíam, não só locais como de fora do município, a saber: Sebastião Bacalhau (de Barros Lobo), Heloísa Chagas, Gil Duarte, J.A. (José Antonio) da Silveira, o das "Notas à margem"; Décio França, Batista de Oliveira, José Américo Leite, padre Nestor de Alencar, José de Luna, Gêpê, que assinava "Na seara lingüística"; Murilo Buarque, Barão de Cana Brava, Agripino da Silva, Eldio Azil, Leda d'Ortiz (outra série de "Perfis"), João Costa, João do Correio (outro pseudônimo do redator C. de Carvalho), João Vieira, Otávio Vila Nova, Aristides Carneiro, etc. Mais a seção "Letras Femininas", dirigida por Moacir, em que apareciam prosa e verso de Áurea Ferreira, Maria Luiza Velez, Egídia Barbosa, etc. As edições de Natal e Ano Novo tiveram oito páginas, impressas a cores.

Atingindo o nº 52a14 de junho de 1928, publicou-se o nº 1, ano II, no dia 23, com 16 páginas, a primeira em duas cores e as demais ora em tinta azul ora em tinta vermelha. Clichês do pessoal da redação, em meio ao editorial comemorativo do transcurso do primeiro aniversário. Noutro artigo, intitulado "Algumas palavras aos nossos confrades do interior", Manuel Martins focalizou as dificuldades com que se

defrontavam os jornais matutos, sugerindo a fundação de uma associação de imprensa interiorana que, instituindo congressos, onde fossem "discutidos os problemas de interesse para a vida regional", pudesse "corresponder às justas necessidades gerais, sobrepondo o direito e a justiça às conveniências personalíssimas e aos interesses inconfessáveis".

A 19 de setembro, a edição, de seis páginas, foi dedicada à independência política de Catende, com largos títulos, clichê do governador Estácio Coimbra, divulgação da lei específica, histórico da existência da localidade e chapa dos administradores indicados à eleição. Noutra edição de seis páginas, a 15 de novembro, noticiava-se a posse do primeiro prefeito, João Azevedo, do sub-prefeito e conselheiros municipais, sendo a página principal ocupada com um panegírico de Estácio Coimbra.

Vinham, entretantes, surgindo novos colaboradores, sempre de caráter bissexto: Álvaro Costa, Arno Roiz (Araldo Rodrigues); C., com os "Sinapismos & Cataplasmas"; Aristóteles Soares (poesias). De Filgueiras (Normando Filgueiras); Malesherbes, que apareceu "Bisbilhotando"; Virgínio da Fonseca, o dos "Pontos de Vista"; Margarida, proporcionando "Intimidades", etc.

Enquanto isto, não deixava o semanário de abrir sua página de frente com bem elaborados editoriais, neles abordando temas locais e regionais do maior interesse, tais como: a deficiência dos serviços de Great Western (atual Rede Ferroviária do Nordeste), comunicações rodoviárias e, principalmente, o problema da agro-indústria açucareira. A propósito, sob o título "Um grande flagelo", P.T. assinou, a partir de maio de 1929, extensa série de artigos de crítica, a mais severa, à atuação da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco. Divulgava, igualmente, atos oficiais da Prefeitura.

Circulando ininterruptamente, veio a iniciar-se o ano III com o nº 1, a 23 de junho de 1929. A essa edição comemorativa, de oito páginas, seguiu-se outra do mesmo porte, após um mês de readaptação da oficina gráfica. Assim é que com o nº 2, de 21 de julho, adotou o formato de 45 x 31, a cinco colunas de composição. Lia-se ao lado do título, colocado à esquerda: "Entrando, hoje, numa nova fase de desenvolvimento, mercê da grande fé que o anima nesta jornada que se traçou, o Correio de Catende saúda aos seus prezados colegas da imprensa do interior, pioneiros infatigáveis do progresso dessa imensa região brasileira".

A primeira página da mencionada edição foi ocupada com o panegírico, e respectivo clichê, da Madrinha do Correio, senhorinha Hermínia Duca. Na segunda figurou a segunda colocada no concurso efetuado.

Dispondo de mais espaço, criaram-se as seções "Quebra-cabeças", sob a direção de Rosália Vojesses, e "Caixa Postal", a cargo de Marcus Vinícius. Luiz Cerejo (Antonio Luiz de Aguiar Matos Cerejo) passou a mandar crônicas do Recife, intituladas "De quando em vez", alternando com João Vieira de Melo, este também variando com a seção "De um bric-a-brac". Surgiram, em bom destaque, poesias de Waldemar Lopes, Andrade Lima Filho e Pereira de Assunção; artigos de Petrônio (pseudônimo de Sebastião Bacalhau), Canciller, E. Branselino, Brancelus, com os "Frutos da Época", Alde Porto, Ignotus, que redigia "Traços avulsos", e Moacir, o cronista de "Sorrisos e galanteios".

Atingindo 1930, Manuel Martins firmava "Dois dedos de prosa", sem faltar, igualmente, a produção dos outros redatores, sobretudo José Soares e Clóvis Carvalho, comentarista, cronista, poeta e humorista, além de polemista, como demonstrou em artigos políticos de refutação às críticas de que fora alvo durante

a campanha da Aliança Liberal. Também presentes Gil Duarte, Décio França e Bacalhau. Ainda: "Letras regionais".

Em maio do referido ano, transferia-se a tipografia, anexa à redação, para a rua Bela Aurora, 15. Ocorreu nova edição de aniversário e, a 7 de dezembro, verificou-se a primeira alteração no corpo redacional, com a saída de José Soares e a entrada de Sebastião Bacalhau e Luiz Duca Neto.

Colaboradores admitidos em 1931: Osmário Teles, J. Matuto, autor da crônica "Avulsos"; J. Noranha, João Nunes, Adauto Barreto, G.T.S., Nelson Alcântara, Ecclesius Lectius, etc; mais produções da "Lux-Jornal".

Escreveu a redação, no nº 1 ano V, de 23 de junho: "Quatro anos nos vêm encontrar no mesmo campo em que se travam os grandes prélios da inteligência e da razão, empunhando a nossa pena humilde e desapaixonada".

Já no fim de outubro, veio a reduzir-se a equipe redacional, mediante a retirada de L. Duca Neto. A 13 de dezembro iniciava Elizeu de Gligal a seção de comentários ligeiros "Aqui, Ali e Acolá".

Prosseguindo normalmente, só em 1932 adotou o regime de assinatura trimestral- 3\$000.

Após a realização do I Congresso de Jornalistas do Interior (preconizado, cinco anos atrás, pelo Correio de Catende), em Garanhuns, no mês de dezembro, a que deu grande cobertura noticiosa, o semanário fez constar do cabeçalho, a partir de 15 de janeiro de 1933: "Filiado à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco".

Um ano decorrido, efetivava-se, na própria cidade de Catende, o II Congresso de Jornalistas.

Ao atingir a segunda quinzena de 1934, criou-se tabela completa de assinaturas, a saber: ano - 12\$000; semestre - 7\$000; trimestre - 4\$000. Desde 8 de setembro, ficou o diretor-proprietário Manuel Martins Júnior assessorado por um único redator - Clóvis Carvalho, sem gerente. Pouco tempo depois, divulgado o nº 21 do ano IX, a 24 de novembro, ficou suspenso o Correio de Catende.

Foram seus colaboradores, até então, quase sempre em caráter esporádico: Artur Coelho (de Nova York), Waldemar Lopes e Antonio C. Montenegro, pertencentes ao Grupo Terra da Gente; professor Silva Santos, Lisboa Brito, Arari, Albérico Benevides, José de Albuquerque (do centro Brasileiro de Educação Social); Zamar, autor dos "Flagrantes", do Recife; Agripino Alcântara, Leônidas Castro, etc. Outros artigos eram fornecidos pela União Brasileira de Informações, que congregava nomes de projeção do sul do país. Por último, as edições acompanhavam-se do suplemento Correio Universal, do Rio de Janeiro, comum a numerosos jornais do país.

Mais de três anos durou a ausência do Correio de Catende, para ressurgir a 31 de julho de 1938 - nº 1, ano XI - feito quinzenário, "órgão litero-noticioso do Centro Escoteiro da Usina Catende S/A", sob a orientação do padre Tarcísio Falcão. Redatores: Álvaro Lins, Pedro Afonso, Alaíde Ramos e Deolinda Lucena; gerente - professor Milton Costa, também colaborador, que só permaneceu até 4 de dezembro. Nova tabela de assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000. Preço do exemplar - 0\$400.

Abriu a edição de estréia dessa segunda fase o longo editorial "A imprensa e sua missão atual", assim terminando:

"Vai ele desempenhar a sua importante missão. Vai levar o pão do espírito aos nossos lares e, embora rujam ventos contrários, tem a fé por norte, a ação e o trabalho por novos incentivos e está alerta no campo das idéias para lutar e para vencer".

Adotou "Seção Religiosa"; "Respingos", a cargo de Ruth; "Página Infantil" e "Registro Social", além de artigos assinados, noticiário geral e anúncios, saindo ora com quatro ora com seis páginas.

Proseguiu, anos seguidos, passando, a 28 de janeiro de 1940, à direção de José Soares. Outros redatores - Wilmar Mairink Monteiro de Andrade, Demóstenes Soares, Gasparino da Mata e Pelópidas Soares. Tornou-se então mais acessível a aquisição de assinaturas, reduzindo o preço da anualidade e do semestre, respectivamente, para 5\$000 e 3\$000. Número avulso - 0\$200. Só em 1944 subiram as três parcelas para Cr\$ 8,00, Cr\$ 5,00 e Cr\$ 0,30, respectivamente, já em vigor o novo padrão da moeda nacional: o cruzeiro.

Sem outras alterações, o Correio de Catende transformou-se em semanário a 18 de março de 1945, mas voltou a sair quinzenalmente desde 23 de dezembro.

Sempre dedicado aos interesses do município, mantinha-se independente no tocante à política. Todavia, batera-se, durante o ano em referência, contra o ditador Getúlio Vargas e promoveu a propaganda da candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República.

Divulgou, em 1946, numa série de artigos, o estudo intitulado "Nosso país e nosso tempo", autoria de Alde Feijó Sampaio. A 15 de setembro ocorreu uma modificação no corpo redacional, por se haverem ausentado três dos seus membros, ficando o mesmo assim constituído, sob a constante direção de

José Soares: Eduardo Rocha, secretário; Pelópidas Soares, José Emídio (por pouco tempo), José de Sousa e Amaro Soares. Três novas seções foram introduzidas em 1947: "Notinhas...", de K. Brito, ou seja, Eduardo Rocha; "Sal... picadas", a cargo de Jaime (de Albuquerque), já antigo colaborador, e as "picadas sem sal...", em versos ligeiros, de Zero (pseudônimo do diretor José Soares). No ano subsequente, apareceu, abrindo o Registro Social, a seção "Na berlinda", firmada por Delira, que não era outro senão Samuel José de Lira. Durou muito pouco.

A 24 de outubro de 1948 assumiu Pelópidas Soares a função de redator-chefe, afastado o redator-secretário. Restabelecer-se, então, a tabela de assinaturas de 1938, sob o nível da nova moeda, como a seguir: ano - Cr\$ 10,00; semestre - Cr\$ 6,00. Número avulso - 50 centavos; atrasado - 70.

Continuando sem alterações, veio o Correio de Catende a proporcionar, a 23 de junho de 1952, uma edição de dez páginas, a cores, comemorativa de suas bodas de prata. Estampou, na primeira, clichês de homenagem ao fundador Manuel Martins Júnior e do diretor José Soares e um fac-símile da 1ª página da edição de estréia, junto ao editorial evocativo, intitulado "Patrimônio e Tradição da Cultura Catendense", tudo encimado com a manchete/artigo "Bodas de Prata". Inseriu colaboração alusiva, da turma costumeira, e produções outras, de Reginaldo Cavalcanti, Gilvandro Portela Chaves, José Maria Cerqueira, Eros Evio (pseudônimo de José Estevão de Oliveira), Artur de Sena, José Sampaio Falcão e Samuel Soares. Boa ilustração, a bico-de-pena, de Antonio Moura Júnior. Foi levado a efeito vasto programa de solenidades pela passagem do evento.

Verificara-se, então, nova alteração no corpo redacional, que, além do diretor e do redator-chefe, que permaneceram pelo tempo afora, ficou assim organizado: Edgar Brito de Almeida,

secretário; Jaime de Albuquerque, Wilmar Mayrink, Amaro Soares e Laurita Marques de Carvalho; na gerência, Vicente Ramos. Tabela definitiva de preços - Cr\$ 20,00; semestre - Cr\$ 12,00. Exemplar a Cr\$ 1,00; atrasado - Cr\$ 1,20.

Edição extraordinária ocorreu, igualmente, a 11 de setembro de 1953, de oito páginas, comemorando o 25º aniversário de emancipação de Catende. E entrou, firme, no ano de 1954.

A par de produções assinadas pelos redatores, à frente José Soares e seus filhos Pelópidas Soares, Aristóteles Soares, Lenira Soares, Amaro Soares e Demóstenes Soares, o periódico divulgara, desde anos atrás, colaboração, nem sempre constante, às vezes literária, de Gomes Maranhão, Mário Souto Maior, Marcos Filho, José de Carvalho, Luiz Felipe Magalhães, Inácio Raposo, João Duarte Filho, Hidalgo César, Isaac Schachnick, Souza Leão Neto, Guerra de Holanda, José Gonçalves de Oliveira, Odete Melo, A. Teixeira, Jether Peixoto, Eunice e Eli Costa, Agnelo Banach, Dinamérico Sedícias, Rui Jordão de Vasconcelos, Salvador Malta (pseudônimo do catendense Albérico Benevides Falcão, também poeta) autor, anos seguidos, da série "Cartas da Bahia"; Artur Griz, Costa Porto, Jaques Gonçalves, Josimar Moreira de Melo, Paulo de Campos Moura, Alfredo de Medeiros, Antonio Costa, Luiz Cristovão dos Santos, Lício Neves, José Vilar San Juan, Jaime Portela, Antonio Soares de Araújo, Calazans Alves de Araújo, que usava o pseudônimo Braz & Lino; Antonio Lins de Lucena, tipógrafo, com os anagramas Aneculde Onil e Oinotna; Pedro Afonso de Medeiros, Alcides Nicéas, Amauri Semente de Almeida, Hugo de Moraes, Al Neto ("Nos bastidores do mundo"), Esdras Bispo e outros mais.

Tinha a data de 19 de setembro de 1954 o último número do Correio de Catende pesquisado⁽¹⁾ (Biblioteca Pública do Estado e Arquivo de Aristóteles Soares)⁽²⁾.

O CARICATO - Já existia em novembro de 1928. Carmelita Arruda seria uma das redatoras. Ainda circulava em julho de 1929 (Inf. do Correio de Catende).

A VOZ DA PARÓQUIA - Mensário católico, fundado em 1930, pelo padre Abílio Galvão. Dirigido, depois (até 1939?), pelo padre Tarcísio Falcão (Cf. "Letras Católicas em Pernambuco", do cônego Xavier Pedrosa).

O BALUARTE - Publicação quinzenal - Surgiu a 26 de novembro de 1931, formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Diretor-proprietário - Paulo S. de Barros Lobo, funcionando a redação e oficina (Tipografia Lobo) na rua 15 de Novembro, 5. Assinaturas: por ano - 5\$000; por trimestre - 3\$000, mediante pagamento adiantado.

Lia-se na concisa nota de apresentação: "Sem programa definido, dentro das suas justas proporções dará guarida a toda idéia altruística e nobre, banindo de suas colunas as discussões estéreis. Somente em tese poderá ser tratado qualquer assunto de natureza religiosa, política e social".

A edição de estréia mostrou-se variada, incluindo comentários redacionais, noticiário e colaboração de José Soares, Zeno, Artur Cabral (poesia) e Petrônio (pseudônimo de Sebastião Bacalhau, também conhecido como Yôyô Bacalhau).

(1) A publicação prosseguiu, ainda, por algum tempo.

(2) Coleções desfalcadas.

Seguiu-se a publicação, depois transformada em mensário, iniciando concurso de beleza feminina e mantendo boa linha de órgão dedicado aos problemas do município.

Ao atingir a edição de 19 de maio de 1932, ficou suspenso O Baluarte, reaparecendo - nº 10, ano II - a 26 de novembro, em comemoração ao primeiro aniversário de sua fundação. Reuniu doze páginas, sete das quais ocupadas pelo esboço histórico intitulado "Cenáculo Literário Catendense", da lavra de Sebastião Bacalhau. Vale destacar, entre a restante matéria, o artigo "O Proletário", de Carlos Eduardo⁽¹⁾ que era o mesmo Bacalhau, e algumas fotografuras locais.

Só a 25 de dezembro saiu o nº 11, acrescentando ao cabeçalho: "Órgão da Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco" e, ao expediente, os nomes do redator-chefe e do redator-secretário - Sebastião Bacalhau e professor Santos Filho. Ocorreu, todavia, nova suspensão.

Encetou uma "segunda fase" em janeiro de 1934⁽²⁾, declarando-se "órgão de livre opinião". Tendo Barros Lobo ficado apenas como proprietário, Santos Filho foi elevado à função de diretor-redator-chefe, entrando Eduardo Calou para a de diretor-redator-secretário. Nova tabela de assinaturas: ano - 6\$000; semestre - 3\$500; trimestre - 2\$000. Redação e oficina: avenida João Pessoa, 10.

(1) Um excerto do artigo "O proletário": "Nu que veste nações. Faminto que alimenta multidões. Ignorante que sustenta lábios. Sujo que aformoseia beldades. Pobre que sustenta ricos. Eis o proletário. Ele faz tudo e vive precisando de tudo. Ele tudo produz e nada tem. Ele tudo realiza e de nada goza".

(2) No decorrer da nova fase d'O Bauluarte, esqueceu o tipógrafo de colocar o ano da publicação, que foi, na realidade, 1934.

Tornou-se-lhe a matéria mais leve. Literatura e algum humorismo. Colaboração de Caubi Irapuan de Tabajara, Décio França, Araken, Clara de Montemar, José Acioli, Jandira e Príncipe Solitário (como se ocultava Eduardo Calou).

Quinzenário novamente, foi bem mais curta a sua existência, que findou com o nº 4, ano III, de 8 de março (Biblioteca Pública do Estado).

A VOZ DE CATENDE - Estreou no dia 10 de março de 1932, formato de 33 x 24, com quatro páginas de três colunas. Propriedade e direção de João Nunes Pereira; redator-secretário - Abílio Calábria; gerente - Joaquim de Lima. Instalada a redação na Praça de Santana, 51, imprimia-se na Tipografia Lobo. Assinaturas: ano - 5\$000; semestre 3\$000. Número avulso - 0\$200.

O editorial de abertura - "A nossa diretriz" - que encheu a primeira página, tendo ao centro o clichê do diretor, declarou, inicialmente, que A Voz não se preocuparia com literatura. Seu programa limitava-se a "verberar os deslizes políticos e coletivos dos nossos homens de governo, assim como erros que venham particularmente deprimir o país física e moralmente".

Quinzenário, seguiu sua meta, servida de ampla matéria redacional, ocupando-se dos interesses da cidade e da política nacional, a par de noticiário e artigos assinados. Apesar do enunciado no programa, divulgou sonetos de Aristóteles Soares da Silva e deu início a uma novela de Joaquim Pessoa de Siqueira, o qual substituiu o redator-secretário. Outros colaboradores: Luiz Cavalcanti, Décio França e Benedito Jorge.

O diretor d' A Voz de Catende empreendeu campanha contra a administração do prefeito João Mairink. Editado,

entretanto, o nº 6, a 26 de maio, excepcionalmente com seis páginas, ficou suspensa a circulação.

Reapareceu - nº 7 - no dia 25 de setembro, mas em outubro foi proibida de circular pelo delegado de polícia, em consequência da campanha, intensificada, contra o governo municipal.

Decorreram dois meses. Autorizada pelo Secretário da Segurança Pública do Estado, voltou A Voz, com o nº 8, a 25 de novembro, dedicado à violência policial e à libertação obtida. Nada obstante, resolveu Nunes Pereira encerrar as atividades da bulhenta gazeta⁽¹⁾ (Biblioteca Pública do Estado).

CATENDE-JORNAL - Órgão Literário, Noticioso e Humorístico - Saiu a lume no dia 10 de maio de 1932, formato de 32 x 24, com quatro páginas, a duas e três colunas de composição. Diretor - A. Santos Filho; secretário - Aristóteles Soares; gerente - Décio França. Confecção da Tipografia Lobo. Assinatura trimestral - 1\$500.

Luiz Augusto assinou o editorial de apresentação, sob o título "Fazer jornal no interior...", focalizando a luta do idealismo contra "o berreiro da burguesia inculta", para, finalmente, vencer, uma vez combatido "o bom combate, pelo seu Ideal, pela sua Glória".

Inseriu artigo filológico de Alde Porto; poesia do redator-secretário; coluna de humorismo, a cargo de Frivioca e Célio Meira; "Registro Social"; "Concurso de beleza infantil" e ligeiros anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

(1) Consoante relato de Sebastião Bacalhau, A Voz de Catende tornara-se, "pela violência das suas críticas, o jornal mais disputado da cidade".

Teria circulado mais um único número, conforme S. Bacalhau, do qual não foi possível encontrar comprovante.

SÓ P'RA VOCÊ... - Futilidades - Confeccionados os quatro primeiros números em máquina datilográfica, tiragem de um só exemplar, que passava de mão em mão, começou a ser impresso, na Tipografia Lobo, a partir do nº 5, ano I, datado de 15 de maio de 1933, formato de 35 x 23, com quatro páginas a três colunas de composição. Diretoria - Maria do Carmos Pires; redatora-chefe - Olazilda Calábria; redatoras - Diversas.

Publicação irregular, de literatura leve, noticiário, perfis, troças, epigramas, carnês e rara ilustração, dividia-se-lhe a matéria em "Ramallete Social", "Concurso Literário", "Humorismos", "Pode e... não pode", "Telegramas", "Dizem..." e várias outras seções, que se revezavam. Assinavam-nas diferentes pseudônimos, a destacar: Violeta do Vale (Maria Luiza do Rego Barros) Pery (José Carneiro Peroba), Dama da Luva Rosa (Carmelita Arruda), Guerreiro Branco e Príncipe Solitário (Eduardo Calou), Mlle. Sapequinha (Maria do Carmo Pires, atualmente Maria do Carmo Tenório), Bichinho Manso (Elias Carneiro), Príncipe Arpad (Décio França) Rosa Rubra, Lady Mittz e Dama da Luva Negra (Elza Carnaval), Zé Riso (Alcides Lopes), Zé Avenida e Abacate (José do Rego Barros), Braz & Lino, Calazans Alves de Araújo), Morena dos Olhos Tristes, Mata Hari, Garotinha de New York, Litely, Solange, Cilro Meigo e até alguns nomes reais, como Raul C. Morais, Murilo Buarque e Pedro Lima.

Ocorreram modificações no corpo redacional. No nº 7, a redatora-chefe foi substituída por Maria Luiza do Rego Barros, e já no nº 22, ano II, ficou assim constituído: Fundadora - Maria do Carmo Pires; diretoras - Luiza Barros e Edite Sarmiento; redatoras - Diversas. Ocorreu um interregno na publicação entre os meses de janeiro a junho de 1934, ano em que terminou a

existência do alegre jornalzinho, com o nº 24, de 9 de agosto (Coleção em poder da Sra. Elsa Carneval).

O SEMEADOR - Órgão do Departamento de Propaganda da Igreja Batista de Catende - Entrou em circulação no mês de junho de 1933, obedecendo ao formato de 32x 24, com quatro páginas de três colunas. Diretor - Antonio Acioli da Silva Santos. Impressão da Tipografia Lobo, à rua 15 de Novembro, 5, sendo custeado por membros da Igreja, "amigos e interessados".

Consoante as "Duas palavras" de abertura, foi fundado para levar as "boas novas de salvação" às pessoas que não podiam ou não queriam "ser atingidas pelo Evangelho falado".

Constituiu-se sua matéria - igualmente no segundo (e último) número, datado de julho - de artigos de doutrinação, mediante transcrições; poesias; uma página dedicada ao noticiário do movimento evangélico e "Registro Social" (Biblioteca Pública do Estado).

GAZETA DO POVO -Folha política, dedicada à propaganda da Aliança Nacional Libertadora, circulou a 30 de junho ou 1º de julho de 1935, sob a direção de Joaquim Pessoa de Siqueira (Inf. de Tempos Novos, 7/7, Garanhuns).

A JUSTIÇA - "Surgiu no cenário intelectual do Nordeste", sob a direção da "inteligência moça de Tancredo Messias". Prováveis redatores - Alaíde Ramos e João Costa (Inf. d'O Ideal, 24/10/1936).

O IDEAL - Órgão de Interesses Locais - Com redação na Usina Roçadinho, apareceu, para circular semanalmente, no dia 24 de outubro de 1936, formato de 32 x 24, quatro páginas de três colunas. Direção de Francisco Henrique de Assis; diretor-

responsável - Antonio Tenório de Matos; secretário - Antonio Aragão; gerente - João de Barros. Confecção da Tipografia Lobo. Preço do exemplar - 0\$300.

Devia-se a publicação a um "grupo de rapazes abnegados da Usina", conforme o artigo de abertura, desejosos de "fazer alguma coisa em seu benefício e no da coletividade", esperando ter boa acolhida.

O nº 2 saiu a 31 de outubro, faltando notícia do prosseguimento. Matéria constituída de literatura incipiente, perfis, notas humorísticas, epigramas, charadas e noticiário. Foram colaboradores: Silva Santos, Benedito Jorge, Kanguru, Qui-Qui-Qui e outros pseudônimos (Biblioteca Pública do Estado).

O CULTIVADOR - Órgão dos Alunos das Escolas da Usina Catende S/A - Estreou em maio de 1937, obedecendo ao formato de 33 x 24, com quatro páginas de três colunas. Direção de Eunice Carvalho, Eurídice Carvalho e Maria de Jesus Sousa Ribeiro; redatoras - Maria Alice da Silva, Maria José Burgos, Maria Silva, Olívia Silva e Irene Liberato. Publicação mensal, para distribuição gratuita. Redação no Grupo Herculano Bandeira, sendo o trabalho material da Tipografia Lobo.

A primeira das diretoras firmou o editorial "Quem sou eu?", segundo o qual tratava-se de um jornalzinho nascido de "cérebros ainda em formação", disposto a anunciar o que se fazia nas escolas e clubes agrícolas escolares da região, desejando, acima de tudo, "O engrandecimento da pátria".

Constou sua matéria de noticiário, atas, testes, literatura infantil e as seções "Na Sociedade" e "Charadas".

Prosseguiu regularmente, menos no mês de julho, até o nº 5, datado de outubro, provavelmente último, quando se

achava o corpo redacional desfalcado de alguns nomes (Biblioteca Pública do Estado).

ALVORECER - Deste pequeno jornal, fundado em 1938, circularam, apenas, sete números, segundo informação de Clóvis Melo, autor dos "Anais da Imprensa do Interior do Estado de Pernambuco". Nenhum pormenor.

Divulgou, a propósito, o Correio de Catende:

"Tendo deixado de circular, por tempo indeterminado, este conceituado órgão estudantil de Catende, a sua diretoria resolveu entregar à Igreja a quantia arrecadada, como prova a declaração abaixo:

"Declaro que recebi dos Srs. Agrário Ramos, Pelópidas Silveira e Gasparino da Mata e Silva a importância de 50\$000, quantia esta fundo de reserva do jornal estudantil Alvorecer, que não se pode manter. Declaro também que esta importância a empreguei em objeto necessário ao culto divino. Catende, 15.1.1940. Padre Tarcísio Falcão".

A FESTA - Órgão Social e Humorístico - Publicação anual, surgiu no dia 6 de janeiro de 1947, por ocasião das festas comemorativas da Padroeira da Cidade.

O nº 2, ano II (único avistado), circulou a 6 de janeiro de 1948, formato de 35 x 23, com 12 páginas, variando de duas a quatro colunas de composição. Trabalho gráfico da oficina do Núcleo de Escoteiros da Usina Catende. Bom papel. Impressão em cores diferentes. Organizador - Pelópidas Soares. Número dia - Cinco "bagarotes". Variada matéria literária, humorística e noticiosa, servida a edição de várias ilustrações (Biblioteca Pública do Estado).

CANAVIAIS - Uma Revista de Catende para o Sul e Agreste de Pernambuco - Saiu a lume datada de abril/maio/junho de 1950, formato de 27 x 19, 36 páginas de papel acetinado e capa de cartolina, ilustrada com desenho de casa de engenho. Diretores - Durval Ferreira Lins e Pelópidas Soares da Silva; redatores - Leila (Laurita de Carvalho), Davi Gonzaga e Calazans Alves de Araújo; fotógrafo - Edeltrudes Silva (Dadai). Redação, administração e oficina própria à rua Bela Aurora, 52. Preço do exemplar - Cr\$ 0,50.

Magazine cujo título teve inspiração no verde que "enfeita a paisagem da zona Sul do Estado", declarou o "Pórtico" da página de rosto não ter pretensões, achando-se "quase que inteiramente ausente dos grandes recursos materiais e espirituais que caracterizam as grandes revistas brasileiras". Tudo faria, "entrementes, para prestar os melhores serviços a Catende e ao seu povo, às suas causas, à sua cultura e ao seu progresso", isenta "de qualquer compromisso de ordem política, filosófica e religiosa". Abrigaria todas as idéias, acataria todas as opiniões, exceto as que ferissem "as tradições de moralidade da família brasileira e o respeito à integridade nacional".

A edição, que foi única, inseriu reportagens de interesse local, ilustradas fotograficamente; comentários e notas diversas; as seções "Poesias", colaborada por Albérico Benevides, Rui Jordão e Eros Évio; "Poeira de Estrelas...e Astros" (duas páginas); "Perfis", a cargo de A.B.C., como se ocultava Durval Lins; "Página da Democracia" e "Página Feminina"; artigo de José A. de Oliveira; crônicas de Edmundo Jordão e Zé do Agreste (pseudônimo de Calazans); curiosidades; charadas e noticiário, sem faltar a competente parte de reclames comerciais (Arquivo de W. Araújo, Fortaleza, Ceará).

O ESCOL...ADO - Jornal humorístico, de Hugo Ramos, sob a direção de Edgar Brito, circulou no Natal e Ano-Bom de 1950 ("Anais", de Clóvis Melo).

UMP...ISTA - Boletim da União da Mocidade Presbiteriana, apareceu em 1950, tendo como diretora Laurita Marques de Carvalho ("Anais", de Clóvis Melo).

O VOLANTE - mais recente - ?

A REGIÃO - Órgão Independente e Noticioso - Publicado, até o nº 12, em Palmares, circulou em Catende a partir do nº 13, ano I, datado de 11 de janeiro de 1953. Formato de 38 x 29, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Diretor-proprietário - Durval Ferreira Lins; diretor-responsável - Jocelino de Sousa Ribeiro; secretário - Calazans Alves de Araújo; gerente - João Porfírio. Redação à Praça de Santana, permanecendo a oficina impressora em Palmares, pertencente a Durval.

Num "Esclarecimento" assinado por João Porfírio, a propósito da mudança do periódico, declarou: "Os seus fundadores foram pessoas das cidades de Palmares e Catende juntamente. Por este motivo, este jornal ficou servindo às duas cidades". O motivo era simples: o novo diretor-responsável tinha residência fixa na segunda cidade, ficando Luiz Ferreira como correspondente na primeira.

A publicação continuou, mantendo regular noticiário, manchetes, a seção "Fatos e Sugestões", "No Reino das Musas", raros anúncios e a colaboração, além da turma do cabeçalho, de Osmário Teles, Mário Matos, Delair Maranhão Bandeira, Zito Batista, Cândido Ribeiro e José Martins.

Foi último comprovante avistado o nº 15, de 15 de março do mesmo ano.

O CATENDE - Órgão do Grupo Escolar Faria Neves Sobrinho, manuscrito e hectografado, circulou em abril de 1954, com quatro páginas de papel pautado, tipo comum, matéria constituída de exercícios escolares, noticiário específico e desenhos a lápis de cor (Departamento Cultural da SEEC).

CHÃ GRANDE(*)

O 4 DE OUTUBRO - Faltando comprovação da data do primeiro número, circulou o segundo no dia 14 de dezembro de 1930, em formato de 27 x 20, com quatro páginas de três colunas. Diretor - Antonio de Melo; redator-chefe - Sidão Lira; gerente - Manuel Nunes. Impressão da Tipografia Oliveira, situada em Gravatá.

Abrindo a edição, o artigo do diretor atacou a anterior administração municipal de Gravatá e teceu elogios à do momento, sob a orientação do deputado Costa Carvalho. Seguiram-se crônicas de incipiente literatura, assinadas por Berilo Paiva, Mariano Andrade, Lucas Oliveira e Bausbeck; outro artiguete de Antonio Pina, notícias ligeiras e a última página de anúncios.

Não prosseguiu a publicação (Biblioteca Pública do Estado).

(*) Antiga vila de Gravatá, Chã Grande só veio a tornar-se município pela Lei Estadual de 21 de dezembro de 1963.

CONDADO(*)

O REPÓRTER - Primeira manifestação da imprensa local, publicou-se em 1929, feito semanário. Tinha como diretor Ludovico de Andrade, depois substituído. Faltam pormenores (Relação Álvaro Alvim).

O BULIÇOSO - Periódico Noticioso, Humorístico-Social - Apareceu a 20 de abril de 1931, em formato de 31 x 22, com quatro páginas de três colunas, trazendo ao lado do título a sentença: "Um jornal, por pequeno que seja, é mais um passo à frente para o soerguimento de um povo". Sob a direção de Ludovico de Andrade, tinha como redatores auxiliares Epitácio Batista Tavares e Francisco Rabelo. Logo no terceiro número o diretor foi substituído por Lourival Lima. Assinaturas: anual - 5\$000; semestral - 3\$000. Redação à rua João Pessoa, 137.

Nada obstante dizer-se mensário e, depois, quinzenário, circulou tão irregularmente que o nº 20 (ano III) saiu a lume no dia 24 de fevereiro de 1934, quando passou a exhibir o sub-título: "Literatura - Humorismo - Sociedade". Foram outros redatores: L. Fonseca e Antonio de Sá, voltando L. Andrade como redator-chefe. A partir do nº 21, de 13 de março, acrescentou ao expediente: "Filiado ao Circuito Jornalístico do Círculo de Educação Sexual do Rio de Janeiro".

Atingindo o nº 22 a 20 de abril, solenizando o terceiro aniversário de sua fundação, O Buliçoso duplicou o formato para 45 x 31, passando a ser impresso nas oficinas do Jornal do Recife, ao passo que alterava, novamente, o sub-título, que ficou sendo o seguinte: "Mensário Independente, Literário e Social".

(*) Denominação atual do antigo distrito de Goianinha. A Lei Estadual nº 3430, de 31/12/1958, criou o município de Condado e elevou sua sede à categoria cidade.

Subiu para o cabeçalho o nome de João Pereira de Andrade, na qualidade de diretor-tesoureiro. E, ao lado do cabeçalho apareceu esta sentença de mão da Medicina, quando as ulcerações malignas o exigem", Tudo faria o jornal, consoante o artigo de abertura, para que Goianinha - "a vila pérola de Goiana - marche ao lado dos outros povos e se liberte dos preconceitos e do pessimismo que deveras tanto obstruem a macha de uma gente em procura do progresso e da luz".

Desde o primeiro número, a folha, além da matéria de rotina, abrigou colaboração, em prosa e verso, de Mário Santiago (Álvaro Alvim), Pedro Lima, Ângelo Jordão Filho, Oliveira Pessoa, Abdias de Oliveira Filho, Pedro Botelho, Hélio Tavares de Oliveira, Arlindo Maia, Lúcio Lívio, com a seção "Frangalhos..."; Lírio do Monte; Jack, o das "Variações", etc. Em agosto de 1934, inciava-se a "Seção das Moças", compreendendo literatura feminina, assinada com pseudônimos; e J.A. vinha assinando o "Catecismo do Buliçoso", constante de artigos doutrinários, educativos e filosóficos. O mesmo J.A., ou seja, João Pereira de Andrade, entrou em polêmica com a Gazeta de Nazaré, a propósito dos livres pensadores em face da religião católica, esta defendida pelo contendor do vizinho município.

Terminado o ano com o nº 30, de dezembro, prosseguiu O Buliçoso em janeiro de 1935, quando noticiou o falecimento do diretor-redator-gerente Lourival Lima, assumindo essas funções, então, J.P. de Andrade. Mas o mensário só deu à luz o nº 32 no mês de abril, ficando suspenso "por alguns meses". Foi o fim (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

O GAROTO - Órgão Oficial da Classe - Surgiu no dia 31 de maio de 1934, em formato de 23 x 16, com quatro páginas de

(1) Coleção desfalcada.

duas colunas. Editores - L. Fonseca, Auberaldo de Sá. Lourival Lima, Ludovico de Andrade e Francisco Rabelo. Trazia no cabeçalho: "Jornal de graça para crianças grandes".

De feição humorística e noticiosa, a edição de estréia mostrou-se à altura do seu programa, incluindo literatura juvenil.

Publicando-se esporadicamente, chegou a atingir o ano de 1938, quando circulou em junho o provável último número (Coleções A. Alvim e L. Andrade).

FEITIÇO - Jornal dos moços, para os moços e...péla os moços - Apareceu no dia 30 de novembro de 1934, destinado a publicar-se em "período indeterminado". Formato de 24 x 18, com quatro páginas de duas colunas. Editores: Francisco Rabelo, Auberaldo de Sá, L. Bezerra e Ludovico de Andrade.

Lia-se no artigo "Quem sou eu": - "Sou o Feitiço. Não pretendo o mal, aspiro o bem. Quero ser querido, atrair, ter feitiço..." Trataria da política... de Cupido, esperando colocar-se bem no coração das moças da localidade.

Seguiu-se a publicação, somente ocupada com literatura, humorismo e notas sociais, tendo a colaboração de Jaime, Joanito, K.W.Y., Luiz XIII, Zé do Ó, Jones, Empata-Samba, Xico Telescópio, Lélío, Covi, Tony, K. Cête, Gregório, Dandoca e outros. O nº 6, de 28 de outubro de 1935, substituiu o corpo redacional por um único nome, aliás pseudônimo: "Lula XIII dirige, gerencia e varre a redação".

Circulando sempre com imprecisão, Feitiço prolongou sua existência até o nº 16, de 6 de fevereiro de 1937, ficando aí

suspenso. Teria reaparecido em 1940, faltando pormenores (Col. Álvaro Alvim)¹.

O ATALAIA - Mensário Independente, Literário e Social - Surgiu no dia 13 de maio de 1935^(1-A), em formato de 31 x 22, com seis páginas de três colunas. Redatores - Hélio Tavares e Ludovico de Andrade; auxiliares - Antonio de Sá e Dácio Malta, este só mencionado no primeiro número. Assinatura anual - 3\$000; anúncios - mediante prévio ajuste. Trabalho gráfico das oficinas d'O Imparcial, de Goiana.

Trazendo ao lado do cabeçalho um pensamento de M. Sully (substituído em cada edição), declarava, no artigo de apresentação intitulado "Duas palavras", "ser o atalaia dos interesses locais e dos interesses da pátria", destinando-se "a viver para o bem de Goianinha, batalhando em prol das boas causas e ser, para sempre, o vigia que não se descuida do tesouro entregue à sua tenacidade".

Seguiu-se a publicação, incluindo uma página de anúncios, contendo comentários redacionais, noticiário ligeiro e colaboração de Pedro (Joaquim Velez) Botelho, Otávio Marinho Trigueiro e Haroldo. Ludovico de Andrade usava o anagrama Clovi Duc.

O nº 5, de 15 de setembro, foi o último avistado, diminuída para quatro a quantidade de páginas, mas acrescido de suplemento Feitiço, sob a direção de Luiz XIII (Biblioteca Pública do Estado).

¹ Coleção incompleta. Na Biblioteca Pública do Estado acham-se arquivados dois únicos exemplares: os nºs 1 e 6.

(1-A) Conseqüência de um lapso tipográfico, a edição de estréia d'O Atalaia apresentou-se como nº 1, ano II.

O BEIJO - Foi outro jornalzinho humorístico publicado na localidade, do qual não existem mais informes além da menção feita no artigo-programa d'A Coisa.

A COISA - Publicação Indeterminada - Circulou o nº 1, ano I, a 28 de março de 1937, em pequeno formato de 24 x 18, com quatro páginas de duas colunas. Redator - Zé Coisa; gerente - D. Coisa. Preço do exemplar - 200 réis.

Lia-se no artigo-programa: "O nosso jornalzinho é uma coisa. Boa ou má, deixamos ao juízo dos que nos lêem. Limitamo-nos a dizer: é uma coisa bem intencionada". Depois, concluindo: "Não dispondo de maiores recursos materiais, A Coisa é pequena e quase exclusivamente dedicada ao humorismo local".

Divulgou matéria leve, inclusive notas assinadas por Maciel e Chico Mexerico, além de anunciar a "criação" do "Clube dos Amigos do Flirt".

Teria continuado? (Biblioteca Pública do Estado).

NATAL - Número único, foi dado à circulação no dia 25 de dezembro de 1937, obedecendo ao formato de 24 x 18, com seis páginas a duas colunas de composição. Redatores - Ludovico de Andrade e L. Fonseca.

Órgão humorístico, dizia representar as boas intenções da juventude. Inseriu matéria interessante (Col. Álvaro Alvim).

A VOZ DE GOIANINHA - Mensário Independente - Começou a publicar-se em princípios de 1938, formato regular, a quatro colunas de composição, com quatro páginas, depois aumentado-as para seis, sendo uma de anúncios. Diretor - João

Pereira de Andrade; redator - Hélio Tavares. Assinatura anual - 4\$000. Preço do exemplar - 200 réis.

Lia-se no quadro de abertura: "É de nossa intensão e constitui o nosso programa: Auxiliar a defesa dos oprimidos, uma vez que for possível. Incentivar os melhoramentos públicos e as boas associações particulares. Reconhecer, enumerar e agradecer os atos dos poderes públicos praticados a bem da coletividade. Não causar ofensa pessoal, sem contudo nos imiscuir de advertir as vítimas de seus ofensores disfarçados. Perdoar as ofensas, ainda mesmo que elas nos sejam dadas como recompensa de nossos trabalhos. Considerar bastante aos pobres e aos ignorantes, auxiliando-lhes, muito embora sejamos mal compreendidos. Combater a superstição, os jogos e a exploração da credence inexperiente. Advertir dos perigos das moléstias contagiosas. Publicar, o quanto possível, a propaganda que nos for enviada da parte dos poderes públicos. Manter, para as crianças, um pequeno Catecismo de Educação Dedutiva. Evitar a paixão, afim de marcharmos sempre com razão".

Circulando regularmente, nas primeiras quintas-feiras de cada mês, divulgava, a par de comentários redacionais e ligeiro noticiário, artigos assinados por Valdemar de Albuquerque, João Júnior, José Malheiros, Hélio, o redator, e J.P. de Andrade, o diretor, este último filósofo e livre pensador¹, cujas idéias, já antes expendidas através d'O Buliçoso, o levaram a polemizar, outra vez, com a Gazeta de Nazaréth.

Estendeu-se a existência d'A Voz de Goianinha até a edição de fevereiro de 1939 (Col. Álvaro Alvim).

¹ No ano de 1934, depois em 1935, João Peireira de Andrade, dando curso ao seu pensamento filosófico, divulgara duas plaquetas, sob o título "A audiência que a Justiça deu ao Pecado", que o próprio autor dizia ser "a mais correta interpretação de Deus e suas leis".

FÉRIAS - Publicação de período indeterminado, "dos estudantes goianinhenses para a juventude conterrânea" (sem comprovante da edição de estréia), circulou o nº 3, ano I, no dia 29 de janeiro de 1939, com dez páginas, em formato mínimo de duas colunas. Diretor - Alcides Rodrigues; redatores - diversos.

Outro exemplar avistado foi o nº 6, ano II, de 24 de março de 1940, estando a direção confiada a Alcides, Mário e Newton (?). Divulgava literatura ligeira, noticiário, troças e curiosidades (Arquivos de A. Alvim e L. Andrade).

BOM DIA - Órgão carnavalesco, de formato médio, dirigido por Genivaldo Fonseca, circulou em fevereiro e em março de 1943. Divulgaram-se, anteriormente, três números manuscritos, em períodos incertos. Verificada a primeira edição impressa tipograficamente, dizia ser ainda uma experiência, esperando circular em épocas fixas, o que não conseguiu mais (Col. A. Alvim).

BOLETIM DA S.C. - Órgão da Sociedade de Cultura de Condado - Primeiro exemplar encontrado foi o nº 5, de 7 de setembro de 1945, com quatro páginas, em formato de 32 x 23. Diretor - Alcides Rodrigues de Sena; redatores - Pedro Lima, Ludovico Andrade e Dácio Malta. Colaboração de Luiz Gonzaga Xavier da Silva, José Dias da Silva, Gilberto Botelho e outros (Col. A. Alvim).

O nº 6, com seis páginas, circulou a 15 de outubro, pois a publicação era mensal, exibindo o lema: "Tudo por Condado, nada sem Condado!" Inseriu, em página inteira, o artigo "A marcha do tempo em Condado", seguindo-se matéria variada, inclusive uma "Página Literária", contendo produções de José Morais Pinho, Gilberto e Alcides, já citados (A. Alvim e Biblioteca Pública do Estado).

SER OU NÃO SER - Número único, comemorativo da 75ª Festa de São Sebastião. saiu a lume no dia 3 de fevereiro de 1946, com seis páginas de tamanho médio. Direção de Genival Gouveia da Fonseca. Além da matéria noticiosa específica, divulgou colaboração de Paulo Seve, Geraldo Fontes e outros (Col. A. Alvim).

CORIPÓS(*)

O IPIRANGA - (Qual a escola?) - O nº 2, de 1953, publicou-se no mês de junho, com quatro páginas de papel almaço, manuscrito e copiado em hectógrafo. Diretor Manuel Cadidé; secretária - Josefina Gomes. Matéria constituída de literatura infantil, noticiário do movimento social e desenhos escolares (Departamento Cultural da SEEC).

CORRENTES

JORNAL DE CORRENTES - Órgão dos Interesses Gerais do Município - Entrou em circulação a 7 de agosto de 1921, no formato de 33 x 23, com seis páginas de quatro colunas, destinado a sair quinzenalmente. Direção de Anísio Arroxelas G. Carapeba; redatores - Eusébio Brandão da Rocha e João Jungman. Redação e oficinas à rua da República, 2. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000.

"Sem emaranhar-se nas malhas do partidarismo político entremado", segundo o artigo de apresentação, prometia tratar do progresso geral da terra correntense, comentando e informando a respeito de tudo.

Jornal bem feito e bem redigido, seguiu roteiro certo inserindo matéria interessante e variada, inclusive colaboração

(*) Atual Santa Maria da Boa Vista.

de Felinto Pedrosa, autor das "Cartas de fora"; L.B., que assinava "Juízos"; Aurio d'Amor, o dos "Rascunhos"; além das "Fatias", seção humorística de Cunegundes; "Grafologia", por Oniasi (anagrama), e "No mundo charadístico", a cargo de Inácio de Siqueira. Apareciam raros sonetos, na primeira página, de nomes em evidência, mediante transcrição. Ainda noticiário, bem regular, e anúncios, estes ocupando, invariavelmente, as duas últimas páginas.

Dois concursos instituiu o periódico, para apurar quais as senhorinhas "mais bela" e "mais simpática" de Correntes.

Terminado o ano com o nº 10, de 11 de dezembro, continuou a numeração em 1922, edição de 8 de janeiro, contendo, como sempre, oito páginas.

Ao Atingir o nº 18, de 14 de março, uma vez transferido da comarca o juiz Jungmann, seu lugar no corpo redacional foi ocupado por Genésio Vilela e José Néri de Sousa.

Entretanto, ao que tudo indica, findou aí a existência do Jornal de Correntes. Essa derradeira edição prestava, em artigo da redação, todo apoio à candidatura José Henrique Carneiro da Cunha à sucessão governamental do Estado (Biblioteca Pública do Estado).

O BLOCO DAS FLORES - Órgão do grupo carnavalesco do mesmo nome, foi dado à publicação no dia 19 de fevereiro de 1928. Redatores - João Moreira, Manuel Monteiro e João Batista de Lima. Inseriu matéria interessante, de acordo com o reinado de Momo (Inf. Diário de Pernambuco, dia 25).

O CORRENTES - Semanário Dedicado aos Interesses do Povo - Apareceu a 17 de março de 1928, em formato de 38 x 27, com quatro páginas de três colunas. Direção e

propriedade de Moacir de Medeiros. Redação, escritório e oficinas¹ na Praça da República, 20. Assinatura: anual - 10\$000; semestral - 6\$000. Número avulso - 0\$200. Preço das publicações a pedido - 0\$400 por linha. Anúncios - conforme ajuste.

Lia-se no editorial de abertura, intitulado "Uma idéia que vingou", entre outras considerações: "Como que a luz dissipando a treva, o saber dominado a ignorância, é intenção d'O Correntes congregar os homens, unindo-os para o mesmo fim, isto é, para o bem-estar da coletividade, faze-los esquecer os ódios e as paixões, torná-los batalhadores em prol dos interesses gerais".

"Órgão absolutamente imparcial, não intervindo jamais em política", esperava "o concurso de todos os correntinos".

Servido da colaboração de Félix Valois e de A. Jorge de Sousa; seção religiosa, comentários, amplo noticiário e mais de uma página de anúncios, o periódico teve vida efêmera, ficando suspenso após o nº 4, de 8 de abril.

Ressurgiu - nº 5 - a 25 de agosto, declarando iniciar nova fase, sem mudar de direção, mas impresso em Garanhuns, na Tipografia Moderna. E acrescentou ao cabeçalho, à esquerda: "Tudo pelo progresso de Correntes"; à direita: "Em qualquer assunto é livre manifestação do pensamento pela imprensa" (Art. 72, § 12, da Constituição).

Interrompera a circulação, conforme o artigo "Insurreição", por "motivos imperiosos e imprevistos". Aludiu à "desdita" que o ferira, assegurando que, nada obstante, se

¹ O proprietário d'O Correntes adquirira, por compra, em Garanhuns, uma tipografia de Dário do Rego.

achava novamente em campo, "para combater o erro com a verdade, sem subterfúgios", como "sentinela indormida".

A edição inseriu poesia de Gumercindo de Abreu, prosa ligeira de Hermínio Aroucha, comentário de encômios ao governandor Estácio Coimbra, noticiário e uma página de anúncios.

Não vingou a novas fase? (Biblioteca Pública Estadual).

O INDEPENDENTE - Órgão Quinzenal de Livre Opinião
- Com seis páginas de quatro colunas, estatura de 33 centímetros, o sexto número circulou a 11 de janeiro de 1929. Diretor - E. Oliveira; redatores - Manuel Valois Correia e M. Siqueira; gerente - H. Teixeira, os quais efetuaram uma retirada coletiva no nº 7, que indicou um nome único no cabeçalho: Luiz Frazão, diretor, sendo, porém, vice-diretor e tesoureiro Augusto Lúcio. Colaboração de Benjamin Silva, Erasmo Alves, Sinobina, Violeta ("Perfilando") e A. de Siqueira. Bons comentários e vasto noticiário. Sem anúncios. Impresso na Tipografia Helena, com redação à rua Santo Antonio. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000; trimestral - 3\$000. Avulso - 200 réis.

Foi suspenso, logo depois, por motivo de perseguições políticas.

Reapareceu - nº 1, ano III - a 2 de novembro de 1930, com seis páginas e o mesmo programa, dedicando-as quase todas à vitória da revolução de outubro. Direção de Edgar de Oliveira, sendo redatores J. Cupertino, P. Oliveira e a. Viana; gerente - A. Camelo.

Abriu o texto "O Independente vive", no qual aludiu ao "curto período de silêncio" a que se votara para não deixar-se amordaçar. Comprovando a coação que sofrera, transcreveu o

bilhete a seguir, recebido em data de 29 de setembro de 1928: "O tenente Carlos Lopes Bezerra pede licença à redação deste jornal para não aceitar a sua assinatura, visto ser o mesmo revolucionário e atacar o governo do Estado" (Biblioteca Pública do Estado)."

O TRABALHO - Noticioso e Independente - Começou a publicar-se no dia 1 de maio de 1929, em formato de 48 x 30, com oito páginas de cinco colunas. Corpo redacional, dirigido por Miguel Calmon: Silveira Ramos, Manuel de Deus Sousa, professor Heronides Lopes e João Moreira. Na gerência - Luiz Amaral. Impresso em oficinas próprias, situadas na Praça da República. Tabela de assinaturas: ano - 12\$000; semestre - 7\$000. Preço do exemplar - 0\$200.

"Este jornal - declarou o artigo de apresentação - tem uma função muito nobre. Fazemo-lo, só, para a harmonia, para a ordem, para o engrandecimento de Correntes".

Aduziu que não adotaria "aspereza de linguagem", frisando: "Seremos sóbrios. Seremos cordatos. Haverá, aqui, ânsias de progresso, de paz e de liberdade. A política só nos inspirará um sentimento - o da repugnância". Em conclusão: "Isto aqui será só u'a tenda de trabalho. Só o trabalho engrandece e dignifica. Venha todos trabalhar conosco".

Embora três páginas repletas de anúncios, a edição divulgou bastante matéria redacional, inclusive colaboração de F.V., Rosine, Túlio e R. Pinagé. O redator Heronides Lopes assinava-se Herolopes. Teve início o folhetim "A vida de Santa Terezinha".

Falta a continuação, se é que não ficou na edição de estréia (Biblioteca Pública do Estado).

RÁDIO - Mensário de Arte e Literatura - Surgiu no dia 15 de agosto de 1937, obedecendo ao formato de 50 x 30, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor-organizador - Oscar Siqueira; gerente - Olímpio Ribeiro. Impresso em Garanhuns, na Tipografia Helena, assinava-se a 10\$000 por ano, custando o número avulso 0\$300.

Sempre nos dias 15, publicou-se o nº 2 em setembro e o nº 3 em outubro. Continha matéria bastante variada, inclusive amplo noticiário, sendo colaboradores especiais Hercílio Vitor, Caio de Freitas, Paula Campos, Ulisses Diniz, José Porto Filho, Manuel Lustosa dos Santos e outros (Col. Oscar Siqueira).

Ocorreu, a 15 de novembro, a quarta e última edição, da qual não resta comprovante (Inf. de O. Siqueira).

ARAUTO CORRENTINO - Saiu a lume no dia 24 de setembro de 1939, em formato de 38 x 28, com quatro páginas de cinco colunas estreitas. Diretor - Odilon Moreira; redator - Oscar Siqueira.

Em extensa "Apresentação", escreveu o editorialista: "Nascido do esforço hercúleo de uma plêiade de abnegados idealistas, apresenta-se ao público leitor sem efeitos literários, sem cor religiosa e sem princípio doutrinários, porém disposto a pugnar pelo progresso do município".

Depois de uma série de conceitos, acentuou: "Inspirado no espírito do bom senso, jamais moverá campanha sistemática nem fará panegíricos subservientes". Necessitava, finalmente, o "apoio dos bons, para poder combater a perfídia dos maus".

Estampou, na primeira página, fotografuras do prefeito do município e respectivos auxiliares imediatos, seguidas do elogio do primeiro ano do segundo período de sua gestão

administrativa. Comentários diferentes, artigos de Jefferies, Alúcio Victor e Osmelo e noticiário completaram a edição, que, segundo tudo indica, não teve prosseguimento (Biblioteca Pública do Estado).

CORTÊS

A CIDADE - Mensário Independente - Surgiu em fevereiro de 1954, no formato de 31 x 23, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Diretor - José Roberto de Melo; representante em Ilha de Flores - Luiz Braga. Redação à rua Coronel Belarmino, 116. Assinatura anual - Cr\$ 12,00; preço do exemplar - Cr\$ 1,00, depois elevado para Cr\$ 2,00.

Lia-se no "Programa", abrindo a segunda página: "Nosso mensário aparece no ano auspicioso do Tricentenário da Restauração Pernambucana, que é também o primeiro da emancipação político-administrativa da nossa cidade de Cortês. É o exemplo do espírito de liberdade, de resistência, de luta dos restauradores pernambucanos, sobrados para nós, que empregaremos em nosso desejo de trabalhar para a construção de um município caçula de Pernabuco".

Em manchete da primeira página, figurou um telegrama do Recife, através do qual se confirmava a constitucionalidade da lei nº 1819, que criou novos municípios em Pernambuco, inclusive o de Cortês. No rodapé, após uma fotografia da cidade em festa, prestou-se homenagem aos promotores da emancipação da localidade, que antes era vinculada ao município de Amaraji. O restante da matéria constou de entrevistas ligeiras, noticiário geral, crônica de Gláucia Melo, e versos de Bernardino Borba. Poucos anúncios.

Seguiu-se a publicação. Havendo o diretor assumido o cargo de primeiro prefeito¹, substituiu-o, em agosto, Bernardino Borba, o encarregado da seção de publicidade.

Suspenso, todavia, o mensário, "por motivos alheios" à vontade da direção, haja vista "as dificuldades surgidas para os que fazem imprensa no interior", reapareceu em novembro², numa edição de seis páginas, esperando não mais deter-se.

A Cidade cumpriu o seu programa, adotando, as seções "Política, sim senhor!", "Policia", "Roteiro Social", "O leitor crítica, opina, sugere", e até um pouco de literatura, a salientar o poemeto "Cortês", de Noli Holanda (Biblioteca Pública do Estado).

¹ A instalação do novo município ocorreu a 6 de junho de 1954.

² Continuou em 1955.



LUIZ DO NASCIMENTO

Nasceu em Gravatá, Pernambuco, no dia 15.12.1903. Fixando residência em Recife, na década de 20, fez de seu campo de aprendizado "**o batente do jornal**", onde foi tipógrafo, impressor, até consagrar-se como jornalista profissional.

Trabalhou para vários jornais interioranos e da capital. Foi funcionário da Delegacia Regional do Ministério da Justiça, sendo transferido, mais tarde, para o Departamento de Extensão Cultural, da UFPE. Tornou-se membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, da Academia Pernambucana de Letras e fundador e associado de outras entidades culturais. Colaborador e correspondente de inúmeros jornais e entidades literárias interioranas.

Um dos sócios fundadores e diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Recife. Participou de congressos e conferências de jornalismo em Pernambuco e vários outros estados do Brasil.

Em 1952, iniciou suas pesquisas para confecção da "História da Imprensa de Pernambuco", que abrange o período de 1821 a 1954, - frequentando a Biblioteca Pública de Estado e demais bibliotecas, arquivos pernambucanos e arquivos de inúmeras cidades interioranas, acervos da Biblioteca Nacional e, entre outras, das dos Estados de São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Aracaju, Maceió, João Pessoa, Fortaleza e Manaus, num imenso trabalho solitário, sem ajuda, nem ajudante.

Deixou inúmeros trabalhos publicados e recebeu honrarias e galardões do mais alto mérito.

Faleceu em 14.11.74 deixando vários livros a publicar, inclusive os 6 volumes desta notável obra cuja edição foi interrompida no 8º volume, em 1982.

Montado e impresso nas oficinas gráficas da

Editora
Universitária  UFPE

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20
CEP 50740-530 - Fone: (081) 271.8395
Várzea - Recife - PE

Academia Pernambucana de Letras. Ao editar os 06 (seis) volumes inéditos de sua coletânea, a Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco - FIAM se sente gratificada por render-lhe reconhecimento, ao tempo em que o projeta no cenário das letras, em seu merecido lugar. Sua vida foi um exemplo de incansável abnegação e sacrifício diuturno, legando-nos um inventário da história e cultura da imprensa de Pernambuco, em grandezas e plenitude. Obras desse gênero e natureza engrandecem os homens e seu tempo e os transcendentalizam para sempre, na galeria dos imortais.

José Anchieta dos Santos



Apoio Cultural:

Governo do Estado de Pernambuco
Secretaria do Governo



Universidade
Federal
de Pernambuco



FIAM

FUNDAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO MUNICIPAL DO INTERIOR DE PERNAMBUCO

CEHM

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MUNICIPAL



Bandepe

Academia Pernambucana de Letras-APL